J. Krishnamurti
DA INSATISFAÇÃO
À FELICIDADE

(Conferências com perguntas e respostas,

realizadas em Bombaim no ano de 1948)

Primeira Conferência

O compreendermos uns aos outros, ainda que nos conheçamos muito bem, é extremamente difícil. Aqui estamos reunidos; vós não me conheceis, eu não vos conheço. Estamos falando em níveis diferentes. Posso empregar palavras que talvez tenham pra vós um significado diferente do que têm para mim. Só há compreensão quando nós – vós e eu – nos encontramos no mesmo nível, ao mesmo tempo. Tal só acontece quando existe verdadeira afeição entre as pessoas, entre marido e mulher, entre amigos íntimos. Essa é a verdadeira comunhão. É instantânea a comunhão quando nos encontramos no mesmo nível, ao mesmo tempo.

É dificílimo, numa reunião desta natureza, comungarmos uns com os outros, facilmente, de maneira eficaz, e com ação decisiva. Estou empregando palavras que são simples, que não são técnicas, porquanto penso que nenhuma modalidade técnica de expressão nos ajudará a resolver os nossos difíceis problemas. Por isso, não vou empregar termos técnicos, sejam de psicologia, sejam de ciência. Não li livros de psicologia nem livros religiosos, felizmente. Meu desejo é transmitir, por meio das palavras muito simples que usamos na vida diária, algo de significação mais profunda; mais é muito difícil isso, se não sabeis escutar.

Há uma arte de escutar. Para escutar verdadeiramente deve uma pessoa abandonar ou afastar todos os preconceitos, as formulações prévias, e as atividades diárias. Quando um indivíduo se acha em estado receptividade mental, compreende as coisas com facilidade; escutais quando a vossa atenção está realmente aplicada a alguma coisa. Mas infelizmente, em geral, escutamos através de uma cortina de resistência. Resguardamo-nos atrás da cortina de nossos preconceitos, religiosos ou

espirituais, psicológicos ou científicos; ou das nossas preocupações, desejos e temores de cada dia. Servem-nos essas coisas de cortina de proteção, quando escutamos a alguém. Por essa razão, o que na realidade escutamos é o barulho, são os sons que nos mesmos emitimos, e não o que se nos diz. É difícil em extremo abandonarmos nossa formação intelectual, nossos preconceitos, nossas inclinações, nossa resistência e, transpondo os limites de expressão verbal, escutar de maneira a compreender instantaneamente. Esta será uma das nossas dificuldades.

Explicarei daqui a pouco que a verdade pode ser compreendida instantaneamente. Esta compreensão não depende do tempo, não depende do nosso desenvolvimento nem do hábito. A verdade só pode ser compreendia diretamente, imediatamente, agora, no presente, e não no futuro; e ela pode ser compreendida, sentida, percebida na sua realidade, quando temos a capacidade de escutar diretamente, de maneira acolhedora e coração aberto. Mas, se nossas mentes estão preocupadas, se nossos corações, estão cansados, não existe então possibilidade de recebermos o que é verdadeiro. A nossa dificuldade, pois, consiste em termos essa capacidade instantânea de perceber diretamente, por nós mesmos, sem esperarmos pela ajuda do tempo. O tempo e a vida se tornam um processo de destruição, quando não somos capazes de compreender diretamente; fica assim bem clara a razão por que vos sugiro escutar sem resistência alguma.

Se, durante essa dissertação, algo se disser que esteja em oposição à vossa maneira de pensar e à vossa crença, escutai-o assim mesmo; não oponhais resistência. Vós podeis estar com a razão, e eu sem ela; mas, com o escutarmos e refletirmos juntos chegaremos a descobrir o que é verdadeiro. A verdade não vos pode ser dada por outrem. Cabe-vos descobri-la, e para descobri-la requer-se um estado mental de percebimento direto. Não há percebimento direto quando há resistência, ressalva, defesa. Surge a compreensão quando estamos cônscios do que *é*. O conhecimento exato do que *é*, do verdadeiro, do real, sem o interpretar, condenar, ou justificar, é por certo o começo da sabedoria. Só quando começamos a interpretar, traduzir, em conformidade com o nosso condicionamento, nosso preconceito, é que deixamos de perceber a verdade. É como investigar uma coisa. Se queremos saber o que uma coisa é, o que ela realmente é, precisamos investigá-la – não podemos traduzi-la de acordo com as nossas tendências. Do mesmo modo, se somos capazes de olhar, de

observar, de escutar, de perceber o que *é*, exatamente, o problema está então resolvido. É o que vamos tentar em todas estas palestras. Vou apontar-vos o que *é*, sem o traduzir em conformidade com a minha fantasia; tão pouco não deveis vós traduzi-lo ou interpretá-lo de acordo com o vosso acervo de experiências e conhecimentos.

Não é possível perceberem-se as coisas exatamente como são? Partindo daí, de certo, pode-se atingir a compreensão. O reconhecimento, a percepção, o descobrimento do que é põe fim á luta. Se sei que sou mentiroso e o reconheço como um fato está terminada a luta. O reconhecimento, o percebimento do que somos é já o começo da sabedoria, o começo da compreensão, que nos liberta do tempo. A inclusão da qualidade tempo – tempo não no sentido cronológico, mas como intermediário, como processo psicológico, processo mental – é de efeito destruidor e gera a confusão.

Há, portanto, possibilidade de compreendermos o que *é* quando o reconhecemos sem condenação, sem justificação, sem identificação. O sabermos que nos achamos numa determinada condição, num determinado estado, é já um processo de libertação; mas o homem que não está consciente da sua condição, da sua luta, procura ser diferente daquilo que é, o que gera hábito. Assim, pois, tenhamos sempre presente no espírito a necessidade de examinarmos o que *é*, observarmos e percebermos exatamente o que é real, sem o torcermos de acordo com as nossas tendências e sem o interpretar. Requer-se uma mente perspicaz num grau extraordinário, um coração extremamente flexível, para termos a capacidade de perceber e acompanhar o que *é*, porque, o que *é* está em constante movimento, em constante transformação, e se a mente está amarrada à crença, aos seus conhecimentos, não pode seguir o célere movimento do que *é*. O que *é*, não é estático, positivamente: move-se constantemente, como vereis, se o observardes com muita atenção. E para o acompanhardes necessitais de uma mente muito ágil e um coração flexível; e essa agilidade e flexibilidade são negadas à mente estática, fixada numa crença, num preconceito, numa identificação; e uma mente um coração áridos não podem acompanhar com facilidade e rapidez aquilo que é.

Que vamos, então, fazer em todas estas palestras, discussões, perguntas e respostas? Vou apenas dizer o que *é*, e seguir o movimento do que *é*, e vós compreendereis o que *é*, se fordes capazes de o acompanhar.

Qualquer um está bem cônscio, sem necessidade de muita expressão verbal, de que existe um caos individual, bem como um caos coletivo, confusão e sofrimento. Isso acontece não apenas na Índia, mas no mundo inteiro; na China, na América, na Inglaterra, na Alemanha, no mundo inteiro há confusão e cada vez mais sofrimento. Não é um fato puramente nacional, localizado especialmente aqui, mas que abrange o mundo inteiro. Existe sofrimento num grau extraordinariamente agudo, e não apenas sofrimento individual, mas também coletivo. Trata-se, portanto, de uma catástrofe mundial, e circunscrevê-la a uma área geográfica, a uma seção colorida do mapa, é absurdo; porque em tal caso jamais alcançaremos o pleno significado desse sofrimento universal e individual. Uma vez cônscios dessa confusão, qual é a nossa reação, atualmente? De que maneira reagimos?

Há sofrimento – político, social, religioso; toda a nossa vida psicológica está em confusão, e todos os guias políticos e religiosos nos falharam; todos os livros perderam o seu valor. Abri o *Bhagavad Gita*, ou a Bíblia, ou o mais recente tratado de política ou psicologia, e verificareis que perderam aquela ressonância, aquela qualidade de verdade; tornaram-se meras palavras. Mesmo aqueles que repetem essas palavras, estão confusos e incertos porque a mera repetição de palavras não tem significado algum. Por conseguinte, as palavras e os livros perderam a sua valia; isto é, se citais a Bíblia ou Marx, ou o *Bhagavad Gita*, tal como o citais, na confusão em que vos achais, se torna uma mentira. Porque o que lá está escrito se torna mera propaganda, e propaganda não é a verdade. Assim sendo, se repetis, é porque não compreendeste o vosso próprio ser. Estais apenas ocultando com palavras de autoridade a vossa própria confusão. Mas o que estamos agora tentando é compreender essa confusão, e não ocultá-la debaixo de citações. Qual é, pois, a vossa reação? De que maneira reagis a este caos extraordinário, a esta confusão, a esta incerteza da existência? Ficai cônscios do fato, ao mesmo tempo que o vou examinando; acompanhai, não as minhas palavras, mas o pensamento que está ativo em vós. Estamos, os mais de nós acostumados a ser espectadores; não participamos do jogo.

Lemos livros, mas nunca escrevemos livros. Tornou-se tradição nossa, tornou-se hábito nacional e universal, o ser espectadores, o ser espectadores, o assistir à partida de futebol, o observar os políticos e

oradores públicos. Somos meros estranhos, simples assistentes, e perdemos a capacidade criadora. Por esta razão, precisamos tomar parte ativamente, com entranhado interesse.

Mas se aqui, nessa grande assembléia, estais unicamente observado, se sois meros espectadores, perdereis de todo o significado das minhas palavras, pois não estou fazendo uma conferência, que vieste ouvir por força de hábito. Não vou transmitir-vos conhecimentos que se podem colher numa enciclopédia. O que estamos tentando é acompanhar os nossos mútuos pensamentos, é seguir até onde for possível, o mais profundamente que pudermos, os reclamos, as reações dos nossos próprios sentimentos. Procurai, pois, descobrir qual é a vossa reação a essa causa, a esse sofrimento; nada devem importar as palavras de outra pessoa, mas, sim, unicamente, a maneira como vós mesmos reagis. Vossa reação é de indiferença, se vos beneficiais do sofrimento, do caos, se lucrais com o mesmo, econômica, social, política, ou psicologicamente. Em tais condições, pouco vos importa que o caos continue. Positivamente, quanto mais perturbação e quanto mais caos existem no mundo, tanto mais procura o indivíduo a sua segurança. Já não o notastes? Quando há confusão no mundo, psicologicamente e a todos os respeitos, fechamo-nos numa segurança qualquer, seja a de uma ideologia; ou, ainda, recorremos à prece, procuramos o templo – o que significa, realmente, que estamos fugindo ao que se passa no mundo. Formam-se seita, surgem "ismos" e mais "ismos", pelo mundo todo. Porque, quanto mais confusão existe, tanto mais desejamos um guia, tanto mais necessitamos de alguém que nos conduza para fora dessa desordem; recorremos, por isso, aos livros religiosos, ou a um dos mestres mais em moda; ou, ainda, agimos e reagimos de acordo com um sistema que parece resolver o problema, um sistema da esquerda ou da direita. Eis exatamente o que está acontecendo.

No momento em que temos conhecimento da confusão, em que perceber exatamente o que *é*, procuramos fugir. E as seitas que nos oferecem um sistema para a solução do sofrimento econômica, social ou religioso, são as piores; porque então o sistema seja um sistema religioso, seja um sistema da esquerda ou da direita, se torna importante, e não o homem; e no interesse da idéia, da ideologia, estamos prontos a sacrificar toda a humanidade. É isso, exatamente, isso o que está acontecendo no mundo. Não se trata de mera interpretação minha; observai, e vereis que é

exatamente isso o que está acontecendo. O sistema se tornou importante. Por conseqüência, como o sistema tornou-se importante, o homem – vós e eu – perdeu a sua importância; e os que controlam o sistema, quer religioso, quer social, quer da esquerda, quer da direita, adquirem autoridade, assumem poder, e com isso vos sacrificam, a vós, o indivíduo. É precisamente o que está sucedendo.

Ora bem, qual é a causa desta confusão, deste sofrimento? Como surgiu esta aflição, este sofrimento, não apenas em nós, mas também fora de nós, este temor e esta expectativa da guerra, da terceira guerra mundial, prestes a explodir? Onde a causa de tudo isso? Sem dúvida, se procurardes a causa segundo Marx, segundo Spengler, segundo o *Bhagavad Gita*, vós não a compreendereis, não é verdade? Tendes de descobrir por vós mesmos essa causa, conhecer a verdade nela encerrada, vê-la como realmente é, e não como outra pessoa a vê. Qual é, pois, a verdade que ela contém? Em primeiro lugar, qual o significado desta confusão? Ela indica, por certo, a derrocada de todos os valores morais e espirituais, e a glorificação de todos os valores sensoriais, das coisas feitas pela mão ou pela mente. Que acontece quando não possuímos outros valores senão as coisas dos sentidos; os produtos da mente, da mão ou da máquina? Quanto mais valor atribuímos às coisas dos sentidos, tanto maior é a confusão, não é certo? Não estou propondo uma teoria pessoal, minha. Quando andais pela rua, qual o valor predominante que possuis? Não tendes necessidade de citar livros, para descobrirdes que os vossos valores as vossas riquezas, a vossa existência econômica e social, estão baseados nas coisas feitas pela mão ou pela mente. Nessas condições, nós vivemos e funcionamos com todo o nosso ser entranhado de valores sensoriais, o que significa que as coisas, as coisas da mente, as coisas da mão e da máquina se tornaram importantes; e quando as coisas se tornam importantes, a crença se torna predominantemente significativa. É exatamente o que está acontecendo no mundo, não achais?

Examinai todas estas questões, durante as numerosas palestras que vamos realizar, mas nesta primeira palestra desejo apenas mostrar o que está acontecendo, apontar o que *é*, a fim de ficarmos cônscios da realidade.

Vemos, pois que quando atribuímos significação cada vez maior aos valores dos sentidos, produzimos confusão; e, quando nos vemos no meio dessa confusão, procuramos fugir da mesma, por diferentes meios –

religiosos, políticos, sociais, ou pela ambição, pelo poder, pela busca da realidade. Mas o real está perto de nós e não necessidade de o procurarmos. Um homem que procura a verdade jamais a encontrará. A verdade se encontra no que *é*, – e aí está a sua beleza. Mas, se pensais nela, se a procurais, começa imediatamente a luta; e um homem empenhado em luta é incapaz de compreender. Eis a razão por que é necessário estarmos tranqüilos, atentos, passivamente vigilantes.

Vemos que a nossa vida, as nossas ações, estão sempre no campo da destruição, no capo do sofrimento; tal como uma onda, a confusão e o caos sempre nos levam de arrasto. Não há intervalo na confusão da existência. Espero que tenhais percebido a significação disso – ou é necessário que eu o explique um pouco mais?

Na época atual, o que quer que façamos parece conduzir ao caos, parece conduzir ao sofrimento e à infelicidade. Considerai a vossa própria vida, e vereis que ela está sempre nas fronteiras do sofrimento. Nossas ocupações nossas atividades sociais, nossa política, os vários agrupamentos de nações com o fim de pôr termo à guerra, tudo isso gera novas guerras. A destruição vem no séquito do nosso viver; tudo o que fazemos conduz a morte. De fato; é isso o que está acontecendo.

Ora, é possível pôr cobro, imediatamente, ao sofrimento, em vez de continuarmos a ser submergidos constantemente pela onda de sofrimento? Estou-me fazendo claro? Isto é, têm surgido grandes mestres, como Buda, como Cristo; eles aceitaram a fé e talvez se tenham libertado da confusão e do sofrimento, não puseram termo a confusão e ao sofrimento. A confusão permanece e o sofrimento prossegue. E se vós, percebendo essa confusão social e econômica, este caos, esta miséria, vos retirais para o que se chama a vida religiosa, abandonando o mundo, podeis ter um sentimento de união com esses grandes Mestres; mas o mundo continua com o seu caos, suas misérias e destruições, o perene sofrimento dos seus ricos e pobres. Assim, pois, o nosso problema – vosso e meu – é o de sair desta miséria instantaneamente. Se, vivendo no mundo, vós vos recusais a ser uma parte dele, ajudareis os outros a saírem desse caos – não no futuro, não amanhã, mas agora. Tal é, sem duvida, o nosso problema. A guerra vem aí, provavelmente mais destrutiva e mais pavorosa do que nunca. Não podemos evitá-la, por certo, porque os acontecimentos são fortes demais e estão próximos demais. Mas vós e eu podemos perceber imediatamente a

confusão e o sofrimento; não podemos? Devemos percebê-los, pois, assim, estaremos em condições de despertar em outros igual compreensão da verdade. Por outras palavras, podemos libertar-nos instantaneamente? – pois só assim sairemos dessa aflição. A percepção só pode dar-se no presente; mas se dizeis "fá-lo-ei amanhã", sereis colhidos pela onda da confusão e ficareis perpetuamente envoltos em confusão.

Mas, é possível alcançarmos aquele estado em que por nós mesmos percebemos a verdade, instantaneamente e eliminamos, por conseguinte, a confusão? Eu digo que é possível, e que esse é o único caminho. Digo que isso pode ser feito e deve ser feito, e digo-o sem me basear numa suposição ou crença. Como promover esta revolução extraordinária – que não é uma revolução para nos libertamos dos capitalistas e instalarmos outro grupo – como promover essa maravilhosa transformação, que é a única revolução verdadeira – eis o problema. O que em geral se denomina revolução é meramente uma modificação ou continuação da direita, de acordo com as idéias da esquerda. A esquerda, afinal de contas, é uma continuação da direita, sob forma modificada. Se a direita está baseada nos valores sensoriais, a esquerda é apenas a continuação dos mesmos valores sensoriais, diferindo, apenas, no grau ou na expressão. A verdadeira revolução, portanto, só poderá realizar-se quando vós, o indivíduo, ficardes vigilantes, nas vossas relações com os outros. Por certo, o que vós sois nas vossas relações com outro, com vossa mulher, vosso filho, vosso patrão, vosso vizinho, é o que constitui a sociedade. A sociedade em si, é inexistente. A sociedade é aquilo que vós e eu criamos, em nossas relações; é a projeção externa de todos os nossos estados psicológicos internos. Nessas condições, se vós e eu não compreendermos a nós mesmos, de nada adianta transformar o exterior; que é projeção do interior, isto é não pode haver alteração ou modificação significativa alguma, na sociedade, enquanto eu não compreender a mim mesmo, nas minhas relações convosco. Se estou confuso, nas minhas relações, crio uma sociedade que é a réplica, a expressão exterior do que sou. Este é um fato evidente, que podemos discutir. Podemos discutir sobre se a sociedade, a expressão exterior, me criou, ou se eu criei a sociedade. Podemos examinar esta questão mais tarde.

Não é, pois, um fato evidente que o que eu sou nas minhas relações com terceiros, cria a sociedade; e que, sem uma transformação radical de

mim mesmo não pode haver transformação alguma da função essencial da sociedade? Quando recorremos a um sistema, para transformar a sociedade, estamos apenas fugindo do problema, uma vez que nenhum sistema pode transformar o homem; o homem sempre transforma o sistema, como o prova a história. Enquanto, nas minhas relações convosco, eu não compreender a mim mesmo, sou eu a causa do caos, da miséria, da destruição, do temor, da brutalidade. A compreensão de mim mesmo não depende do tempo; isto é, posso compreender a mim mesmo neste mesmo instante. Se digo: "compreenderei a mim mesmo amanha", estou produzindo caos e sofrimento, minha ação é destrutiva. No momento em que digo que "haverei" de compreender, introduzo o elemento tempo e, portanto, já estou colhido na onda da confusão e destruição. Positivamente, a compreensão existe agora, e não amanhã. O amanhã só existe para a mente indolente, a mente tarda, a mente que não está interessada. Quando tendes interesse numa coisa, vós a fazeis imediatamente, há compreensão imediata; transformação imediata. Se não vos transformais agora, nunca mais vos transformareis; porque a transformação que se realizará amanhã será apenas modificação e não transformação. Só pode realizar-se a transformação imediatamente; a revolução só pode ser agora e não amanhã.

Pareceis todos tão perplexos. Por quê?

Porque, dizeis "Como posso modificar-me agora? Eu, que sou um produto do passado, de inumeráveis condicionamentos, eu que sou um feixe de maneirismos, como posso transformar-me, como posso deitar fora tudo isso e ficar livre?" Mas, se não deitardes fora, se não se realizar esta revolução extraordinária, estais condenados a viver num caos perene. Como é então possível realizar-se esta revolução instantânea? Espero que percebais a importância da transformação imediata. Se não perceberdes, perdereis de todo o seu significa. A compreensão não virá amanhã; há compreensão agora, ou nunca. O presente é sempre a continuação do passado. Posso eu, pois, que sou um resultado do passado, eu, cuja essência está fundada no passado, que sou o resultado de ontem – posso sair do tempo, não cronologicamente, porém psicologicamente? Ora, vós por certo *saís* do tempo quando estais vitalmente interessado – e entrais naquela existência atemporal, que não é uma ilusão, uma alucinação por vós produzida. Quando isso acontece, não tendes problema algum, porque o "eu" não está então preocupado consigo mesmo; e ficais, então, afastado da

onda de destruição. E, durante estas palestras, me ocuparei, unicamente, dessa transformação atemporal. Não posso incuti-la em vós, porquanto isso seria errado. Mas se me acompanhardes, livremente, sem resistência, com compreensão, encontrar-vos-eis, sem, muitas vezes, naquele estado de percepção imediata, e, portanto, de transformação imediata.

PERGUNTA: Nasci com um certo temperamento, um certo padrão psicológico e físico, qualquer que seja a sua razão de ser. Esse Padrão se torna o principal ator da minha vida. Domina-me de maneira absoluta. Minha liberdade, dentro do padrão, é muito limitada, visto que a maioria das minhas reações e impulsos são rigidamente predeterminados. Posso quebrar a tirania desse fator genético?

KRISHNAMURTI: Expressando a mesma coisa, de outra maneira: Estou preso a um padrão social, hereditário, ambiental, ideológico, quer seja o padrão dos meus pais quer seja o da sociedade que me rodeia. Estou tolhido por um padrão, e a questão se cinge em saber como o poderei quebrar. Sou o resultado do meu pai e da minha mãe, biologicamente, fisicamente. Sou o resultado das crenças, dos hábitos, dos temores dos meus pais, os quais criaram a sociedade que me circunda. Meus pais, por sua vez, foram o resultado dos seus pais, com o seu ambiente social, físico, psicológico, e assim, retrospectivamente, infinitamente, sem começo. Toda pessoa esta pressa dentro de um padrão de existência, e eu sou o resultado de todo aquele passado – não apenas o meu passado próprio, mas todo o passado da humanidade. Sou, afinal de contas, o filho de meu pai. Sou o resultado do passado, modificado, em conjunção com o presente. Não estamos aventando a questão da reencarnação, que é uma mera teoria. Estamos apenas examinando o que realmente *é*. Minha existência é resultado do meu passado, sendo o meu passado o resultado da existência de meu pai. Sou produto do tempo, sou o passado atravessando o presente para se tornar o futuro. Sou o resultado de ontem, que é o hoje a tornar-se amanhã.

Ora, posso sair desse processo do tempo, isto é, posso quebrar o padrão que meu pai e eu mesmo criamos? Não sou diferente do meu pai; sou meu pai, modificado. Isso é, exatamente, o que *é*. Mas, se começo a traduzir o que *é*, se admito, por exemplo, a idéia de que sou a alma, uma

entidade espiritual, penetro então num domínio de todo diferente. Não é isso que nos interessa, por ora – trataremos desta questão quando entrarmos no problema relativo à alma, à continuidade, à reencarnação. O problema, por enquanto é: Posso eu, que sou condicionado – não importa se pela esquerda ou pela direita – posso eu sair desse condicionamento?

Que é o que vos condiciona? Que é que limita o pensamento? Que é que cria o padrão em que estais presos? Se cesso de pensar, não existe padrão algum. Isto é, eu sou o pensador, meus pensamentos são o resultado do ontem; eu reajo a todo estímulo novo de acordo com o padrão de ontem ou do segundo que acaba de passar; e posso eu, cujo processo de pensamento é o resultado de ontem, deixar de pensar em termos de ontem? Estou apenas explicando o problema de modo diferente, e vós mesmos encontrareis a sua solução num minuto. Meu pensamento está condicionado, porque qualquer reação procedente do estado condicionado cria mais condicionamento; toda ação resultante do estado condicionado é ação condicionada, que, por conseguinte, dá continuidade ao estado condicionado. Logo, para dele sairmos, precisamos estar livres de condicionamento, o que significa estar livro do processo de pensar – mas não se deve entender que eu esteja sugerindo isso como um meio de fuga. A maioria das pessoas procura fugir porque a vida lhes é muito premente, muito forte, muito exigente. Não estou propondo uma dessas fugas; estou apenas a pedir-vos que olheis a verdade contida no problema. Podeis ficar livres do processo de pensar? Pode ocorrer uma revolução completa no pensar – não de acordo com o antigo padrão, o que seria uma continuação do velho, com valores modificados – mas uma transformação completa, uma quebra total do que *é*? Visto que sou o produto de ontem, a liberdade, evidentemente, não está no mesmo nível que estou, o qual é uma mera continuação do ontem. Assim sendo, só poderei sair do padrão quando houve a cessação do pensar.

Estamos apenas encarando o problema, e não buscando uma solução. Porque a solução está contida no problema, e não fora dele. Se compreenderdes o problema, encontrareis a solução nele próprio; mas quando buscais uma solução e a não encontrais, ficais perturbado. Estais à espera de que eu vos diga como se sai do padrão. Não vou dizer-vos como se sai dele; nenhuma significação teria o dizê-lo, porque em tal caso deixaríeis de acompanhar o problema. Quereis que eu vos dissesse o que

devereis fazer, e por isso estais agora muito perturbado. Não os digo o que deveis fazer, uma vez que basta compreender o problema para que ele desapareça. Quando vedes uma serpente e sabeis que ela é venenosa, não existe problema algum, existe? Sabeis como proceder – não tocá-la, afastar-se, ou fazer qualquer outra coisa. Identicamente, é necessário que compreendais de maneira completa este problema; mas não o estais fazendo. Eu o estou fazendo no vosso lugar, e vós estais meramente a escutar-me. Precisamos compreender o problema, ele mesmo vos revela a solução. Sois como um colegial em exame. Ele não lê o problema cuidadosamente: quer uma solução, e por isso falha. Mas, se lê o problema com todo o vagar, com todo o cuidado, considerando-o sob todos os aspectos, encontrará então a solução, ou, antes, a solução se lhe revelará.

De modo idêntico, vós estais encarando este problema com o desejo de uma solução. Julgo que não percebeis a beleza nele contida. Provavelmente estais cansados, senhores.

Voz do Auditório: Não.

KRISHNAMURTI: Sim, senhores, estais cansados. Eu vos direi por quê. Tudo isso é provavelmente muito novo para vós, nem o pode deixar de ser, pois é uma maneira toda nova de considerar; estais um pouco perturbados, e quando estamos confusos ou perturbados, a nossa mente divaga. Posso continuar; é minha tarefa: mas eu *fiz* isso, não falo apenas. Enquanto, no vosso caso, senhores, se me permitis dizê-lo, vós não estais estudando o problema. Eu o formulei por maneiras diferentes, mas vós não quereis segui-lo. Estou simplesmente apontando o que *é,* – o problema. Mas não estais interessados em estudar o que *é*. Estais esperando pelo resultado, ao passo que eu não tenho interesse pelo resultado.

Eu quero compreender a coisa como ela é – por isso encontrei a solução.

Permiti-me, pois tornar a pedir-vos que estudeis o problema, e que não procureis uma solução. Vede, por favor, a importância que isso tem: procurar uma resposta, uma solução, não significa compreender o problema; e se não compreendeis o problema, não haverá solução para ele. O problema está aqui, e vós procurais a solução ali, o que significa que desejais uma solução conveniente, lisonjeira. Mas se encarardes o problema

com todo o cuidado, aplicando-lhe toda a vossa inteligência, percebereis, então, a sua beleza, e o resultado é maravilhoso.

O problema, pois, consiste no seguinte: Meu pensamento está condicionado, fixado num padrão; e a qualquer estímulo, que é sempre novo, o meu pensamento só pode reagir de acordo com o seu condicionamento, transformando o novo no velho, modificado. Desta maneira, o meu pensamento nunca pode ser livre. Meu pensamento, que é o produto de ontem, só é capaz de reagir nas mesmas condições de ontem, e quando ele indaga: "Como posso passar além?" está fazendo uma pergunta errônea. Porque, quando o pensamento tenta superar o seu próprio condicionamento, dá continuidade a si mesmo, sob forma modificada. Por conseqüência, há falsidade nessa pergunta. Só há liberdade quando não existe condicionamento; mas para que haja liberdade, deve o pensamento ficar cônscio da sua condição, e não tentar tornar-se diferente do que é. Se o pensamento diz: "Preciso libertar-me do meu condicionamento", nunca o conseguirá; pois, o que se quer que faça é sempre a sua própria rede, prolongada ou modificada. O pensamento só pode fazer uma coisa para ser livre: cessar. Sem dúvida, sempre que o pensamento está ativo, está condicionado, é continuidade, modificada por uma reação condicionada. Por esse caminho não encontraremos saída alguma do nosso condicionamento. Por conseguinte, só existe um caminho, o qual é vertical, o qual é direto: cessar o pensamento.

Mas, pode o pensamento cessar? Que é pensar? Que entendemos por pensar? Estou-me expressando por maneira muito simples. Não desejo complicar o problema, já de si muito complicado. Pensar é reação da memória; e que é memória? Memória é o resultado da experiência. Isto é, quando se nos apresenta um estímulo, e, por conseguinte esse estímulo não é compreendido perfeitamente, porém interpretado através da cortina de ontem. Assim, pois, aquilo que não é compreendido deixa um vestígio, a que chamamos memória. Já não notastes que, quando compreendeste alguma coisa, quando esgotastes uma conversa, quando ela ficou terminada, não resta vestígio algum? É só o ato incompleto, quer verbal, quer físico, que deixa vestígio. A reação desse vestígio, que é memória, chama-se pensar. Ora, pode haver um estado no qual não exista o ontem, isso é, pode haver um estado em que não haja o tempo, em que não haja pensamento que seja o produto de ontem? O pensamento condicionado, que

procurar modificar ou transformar a si próprio, apenas continua o estado condicionado. Isso é bastante óbvio. Pensar é reação da memória, o que também é óbvio. E a memória é o produto da imperfeita compreensão da experiência é a causa da memória. Quando fazeis uma coisa integralmente, com todo o vosso ser, não fica resíduo algum da memória; mas quando o resíduo produz a reação, a essa reação chamamos pensar. Esse pensar é condicionado, e esse condicionamento só pode terminar quando o ato é completo. Enfrentais, então, todas as coisas de maneira nova.

Como enfrentar as coisas de maneira nova? Como enfrentar a vida, a existência por maneira nova, independentemente do tempo? Esta é uma nova questão, não é verdade? É a questão que surge da presente pergunta. Ao apresentar-vos esta nova questão, qual é a vossa reação? Se vossa reação é também nova estais, então, passivamente cônscio, alertado, vigilante. Esse estado é atemporal. Nesse estado, em que enfrentais todas as coisas com passiva vigilância, percebimento, não existe o tempo; dá-se uma experiência direta, o estimulo é compreendido diretamente; por conseguinte, há liberdade de pensar. E essa liberdade é eterna, ela existe agora, e não amanhã.

18 de janeiro de 1948

Segunda Conferência

As nossas reuniões se realização de agora em diante todos os domingos, às seis horas de tarde, aqui, e as discussões de Carmichael Road se realizarão as terças, quintas e sábados, às seis horas.

Alguns de vós talvez, vos lembreis do que estive tratando na minha palestra de domingo passado. Dizia eu então que na compreensão do que *é* descobriremos a verdade contida num problema; que é extremamente difícil compreender o que *é*, porque o que *é* nunca é estático, esta em constante movimento. A mente que deseja compreender um problema, não só precisa compreender o problema completamente, integralmente, mas precisa também ser capaz de segui-lo com rapidez; porque o problema nunca é estático. O problema é sempre novo, quer se trate de problema da fome, de um problema psicológico, ou de qualquer outro. Toda crise é sempre nova; por conseqüência, para compreendê-la cumpre que a mente seja sempre nova, clara, ágil, no acompanhá-la. Penso que a maioria de nós está bem cônscia da urgência de uma revolução interior, que é a única coisa capaz de produzir uma transformação radical do exterior, da sociedade. Este é o problema com que eu e todas as pessoas seriamente intencionadas estamos ocupados: Como promover uma transformação fundamental, radical, na sociedade. E, como disse no domingo passado, esta transformação do exterior não pode realizar-se sem revolução interior. Visto que a sociedade é sempre estática, qualquer ação, qualquer reforma levada a efeito sem essa revolução interior, se torna igualmente estática. Nada se pode esperar, portanto, se não houver essa constante revolução interior, porque, sem ela, a ação exterior se torna repetitiva, habitual. A ação que há nas relações entre vós e outro, entre vós e mim, constitui a

sociedade; e essa sociedade é estática, destituída de qualquer qualidade vivificante, sem essa constante revolução interior, sem uma transformação psicológica criadora; e é porque não existe essa constate revolução interior que a sociedade se torna sempre estática, cristalizada, e tem de ser constantemente abalada, desintegrada.

Assim sendo o nosso problema consiste em saber se podem coexistir uma sociedade estática e um indivíduo em que se processa tal revolução constante. Isto é, a revolução social tem de começar com a transformação psicológica, interior, do indivíduo. A maioria de nós deseja ver uma transformação radical na estrutura social. Daí a batalha que hoje se trava em todo o mundo, a fim de operar uma revolução social pelos moldes comunistas ou outros. Ora, qualquer revolução social, isto é, qualquer ação referente à estrutura exterior do homem, por mais radical que seja, é estática, por natureza, se não há revolução interior do indivíduo, se não há transformação psicológica. Nessas condições, para se criar uma sociedade não repetitiva, não estática, não sujeita à desintegração, mas uma sociedade sempre viva e operante impõe-se imperiosamente uma revolução na estrutura psicológica do indivíduo; porque, sem revolução interior, sem revolução psicológica, a mera transformação do exterior muito pouco significa. Isto é, a sociedade se torna sempre cristalizada, estática, e por conseguinte se desintegra constantemente. Por mais leis que se promulguem, e por mais sábias que elas sejam, a sociedade está sempre em processo de declínio; porque a revolução precisa realizar-se interiormente, e não apenas no exterior.

Importa compreender esse ponto, em vez de passar por alto. A ação externa, uma vez efetuada, esta terminada, fica estática, e se as relações entre os indivíduos, que constituem a sociedade, não resultarem de uma revolução interior, a estrutura social, que é então estática, absorve o indivíduo e o torna igualmente estático, repetitivo. Desde que se perceba isso bem claramente, desde que se perceba a extraordinária significação do que acabo de dizer, que é um fato, não se trata mais de concordar ou discordar. O fato é que a sociedade sempre se cristaliza e absorve o indivíduo, e que a revolução constante e criadora só pode existir no indivíduo e não na sociedade, no exterior. Isto é, a revolução criadora só pode realizar-se nas relações entre os indivíduos; as quais constituem a sociedade. Vemos como a estrutura atual da sociedade, na Índia, na

América, na Europa, em todas as partes do mundo, está se desintegrando rapidamente; e observamos os mesmo em nossas próprias vidas. Verificamo-lo ao percorrermos as ruas. Não necessitamos de grandes historiadores, para nos dizerem que a nossa sociedade se está desmoronando e que se impõe a necessidade de novos arquitetos, novos construtores para criarem uma nova sociedade. A sua estrutura tem de ser edificada sobre alicerces novos, sobre fatos e valores novos, que urge descobrir. Esses arquitetos ainda não existem. Não há construtores, não há indivíduos que, observando, permanecendo cônscios de que a estrutura está a ruir, se estejam transformando em arquitetos. Tal é, portanto, o nosso problema. Vemos a sociedade ruir, desintegrar-se; e somos nós – vós e eu – que temos de ser os arquitetos. A vós e a mim cabe redescobrir os valores e edificar sobre alicerces mais profundos e duradouros; porque, se recorrermos a arquitetos profissionais, a construtores políticos e religiosos, continuaremos exatamente na mesma situação.

Ora, como o indivíduo – vós e eu – não é criador, reduzimos a sociedade ao presente caos. Assim, vós e eu temos de ser criadores, porque o problema é urgente; vós e eu precisamos tomar conhecimento das causas do desmoronamento da sociedade e criar uma nova estrutura baseada não na mera imitação, mas na nossa compreensão criadora. Ora, isso implica – não é verdade? – o pensar negativo. O pensar negativo é a mais alta forma de compreensão. Isto é, para compreender o que é pensar criador, precisamos procurar a solução do problema negativamente; porque uma maneira positiva de considerar o problema – o qual é que vós e eu precisamos tornar-nos criadores para construir uma nova estrutura social – dar-nos-á uma solução imitativa. Para compreender aquilo que está a ruir, precisamos investigá-lo negativamente, não com um sistema positivo, uma fórmula positiva, uma conclusão positiva.

Porque está a sociedade a ruir, a desmoronar-se, como não há dúvida que está? Uma das razões fundamentais é que o indivíduo – vós – deixou de ser criador. Explicarei o que quero dizer. Vós e eu nos tornamos imitativos, estamos copiando, tanto exteriormente como interiormente. Exteriormente, ao aprender uma técnica, ao comunicar-nos uns com os outros ao nível verbal, há necessariamente alguma imitação, alguma cópia. Eu copio palavras. Para tornar-me engenheiro preciso primeiro aprender a técnica, e depois saber aplicar a técnica de construir uma ponte. Assim, é

necessária uma certa dose de imitação, de cópia, na técnica externa. Mas, por certo, quando há imitação interior, imitação psicológica, deixamos de ser criadores. Nossa educação, nossa estrutura social, nossa suposta vida religiosa, baseiam-se todas na imitação; isto é, eu me enquadro numa determinada fórmula social ou religiosa. Deixei de ser um verdadeiro indivíduo; psicologicamente, tornei-me simples máquina de repetição, com certas reações condicionadas, sejam as do *Parsi*, sejam as do hinduísta, do cristão, do budista, do alemão ou do inglês. Nossas reações são condicionadas de acordo com o padrão social, seja ele oriental ou ocidental, religioso ou materialista. Assim uma das causas fundamentais da desintegração da sociedade é a imitação, e um dos fatores desintegrantes é o guia, cuja essência mesma é a imitação.

Para se compreender a natureza da sociedade que se desintegra, não carece indagar se vós e eu – o indivíduo – podemos ser criadores? Vemos que, quando há imitação, tem de haver desintegração; quando há autoridade, tem de haver cópia. E uma vez que toda a nossa estrutura mental, toda a nossa estrutura psicológica, está baseada na autoridade, urge libertarmo-nos da autoridade, para sermos criadores. Já não notastes que, em momentos de criação, naqueles momentos de vital interesse, que nos proporcionam uma certa felicidade, não há tendência alguma para a repetição, para a cópia? Tais momentos são sempre novos, cheios de vida, criadores, felizes. Assim, uma das causas fundamentais da desintegração social é o copiar, vale dizer o culto da autoridade.

Por favor, não concordeis com o que estou dizendo. Não se trata de concordar, mas, sim de compreender o que *é*. Se apenas concordais comigo, fazeis de mim a vossa autoridade; mas se compreenderdes deixareis de adorar a autoridade, porque o problema não consiste em substituir uma autoridade por outra, mas de ser criador. Quando desejais tornar-vos criador, necessitais da autoridade; mas quando sois criador, não há autoridade, não há cópia. Existe diferença entre “vir a ser” e “ser”. O “vir a ser” admite o tempo, e o “ser” está livre do tempo. Para “vir a ser”, necessita-se da autoridade, do exemplo, do ideal, necessita-se do amanhã. No “ser” há a cessação do tempo, e, por conseqüência, uma revolução imediata – questão de que trataremos nas muitas palestras que vamos realização aqui.

Releva, pois, compreendermos, primeiramente, que a nossa maneira de considerar qualquer problema tem de ser negativa, visto que a maneira positiva de considerá-lo é mera imitação. E para compreender esta estrutura social que está a ruir devemos examiná-la por maneira negativa, e não por meio de um sistema, seja o da direita, seja o da esquerda; e nesse exame descobriremos que o pensar negativo é a mais elevada forma de compreensão, e só esta é capaz de resolver as múltiplas dificuldades da nossa existência.

Tenho várias perguntas, e prosseguirei com as respostas. Em todas as palestras, farei sempre algumas reflexões preliminares como tenho feito até agora, respondendo, depois, ás perguntas.

PERGUNTA: Qual é a vossa solução para o problema da fome?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar examinemos a questão em si. Como disse no último domingo, não estudei esta questão. Considero-a agora pela primeira vez. Assim, vamos examinar e compreender juntos este problema, o que significa que não ides ser ouvintes, observadores, e eu o respondedor de perguntas. Vamos examinar este problema, juntos, com todo o cuidado, passo a passo, porque ele é tanto vosso como meu. Não fiqueis, pois, à espera de minha resposta, mas procurai perceber o conteúdo, a significação da pergunta, tudo o que ela subentende. Porque, como disse, todo problema encerra em si mesmo a solução; a solução nunca está fora do problema. Se sou capaz de compreender o problema, de compreender todo o seu significado, encontro nele próprio a solução. Mas, se já tendes uma solução, em tal caso nunca compreendereis o problema, porque a solução, a conclusão, a fórmula se interpõe entre o problema e vós. Estais então meramente ocupados com a solução e não com o próprio problema.

Ora, a pergunta é? “Qual é a vossa solução para o problema da fome?” – Uma solução, de qualquer natureza que seja, acabará com a fome? Um sistema seja ele qual for, – e toda solução implica um sistema qualquer – acabará com a fome, quer esse sistema seja da direita modificada, ou extrema esquerda? A modificação da sociedade capitalista, ou um sistema comunista acabará com a fome? É isso o que se subentende nesta pergunta. Quando pedis uma solução, entendeis um sistema, não é verdade? Não estou dizendo mais do que a pergunta contém. Temos vários

sistemas: o fascista, o comunista, o capitalista. Visto que eles não resolveram o problema da fome, tendes *vós* um sistema que o resolverá? Assim, pode um sistema qualquer por termo à fome?

Ora, os sistemas se tornam mais importantes do que alimentar o povo, quando se interpõem entre o problema e vós. Permiti-me expressá-lo assim. Porque se tornaram importantes os sistemas? Porque se tornaram esses sistemas de esquerda ou da direita? Porque é que esses sistemas interferentes, da esquerda ou da direita, se tornaram importantes? Eles se tornaram importantes porque pensamos que resolverão o problema, porque pensamos que pela aplicação exterior de uma ação legislativa, isto é, pela compulsão externa por parte dos que retêm o poder, dos que têm nas mãos as coisas, as máquinas, poremos fim ao problema. Pensamos que pela compulsão conseguiremos transformar a sociedade e pôr fim à fome. Espero que estejais compreendo isso. Atribuímos importância aos sistemas, porque acreditamos que pela compulsão, pela ação exterior, podemos acabar com a fome. Evidentemente, isso é verdade, até certo ponto, nem há necessidade de discuti-lo. Mas não é todo o problema, não achais? Porque é que o alimento, o vestuário, e a habitação se tornaram tão importantes na vida humana? São coisas necessárias, é óbvio. Seria estúpido dizer que não são necessárias. Só um indivíduo mentalmente desequilibrado o diria. Mas, por que razão assumiram elas importância tão esmagadora? Estais compreendendo? Ou, melhor, espero que esteja me fazendo claro – é mais polido dizê-lo assim! Por que razão a propriedade, as relações, a idéia, a ideologia se tornaram de suprema importância? – pois são a mesma coisa que alimento, roupa e casa, apenas situadas em diferente plano do pensamento. Isto é, nos recorremos a um sistema para resolver este problema; dizemos que este ou aquele sistema – o comunista, o socialista, ou o capitalista – é o melhor sistema, e aí paramos. Positivamente, isso não é solução. Se penetrarmos um pouco mais a fundo no problema, perguntaremos a nós mesmos por que essas coisas, feitas pela mão ou pela mente, se tornaram tão extraordinariamente importante em nossas vidas. É porque necessitamos de alimento, de roupa e de habitação? Mas porque assumiram elas uma influência predominante em nossas vidas? Por certo, se eu conseguir descobrir a verdade contida nesta questão, então o alimento, a roupa, e a casa, embora coisas necessárias terão importância secundária. Não lhes darei então indevida importância, porque não me preocuparei se tiver um pouco mais ou um pouco menos. Por conseqüência,

para mim será irrelevante se a sociedade está organizada por este ou por aquele grupo – eu não matarei, não me juntarei a nenhum dos dois grupos, para ser destruído pelo outro. Estais compreendendo? Quando os sistemas se tornam importantes, o problema se torna secundário; porque atribuímos, então, importância ao sistema e não ao problema. É isso o que está acontecendo no mundo de hoje. Se todo o mundo estivesse interessado em alimentar o homem, então por certo, o problema seria muito simples. Os cientistas já fizeram descobertas suficientes para haver a possibilidade de alimentar, vestir e abrigar o homem. Este é um fato irrefutável. Mas nós não aproveitamos esta possibilidade, porque estamos mais interessados em sistemas do que em alimentar o homem. Dizemos "Meu sistema é melhor que o vosso sistema", e preparamo-nos para nos destruir, massacrar, e liquidar, uns aos outro. E que acontece? O pobre faminto continua faminto. Ao passo que se não nos preocuparmos com os sistemas, descobriremos toda a significação do problema, podemos então usar os sistemas; pois não se tornarão nossos senhores.

Assim, que é que está contido no problema? Por que o homem, isto é, porque vós e eu temos dado tão predominante importância às coisas, à propriedade, ao alimento, ao vestuário, e à habitação? Atribuímos importância aos valores dos sentidos – alimentos, roupas, casa – porque os utilizamos como meios para nossa própria expansão psicológica. Isto é, o alimento, as roupas, o teto são usados pelo indivíduo para seu próprio engrandecimento. Afinal de contas, a propriedade, por si só, tem muito pouca importância. Mas, psicologicamente, assume significado extraordinário, pois confere posição, prestígio, nome, título. Assim sendo, visto que nos dá poder, posição, autoridade, a ela nos apegamos; e sobre ela levantamos um sistema que destrói a equitativa distribuição das coisas ao homem. Enquanto vós e eu, psicologicamente, nos servirmos da propriedade, do nome, da crença – que são a mesma coisa que alimento, roupa e casa, num nível diferente – existirá fome, existirá conflito entre os homens. Posso não buscar o poder na propriedade, mas tornar-me o comissário, o burocrata, que exerce enorme poder, e isso também gera tensão entre um homem e o outro. Enquanto vós e eu, ou qualquer grupo de pessoas, nos servirmos do alimento, do vestuário e da moradia, como meios de exploração, de poder, continuará a existir o problema da fome. Um sistema não constitui solução para o problema, porque um sistema está nas mãos de uns poucos; por essa razão o sistema adquire importância. Não

significa isso que *não* deva haver sistema algum, para regular o homem e a sua avidez; esse problema, porém, pode ser resolvido radicalmente, fundamentalmente, de uma vez por todas, não por meio de qualquer sistema, mas quando vós e eu estivermos cônscios de que nos estamos servindo da propriedade, das coisas feitas pela mão ou pela mente, como meios de expansão individual. Afinal de constas, se tirardes o nome, o título, a propriedade, os vossos diplomas de B.A.s e M.A.s[1], que resta de vós? Perdeis toda a importância, não é verdade? Sem vossa propriedade, sem vossas medalhas, etc., nada sois. E para tapar esse vazio, vós vos servis da propriedade, do nome, da família. O vazio psicológico do homem procura sempre cobrir-se com a propriedade, que é alimento, roupa e habitação.

Assim, pois, a fome é muito mais um problema psicológico do que legislativo. Não é uma questão de mera compulsão. Se enxergarmos realmente esta verdade, deixaremos de usar as coisas como meios de expansão individual; e contribuiremos assim para a implantação de uma nova ordem social. Esta é por certo a verdade: que vós e eu nos servimos de coisas feitas pela mão ou pela mente, como meios de auto-expansão, e por isso atribuímos exagerada importância aos valores dos sentidos. Mas, se não damos um falso significado aos valores sensoriais, isto é, se não atribuímos importância predominante à alimentação, ao vestuário, ao teto, o problema é então muito simples e muito fácil de resolver. Então, os cientistas se unirão para nos dar alimento, roupa e casa; mas eles não o farão agora, porque, como vós e eu, pertencem a uma sociedade que utiliza as coisas como meios de auto-expansão. Os cientistas são iguais a todos nós; podem ser diferentes no laboratório, mas são condicionadas, do mesmo modo que vós e eu. São nacionalistas, psicologicamente estão em busca de poder, etc. Por conseguinte, deles não se pode esperar solução alguma. A única solução para este problema somos nós mesmos. Esta é a verdade; e se a compreenderdes realmente haverá uma revolução, aquela revolução interior, que é criadora; e, por conseqüência, surgirá uma sociedade que não será meramente estática, porém criadora, uma vez que representará a vós e a mim. Na compreensão do que é – que é o problema – descobre-se a verdade. É a percepção imediata da verdade que é libertadora, e não a concepção de idéias. As idéias só geram outras idéias, e

[1] Diplomas de Bacharel em Artes e Mestre de Artes.

as idéias não irão de maneira alguma dar a felicidade ao homem. Só quando cessa a ideação, há o *ser*; e *ser é* a solução.

PERGUANTA: Dizeis que podemos estar cônscios, mesmo dormindo. Tendo a bondade de explicá-lo.

KRISHNAMURTI: Este é, com efeito, um problema muito complexo, que requer observação muito cuidadosa e um veloz acompanhar do pensamento; espero que vós e eu tenhamos a possibilidade de o fazer, juntamente. Vou explicar esta questão. Tende a bondade de a acompanhar em vós mesmo, e não apenas ficar escutando a minha explicação verbal; acompanhá-la passo a passo, ao mesmo tempo que nela vou penetrando.

A consciência é constituída de muitas camadas, não é verdade? A consciência não é apenas a camada superficial; ela é constituída de muitas e muitas camadas formadas pelos motivos ocultos, as intenções não reveladas, os problemas não resolvidos, a memória, a tradição, a ingerência do passado no presente, a continuação do passado, através do presente, para o futuro. Tudo isso, e mais ainda, constitui a consciência. Estou considerando o que a consciência realmente é, e não expondo uma teoria. As muitas camadas de lembranças, todos os pensamentos, os problemas ocultos, que não foram resolvidos e que criam a memória, os instintos raciais, o passado em conjunção com o presente, criando o futuro – tudo isso é a consciência.

Ora, os mais de nós vivemos cônscios, funcionamos, apenas nas camadas superficiais da consciência. Espero que estejais interessados nisso, mas, quer estejais interessados, quer não, isso é um fato. Ainda que seja só por curiosidade, escutai-me. Em primeiro lugar, não li livros de psicologia, e não estou empregando uma terminologia especial, uma algarávia de psicólogos; não li tão pouco nenhum dos vossos livros sagrados, quer do Oriente quer do Ocidente. Mas, quando um indivíduo está cônscio de si mesmo descobre todas essas coisas, Em nos mesmos está contida toda a sabedoria. O autoconhecimento é o começo da compreensão, e sem autoconhecimento não há pensar correto, não há base para o pensamento. Compreendendo isso, estamos explorando o autoconhecimento, estamos explorando a consciência; e vós podeis explorá-la diretamente, ao mesmo tempo que falo, podeis estar cônscios de vós mesmos e ter experiência

direta; ou, podeis meramente escutar as minhas expressões verbais, por curiosidade: podeis escolher o que desejardes; depende de vós.

Assim a maioria de nós funciona nas camadas superficiais da consciência; por isso permanecemos pouco profundos, e por isso a nossa ação provoca mais reações e mais misérias. Só há alívio, libertação, quando a totalidade da consciência é claramente compreendida. Isso não depende do tempo, e trataremos desta questão mais tarde, no curso destas palestras.

Assim, porque funcionamos somente nas camadas superficiais da consciência, criam-se problemas; a consciência superficial nunca resolve problemas, sendo antes um campo de cultura de problemas. Isto é, uma vez que a maioria das atividades da nossa existência diária são a reação daquelas camadas superficialmente cultivadas todo o conjunto de camadas está constantemente a gerar problemas e mais problemas. Ora, quando tendes um problema criado pelas camadas superficiais da consciência, vós procurais resolvê-lo superficialmente – como um cão que morde um osso, roendo-o, lutando com ele – é sempre assim que acontece, quando operam as camadas superficiais da consciência; e não encontrais solução alguma. E que sucede então? Ides para o leito, e dormis sobre o problema; e ao despertardes, descobris que resolvestes o problema; ou descobris uma nova maneira de o considerar, e podeis resolvê-lo. Isso acontece, às vezes, a todos nós. Não é algo extraordinário ou misterioso, mas um fato bem conhecido. Agora, exatamente, o que foi que aconteceu? Essa camada superficial da consciência, o homem, o homem superficial, pensou no problema durante o dia inteiro, preocupou-se com ele, tentando traduzi-lo de acordo com suas próprias exigências, seus preconceitos, seus desejos imediatos. Isto é, procurou uma solução, e por isso não pode encontrá-la. Vai então dormir e enquanto dorme a consciência superficial, a camada superior da mente, fica algo tranqüila, livre de tensão, libertada da incessante preocupação com o problema. Então, nessa camada superficial, o oculto projeta a sua solução; e, ao despertar, o problema tem um significado diferente. Isso é um fato. Não precisais ser ocultista, não precisais tornar-vos muito inteligente, par o compreenderdes – isso seria absurdo. Se observardes, por vós mesmo, vereis que é um fato evidente, de todos os dias. Não significa isso, porém, que preciseis dormir para resolver um problema; o problema está à vossa frente, e se souberdes estudá-lo com espírito aberto, sem nenhuma conclusão, sem nenhuma solução a interpor-

se entre vós e o problema, estareis então em relação imediata e direta com o problema e, por conseguinte, aberto par as sugestões do inconsciente.

Expliquei muito apressadamente? Talvez o tenha feito. Mas, não importa. Vamos ainda reunir-nos várias vezes, porque esta é uma questão na qual precisamos penetrar muito profundamente. Só tocamos uma parte da mesma, embora a maioria de nós se contente em deixá-la neste nível.

Outra questão contida nesta pergunta são os reclamos do inconsciente. Nossa vida, por certo, não é mera existência superficial. Há vastos e ocultos recursos, tesouros de extraordinário valor, sumamente deleitáveis e grandiosos, que estão sempre emitindo sugestões, reclamos; e porque não somos capazes de os receber diretamente, quando despertos, tornam-se símbolos, em sonhos, quando dormimos. Isto é, as camadas inconscientes, profundas, as camadas ainda inexploradas estão sempre a transmitir-nos reclamos e sugestões de extraordinária importância; mas a consciência superficial está de tal maneira ocupada com a sua existência quotidiana, suas diárias preocupações, sua luta pela subsistência, que é incapaz de receber diretamente tais intimações. Por isso, as intimações se tornam sonhos; e os sonhos requerem intérpretes, e surgem então os psicólogos, e enriquecem. Mas não há necessidade alguma de interpretação quando ocorre o contacto imediato e direto com o inconsciente; e isso só é possível quando a mente consciente está sempre tranqüila, tendo sempre um intervalo, um espaço entre ação e ação, entre pensamento e pensamento.

Outra questão contida na pergunta é a experiência subjetiva de uma conversa com outra pessoa. Não sei se já alguma vez vos lembrastes, aos despertardes, de ter tido uma longa conversa com alguém, recordando-vos de palavras ou de uma palavra de extraordinária força e significação. Isso já deve ter acontecido convosco – vós vos lembrais de uma conversação com um amigo, com um homem que respeitais, com um asceta, *guru,* ou Mestre. Ora, que é isso? Não está também dentro do campo da consciência? Isso também é parte da consciência, por conseguinte uma auto-projeção, a qual é traduzida, ao despertar, como uma conversa com alguém, como uma instrução recebida de um Mestre. O Mestre está também dentro da estrutura da consciência, e é portanto um a projeção do "eu", como imagem do Mestre. A lembrança de uma palavra e o dar-lhe significação é uma das maneiras de funcionar do inconsciente, para imprimi-la na mente

consciente. Assim, pois, essa lembrança de um fato, dentro do campo da consciência, ainda é uma intimação ou projeção do pensamento; é uma criação do pensamento, e portanto não é real. O real só vem à existência, quando cessa o pensamento, quando o pensamento já não cria.

Há mais uma questão subentendia na pergunta – permiti que eu continue a explorá-la – e se durante o sono é possível encontra-nos com uma pessoa, objetivamente, Compreendeis? Isto é, posso, durante o sono, encontrar-me com alguém, objetivamente, não subjetivamente? Ora, isso implica a identificação do pensamento como "eu". Que é o "eu"? Que é pensamento identificado? Quando digo "Krishnamurti", entendo pensamento em que há identificação de um homem. O homem é pensamento, objetivado, que é uma continuidade; é possível, por certo, encontrar uma continuidade, objetivamente. Isto é, o pensamento, que é como uma onda, uma onda em movimento, é identificado, recebe um nome; e *isso*, por certo pode encontrar-se objetivamente.

Eis algumas das questões implicadas nesta pergunta, sobre se permanecemos cônscios, mesmo durante o sono. Mas todas estas explicações nada valem sem o autoconhecimento. Podeis repetir o que eu disse, mas repetição é mentira; é apenas propaganda, e não é verdadeira. Estas coisas tem de ser experimentadas, não repetidas; e precisais experimentar o que é, ficar cônscio das muitas camadas da consciência, a qual se expressa por muitas maneiras diferentes.

Existe, assim, margem muito estreita de separação entre a consciência desperta e consciência adormecida; mas, visto que, em geral, operamos quase exclusivamente com a consciência desperta, com suas preocupações, suas crenças, suas diárias ansiedades pela subsistência, a tensão inerente às nossas relações com outras pessoas, essas coisas impedem a exploração de nós mesmos em nível mais profundo. E *não há necessidade* de explorar, pois o oculta se projeta com extraordinária rapidez na mente que não esta ativa à superfície. Já não notastes, quando estais sentados tranquilamente, não ocupados com o rádio, quando a mente não está tagarelando? Nesse momento tendes subitamente uma idéia nova, um sentimento novo, uma alegria nova: mas, infelizmente, que acontece? Quando essa expressão criadora se manifesta, vós a traduzis imediatamente em ação, e desejais uma repetição dela. Por isso a perdeis. Assim, pois, o problema da percepção, que acabamos de discutir parcialmente, é de fato

muito fértil, se formos capazes de compreendê-lo a fundo. Voltarei mais tarde a esse problema, à significação do que é estar cônscio. Mas releva compreender que não se pode pensar corretamente, e portanto não pode haver ação correta, sem autoconhecimento; autoconhecimento não é a simples compreensão das camadas superficiais, mas a completa compreensão da consciência total. Isso não depende do tempo; porque, havendo intenção, há percepção imediata, e a rapidez dessa percepção depende do grau de sinceridade da pessoa. Quanto mais estamos alertados, passivamente vigilantes, tanto melhor compreendemos as camadas mais profundas da consciência; e eu vos asseguro que há nisso uma alegria extraordinária, nesse descobrir, nesse sondar o nosso ser total. Se buscardes a compreensão, ela vos fugirá, mas se ficardes passivamente vigilantes, ela se desdobrará e vos revelará suas extraordinárias profundezas.

Posso passar à pergunta seguinte? Estais fatigados? Muito bem, prosseguires com ela.

PERGUNTA; Dizeis que o percebimento pleno do problema nos liberta do mesmo. O percebimento depende do interesse. Que é que cria o interesse, que é que faz um homem interessado e outro homem indiferente?

KRISHNAMURTI: Ora, aqui também vamos examinar a pergunta, isto é, o próprio problema. Portanto não intervenhais com uma solução. Vamos descobrir o conteúdo do problema, e não procurar uma conclusão. Porque, se temos uma conclusão, o problema não é compreendido; se já temos soluções para os nossos vários problemas, eles nunca serão examinados. Ou citamos o *Bhagavad Gita*, ou um dos guias mais em voga, ou um *guru*, e assim nunca encaramos o próprio problema – o que significa que não estamos nunca em relação direta com o problema, porque há sempre uma intervenção entre nós e o problema, sob a forma de uma conclusão, de uma citação ou solução. Nunca existindo uma relação direta entre nós e o problema, este perde o seu significado. Para ficardes diretamente cônscios do problema, deveis em primeiro lugar estar cônscios de que estais intervindo, colocando uma cortina entre vós e o problema. Estais intervindo? Ficai diretamente cônscio do vosso problema pessoal, não do problema alheio, e vereis o que acontece. Experimentemos. Vereis como se pode dissolver o problema rapidamente, se seguirdes o que vou sugerir.

Se tendes um problema, qual é a vossa primeira reação? Vossa reação imediata é a de procurar uma solução. Desejais resolver o problema, o que significa que desejais fugir dele por meio de uma solução; isto é, interessa-vos mais o descobrimento da solução que o estudo do problema. O vosso *guru*, o vosso *Bhagavad Gita* intervém, o que significa que na realidade eles constituem uma fuga do problema. Isso é um fato: é o que está acontecendo convosco. Ora, se é um fato, que acontece? Não vos ocupais com o problema que quereis compreender; por isso naturalmente, o problema se distancia de vós e, por conseguinte, perdeis o contacto direto com ele. Mas que acontece quando estais frente a frente com o problema, diretamente, sem haver intervenção alguma, quando estais em relação direta com ele? O problema deixa de ser um problema; vós o compreendeis integralmente, no mesmo instante. Assim sendo, ficar cônscio de um problema implica o percebimento dos fatores que intervêm, isto é, das fugas, das soluções, da autoridade, que consciente ou inconscientemente estais procurando, a fim de evitardes o problema – o que significa que não estais de fato empenhados em compreender o problema. Quando temos aquele percebimento do problema, o problema se dissolve; ele nos liberta do problema.

A todos os momentos o problema é novo; o problema é sempre um desafio. A vida é desafio e reação; e quando há desafio, que é sempre novo, eu reajo de acordo com o meu condicionamento; mas se sou capaz de enfrentar o desafio sem condicionamento – que é a solução, a conclusão, a citação – então a minha mente, estando nova, é capaz de enfrentar o desafio por maneira nova. É, por conseguinte, capaz de instantânea compreensão do problema. Por favor, não se trata de aceitar o que digo; experimentai, e logo vereis a maneira extraordinária como o percebimento dissolve o problema. Conheceis esse percebimento em momentos de grande crise, quando tendes algo para resolver, quando um fato extraordinariamente importante se passa em vossa vida. Não procurais então uma solução, um guia, uma autoridade. Significa isso que não estais a fugir do problema, da crise, enfrentais o desafio por maneira nova, com novo vigor.

Continuando com a pergunta: "O percebimento depende de interesse. Que é que cria o interesse...?" Porque ficamos interessados? Não estais interessado agora? Estais a ouvir-me com interesse; por quê? Ou estais sendo mesmerizados pelas minhas palavras, ou existe interesse,

evidentemente. Espero que não estejais hipnotizado pelas minhas palavras. Nesse caso, há interesse de vossa parte. Porque estais interessado? Porque *eu* estou interessado. Estou prementemente interessado no que estou dizendo, e não por agora. Estou vitalmente interessado em resolver os problemas do homem, que sou eu; e porque estou entusiasticamente interessado; sumamente, interessado, vós também o estais. Mas o momento virá, logo que sairdes daqui, em que de novo recaireis na rotina da vossa propriedade, vossas posses, vosso emprego, etc. Estais interessado, porque estou interessado, porque estou tremendamente empenhado. O interesse, portanto, é contagioso, mas, em tal caso, não é duradouro. Há a influência boa e a influência má; como não estou interessado em influenciar-vos nem por uma maneia nem por outra, perdeis o interesse. E ser influenciado é uma coisa errônea, uma coisa fatal; porque se podeis ser influenciado por um, podeis ser influenciado por outro; como a moda, a influência varia, e por isso não tem valor. Mas se sentis em vós mesmo um verdadeiro empenho, ficais então bem cônscio, não só agora, mas constantemente, do enorme significado de crise. E se não estais interessado, a infelicidade é vossa. Que é que faz um homem interessado e outro homem indiferente? Que é que *vos* faz desinteressado? – este que é o problema, e não a indiferença do outro. Porque sois indiferente? Este é o problema, não é verdade? Porque sois indiferente ao problema da fome, ao problema da consciência, ao problema de encontrar solução para todos os problemas existentes? Que vos faz indiferente? Porque não vos interessam essas coisas? Já alguma vez vos dispusestes a pensar a esse respeito? Evidentemente, nós não estamos interessados, pela razão muito simples que desejamos distrações: o *guru*, o *guia*, o *Bhagavad Gita*, a Bíblia, etc. Tudo isso são distrações, e a distração embota a mente. A função essencial de um *guru* é a de embotar vossa mente. Esta é a razão por que o procurais; desejais pacificar-vos, proporcionar-vos satisfação. Do contrário, se não procurásseis satisfação, nunca iríeis à presença de um *guru*. Vós desejais satisfação e por isso a vossa mente é posta em estado de embotamento; e em que pode interessar-se uma mente embotada?

Só lhe interessa a existência de cada dia, a maneia de vestir com elegância de cada dia, a maneia de vestir com elegância um *sári*[2] novo, etc. Permanecemos presos nas rotinas do embotamento, porque pensar com

---

[2] Traje de mulher hindu.

muita seriedade significa estar descontente, o que é muito doloroso; e a maioria de nós não deseja atrair tristezas. Desejamos fugir da tristeza, e por isso toda a nossa estrutura de pensamento é confusão, distração.

O que importa, pois, não é aquele que é indiferente, mas sim porque vós mesmos sois tão superficial? Porque estais preso nesta extraordinária rede de sofrimento? A solução, por certo, reside no descobrirmos por nós mesmos as causas que nos tornam embotados, insensibilizados – insensibilizados para o sofrimento humano, para as árvores, para o céu, os pássaros; insensibilizados para as nossas relações humanas. Ser sensível significa dor; mas precisamos ser dolorosamente sensíveis, para compreender. Entretanto, procuramos manter-nos do lado de fora da dor, e, evitando-a, reduzimo-nos a simples máquinas de imitação.

25 de janeiro de 1948

Terceira Conferência

Não é importante, em todos os tempos e, sobretudo, nestes dias críticos, pensar com muita clareza e conhecer muito a fundo os nossos sentimentos? É evidente que não estamos separados da crise – o que quer que aconteça a uma nação ou a um grupo de pessoas está na realidade acontecendo a cada um de nós, como indivíduo e já que estamos tão ligados uns aos outros, precisamos manter-nos muito vigilantes e deliberadamente cônscios dos nossos pensamentos e sentimentos. Porque, se somos influenciados pelos acontecimentos, se eles nos persuadem a tomar partido, sem estarmos cônscios das suas causas, seremos então simplesmente por eles arrastados; e já que os acontecimentos, tanto locais como mundiais, se estão passando com extraordinária rapidez, e uma vez que o seu ímpeto é tão forte e tão brutal, compete-nos, por certo, ter extrema clareza em nossos pensamentos e muita firmeza em nossos sentimentos. Porque, quanto mais forte é o acontecimento, tanto maior a confusão exterior, e tanto mais intenso o tumulto e o caos dentro de nós. Os acontecimentos exteriores, tão aproximados que estão de nós, naturalmente transtornam e perturbam a muitos; e julgo que é correto – não achais? Ter sentimentos muitos fortes, emoções vigorosas, bem orientadas, não tendenciosas, e com objetivos definidos; porque, privado de sentimentos, o indivíduo está morto. A mera escuma intelectual nenhum valor tem em instantes de grande significação; e há o perigo de traduzirmos intelectualmente, superficialmente, os grandes acontecimentos e passarmos adiante sem mais lhes darmos atenção. Se, porém, somos capazes de acompanhar com grande atenção e clareza as causas psicológicas da perturbação e de manter uma atenção emocional livre da interferência do intelecto, talvez então possamos perceber o significado dos

acontecimentos. Não estou apenas a pronunciar palavras, para vós escutardes; é possível que, conversando sobre a questão, como o estamos fazendo neste momento, venhamos a esclarecer o confuso estado da nossa mente e das nossas emoções.

Assim à medida que eu for respondendo a perguntas, esta tarde, espero que acompanheis as minhas respostas não apenas no nível verbal ou intelectual, porque isso tem pouca significação; mas que as acompanheis como se o que digo estivesse de fato acontecendo. Porque, de certo, a responsabilidade de qualquer crise não cabe a outra pessoa – ela nos cabe – a vós e a mim – como indivíduos, e para compreender uma crise, como a que reina agora na Índia, precisamos abeirar-nos dela com muita diligência, com intensidade, com clareza, com a intenção de examiná-la a fundo e de perceber todo o seu significado, todas as suas profundezas. Como disse, esta tarde vou responder a perguntas; mas as respostas têm pouca significação quando se esperam apenas respostas. Se, todavia, analisarmos juntos o problema, se nele pensarmos profundamente – isto é, se não ficardes apenas escutando, e eu explicando – se o examinarmos juntos, talvez então esse próprio processo de pensamento crie uma compreensão uma revelação.

PERGUNTA: Quais são as causas reais da morte extemporânea do Mahatma Gandhi?

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber qual foi a vossa reação, ao ouvirdes a notícia. Qual foi a vossa reação? O caso vos atingiu como uma perda pessoal, ou como uma indicação da tendência dos acontecimentos mundiais? Se o sentistes apenas como uma perda pessoal, identificada, temos então de examinar esse sentimento com muito cuidado, muita inteligência, determinação; e se o considerastes como um índice da tendência dos acontecimentos, na crise mundial, isso também tem de ser examinado muito atentamente. Devemos, pois, descobrir como consideramos esse caso: se como uma perda pessoal, se como um sintoma de catástrofe que está ocorrendo no mundo. Pois bem; se é uma perda pessoal, identificada, tem ela então um significado todo diferente. Há em nós a tendência de nos identificarmos com o que é maior do nós, seja uma nação, uma pessoa, uma idéia, uma imagem, um pensamento, seja uma consciência superior; porque é tão mais satisfatório estar identificado com um grupo, com uma nação, ou com uma pessoa que represente a nação –

Hitler, Stalin, de um lado, e Gandhiji de outro lado, etc. Há pois sempre essa identificação com algo maior do que nós; e quando alguma coisa acontece a essa pessoa, ou a essa idéia, esse grupo ou nação, dá-se um dilaceramento dessa identificação. Não o sentis, senhor? O desejo de nos identificarmos com alguma coisa é bem óbvio, não achais? Porque, em si mesmo, um indivíduo é nada, é vazio, superficial, pequenino; e ao identificar-se com uma nação, um guia, um grupo, ele se torna algo, é algo. Nessa própria identificação está o perigo; porque, se ficais cônscio da mesma, percebeis que ela conduz às mais extraordinárias barbaridades, na história e na vossa vida diária. Isto é, se vos identificardes com uma nação, com uma comunidade, com um grupo de pessoas, com uma idéia, com o espírito comunalista, então, na certa, somos responsáveis por qualquer calamidade que ocorre; porque, se somos mero instrumento, identificado com alguma causa ou alguma pessoa, somos utilizados como tal, e a calamidade, a crise, a catástrofe resulta dessa identificação.

Esta é uma face do problema; em verdade, a pergunta deveria ser: "Quais são as causas que eu criei para produzir este incidente, esta aflição, esta catástrofe?" Esta é, sem dúvida, a pergunta correta, não achais? Porque, individualmente, somos responsáveis por tudo o que está acontecendo no mundo de hoje. Os acontecimentos mundiais não são incidentes sem nexo: eles estão ligados a alguma coisa. A causa real da extemporânea morte de Gandihiji está em vós. A verdadeira causa sois vós. Visto que sois comunalista, estimulais o espírito da divisão, por meio da propriedade, a casta, a ideologia, através de diferentes religiões, seitas, guias. Está, pois, bem evidente que vós sois responsável, não está? Nada se lucra com enforcar um só homem – pois todos vós contribuístes para aquela morte. A questão é: De que maneira contribuíste para ela? Estou de propósito excluindo a mim mesmo, no caso, porque não sou comunalista, não sou hinduísta, nem hindu, nem nacionalista, nem internacionalista. Por isso me excluo; não porque eu seja superior, mas porque, em absoluto, não penso em tais termos – de pertencer a um grupo ou religião, de ter propriedade "minha". Excluo-me deliberadamente, conscientemente, mas, por favor, compreendei que não o faço por me sentir superior aos outros. A identificação com um grupo, com uma nação, com uma comunidade, com a propriedade, conduz ao sofrimento, não é verdade? Tal identificação conduz sem dúvida a assassínios, desastres, e caos, e vós sois responsáveis por isso, porque acreditais no hinduísmo com as suas múltiplas facetas

diferentes, todas elas absurdas. Vós sois hinduísta, *Parsee*, budista, muçulmano – vós bem conheceis todas as estultícias da divisão identificada, do isolamento. Assim sendo, já que vos identificastes com um grupo, sois responsável, não sois? Sois a causa real desse assassínio. Não estou dramatizando, o que seria completo absurdo. Mas esse é o fato, não achais? A verdadeira causa sois vós, não há uma causa misteriosa, desconhecida. Quando uma nação, assim chamada, é constituída de grupos separados, cada um deles buscando poder, prestígio, autoridade, riqueza, tendes de produzir, não apenas a morte de um homem, mas a de milhares e milhões de homens. Isso é inevitável.

A questão fundamental, portanto, é saber se seres humanos podem existir em isolamento identificado; e a historia mostrou muitas vezes que esse isolamento acarreta destruição para o homem. Quando vos chamais hinduísta, muçulmano, *parsee*, ou sabe Deus o que mais, isso inevitavelmente gera conflito no mundo. Se observais a chamada religião, a religião organizada, vereis que ela está essencialmente baseada no isolamento, no separatismo: o cristão, o hinduísta, o muçulmano, o budista; ou, quando adorais uma imagem, não adorais imagem alguma, quando proibis alguém de entrar em vossos templos – como se a realidade residisse nos templos! – vós sois por certo responsável pelo conflito e pela violência, não sois? Compreendei, por favor, que não estou arengado, que não estou interessado em convencer-vos; nós dois estamos interessados em descobrir a verdade contida na questão. Assim, pois, não estou fazendo uma arenga política, sem significação alguma. Para acharmos a verdade; para percebermos que somos responsáveis pelo que acontece, precisamos pensar muito precisamente, diretamente. Quando pertenceis a uma religião organizada, esse fato mesmo gera conflito entre um homem e outro homem; e quando a crença se torna mais forte do que a afeição, mais forte do que o amor, quando a crença é mais importante do que a humanidade,– e toda a vossa estrutura é de crença; crença em Deus, numa ideologia, no comunalismo; ou no nacionalismo – sois sem dúvida a verdadeira causa da destruição.

Não sei se percebeis a extraordinária importância disso – de pensar no assunto, com toda a profundeza e lucidez, sem nos escondermos atrás de palavras.

E existe, ainda, o fato muito evidente da divisão pela propriedade, pela tendência à aquisição. A propriedade em si tem muito pouca significação: só podeis dormir num quarto e numa cama; mas o desejo de posição, a ânsia de adquirir, o desejo de estardes em segurança quando todos em torno de vós estão inseguros – certamente, esse senso de posse, esse senso de propriedade, é uma das causas da aterradora miséria que vai pelo mundo. Não é que devemos rejeitar a propriedade, precisamos, porém, ficar cônscios da sua significação, do seu sentido, na ação; e quando uma pessoa está cônscia disso, abandona naturalmente todas essas coisas. Não é difícil renunciar, não se requer um esforço sobre humano para abandonar a propriedade, ao perceberdes diretamente que vossa relação com ela conduz ao sofrimento, não de uma só pessoa, mas de milhões; e que lutais por causa da propriedade.

Isso não são meras palavras, como vereis, se as analisardes; a propriedade e a crença são na realidade as duas causas principais do conflito. A propriedade, como meio de engrandecimento pessoal, a propriedade como meio de permanente continuidade pessoal dá-vos posição, poder, prestígio. Sem a propriedade, nada sois, òbviamente; por essa razão, por essa razão a propriedade se torna tão importante, e por ela estais prontos a matar a mutilar, e a destruir os vossos semelhantes. O mesmo se dá com as religiões organizadas e as ideologias políticas, que implicam a crença. A crença se torna muito importante; porque sem a crença, que sois? Sem chamardes a vós mesmo por um nome comunalista, que vos isola, onde ficais? Ficais perdido, não é verdade? Assim, sentido-vos ameaçados, vós vos identificais com a crença, com a propriedade, com as ideologias, etc., o que inevitavelmente acarreta destruição. Por quantas maneiras diferentes procurais isolar-vos uns dos outros! Esse isolamento é a causa real do conflito e da violência. Assim, sois responsáveis – senhores e senhoras – com os vossos belos *sáris* e vossos elegantes vestidos.

Este acontecimento também tem um significado mundial. Justificamos e aceitamos o mal como um meio para se chegar ao bem. Justifica-se a guerra porque, dizemos, vai trazer-nos a paz – o que, òbviamente, é servir-se de um meio errado para atingir a um fim correto. Mas a tendência do mundo está nessa direção; grupos de pessoas, nações inteiras, estão-se preparando para o choque decisivo e destruidor – como se depois dele fossem tornar-se pacíficos! Esse acontecimento é na realidade

um indício da tendência dos seres humanos a sacrificarem o presente pelo futuro. Criaremos um mundo maravilhoso, mas no ínterim vamos massacrar-vos; vamos liquidar-vos, a bem do futuro. *Vós* não tendes importância; o que importa é a idéia, o futuro – o que quer que isso signifique. Afinal de contas o futuro quer rumemos para a direita, quer para a esquerda, é tão incerto para mim, como o é para vós; o futuro é variável, modificável, e estamos sacrificando o presente por um futuro desconhecido. Esta é a maior das ilusões, não achais? Mas é uma das tendências do mundo; e é isso o que está acontecendo agora. Isto é, temos um futuro ideológico, em prol do qual se estão sacrificando seres humanos: para salvar o homem, estamos matando o homem. E nós estamos à mercê dessa tendência – *vós* estais à mercê dessa tendência. Desejais segurança futura, e por ela destruís a segurança presente. Positivamente, a compreensão só se encontra no presente e não no futuro. A compreensão existe agora e não amanhã.

Ora, essas duas tendências extraordinárias que prevalecem no mundo da época atual, indicam – não é verdade? – uma total ausência de amor – não o misterioso amor do Supremo, e todas as bobagens desse gênero, mas o amor puro e simples, entre dois seres humanos. Quem viaja pelo mundo pode notar uma total ausência do senso do amor nos seres humanos. Há sensações em abundância, sensações sexuais, intelectuais, ou ambientais, mas a verdadeira afeição por alguém, o amar alguém com todo o nosso ser – tal coisa não existe, pela razão muito clara de que temos cultivado o intelecto. Sois maravilhosos nos exames, no tecer teorias, no especular na bolsa, no ganhar dinheiro – sendo tudo isso indicações da supremacia do intelecto. E quando o intelecto se torna supremo, temos inevitavelmente o desastre, porque o coração está vazio; e por isso nós o enchemos com palavras e com as elucubrações do intelecto. É o que se nota em escala extraordinária, no mundo de hoje. Não estais cheios de teorias esquerdistas ou direitistas sobre a maneira de resolver o problema mundial? Entretanto vosso coração está vazio, não é verdade? E, por certo, o problema é muito simples, se o encarardes de fato. Enquanto estiverdes identificados com a propriedade, como o nome com a casta, com um determinado governo, comunidade, ideologia, crença, estais fadado, inevitavelmente, a produzir destruição e misérias no mundo. Assim, pois, vós é que sois o verdadeiro causador desse assassínio; fostes vós que levastes um homem a matar outro homem. Vós aceitais, como meio justo, o assassínio organizado em grande

escala – a guerra – mas quando é praticado numa só pessoa, ficais horrorizado. Não é verdade, senhor, que como indivíduo perdestes totalmente a sensibilidade, perdestes de todo o senso dos valores reais e do significado da existência? Para compreender essa questão, temos de nos transformar radicalmente, porque é isso o que se necessita para revolucionar de maneira absoluta o nosso modo de pensar, de sentir e de proceder. Desejais promover uma revolução meramente na ação, o que não tem sentido algum; porque, sem uma revolução em vós mesmo e no vosso sentimento, não podeis produzir uma revolução na ação; não podeis produzir revolução alguma, a não ser individualmente. Já que sois responsável, já que sois o causador desse assassínio, e para evitar futuros assassínios, tendes de modificar-vos radicalmente – não é verdade? – em vez de ficardes a falar de deuses e teorias, de *karma* e reencarnação. Tendes de ficar de fato cônscios do que se está passando dentro de vós mesmos. Mas, como é demasiado árduo estar cônscio, concebeis teorias, buscais refúgio na propriedade, no nome, na família, e em todos os demais absurdos causadores de destruição. Visto que sois responsável por esse assassínio, e pelos assassínios passados e futuros, quer de uma pessoa, quer de milhões, tendes de modificar-vos. Tendes de transformar-vos, e deveis começar com o que está muito perto, e não com o que está longe de vós, observado as tendências do vosso pensar e sentir e agir em cada dia. Essa é, sem dúvida – a única maneira de se produzir uma transformação não é verdade? Mas se, emocionalmente, ficais excitado pelos acontecimentos, se estivestes narcotizado por arengas políticas durante tantos anos, a vossa reação, é natural, será fraca. Mas quer vos agrade, quer não, sois responsável pelas misérias exteriores, porque, dentro de vós, sois infeliz, confuso, ansioso, desamoroso.

PERGUNTA: É inevitável a terceira guerra mundial?

KRISHNAMURTI: Não existe uma coisa tal como a inevitabilidade, existe? Uma nação consciente de sua própria fraqueza ou de sua própria força pode dizer: “Não, não queremos lutar”. É uma das tendências da esquerda, empurrar quando não há muita pressão, e ceder quando a pressão é grande demais; assim, sempre é possível recuar, esperar, e ao mesmo tempo organizar-se. Não há inevitabilidade no que respeita à guerra, mas parece muito ser assim, porque os interesses em vivo são tão vastos. As ideologias – a esquerda e a direita – estão em guerra. Há a ideologia que

diz que a matéria se move por si, e a ideologia que diz que a matéria é movida, trabalhada pela idéia divina. De um lado temos a idéia de Deus atuando sobre a matéria. E do outro lado a idéia de que a matéria esta em movimento, por si própria, e produzindo circunstâncias exteriores e que, por conseguinte, o controle rígido do ambiente é importante. Não estou discutindo sobre se são corretas ou erradas as ideologias. Entraremos nesta questão num outro domingo. Mas estas duas teorias são diametralmente opostas – pelo menos elas pensam que são opostas. E isso suscita um problema muito complexo: se a esquerda não esta baseada na direita, se não é uma continuação da direita; se todo oposto não é a continuação do seu próprio oposto.

Mas quando dois partidos poderosos estão determinados a alcançar posição, a alcançar poder, naturalmente irão destruir o homem colhido no meio deles; e é o que está acontecendo neste país, na vossa própria família. Quando dominais a vossa esposa, ou o vosso esposo, quando tendes a ânsia da posse, quando vos agarrais ao poder, num círculo limitado, não estais contribuindo par o caos mundial? Quando a crença no nacionalismo vos domina, quando a vossa pátria se torna de suprema importância – como hoje acontece, em todas as nações – não é inevitável uma catástrofe terrivelmente destrutiva? Por certo, senhor, a própria existência de um exército é índice de guerra. É função do general preparar a guerra; e quando se tem criado uma arma como a bomba atômica, onde experimentá-la? Assim, pois, mais uma vez a guerra está em relação direta conosco. Se sois nacionalista, estais contribuindo para a guerra. Se vos fechais na propriedade, estais contribuindo para a guerra, se o nacionalismo, o comunalismo, se vosso próprio grupo se torna a coisa mais importante que existe, estais evidentemente contribuindo par a guerra. A nossa própria existência de cada dia é uma contribuição para a guerra, porque nós não temos paz, absolutamente. Sem dúvida, se há de haver paz no mundo, cumpre-vos ser pacífico. Se desejo ser pacífico para convosco, devo ser adaptável, devo ser atencioso, não devo ser dominador; mas se nem vós nem eu somos adaptáveis, se persistimos em dominar, necessariamente há de ocorrer uma catástrofe.

Há alguns anos, durante a guerra, veio procurar-me uma senhora americana. Disse-me que havia perdido o filho na Itália e que tinha outro filho de dezesseis anos, que deseja salvar. Discutimos e conversamos sobre

o assunto. Sugeri-lhe que, para salvar o filho, devia deixar de ser americana, deixar de ser ávida, de amontoar riquezas, de ambicionar o poder, o domínio, e ser moralmente simples – não simples apenas no vestir, nas coisas exteriores, mas simples nos seus pensamentos, nos seus sentimentos, nas suas relações. Ela disse: “Isso é demais. O Senhor está exigindo um absurdo. Eu não posso fazer isso, porque as circunstâncias são excessivamente poderosas, para eu as alterar”. Ela era, pois, responsável pela destruição do filho. As circunstâncias podem ser controladas por nós, porque nós as criamos. A sociedade é o produto das relações entre pessoas, das vossas relações e das minhas relações, conjuntamente. Se modificamos as nossas relações, a sociedade se modifica; mas o contar meramente com a legislação, com a compulsão, para transformar a sociedade exterior, enquanto, por dentro, continuamos corruptos, ávidos de poder, posição, domínio, isto é destruir o exterior; por mais cuidadosamente e por mais cientificamente que tenha sido edificado. O interior suplanta sempre o exterior.

Assim, pois, mais uma vez, senhor, a inevitabilidade ou a cessação da guerra depende nós, depende de vós e de mim. Nós por certo podemos mudar, não achais? Podemos transformar a nós mesmos – não é coisa difícil, se a ela nos aplicamos de corpo e alma. Mas somos demasiado indolentes, preferimos deixá-lo a outro; queremos caminhos fácies, pensamentos livres de perturbação, segurança interior. Desejando a segurança interior, nos a procuramos nas coisas exteriores, na propriedade, na crença, nos templos, nas igrejas, nas mesquitas. Quando buscais a segurança interior, criais a insegurança. Pelo próprio desejo de estar psicologicamente em segurança, vós criais a destruição. Isso é óbvio; a história o repete, continuamente. A segurança exterior é essencial; o alimento, o vestuário, a moradia. Mas como o homem quer estar psicologicamente seguro, serve-se dessas necessidades, de alimento, de vestuário, de moradia, serve-se das idéias, como instrumentos de segurança psicológica – e com isso atrai a destruição. Assim, mais uma vez, depende de vós e de mim evitar o que parece inevitável. São inevitáveis as guerras enquanto os seres humanos viverem individualmente em conflito uns com os outros, indício de que estão em conflito interno. Desejamos mudanças por meio de legislação, por meio da revolução externa, por meio de sistemas e, todavia, no íntimo, não estamos mudados. E sem implantarmos

a ordem, a paz e a felicidade em nós mesmos, não podemos ter paz e felicidade exteriormente, no mundo.

PERGUNTA: Pode-se perceber a verdade do que dizeis, sem preparo prévio?

KRISHNAMAURTI: Que entendeis por "verdade"? Não demos fazer uso de uma palavra cujo sentido desconhecemos; mas podemos empregar uma mais simples, uma palavra mais direta: Pode-se entender, pode-se compreender um problema diretamente? É o que a pergunta subentende. Pode-se compreender o que *é*, imediatamente, agora? Porque, quando se compreende o que *é*, compreende-se o significado da verdade. Mas, dizer que um indivíduo precisa compreender a verdade tem muito pouca significação. Pode-se, pois, compreender um problema diretamente, de maneia completa, e ficar livre dele? É o que a pergunta subentende, não achais? Pode-se compreender uma crise, um desafio, imediatamente, perceber o seu inteiro significado e ficar-se livre dele? Porque, o que compreendemos não deixa vestígio algum; logo, a compreensão ou a verdade é a força libertadora. E podeis ser libertados, agora, de um problema, de um desafio? A vida é uma série de desafios e reação; e se vossa reação a um desafio for condicionada, limitada, incompleta, então esse desafio deixa a sua marca, o seu resíduo, o qual se fortalece cada vez mais, a cada novo desafio. Por isso, temos uma memória residual constante, acumulações, cicatrizes; e com todas essas cicatrizes procurais enfrentar o que é novo e, por conseguinte, nunca encontrais o novo. Por essa razão, nunca compreendeis um desafio, e nunca nos libertamos dele. Espero que me esteja fazendo claro.

O problema, pois, consiste em saber se posso compreender um desafio completamente, diretamente, sentir todo o seu significado, todo o seu perfume, sua profundidade, sua beleza e sua fealdade, e ficar assim livre dele. Senhor, o desafio é sempre novo. Não é verdade? O problema é sempre novo, não é? O problema é sempre novo – uma questão como esta é sempre nova. Não sei se estais compreendendo. Um problema que tivestes ontem, por exemplo, sofreu tal modificação, que quando o encontrais hoje já é novo. Mas vós o enfrentais com o que é velho, porque não transformastes nem modificastes os vossos pensamentos.

Permiti-me expressá-lo de outra maneira. Ontem me encontrei convosco. No ínterim, vós vos modificastes. Passastes por uma transformação, mas eu ainda conservo a vossa imagem de ontem. Assim, eu me encontro convosco, hoje, com o retrato que tenho de vós e, por conseguinte, não vos compreendo; compreendo apenas o vosso retrato, ontem formado. Senhor, se desejo compreender-vos a vós, que estais modificado, mudado, devo abrir mão da imagem de ontem. Isto é, para compreender um desafio, que é sempre novo, cumpre enfrentá-lo por maneira nova, não deve haver resíduo da véspera; assim, preciso dar adeus ao ontem. Afinal de contas, que é a vida? É algo sempre novo. É algo que se transforma continuamente, criando sempre um novo sentimento. O dia de hoje nunca é igual ao dia de ontem, e essa é a beleza da vida. Assim sendo, posso eu, podeis vós enfrentar qualquer problema por maneira nova? Podeis, quando ides para casa, encontra-vos com vossa esposa e vosso filho por maneia nova, atender ao desafio por maneira nova? Não o podeis, se estiverdes carregado com as lembranças da véspera. Por conseguinte, para compreender a verdade de um problema, de uma relação, deveis considerar o problema ou a relação por maneira nova; não com a "mente aberta", porque isso não tem significação alguma. Precisais chegar ao problema sem as cicatrizes das lembranças da véspera; o que significa, ao surgir cada desafio, estar cônscio de todas as reações de ontem, e estando cônscio do resíduo, das lembranças de ontem, vereis que elas caem sem luta, e a mente, por conseguinte, está fresca.

Pode, pois, uma pessoa perceber a verdade imediatamente, sem preparo? Eu digo que pode, não por fantasia minha, não por ilusão; mas, experimentai, psicologicamente, e vereis. Tomai qualquer desafio, qualquer pequeno incidente – não espereis por uma grande crise – e observai como reagis. Ficai cônscios dele, das vossas reações, das vossas intenções, das vossas atitudes, e as compreendereis, compreendereis todo o vosso acervo mental. Asseguro-vos que podeis fazer isso imediatamente, se vos aplicardes com toda a atenção. Isto é, se procurardes o significado de todo o vosso acervo mental, ele vo-lo entregará; e descobrireis então, de um golpe, a verdade, tereis a compreensão do problema. Sem dúvida, a compreensão desponta do agora, do presente, que é sempre atemporal. Ainda que seja amanhã, é sempre o agora; e o mero adiar, o preparar-vos para receber o que será amanhã, significa impedir a vós mesmo de compreender o que *é*, agora. De certo podeis compreender diretamente o

que *é*, agora, não podeis? Mas, para compreender o que *é*, precisais estar livre de perturbação, de distração, precisais dedicar-lhe vossa mente e vosso coração. Ele deve constituir o vosso exclusivo interesse naquele instante, completamente. Então o que *é* se vos revelará em toda a sua profundeza, em todo o seu significado; e dessa maneira ficais livre do problema.

Senhor se desejais conhecer a verdade, o significado, o sentido psicológico da propriedade, se de fato desejais compreendê-lo diretamente, agora, de que maneira considerai esse problema?

Por certo, deveis sentir-vos afinidade com o problema, não deveis temê-lo, não deveis ter credo algum, solução alguma entre vós e o problema. Só em relação direta com o problema, achareis a sua solução. Mas, se introduzis uma solução, se julgais, se tendes uma desinclinação psicológica, então adiareis, preparar-vos-ei para compreender amanhã o que está sempre presente. Por conseguinte, nunca chegareis a compreender. Assim, para se perceber a verdade, não se requer preparo algum; preparo implica o tempo, e o tempo não é o meio de se compreender a verdade. O tempo é continuidade, e a verdade é atemporal, é descontinua. A compreensão é descontinua de momento a momento não residual.

Receio que eu esteja fazendo tudo parecer muito difícil, não é? Entretanto, é fácil, é simples compreender, se quiserdes experimentar; mas, se vos pondes a sonhar, a meditar sobre isso, torna-se então tudo muito difícil. Por certo, quando não existe barreira alguma entre vós e mim, eu vos compreendo. Se estou receptivo, compreendo-vos diretamente; e o estar receptivo não depende do tempo. O tempo me fará receptivo? O preparo, o sistema, a disciplina me farão receptivo para vós? Não, Senhor. O que me fará receptivo é a minha intenção de estar receptivo. Quero estar aberto, porque nada tenho para ocultar, porque nada receio; por isso estou aberto, e por isso há comunhão imediata, há a verdade. Para receber a verdade, para conhecer a sua beleza, conhecer a sua alegria, tem de haver incessante receptividade, não anuviada por teorias, temores e conclusões.

São sete e um quarto. Posso prosseguir? Sim?

PERGUNTA: Continua Gandhiji a existir, hoje?

KRISHNAMURTI: Desejais realmente sabê-lo? Sim? Que se subentende nesta pergunta? Se *ele* continua a viver, então também vós continuareis a viver; desejais, pois, conhecer a verdade acerca da continuidade. Quando eu morrer, continuarei a existir? Terei um ser, ou serei destruído completamente? Agora, senhores, é provável que a maioria de vós acredite na reencarnação, na continuidade. Por conseguinte, essa crença vos está impedindo de encontrar a verdade contida nesta pergunta. Estais compreendendo? Aqui está um desafio. Vamos experimentar de acordo com o que eu disse em resposta à pergunta anterior. Vamos experimentar, vamos descobrir a verdade contida nesta questão – imediatamente, e não amanhã. Para compreenderdes logo, precisais desembaraçar-vos da vossa crença na reencarnação, não é verdade? Vós não o sabeis, é apenas uma crença. Ainda mesmo que penseis ter prova da continuidade, essa prova está ainda na esfera do pensamento. A mente pode enganar-se e fabricar tudo o que deseja. Assim, como queremos achar a verdade desse desafio, precisamos abeirar-nos dele por maneira nova, com mente nova; porque, para compreender agora e não amanhã, é mister uma mente nova, fresca.

Ora, para achar a verdade, preciso descobrir o que é que está impedindo a mente de renovar-se. Não vou responder se Gandhiji está vivo ou não; trataremos disso mais tarde. Todavia, para compreender, é essencial um novo frescor. Vou, por isso, verificar se minha mente está anuviada. Como estou cheio de ansiedade, cheio de esperança, cheio do desejo de continuidade, obviamente estou obnubilado; por conseguinte, não posso compreender o novo desafio – "há continuidade?". Para compreendê-lo agora, logo, preciso compreender as várias barreiras que estão impedindo a mente de ser nova, agora, para receber o novo. Ora, que é continuidade? Estais de fato interessado nisso, senhores, ou apenas escutais? Por agora, esquecei de que apenas escutais, e experimentai junto comigo, enquanto prossigo. Estou pensando em voz alta convosco, sobre esse problema. Ele é vosso problema, tanto como meu; estou apenas a dar-lhe expressão. É vosso problema, portanto segui-o experimentalmente, passo a passo.

Ora, que é isso que chamamos continuidade? Que é que continua? De duas coisas uma: Ou é uma entidade espiritual e, por conseguinte, fora do tempo, ou é, simplesmente, a memória, dando continuidade a si mesma,

através do resíduo da experiência. Compreendeis? Estou-me fazendo claro? Isto é, se sou uma entidade espiritual, então sou atemporal; logo não há continuidade. Porque o que espiritualidade, verdade, divindade, está fora do tempo; não é, portanto, aquela continuidade que conhecemos como o amanhã e o futuro. Compreendeis? Se isso que eu sou é uma entidade espiritual, ela deve ser sem continuidade, não pode progredir, não pode crescer, não pode vir a ser; mas, em verdade, aquilo que eu sou pensa que deve "vir a ser", isto é, estou pensando em termos de "vir a ser". Por conseguinte, não sou uma entidade espiritual. Porque, se eu sou uma entidade espiritual, não estou no processo de "vir a ser". Então, a vida e a morte são uma só coisa, há então a atemporalidade, a eternidade. Mas vós estais pensando em termos de "vir a ser", por conseguinte sois prisioneiros do tempo. Não ides dormir sobre isto; nós estamos experimentado juntos.

Assim, se sois uma entidade espiritual, não precisais preocupar-vos mais a tal respeito, não tendes de descobrir se existe ou não continuidade. A questão está liquidada; há a imortalidade. Mas vós *não* sois tal coisa; vós tendes medo e é esta a razão porque desejais saber se há continuidade. Resta-vos, assim, uma única que é a memória. Estais compreendendo, senhores? Não podeis ficar hesitando entre as duas coisas. Se sois uma entidade espiritual, não vos preocupa então a morte, a continuidade, o tempo; porque o que é espiritual é eterno, atemporal. Mas não vos achais nesse "estado de ser". Estais no "estado de vir a ser", no estado de continuar, desejando saber se há continuidade ou não. Essa própria pergunta indica que não vos achais no outro estado de "ser"; por conseguinte, podemos deixá-lo de parte. Que é, pois, que continua? Que é que continua na nossa vida de cada dia? Obviamente, não é a entidade espiritual. É a vossa memória, identificada com a propriedade, o nome, as relações, as idéias, não é verdade? Se não tivésseis memória, nenhuma significação teria a propriedade. Se não tivésseis uma memória de ontem, a propriedade não teria significação alguma, nem a teriam as relações, as idéias. Estais buscando a continuidade e firmando-a na propriedade, na família, na idéia – que é o "eu"; e desejais saber se o "eu" continua. Ora, quando falais do "eu", que é isso? É o nome, as qualidades, as idéias, vossa conta no banco, vossa posição, vosso caráter, a concepção de idéias, sendo que tudo isso é memória, não é verdade? Senhor, não vos estou compelindo a aceitar coisa alguma. Estou expondo o que *é*, realmente, não estou propondo teorias nem especulações. Estamos experimentando, para

ver se podemos encontrar a verdade da questão e nos libertarmos do problema da continuidade.

Que é, então, que causa a continuidade. Obviamente é a memória. Como vem a existir a memória? Muito simplesmente: há a percepção, o contacto, a sensação, o desejo, e a identificação. Vejo um automóvel, há a percepção de um automóvel; depois, há o contacto, depois a sensação, depois o desejo de possuir, e, depois, ele é “meu”. Assim, o “eu” é o resíduo da memória; ainda que dividido num “eu” superior e num “eu” inferior, ele está sempre dentro dos domínios da memória; e isso é bem óbvio, quer o admitais, quer não. Quando pensais em Deus, isto está ainda dentro do campo da memória. Quando falais do “eu” superior, quando falais do Brahma, isso está ainda dentro do campo da memória; e a memória é compreensão incompleta. Isto é, já não notastes que quando compreendeis uma coisa, ela não deixa cicatriz, como memória? Eis porque o amor não é memória. O amor é um “estado de ser”, não é uma continuidade. Ele só se torna continuidade quando não há amor. Assim, não há continuidade, quando não há memória. Isto é, o pensamento identificado precisa continuar; mas se não há identificação, não há continuidade, e a memória é a base mesma da identificação. Pela continuidade, pode haver renovação? Compreendeis? O “eu” continua de lembrança em lembrança; a memória das minhas realizações, minhas faculdades, minhas propriedades, minha família, minhas idéias, meus pensamentos, etc. Tudo isso é o “eu”, a “pessoa”, quer seja um “eu” superior ou um “eu” inferior. Isso é o “eu”. Ora, essa continuidade trará jamais uma renovação, um renascimento, um novo vigor? A continuidade trará a compreensão da verdade? De certo que não. O que continua não tem renovação, não tem frescor, não tem novidade, porque está apenas continuando o que foi ontem, numa forma modificada. Isso é memória, e memória não é um processo de renovação. Não há renovação por meio da memória, por meio da continuidade; só ocorre renovação quando há um fim, só ocorre frescor quando há a morte, quando a idéia cessa. Então, todos os dias há renovação. Quando o “eu” se acaba, há renovação em cada dia, em cada minuto. Onde existe continuidade, não há renovação; e é pela continuidade que todos nós anelamos. Esta pergunta sobre se Gandhiji continua a existir, significa apenas: “*Eu* continuo a existir?” – “Eu”, identificado com ele. Vós continuareis, é claro, enquanto houver identificação, porque a memória continua; mas nisso não há renovação. A memória é tempo, e o tempo não

é a porta a realidade; através do tempo, nunca chegareis ao eterno. Deve haver, por conseguinte, um fim, o que significa que para se encontrar o real, deve haver morte a todos os minutos, morte para as vossas posses, para a vossa posição, mas não para o amor. É óbvio que há continuidade, quando o pensamento está identificado. Mas a continuidade jamais conduzirá ao real, porque a continuidade é meramente pensamento identificado com o "eu", que é memória; e só há renovação, renascimento, frescor, novidade, um "estado de ser" atemporal, na morte, no fim, momento por momento. A verdade, a realidade, Deus, ou o que quiserdes, não vem à existência através do tempo. Só vem à existência quando o tempo, a memória, deixam de existir. Quando vos, como memória, estais ausente, quando vós, como memória, não estais funcionando, quando cessa aquela atividade da memória como "eu", há então um fim. Nesse terminar há renovação, e nessa renovação encontra-se a realidade.

1º de fevereiro de 1948

Quarta Conferência

Acho que é importante compreender que só há “ser” quando não existe mais o pensante, e que só no “ser” pode haver radical transformação. As idéias nada podem transformar; a modificação dos pensamentos ao pode produzir revolução, revolução radical. Só pode haver revolução radical quando o pensante chega a uma pausa, quando o pensante deixa de existir. Quando é que tendes momentos criadores, um sentimento de alegria, um sentimento de beleza? Certamente, apenas quando o pensante está ausente, quando o processo do pensamento se suspende por um segundo, por um minuto, por um período de tempo; então, nesse espaço há alegria criadora. Está é a verdadeira revolução, porque então o pensante deixa de existir e, por conseguinte existe a possibilidade de uma transformação radical, de um radical renascimento. Nosso problema, portanto, consiste em eliminar o pensante; não se trata de uma transformação ou modificação de idéias, quer da esquerda, quer da direita. Só na eliminação do pensante há possibilidade de criação. Talvez já tenhais experimentado isso, ao observardes um pôr de sol, de grande beleza: a intensidade desse momento expulsa o pensante, e durante esse momento encontra-se um extraordinário sentimento de alegria. Esse instante criador produz revolução, que é um “estado de ser”. O pensante cessa, não como resultado de transformação de pensamentos, mas tão só pela compreensão dos movimentos do pensante e, por conseguinte, apenas quando atingimos o próprio problema, que é o pensante. Quando o pensante está cônscio dos seus próprios movimentos, quando a mente está cônscia de si mesma em ação – o que não significa que o pensante está alterando os seus pensamentos, mas, sim que está cônscio de si mesmo – vereis, então que ocorre um período em que a mente fica absolutamente tranqüila, em que ela fica em estado de meditação, em que nada a distrai ou agita. Então, no momento em que o pensante está em silencio, surge o ser criador, o qual se experimentardes, vereis que é o fundamento de qualquer transformação radical.

Vou agora responder a várias perguntas.

PERGUNTA: *Pode-se amar a verdade sem amar o homem. Pode-se amar o homem sem amar a verdade. Que vem primeiro?*

KRISHNAMURTI: Por certo, senhor, o amor vem em primeiro lugar. Porque, para amar a verdade, precisamos conhecer a verdade; e conhecer a verdade é negá-la. O que conhecemos não é a verdade, porque o que conhecemos já está encaixado no tempo; portanto, não é mais a verdade. A verdade está em constante movimento e, por conseguinte, não pode ser medida no tempo nem nas palavras; não pode ser contida na vossa mão. Assim, pois, amar a verdade é conhecer a verdade; não podemos amar uma coisa que não conhecemos. Mas a verdade não pode ser encontrada nos livros, na idolatria, nos templos. Ela é encontrada na ação, no viver, no pensar; e como o amor vem em primeiro lugar, o que é bem óbvio, a procura do desconhecido é o próprio amor, e não podeis buscar o desconhecido sem estar em relação com outros. Não podeis procurar e encontrar a realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, recolhendo-vos ao isolamento. Só podeis encontrar o desconhecido em vossas relações. Ele só se encontra quando o homem está em relação com o homem. Por conseguinte, amar o homem é buscar a realidade. Sem amar o homem, sem amar a humanidade, não pode haver busca do real; porque, quando eu vos conheço, pelo menos quando procuro conhecer-vos na vida de relação, nessa relação estou começando a conhecer-me a mim mesmo. A vida de relação é um espelho em que me descubro a mim mesmo – não o meu "eu" superior, mas o todo, o processo total de mim mesmo. O "eu" superior e o "eu" inferior estão ainda dentro do campo da mente; e sem compreender a mente, o pensante, como posso transcender o pensamento e descobrir algo. A própria vida de relação é a busca do real, porque constitui o único contacto que tenho comigo mesmo; por conseqüência, a compreensão de mim mesmo, nas minhas relações, é de certo o começo da vida. Se não sei amar-vos, a vós, com quem estou em relação, como posso procurar o real, como posso amar o real? Sem vós, eu não existo, existo? Não posso existir separadamente de vós, não posso viver no isolamento. Por conseguinte, nas nossas relações, nas relações entre vós e mim, estou começando a compreender a mim mesmo; e a compreensão de mim mesmo é o começo da sabedoria, não é verdade? Por conseguinte a procura do real é o começo

do amor, na vida de relação. Para amar alguma coisa, precisais conhecê-la e compreendê-la, não é exato? Para amar-vos, preciso conhecer-vos, preciso indagar, preciso descobrir, preciso estar receptivo para todas as vossas disposições, vossas modificações, e não apenas encerrar-me em minhas ambições, ocupações e desejos; e no conhecer-vos estou começando a descobrir a mim mesmo. Sem vós, não posso ser; e se não compreendo essa relação entre vós e mim, como pode haver amor? E, por certo, sem amor, não há busca, há? Não se pode dizer que uma pessoa dever amar a verdade; porque, para amar a verdade, é preciso conhecer a verdade. Conheceis a verdade? Sabeis o que é a realidade? No momento em que conheceis algo, está tudo acabado, não é exato? Isso passa para o domínio do tempo e, por conseguinte deixa de ser verdade.

Nosso problema, portanto é: Como pode um coração árido, um coração vazio, conhecer a verdade? Não pode. A verdade, Senhor, não é algo distanciado. Ela está muito perto, mas não é sabemos procurá-la. Para tanto precisamos compreender a vida de relação, não somente com o homem, mas também com a natureza, com as idéias; preciso compreender a minha relação com a terra, a minha relação com as idéias, bem como minha relação convosco; e para compreendê-la preciso, certamente, estar receptivo. Se desejo compreender-vos, devo estar aberto para vós, receptivo, não devo guardar nada em reserva; não pode haver processo de insulamento. Por conseguinte, na compreensão está a verdade, e para compreender é preciso haver amor; porque, sem amor, não pode haver compreensão. Assim, não é o homem ou a verdade que vem em primeiro lugar, mas, sim, o amor; e o amor só vem à existência quando se compreende a vida de relação, o que significa que a pessoa está aberta para a vida de relação e, por conseguinte, aberta para a realidade. A verdade não pode ser invocada; ela deve vir a vós. Procurar a verdade é negar a verdade. A verdade vem vós quando estais aberto, completamente desprovido de barreiras, quando o pensante não mais está pensando, produzindo, manufaturando, quando a mente está muito tranqüila – mas sem ter sido forçada, narcotizada, hipnotizada por palavras, pela repetição. A verdade tem de vir; e quando o pensante sai em busca da verdade, está apenas procurando seu próprio bem. Por isso a verdade se esquiva a ele. O pensante só pode ser observado na vida de relação; e para compreender, há necessidade de amor. Sem amor, não há busca.

PERGUNTA: Não podeis edificar um novo mundo pela maneira como estais fazendo agora. É óbvio que o método de preparar laboriosamente uns poucos discípulos, nenhuma diferença fará para a humanidade. Não pode fazer. Podeis deixar um vestígio, como Gandhi, como Maomé, Buda, Krishna. Mas eles não transformaram fundamentalmente o mundo; E nem vós tão pouco o fareis, a não ser que descubrais um modo inteiramente novo de tratar o problema.

KRISHNAMURTI: Vamos pensar nisso, juntos, profundamente. A pergunta implica – não é verdade? – que a onda de destruição, a onda de confusão co-existe com a vida; que a onda de destruição e a vida estão sempre juntas, correndo juntas, simultaneamente, sem intervalo que as separe. Por isso o interrogante diz: “Podeis ter uns poucos discípulos que compreendam, uns poucos que realmente percebam e se transformem, mas eles não podem transformar o mundo: E este é o problema: Que o homem deve ser transformado, e não apenas uns poucos. Cristo, o Buda, e outros não conseguiram transformar o mundo, porque a onda de destruição está sempre a submergir a humanidade; e interrogante diz: “Tendes um modo diferente de resolver o problema? Se não tendes sereis igual aos outros instrutores. Uns poucos poderão sair do caos, da confusão, mas a maioria será tragada, destruída. Compreendeis o problema, não? Isto é, os poucos que fogem da casa que está a arder, esperam salvar os outros do incêndio; mas visto que a grande maioria está fadada a queimar-se, muitos dos que se estão queimando inventam a teoria do processo do tempo: na próxima vida tudo se resolverá. Consideram assim o tempo como um meio de transformação. Este é o problema, não é verdade? Uns poucos de nós podem ficar fora deste caos, mas a grande maioria está colhida na rede do tempo, na rede do vir a ser, na rede de tristeza; e podem eles ser transformados? Podem eles sair imediatamente, completamente, da casa que arde? Se não podem, a onda de confusão, a onda de miséria, continuará a submergi-los e a destruí-los. Este é o problema, não é verdade? Estou apenas explicando, estudando a pergunta. Existe, pois, uma nova maneia de tratar o problema? Do contrário, só uns poucos poderão salvar-se, porque a onda de destruição, a onda da confusão está continuamente perseguindo o homem. Este é o problema, não é verdade, Senhores?

Pois bem; tentemos achar a verdade disso. Não será possível, a nós, sairmos do tempo; não será isso possível, a todos nós aqui, não por algum meio auto-hipnótico, mas de fato? Este é o problema que se nos depara; pode alguém, posso eu, podeis vós que me escutais, sair do processo do tempo e desse modo ficar livre do caos? Porque, enquanto acreditais nesse processo, isto é, enquanto dizeis que vos estais tornando livre do caos através do processo do tempo, vós e o caos sereis sempre co-existentes. Não sei se estou explicando bem. Isto é, se vós pensais em "vir a ser" livres do caos, nunca sereis livres, porque o "vir a ser" faz parte do caos. Ou nos compreendemos agora, ou nunca compreenderemos. Se dizeis "compreenderei amanhã", estais na realidade adiando, estais na realidade atraindo a onda de destruição. Nosso problema, portanto, é o de por fim a processo de "vir a ser" e, por conseguinte, por fim ao tempo. Enquanto pensardes em termos de "vir a ser" – "Serei bom", "serei nobre", "serei amanhã algo que não sou: hoje" – nesse "vir a ser", está implicado o processo do tempo e no processo do tempo há confusão. Há confusão, portanto, porque estais pensando em termos de "vir a ser". Mas em vez de "vir a ser" podeis *ser?* – pois esse é o único estado em que pode haver transformação, transformação radical. Vir a ser é um processo de tempo. O "ser" está livre do tempo. E como já expliquei antes, só no "ser" pode haver transformação, e não no vir a ser; só no terminar há renovação, e não na continuidade. Continuidade é "vir a ser". Quando terminais alguma coisa, há um "estado de ser"; e é só no "ser" que pode haver transformação fundamental, radical.

Nosso problema, pois, é o de pôr fim ao vir a ser – não o vir a ser cronológico, como o ontem "veio a ser" hoje, e hoje "virá a ser" amanhã – mas o "vir a ser" psicológico. Podeis dar um fim instantâneo a esse "vir a ser"? Essa é a única maneira nova de tratar o problema, não é verdade? Todas as outras maneiras são velhas. Compreendeis a questão? Até agora, todas as maneiras de tratá-la têm sido graduais. Eu sou isto, mas virei a ser aquilo amanhã; sou escriturário hoje; mas serei gerente daqui a dez anos; ou rancoroso; mas aos poucos me tornarei virtuoso. Isso é "vir a ser", o processo do tempo; e onde está o tempo, lá estará a onda de confusão. Nosso problema, portanto, é: Podemos deter imediatamente e de maneira completa o pensar em termos de "vir a ser"? Essa é a única maneira nova de tratar o problema; qualquer outra maneira é repetição da antiga. Eu digo que podemos. Digo que podemos fazê-lo, que podemos soltar-nos da

rede do tempo, da rede do “vir a ser”, que podemos deixar de pensar em termos de tempo; em termos de futuro, em termos de ontem. Vós podeis fazê-lo, e o estais fazendo agora; vós o fazeis, quando estais extraordinariamente interessados, quando o processo do pensamento cessa de todo, quando há concentração completa, percebimento completo. Isto é, Senhores, vós o fazeis quando vos encontrais frente a frente com um problema novo. Ora, este é um problema novo: como por fim ao tempo. Sendo um problema novo, precisais estar completamente novos em face do mesmo, não é verdade? Porque se pensais em termos do que é velho, estais então traduzindo o novo problema no velho e, por conseguinte, confundindo o problema, interpretando-o erroneamente. Quando tendes um problema novo, deveis tratá-lo por maneira nova; e o que é novo não está no tempo.

A questão, pois, é a seguinte: Podeis vós, assim como estais, aqui sentados, a ouvir-me, libertar-vos do tempo? Podeis estar cônscios daquele estado de ser em que não existe o tempo? Se estais cônscios daquele estado de ser, vereis que há uma tremenda revolução, a qual se verifica instantaneamente, porque o pensante deixou de existir. É o pensante que produz o processo de “vir a ser”. Podemos então pôr fim ao tempo, detê-lo definitivamente – não o tempo cronológico, mas o tempo psicológico. Prestai atenção: muitos de vós estais a observar outras pessoas, estais mais interessados em ver quem entra e quem sai. Que foi que aconteceu? Não estais interessados em descobrir o que é existir sem o tempo, e só podeis descobrir o que é estar livre da rede do tempo, quando a isso aplicais toda a vossa mente e todo o vosso coração, e toda a vossa atenção – não a atenção que apenas exclui. Isso, por certo, é a meditação correta, não achais? Porque o findar do pensamento é o começo da meditação real; e só então há uma revolução, uma maneira fundamentalmente nova de considerar a existência. A nova maneira de tratar o problema é fazer findar o tempo; e eu digo que isso pode fazer-se instantaneamente, quando há verdadeiro interesse. Podeis sair do rio para a margem, em qualquer ponto. O rio do “vir a ser” se acaba quando compreendeis o processo de tempo; para compreendê-lo, precisais aplicar-vos com toda a vossa mente e todo o vosso coração. Só estais livre do tempo, quando há completa absorção na compreensão, como fazeis agora. Estais muito tranqüilos. Estais quietos, porque estamos discutindo juntos, porque estamos forçando o problema. Mas logo que perdeis de vista o problema, perdeis a tranqüilidade. Se a

todas as horas conservardes à vossa frente o problema – o sair do tempo – ele se torna então um problema extraordinariamente absorvente; e eu digo que para qualquer um que se disponha a aplicar-se neste sentido, com a mente e com o coração, é possível sair do tempo. Esta é a única maneira nova de tratar o problema, e só com ela podemos produzir uma transformação radical na sociedade.

PERGUNTA: Quando vos escuto, tudo parece claro e novo. Em cãs, a velha e monótona inquietação torna a prevalecer. Que há de errado em mim?

KRISHNAMURTI: O que é que realmente se passa em nossas vidas? Há constante desafio e constante reação. Tal é a existência, tal a vida, não achais? – constante desafio e reação. O desafio é sempre novo, a reação sempre velha. Encontrei-me ontem convosco, e hoje vindes à minha presença. Estais transformado, estais modificado, estais mudado, sois novo; mas eu guardo a vossa imagem de ontem. Por conseguinte, absorvo o novo no velho. Não vos encontro por maneira nova, mas com o vosso retrato de ontem; por isso, minha reação ao desafio é sempre condicionada. Aqui, por momentos, deixais de ser Brâmanes, deixais de pertencer a uma casta elevada, ou ao que quer que seja; esqueceis tudo. Estais apenas escutando absortos, tentando descobrir, Mas, ao sairdes daqui, voltais a ser vós mesmos – voltais à vossa casta, ao vosso sistema, vosso emprego, vossa família. Isto é, o novo está sempre se absorvendo no velho, nos velhos hábitos, costumes, idéias, tradições, memórias. Nunca há o novo, porque ides sempre ao encontro do novo com o velho; o desafio é novo, mas vós encontrais com o velho. Assim, pois, o problema contido na pergunta é: Como libertar o pensamento do velho, para que seja novo todo o tempo? Quando vedes uma flor, quando vedes um rosto, quando vedes o céu, quando vedes uma árvore, quando vedes um automóvel, quando vedes um sorriso, como encontrá-lo por maneira nova? Por que não, o encontramos por maneira nova? Porque o velho absorve o novo e o modifica? Porque o novo cessa, quando ides para casa?

Ora, a velha reação procede do pensante. O pensante não é sempre o velho? Porque o vosso pensamento está fundado no passado, quando vos encontrais com o novo é o pensante que com ele se encontra, é a experiência de ontem que com ele se encontra. O pensante é sempre o

velho. Retomamos assim ao mesmo problema, por outro caminho: como libertar a mente de si mesma, na qualidade de "pensante"? Como erradicar a memória, não a memória dos fatos, mas a memória psicológica, que é acumulação de experiência? Porque, sem nos libertarmos do resíduo da experiência, não é possível a recepção do novo. Ora, o libertar o pensamento, o estar livre do processo do pensamento e assim nos encontrarmos com o novo, é muito difícil, não achais? Porque todas as nossas crenças, todas as nossas tradições, todos os nossos métodos de educação, são um processo de imitação, de cópia, de decorar, de constituir o reservatório da memória. Essa memória está constante mente reagindo ao novo; à reação dessa memória chamamos pensar, e é esse pensar que se encontra com o novo. Como é então possível o novo? Só é possível, quando não há mais resíduo de memória, e há resíduo quando a experiência não é completada, concluída, terminada, isto é, quando a compreensão da experiência é incompleta. Quando a experiência é completa, não deixa resíduo algum; esta é a beleza da vida. O amor não é resíduo, o amor não é experiência: é um "estado de ser'. O amor é eternamente novo. Assim, o nosso problema é o seguinte: Pode uma pessoa encontrar-se com o novo constantemente, mesmo em casa? Por certo que pode. Para o fazer, é preciso que promova uma revolução no pensamento, no sentimento; e só podeis ser livre quando cada incidente é pensado completamente, a cada momento, quando cada reação é plenamente compreendida, e não apenas encarada, de modo fortuito, e posta de lado. Só nos libertamos da memória que acumula quando cada pensamento, cada sentimento é completado, pensado até o fim. Isto é, quando cada pensamento e cada sentimento se completa, se conclui, há um fim; entre esse findar e o pensamento seguinte há um espaço. Nesse espaço de silencio encontramos renovação, uma nova força criadora. Ora, isso não é teórico, não é impraticável. Se tentardes completar cada pensamento e cada sentimento descobrireis que isso é extraordinariamente praticável na vossa vida diária: porque então sereis novo, e o que é novo é eterno, imorredouro. Ser novo é ter força criadora, e ter força criadora é ser feliz; e um homem feliz não se preocupa se é rico ou pobre, não lhe importa a que casta pertença, ou a que país. Não tem guias, não tem deuses, não tem templos, e portanto tem disputas, nem inimizades. Sem dúvida, esta é a maneira mais prática de resolver as nossas dificuldades no presente caos mundial. É porque não somos criadores, no sentido em que estou empregando a palavra, que somos tão anti-sociais, em

todos os diferentes níveis da nossa consciência. Para ser muito prático e muito eficiente nas relações sociais, nas relações com todas as coisas, o indivíduo precisa ser feliz; e não pode haver felicidade se não há um findar, não pode haver felicidade se há "vir a ser". No findar, há renovação, renascimento, novidade, frescor, alegria. Mas o novo se absorve no velho, e o velho destrói o novo, enquanto existe um fundo de experiência, enquanto a mente, o pensante está condicionado por seu pensamento. Para estarmos livres do nosso acervo mental, das influências condicionadoras da memória precisamos estar livres da continuidade; e há sempre continuidade, quando não completamos nossos pensamentos e sentimentos. Senhor, vós só completais um pensamento quando o levais até ao fim; por essa maneira se elimina de todo cada pensamento e cada sentimento. Sem dúvida, o amor não é hábito, não é memória; o amor é sempre novo. Só temos possibilidade de enfrentar o novo, quando a mente é nova; e a mente não é nova, enquanto existe o resíduo da memória. A memória é fatual, bem como psicológica. Não estou falando da memória fatual, mas da memória psicológica. Quando a experiência não é perfeitamente compreendida, deixa um resíduo, que é o velho, o "de ontem", a coisa que já passou; e o passado está sempre absorvendo o novo e, por conseguinte, destruindo o novo. É só quando a mente está livre do velho, que ela enfrenta todas as coisas por maneira nova, e nisso há alegria.

PERGUNTA: Nunca mencionais Deus. Ele não tem lugar em vossos ensinamentos?

KRISHNAMURTI: Vós falais muito a respeito de Deus, não é verdade? Vossos livros estão cheios dele. Edificais igrejas, templos, fazeis sacrifícios, executais ritos, celebrais cerimônias, e estais cheios de idéias a respeito de Deus, não é? Vós repetis a palavra, mas os vossos atos não são piedosos, são? Embora adoreis o que chamais Deus, vosso procedimento, vossos pensamentos, vossa existência, não são piedosos, são? Embora repitais a palavra "Deus", vós explorais o próximo, não é verdade? Tendes os vossos deuses – o deus hinduísta, o muçulmano, o cristão, etc. Edificais templos: quanto mais enriqueceis, mais templos edificais (Risos). Não riais, senhores, vós faríeis a mesma coisa; a diferença é que ainda estais tentando enriquecer, é só essa. Assim, pois, estais muito familiarizados com Deus, pelo menos com a palavra; mas a palavra não é Deus, a palavra nunca é a coisa. Assim, vamos esclarecer em este ponto: a palavra não é Deus. Podeis

usar a palavra “Deus”, ou outra palavra, mas Deus não é a palavra que empregais. Porque a empregais, isso não significa que conheceis Deus; conheceis meramente a palavra. Eu não uso esta palavra; por uma razão muito simples que conheceis. O que se conhece não é o real. E além disso, para encontrarmos a realidade, devem cessar todos os murmúrios da mente, não é verdade? Tendes imagens de Deus, mas, a imagem não é Deus, por certo. Como podeis conhecer a Deus? Evidentemente não o podeis conhecer por meio de uma imagem, por meio de um templo. Para receber a Deus, o desconhecido, a mente precisa ser o desconhecido. Se buscais a Deus, então já conheceis a Deus, já conheceis o vosso fim; o que se busca é se conhece, não é verdade? Se procurais Deus, deveis saber o que Deus é, do contrário, não o procuraríeis, não é exato? Vós o procurais, ou de acordo com vossos livros, ou de acordo com vossos sentimentos; e vossos sentimentos são simples reação da memória. Por conseguinte, o que procurais já está criado, quer pela memória, quer por informação; e o que é criado não é o eterno; é produto da mente. Senhores, se não houvesse livros, se não houvesse *gurus*, se não houvesse fórmulas para serem repetidas, vós só conheceríeis a tristeza e a felicidade, não é certo? – tristezas e misérias constantes, e raros momentos de felicidade; e desejaríeis então saber por que sofreis, não é verdade? Não poderíeis fugir para Deus – mas provavelmente fugiríeis noutras direções, e muito breve inventaríeis deuses para vosso refúgio. Mas se na realidade desejais compreender todo o processo do sofrimento, como um homem novo, um homem revigorado, indagando e não fugindo, então vos libertareis do sofrimento, descobrireis então o que é a realidade, o que é Deus. Mas um homem que está nas garras do sofrimento não pode encontrar Deus ou a realidade; só se pode encontrar a realidade depois de cessar o sofrimento, quando há felicidade, não como contraste, como oposto, mas aquele “estado de ser” no qual não existem opostos.

Assim, o desconhecido, aquilo que não é criado pela mente, não pode ser formulado pela mente. Não se pode pensar no desconhecido. No momento em que pensais no desconhecido, ele já é conhecido. Por certo, não podeis pensar no desconhecido, podeis? Só podeis pensar no conhecido. O pensamento se move do conhecido para o conhecido; e o que é conhecido, não é a realidade. Assim, quando pensais e meditais, quando vos sentais para pensar em Deus, pensais apenas naquilo que é conhecido, e o que é conhecido está dentro do tempo; está aprisionado na rede do tempo

e por conseguinte não é o real. A realidade só pode surgir na existência quando a mente está livre da rede do tempo. Quando a mente deixa de criar, há criação. Isto é, a mente precisa ficar de todo tranqüila, mas não com uma tranqüilidade imposta, uma tranqüilidade hipnótica, que é meramente um resultado. Procurar tornar-se tranqüilo para experimentar a realidade é outra forma de fuga. Só há silêncio depois de terem desaparecido todos os problemas; assim como a lagoa fica tranqüila depois de parar a brisa, assim também a mente fica naturalmente tranqüila quando o seu agitador, o pensante, desaparece. Para se eliminar o pensante, todos os pensamentos que ele fabrica têm de ser completados. Nada se lucra com erguer-se uma barreira, uma resistência contra o pensamento; porque os pensamentos têm de ser sentidos integralmente, investigados integralmente, compreendidos. Então, com a mente tranqüila, apresenta-se nos a realidade, o indescritível. Não podeis invocar a realidade. Para invocá-la, precisais conhecê-la, e o que é conhecido não é o real. A mente, portanto, deve ser simples, deve estar livre do peso da crença, e das idéias; e quando há tranqüilidade, quando não há desejo algum, ânsia alguma, quando a mente está perfeitamente tranqüila, numa tranqüilidade não imposta, surge então a realidade. E essa verdade, essa realidade é o único agente transformador, a única força capaz de provocar uma revolução fundamental e radical na existência, em nossa vida diária. Descobrir essa realidade não significa procurá-la, mas, sim, compreender os fatores que agitam a mente, que perturbam a própria mente. A mente é então simples, quieta, tranqüila. Nessa tranqüilidade, o desconhecido, o incognoscível vem à existência; e quando isso acontece, encontramos a felicidade suprema.

8 de fevereiro de 1948

Quinta Conferência

Em cada domingo tenho tentado examinar um assunto diferente e considerar o problema da existência de um ponto de vista diverso. Esta noite procurarei considerá-la do ponto de vista do esforço, dessa batalha constante que travamos para dominar alguma coisa, para ter bom êxito, para alcançar um resultado, e vamos ver se encontramos um breve período no qual compreendamos o inteiro significado dessa luta Há tanta tristeza e tão pouca felicidade em nossas vidas. Quando encontramos a felicidade, terminam os nossos problemas relacionados com o poder, a posição, a consecução de objetivos. Quando há felicidade, cessa a luta por "vir a ser" e desfazem-se as divisões entre os homens. Já muitas vezes temos notado que, naqueles raros momentos em que somos perfeitamente felizes, tranqüilos, todos os conflitos deixam de existir. Assim, a felicidade só vem quando opera a inteligência na sua forma mais elevada. Inteligência significa compreensão do sofrimento. Conhecemos a tristeza; está sempre ao nosso lado, é a nossa companheira constante; parece não ter fim – o sofrimento sob diferentes formas, em níveis diferentes, físicos e psicológicos. Conhecemos certos remédios para debelar a dor física; mas, psicologicamente, isso é muito mais difícil. O problema psicológico é muito mais complexo, exige maior atenção e estudo, penetração mais profunda e experiência mais ampla; mas o sofrimento, onde quer que esteja, em qualquer nível que se situe, é sempre doloroso.

O problema, portanto, é este: podemos extinguir a tristeza, o sofrimento, pelo esforço, por um processo de pensamento? Compreendei que não estou me referindo por ora ao sofrimento fisiológico, à enfermidade dolorosa, mas, sim, ao sofrimento psicológico. Esse sofrimento é extinguível pelo esforço, por meio disso a que chamamos o processo do pensamento? A dor física pode ser vencida pelo esforço, pelo investigar das causas da doença. Podem o sofrimento, a dor, a ansiedade, a frustração, os inúmeros males psicológicos ser vencidos pelo esforço, pelo pensamento? Temos, pois, em primeiro lugar de indagar o que é sofrimento, o que é esforço, o que é pensamento. É um problema muito vasto para ser resolvido em tão breve tempo; todavia, se o seguirdes atentamente, penso que é possível compreender o seu significado; e talvez,

compreendendo-o diretamente, fiqueis apto para resolvê-lo ou, melhor dito, talvez tenhais um vislumbre daquela felicidade que destrói a dor, que põe termo à nossa ardente solidão e ao nosso penar.

Que é, pois, sofrimento? Não é o desejo de vir a ser, com todas as suas frustrações? O sofrimento não é resultado do nosso desejo de ser diferentes do que somos. As ações baseadas nesse desejo não conduzem à desintegração, ao conflito, à interminável onda de confusão? Assim, a tristeza, o sofrimento, é o desejo de vir a ser, o desejo de ser, positiva ou negativamente. Acho que, fundamentalmente, todos podemos ficar de acordo a esse respeito. O sofrimento se manifesta quando há o desejo de vir a ser; nesse vir a ser, gera-se ação, seja social, seja individual; e essa ação se expande sem cessar para a desintegração, a futilidade, a frustração, como soí acontecer ao redor de nós. Ora, pode esse desejo de vir a ser, que é a causa da tristeza, extinguir-se por meio do esforço? É que tentamos fazer, não é verdade? Quando nos vemos frustrados, quando há dor, quando há sofrimento, nós procuramos vencê-lo, tentamos batalhar contra ele. Esse ataque, positivo ou negativo, é chamado esforço, não é verdade? Isto é, o esforço existe ou vem à existência quando temos a ansiedade de modificar aquilo que somos. Eu sou *isto* c quero tornar-me *aquilo.* Essa mudança, esse movimento de mudar *isto* para *aquilo,* chama-se esforço. Ora, que é modificação, o que é que se modifica? – não pergunto o significado do dicionário, mas o seu significado interior. Positivamente, mudança significa continuidade modificada. Eu sou *isto* e desejo tornar-me *aquilo;* isto é, quero tornar- me o oposto do que sou. Mas o oposto é a continuação do que sou, sob forma diferente. Assim, pois, o oposto, no qual há sempre esforço, é a continuidade modificada do próprio oposto. A não avidez é a continuidade modificada da avidez; continua a ser avidez, apenas sob um nome diferente, porque ela implica “vir a ser”, e esse “vir a ser”, o qual exige esforço, é a causa do sofrimento. Vemos que o esforço implica continuidade sob forma modificada. E pode o pensamento, pode o processo do pensamento, por fim ao sofrimento?

Tudo isso é provavelmente um tanto abstrato e difícil, mas simplificar-se-á quando eu começar a responder às perguntas relativas a esse tópico. Creio porém, que devemos estender à nossa frente o abstrato, e depois construir estruturalmente, concretamente; é o que faremos quando compreendermos o princípio básico desse problema; se o sofrimento pode

ser vencido pelo esforço que cria o oposto, e se o sofrimento, que é o desejo de vir a ser alguma coisa, agora ou depois, pode ser extinto pelo pensamento.

Ora, que é pensar? Quando dizeis "Estou pensando", que significa isso? Significa que estais procurando resolver o problema da tristeza pelo pensamento; mas pode o pensamento por fim à dor, à ansiedade psicológica, ao temor, etc. Que é, pois, o pensar? Sem dúvida, pensar é reação da memória; se não tivésseis memória, não serieis capaz de pensar. A memória é o resíduo da experiência, da experiência não de todo compreendida. Quando compreendeis uma coisa completamente, cabalmente, esta não deixa vestígio algum. Só a experiência que não foi digerida, completada, deixa um vestígio, a que chamamos memória. Assim, o pensar é reação da memória; e quando tentamos resolver o problema do sofrimento por meio do pensamento, sendo o pensamento reação da memória, não há por certo solução alguma; pois a memória é a continuidade do esforço. Não estou propondo aqui um enigma habilmente elaborado; mas se pensardes bem, vereis que há três coisas implicadas no vosso processo de eliminação da dor; esforço, pensamento e memória. Não decoreis o que acabo de dizer; observai-o em vossa vida diária, e vereis. Não necessitais de ler livros filosóficos; mas se observardes a vós mesmo na ansiedade, na dor, vereis estas três coisas em funcionamento. E podem essas coisas vencer, dissolver, a dor, o sofrimento? Não podem, evidentemente, porque o processo do pensamento é puro resultado de compreensão incompleta, e toda modificação é mera continuidade modificada, que cria o oposto. Nosso problema, pois, é o de descobrir como se pode pôr fim ao sofrimento, como criar aquele estado de felicidade, que não resulta de esforço. Não sei se já alguma vez tentastes ser feliz. Com toda a certeza, nunca tivestes bom êxito em vossas tentativas. A felicidade surge espontaneamente, sem a chamarmos. Não pode, pois, resultar de esforço; e se procuramos a felicidade, tentando livrar-nos do sofrimento, não compreenderemos então o sofrimento. O problema, portanto, consiste no seguinte: Como pôr fim ao sofrimento sem o processo do pensamento, sem esforço? Porque o esforço implica, como já salientei, a criação da dualidade, dos opostos; e o que é oposto está sempre dentro do campo do seu próprio oposto. Que é então que faz cessar o sofrimento? Quando compreendeis o processo do pensamento, o processo do esforço, o processo da memória, quando de fato o compreendeis, na maneira que expliquei,

quando estais cônscio desses três processos, que acontece então? Quando estais cônscio de alguma coisa, qual é, exatamente, a vossa experiência? Por certo, quando estais cônscio de alguma coisa, não há atitude condenatória, não é verdade? Não há justificar nem identificar. Estais simplesmente cônscio. Estou cônscio daquele verdor, daqueles pássaros que voam. Nesse percebimento não há condenação, não há justificação. Agora, se estais cônscio do sofrimento, sem os três processos a funcionarem no sentido de vencê-lo, se estais cônscio sem condenação, vereis então que surge uma passividade vigilante, um percebimento passivo, sem exigência alguma. Estais muito vigilante; nenhuma parte do vosso ser dorme, porque tendes explorado, como dissemos, todo o processo da memória, do pensamento, do esforço, e estais, assim, perfeitamente lúcido; e nessa lucidez há perceptividade, quietude, tranqüilidade, observação livre de preconceito, livre de exigências; e vereis, então, como o sofrimento chega ao fim. Mas, esse percebimento requer uma vigilância extraordinariamente persistente, para ver como a mente funciona quando há sofrimento, para acompanhar o célere movimento de cada pensamento e compreender, assim, todo o processo do esforço, do pensamento e da memória.

PERGUNTA: Dizeis que o amor é casto. Referis-vos ao celibato?

KRISHNAMURTI: Vamos explorar este problema, para ver o que nele se contém. Tende, pois, a bondade de não ficar nem na ofensiva, nem na defensiva; porque, para compreender, precisamos explorar, e a exploração cessa quando há preconceito, quando estamos amarrados a uma tradição ou a uma crença. Em tais condições, um indivíduo se assemelha a um animal atado a uma estaca, que não pode distanciar-se dela; mas vós precisais ir longe para descobrir o que é a verdade. Precisamos descer a uma grande profundidade, para descobrir a verdade contida em qualquer problema. Tende a bondade, pelo menos esta noite, de acompanhar-me, a fim de explorarmos juntos, sem estar ancorados, o que, em si, é uma tarefa muito árdua. Porque, quando temos preconceitos, desfiguramos o problema, e a solução, por conseguinte, sai também desfigurada; e para encontrar a solução, precisamos estudar o problema sem o desfigurar, com uma atitude defensiva ou ofensiva, negativa ou positiva. Vamos, portanto, examinar juntos o problema, para ver aonde ele nos conduz.

Nesta pergunta está contida toda a complexa questão do sexo. Os instrutores religiosos, os sistemas tradicionais proíbem as relações sexuais, dizendo que impedem o homem de encontrar a realidade suprema, que o homem precisa ser celibatário para achar Deus, a verdade, ou como quer que se chame. Ora, por tradição, é esse o preceito geralmente admitido. Mas, se desejamos achar a verdade contida num problema, nada significam a tradição e a autoridade. Pelo contrário, tornam-se um obstáculo – o que não quer dizer que o homem deva ser licencioso. A verdade não se encontra no oposto, porque um oposto é sempre o prolongamento do seu próprio oposto. A antítese é o prolongamento da tese, sob forma diferente. Logo, para, encontrar a verdade contida nesta questão, precisamos considerá-la com muito cuidado, sem o preconceito da tradição, sem o temor à autoridade, e sem o insidioso prazer da complacência. Precisamos observá-la e perceber o seu significado integral.

Em primeiro lugar, por que razão se tornou o sexo um problema para a maioria de nós? Por que razão, na época atual, praticamente em todas as partes do mundo – e esse é um dos fatos mais extraordinários – homens e mulheres estão à mercê do prazer sensual? Porque se tornou ele um problema tão imenso e cadente? Se não o compreendemos, nós ou o condenaremos ou a ele cederemos. Não vou dizer o que é certo ou o que é errado; isso seria uma maneira estúpida de tratar o problema. Precisamos ser celibatários porque os livros o preceituam? Devemos levar uma vida desregrada, porque outros livros o recomendam? Para estudarmos o problema profundamente, precisamos pensar nele por maneira nova; e para pensar nele de maneira nova; precisamos abandonar as sendas muito conhecidas do velho. O problema, portanto, é; Porque o sexo se tornou um problema tão candente? Em primeiro lugar, obviamente, porque ele é estimulado por todos os meios possíveis na sociedade moderna; todos os jornais, todas as revistas, os cinemas e os quadros, estimulam o erotismo. O negociante emprega uma mulher para atrair a vossa atenção, para vos fazer comprar um par de sapatos, ou sabe Deus o que. Vivemos debaixo do contínuo bombardeio de estímulos sexuais. Isto é um fato. E a sociedade, a civilização, na época atual, é essencialmente o resultado do valor sensorial. As coisas, as coisas mundanas, se tornaram extraordinariamente importantes nas nossas vidas; a posição, a riqueza, o nome, assumiram vital significação, porque são meios para se alcançar o poder, para se alcançar a chamada liberdade. Os valores sensuais se tornaram predominantemente

significativos nas nossas vidas, e essa é também uma das causas desse avassalador problema do sexo. No pensamento, no sentimento, vós deixastes de ser criadores; sois simples máquinas de imitação, não é verdade? Vossa religião é mero hábito; seguir a autoridade, a tradição, cultivar o temor, copiar o livro, observar a regra, o exemplo, o ideal. Ela se tornou uma rotina. A religião se tornou um mero murmurar de palavras, ir ao templo, ou praticar uma disciplina, sendo que tudo isso implica um processo de repetição, cópia, imitação, formação de hábito. E que acontece à vossa mente e ao vosso coração, quando apenas sois imitadores? Murcham, naturalmente, não é verdade? A mente, que precisa ser ágil, que precisa ser capaz de profunda penetração, profunda compreensão, transforma-se em simples máquina, num toca-discos, – imita, copia, segue. Deixou de ser uma mente, e a religião se tornou matéria de crença. Por essa razão, emocionalmente, interiormente, não há criação, não há reação criadora; só há monotonia, só o vazio. O mesmo se pode dizer com relação ao pensamento. Que é o vosso pensar, que é a vossa existência? Uma rotina oca, vazia, não é verdade? – ganhar dinheiro, jogar cartas, ir ao cinema, ler livros baratos ou tratados eruditos. Mas, que é isso? Não é exatamente uma maquina a funcionar, sem profundeza, sem pensamento, sem compaixão, sem receptividade? Como pode ser criadora uma mente em tais condições? Assim, que acontece, à vossa vida? Sois estéril, privado de pensamento, privado de mente, um imitador, um copista; em tais condições é natural, o único prazer que vos resta é o sexo, que se torna a vossa fuga. Por conseguinte, sendo ele o vosso único alívio, estais encerrado na sua prisão e existe, por isso, a eterna questão de como sair dessa prisão. E vossas idéias, vossas disciplinas, não vos darão a possibilidade de sair. Vós podeis refreá-lo, podeis contê-lo, mais isso não é viver criadoramente, não é ser feliz, puro, nobre; é viver em constate temor. O sexo é um dos meios de auto-esquecimento; no sexo vos esqueceis momentaneamente de vós mesmos; e porque viveis tão na superfície, tão emprenhados na imitação, o sexo é a única coisa que vos resta, e se torna por isso um problema. E, é claro, quando o sexo é a única coisa que resta, não há vida.

Não estamos tentando resolver o problema; só queremos compreendê-lo; e quando o compreendermos integralmente descobriremos a solução. Para os muitos problemas sérios da vida não existem soluções categóricas – sim ou não; mas quando se compreende o próprio problema, encontra-se a sua solução. E a resposta que teremos é que o problema

existirá enquanto não tivermos capacidade criadora, enquanto não estivermos livres da imitação, do hábito, enquanto a mente permanecer presa no processo da repetição, no processo de ganhar dinheiro, que implica uma existência cruel. No mero repetir, no mero recitar não há possibilidade de criação. Só há criação quando libertarmos o pensamento criador, o ser criador, a existência criadora, o que significa promover uma revolução radical em nossa vida; não uma revolução verbal, mas uma revolução interior, uma completa transformação de nossas vidas. Só então este problema adquirirá um significado diferente; só então terá a própria vida um significado diferente. Os que lutam para ser celibatários, como meio de alcançar a realidade, de alcançar Deus, não são castos; são ignóbeis, porque o seu coração é árido. Por certo, sem o amor não há pureza, e se um coração puro pode encontrar a realidade; um coração disciplinado, um coração refreado, um coração deturpado nunca a encontrará. Só a encontrará um coração que sabe o que é amar. Mas, não podeis amar, se estais prisioneiro de um hábito, seja religioso, seja físico, psicológico ou sensual. Assim, o homem que luta para ser celibatário, nunca pode compreender a realidade; porque, no seu caso, o celibato é mera imitação de um exemplo, de um ideal; e a imitação de um ideal é simples copiar, e portanto estéril. Todavia, o homem que sabe amar, que sabe ser bondoso, generoso, que sabe consagrar-se completamente a uma coisa, sem pensamento egoísta, esse homem conhece o amor; e esse amor é casto. Onde existe esse amor, deixa de existir o problema.

PERGUNTA: Dizeis que a crise atual é sem precedentes. A que respeito é ela excepcional?

KRISHNAMURTI: Aqui estamos, eu só para pensar, e vós só para escutar; isso é lamentável. Senhor há em todas estas reuniões o perigo de participardes apenas como ouvintes, e eu como conferencista. Tal é a situação criada no mundo. Todos vós freqüentais os jogos de *cricket* ou os cinemas. Os que jogam, os que representam, são outros, nunca vós. Vós vos tornastes incapazes de criar; essa é a razão por que há tantos problemas destrutivos a vos corroerem o coração. Portanto, por favor, permiti-me sugerir que não sejais aqui ouvintes, apenas; isso seria lamentável e não teria significação alguma. É tão fácil ouvir outra, pessoa falar, tão fácil ler livros escritos por outros; mas se não houvesse livros, se não houvesse pregadores, seríeis obrigados a pensar a fundo nos vossos problemas, e

seríeis então altamente criadores, não é verdade? É o que estamos tentando fazer aqui. Eu, infelizmente, não, li livros, não li escrituras religiosas; mas vós os lestes e, por desventura, as vossas mentes estão recheadas das idéias alheias; eis a dificuldade. Porque não estais pensando, ou estais pensando segundo as fórmulas de outras pessoas, segundo as suas idéias, seus ditos, suas citações. Por conseguinte, não estais, com efeito, pensando, absolutamente, Não terão estas palestras significação alguma, se vos limitardes à condição de simples observadores, simples ouvintes; porque haveis de verificar que eu não dou solução alguma para nenhum problema. Isso seria fácil demais, seria estúpido demais: dizer "sim" ou "não" em resposta a cada pergunta. Mas se, juntos, pensamos a fundo no problema, se nele pensamos desembaraçadamente, de maneira sadia, sem estarmos ancorados em preconceito algum, encontraremos a significação do problema: e encontraremos também a felicidade criadora, na busca. Certo, senhores, esta busca é devoção – não a uma imagem, não a uma idéia, mas uma devoção que está na própria pesquisa do problema e do seu significado. Encontra-se alegria, encontra-se um êxtase criador, no descobrir o que é verdadeiro; mas se só escutamos palavras, elas têm muito pouca significação. A palavra não é a coisa; para acharmos a coisa, precisamos transcender a palavra.

A presente crise, de certo, é excepcional, não achais? Não porque eu o digo: posso dizer muitas coisas, mas não será verdadeiro o que eu disser se vós apenas repetirdes. Propaganda é mentira, repetição é mentira. É evidente que a crise que assola o mundo na atualidade é excepcional, sem precedentes. Tem havido crises de várias naturezas, em diferentes períodos da história – crises sociais, nacionais, políticas. As crises chegam e vão-se; há recuos econômicos, depressões, que surgem, se modificam, e continuam sob uma forma diferente. Conhecemos esses fatos; esse processo nos é familiar. Mas, sem dúvida, a crise atual é diferente, não achais? É diferente, em primeiro lugar, porque agora não se trata de interesses monetários, não se trata de coisas tangíveis, mas de idéias. A crise é excepcional porque está situada no campo ideológico. Estamos disputando com idéias, estamos justificando o homicídio; neste país, como em todas as partes do mundo, estamos justificando o homicídio como meio de se alcançar um fim justo, o que, por si só, é uma coisa inaudita. Antigamente, reconhecia-se o mal como o mal, o assassínio como assassínio; mas hoje o assassínio é um meio de se alcançar um resultado nobre. O assassínio, seja de uma só

pessoa ou de um grupo de pessoas, é justificado, porque o assassino, ou o grupo que o assassino representa, o justifica como um meio de se alcançar um resultado que será benéfico para o homem. Isto é, sacrificamos o presente ao futuro – não importam os meios empregados, uma vez que o nosso propósito expresso é o de produzir um resultado, o qual; dizemos, será benéfico para o homem. O que se subentende, por conseguinte, é que um meio errôneo produzirá um fim correto, e vós justificais o meio errôneo com idéias. Nas várias crises anteriores, o que predominou, foi sempre a exploração das coisas ou do homem; mas hoje o que predomina é a exploração das idéias, o que é muito pernicioso, muito mais perigoso, porque a exploração de idéias é devastadora e destrutiva no mais alto grau. Já aprendemos o poder da propaganda, e esta é uma das maiores calamidades que podem acontecer: empregar as idéias como meio de transformar o homem. Certamente, é isso o que está acontecendo no mundo, hoje em dia. O homem não tem importância alguma; os sistemas, as idéias se tornaram importantes. O homem já não tem nenhuma significação. Podemos destruir milhões de homens, desde que com isso se alcance um resultado, e o resultado é justificado pelas idéias. Temos uma magnífica estrutura de idéias para justificar o mal; e isso, sem dúvida, é uma coisa inaudita. O mal é o mal; nunca pode produzir o bem. A guerra não é um meio de se alcançar a paz. A guerra poderá trazer certos benefícios secundários, como aeroplanos mais eficientes, mas não trará a paz para o homem. A guerra é justificada intelectualmente como um meio de implantar a paz; e quando o intelecto tem a hegemonia na vida humana, produz uma crise sem precedentes.

Há outras causas, ainda, indicativas de uma crise sem precedentes. Uma delas é a extraordinária importância que o homem está atribuindo aos valores sensoriais, à propriedade, ao nome, à casta, à nação, ao rótulo particular de cada um. Sois ou maometano, ou hinduísta, ou cristão, ou comunista. Nome e propriedade, casta e nação, se tornaram predominantemente importantes, o que significa que o homem está prisioneiro do valor sensorial, o valor das coisas, quer feitas pela mente ou pela mão. Tão importantes se tornaram as coisas feitas pela mão ou pela mente, que estamos matando, destruindo, massacrando, liquidando-nos uns aos outros por causa delas. Estamo-nos aproximando da beira de um abismo; todas as nossas ações nos estão levando para lá, todas as iniciativas políticas, todas as iniciativas econômicas nos estão conduzindo,

fatalmente, para o precipício, nos estão arrastando para esse abismo caótico, confuso. A crise, portanto, não tem precedentes, e requer ação sem precedentes. Para sairmos desta crise requer-se ação fora do tempo, ação não baseada numa idéia, num sistema; porque, qualquer ação baseada num sistema, muna idéia, inevitavelmente nos levará à frustração. Tal ação nos traz de volta ao abismo, por outro caminho. Assim, pois, visto que a crise não tem precedentes, é necessária uma ação também sem precedentes, o que significa que a regeneração do indivíduo deve ser imediata, não um processo de tempo. Deve realizar-se hoje, e não amanhã; porque o adiar é um processo de desintegração. Se penso em transformar-me amanhã, estou favorecendo a confusão e permanecendo no campo da destruição. E é possível transformar-nos agora? Eu digo que é possível. Se desejais isso, se desejais uma transformação imediata, agora, segui com atenção o que vos digo; por que a compreensão está sempre no presente, e não no futuro. Já falei um pouco sobre o assunto, e continuaremos a tratar dele nos muitos domingos vindouros.

O que cumpre acentuar é que, como a crise é de caráter excepcional, faz-se mister para enfrentá-la, uma revolução no pensar; e esta revolução não pode realizar-se com a ajuda de outra pessoa, com os preceitos de um livro ou através de uma organização. Ela deve nascer em nós mesmos e operar-se pela ação de cada um de nós. Só então criaremos uma sociedade nova, uma nova estrutura afastada de todo este horror, afastada de todas estas forças extraordinariamente destruidoras que se estão acumulando, empilhando; e essa transformação só será realizável quando vós, como indivíduo, começardes a ficar cônscio de vós mesmo, em cada pensamento, cada ação, cada sentimento.

PERGUNTA: Não há gurus perfeitos que nada oferecem aos que buscam sofregamente a segurança eterna, mas que, visível ou invisivelmente, guiam um coração cheio de amor?

KRISHNAMURTI: Ora, esta pergunta sobre se alguém necessita de um *guru*, é repetida constantemente, sob formas diferentes, Senhores, a vasta maioria de vós tendes *gurus;* esta é uma das coisas mais extraordinárias neste país. Assim, por esta noite pelo menos, ponde-os de

lado, e investiguemos o problema. O interrogante pergunta: “Um coração amante necessita de um guia?” – Estais compreendendo? Por certo, um coração amante não tem necessidade de guia algum; porque o verdadeiro amor é o real, é o eterno; O coração amante é generoso, bondoso, sem reservas, nada retendo, e esse coração conhece o real; conhece aquilo que não tem princípio nem fim. Mas a maioria de nós não tem um coração assim. Nossos corações estão secos, vazios, e fazem muito alarido. Nossos corações estão cheios das coisas da mente. E porque estão vazios os nossos corações, dirigimo-nos a outra pessoa para os encher. Procuramos outra pessoa, em busca daquela eterna segurança que chamamos Deus; procuramos outra pessoa, para achar aquela permanente satisfação que chamamos realidade. Porque nossos corações estão vazios, procuramos um *guru*, para os encher. Pode alguém, visível ou invisível, encher o vosso coração? Vossos *gurus* vos prescrevem disciplinas, exercícios; não vos dizem *como* pensar, mas o *que* pensar. E que acontece? Vós vos exercitais, vós meditais, vós vos disciplinais, vós vos conformais, e entretanto vosso coração continua insensível, vazio sem amor; disciplinais a vós mesmo e tiranizais a vossa família. Pensais que pela meditação, pela disciplina, conhecereis o amor? Senhor, sem o amor não se pode achar a realidade. Se não temos ternura, brandura, consideração para com os outros, como podemos conhecer o real? E pode alguém ensinar-nos a amar? Ora, o amor não é um técnica. Por meio da técnica não chegareis a conhecê-lo, não é verdade? Chegareis a conhecer qualquer coisa, menos o amor. Assim, pois, jamais conhecereis a realidade pela disciplina, pelo exercício, pelo conformismo: porque o conformismo a disciplina, o exercício, são repetição, que embrutece a mente e congela o coração; entretanto, é isso o que desejais, Quereis embrutecer a vossa mente porque ela está agitada, dispersiva, ativa, em luta incessante; e como não compreendeis esse mente agitada, quereis sufocá-la, disciplinála de acordo com o vosso padrão, forçá-la de acordo com um conjunto ele regras e preceitos, e por essa maneira estrangulais a mente, a tornais embrutecida em extremo. É isso que está acontecendo não é verdade? Considerai a vossa mente: como está ela embrutecida, insensibilizada, porque tendes seguido os *gurus* por tanto tempo! Tornou-se hábito, tornou-se rotina andar de um *guru* para outro. Cada *guru* vos manda fazer alguma coisa, e vós a fazeis até descobrir que ela é insatisfatória, passando então para outro *guru*, esgotando a vossa mente com esta constante aplicação; porque o que se usa constantemente,

se gasta. O que na realidade buscais de um *guru* não é a compreensão, mas a satisfação, a segurança permanente, que chamais o eterno, Deus, o real, verdade ou como quiserdes. E uma vez que procurais satisfação, encontrais afinal um *guru*, que vos satisfaz; mas o que ganhais não é a compreensão, não é a felicidade, não é o amor. Pelo contrário, destruís o amor. O amor é algo novo, eterno, de momento em momento. Nunca é o mesmo, nunca é como foi antes; e sem o seu perfume, sem a sua beleza, sem sua bondade, procurar com a ajuda de um *guru*, aquilo que podeis achar por vós mesmo, é de todo inútil. Nosso problema, portanto, não é se um *guru*, visível ou invisível nos ajudará, mas, sim, como fazer nascer aquele "estado de ser" no qual conhecemos o amor. Porque o amor é virtude, e a virtude não é um exercício, mas dá-nos a liberdade. E é só quando há liberdade que o eterno pode vir à existência. Nossa questão, portanto, é a seguinte: Como pode uma mente embrutecida, um coração vazio, chegar a amar, a ser sensível, a conhecer a beleza, a riqueza do amor? Em primeiro lugar, precisais ficar cônscio de que a vossa mente está embrutecida, de que o vosso processo de pensamento não tem significação alguma. Precisais estar cônscio de que vosso coração está vazio, sem procurardes escusas para isso, sem o justificar nem o condenar. Ficai somente cônscios, experimentando, senhores. Ficai cônscios, e vede se vossa mente não está embrutecida, se vosso coração não está vazio; embora sejais casado, embora tenhais filhos e bens, não está vazio o vosso coração? Vós não estais vazios? Vossa mente está embrutecida, embora conheçais todos os livros religiosos; ainda que vossa mente seja uma enciclopédia, repleta de conhecimentos, ela está embrutecida, cansada, exausta. Ficai cônscios, apenas, ficai passivamente atentos, sem condenar, sem justificar. Permanecei abertos, para descobrirdes como vossa mente está embrutecida, está cansada, como o vosso coração está vazio, solitário, cheio de penas. Não vos estou hipnotizando; ficai cônscios de tudo isso, apenas, e vereis, se ficardes passivamente atentos, como se opera uma transformação, uma reação velocíssima; e nessa reação conhecereis o que é amar. Nessa reação há tranqüilidade, há quietude; e nessa quietude encontrareis o indescritível, o inefável.

15 de fevereiro de 1948.

Sexta Conferência

Tentarei hoje esclarecer o extraordinariamente complexo problema da nossa existência, de maneira muito simples e direta – se tal coisa é possível. Estais plenamente cônscios, penso eu, de que nossa existência é muito complexa e excepcionalmente vasta e sutil; e como todos os problemas complexos, acho que a devemos considerar com muita simplicidade. Embora eu empregue palavras comuns, dando-lhes um significado difícil, ou me expresse de maneira pouco acessível, vereis, se tiverdes o cuidado de pensar no assunto, que a maneira de tratar o problema é muito simples, tal como se procede com os grandes problemas científicos. O problema é complexo, mas tem de ser considerado com muita simplicidade; e é isso o que espero façamos esta noite. Nossa existência é complexa, e procuramos resolver um determinado problema isoladamente de outros problemas. Isto é, os problemas da existência não se acham num único nível, mas em níveis diferentes, e esses problemas situados em níveis diferentes estão relacionados entre si. O problema fisiológico está relacionado com o problema psicológico e espiritual, mas nós queremos resolver o problema da alimentação, vestuário e moradia no seu nível próprio, separadamente do nível psicológico. Tentamos resolver o problema econômico como se ele não tivesse relação alguma com, o problema psicológico, e esse esforço para resolver cada um dos problemas humanos no seu nível próprio conduz a resultados catastróficos. Isto é, se tentamos resolver o problema econômico no seu nível próprio, sem o pormos em relação com o problema psicológico, leva-nos isso à confusão e a novas catástrofes. Assim, pensar em compartimentos isolados não pode de modo algum resolver o problema da existência. Quando os economistas, os socialistas, os comunistas, os psicólogos, tentam resolver os nossos

difíceis problemas, cada qual no seu nível próprio, o que significa pensar em termos de compartimentos estanques, não há possibilidade de sairmos da confusão. Devemos pensar em nossa existência como um todo, como um processo total, e não como constituída de muitos processos isolados, situados em níveis diferentes. Os diferentes níveis estão relacionados entre si, e, por conseguinte devem ser considerados como um processo total, e não cada um deles como um processo separado, independente. Nossa vida, nossa existência diária é uma série de contradições. Falamos de paz e queremos viver em paz, mas ao mesmo tempo nos preparamos para a guerra; falamos de liberdade, mas ao mesmo tempo prossegue a arregimentação, sem cessar. Reina a pobreza e a riqueza, o mal e o bem, a violência e a não-violência. Toda a nossa vida é uma série de contradições. Desejamos ser felizes, e tudo fazemos para criar infelicidade; desejamos a paz no mundo e, entretanto tudo o que pensamos, sentimos e fazemos gera a guerra. Vivemos, assim, numa série de contradições, fato este que acho bastante evidente, pois nos é muito familiar.

Ora, escolher uma das contradições é evitar a ação direta, porque a escolha, em todos os tempos, é um processo de evitar a ação. Isto é, se escolho uma das contradições, a paz, e não compreendo o seu oposto, o conflito, tal escolha conduz à inação. Não é a escolha, mas o pensar correto que produz à integração. Onde há pensar correto, são impossíveis as contradições; quando soubermos pensar de maneira correta, cessará a contradição. Cumpre-nos, pois, descobrir o que é pensar correto, sem nos cingirmos à escolha entre o bem e o mal, entre a guerra e a paz, entre a riqueza e a pobreza, entre a liberdade é a arregimentação. Quando começa o pensar correto, desaparece a contradição. A contradição é a natureza mesma do "eu", a sede do desejo. Assim, compreender o desejo é o começo do autoconhecimento sem autoconhecimento não há pensar correto, Se não conheço a mim mesmo, se não conheço o processo total de mim mesmo, não apenas no nível econômico da existência de cada dia; mas nos diferentes níveis psicológicos, vivo então em estado de contradição; e a escolha de um dos opostos não produz a integração. Vemos a contradição ao redor de nós e em nossas vidas, uma constante batalha de escolha entre o correto e o errado, e escolhemos um dos opostos; entretanto, isso não produz a paz, a integração. Escolher significa, portanto, evitar a ação, e só o pensar correto pode realizar a integração.

Nosso problema, pois, é como pensar corretamente. Ora, o pensar correto e o pensamento correto são dois estados diferentes, não é verdade? O pensar correto tem de ser descoberto, enquanto o pensamento correto é mera conformidade a um padrão. O pensar correto é um processo, enquanto o pensamento correto é estático. Pensar correto é movimento constante, descobrimento constante; isto é, só pelo percebimento constante, na ação, que é relação, pode haver pensar correto. Mas o pensamento correto é sempre estático; podeis colher o pensamento correto. Podeis arregimentar a vossa mente, forçá-la, disciplíná-la para pensar pelas normas corretas, mas isso não é pensar correto. O pensar correto só pode vir à existência por meio do autoconhecimento, e o autoconhecimento nunca é estático. Estou empregando a palavra autoconhecimento no seu significado integral – conhecimento do "eu" tanto superior como inferior. Para mim o "eu", o desejo, tanto é o superior como o inferior. Dividimos o "eu" por conveniência, como meio de fuga; mas, na realidade, para compreender o "eu", precisa um indivíduo compreender todo o processo de pensar, que é a consciência.

Só o pensar correto pode conduzir à integração e, por conseguinte trazer a libertação do conflito dos opostos, a libertação da autocontradição; e para se compreender a autocontradição, a batalha que se trava dentro de cada um de nós e que se expressa exteriormente, no mundo, é necessário percebimento do processo do nosso próprio pensar, percebimento de cada pensamento e cada sentimento; não a simples aceitação dos pensamentos agradáveis e a rejeição dos desagradáveis, mas percebimento de todos os pensamentos e todos os sentimentos. E, para compreendermos, não deve haver condenação; porque, no momento em que condenamos uma coisa, deixamos de compreendê-la. Assim, o autoconhecimento é o começo da sabedoria, da qual emana o pensar correto; e sem o pensar correto não pode haver ação correta, e, por conseguinte não é possível a criação de uma nova estrutura social.

Nosso problema, portanto, é que, vivendo num estado de contradição, somos prisioneiros de uma sociedade contraditória, que é o resultado de nossa própria projeção. Não é verdade isso? Quero e não quero; quero viver em paz e vejo ao mesmo tempo que sou anti-social. Vivemos em estado de constante contradição, e por isso há desintegração; e qualquer ação que resulte desse estado de contradição há de conduzir sem

dúvida a mais conflito e desintegração. Para se realizar a integração, torna-se necessário o pensar correto; o pensar correto só é possível com o autoconhecimento; e o autoconhecimento é um processo de constante descoberta do pleno significado de cada pensamento e de cada sentimento. Isto é, necessita-se constante percebimento, sem condenação nem justificação, de cada pensamento, de cada movimento, de cada sentimento – percebimento não apenas da consciência superficial, mas também dos motivos, das intimações, da significação de todos os pensamentos, interesses e desejos ocultos. À medida que progredis na atenção, vereis que surge uma compreensão cada vez mais profunda. Dessa compreensão procede o pensar correto, e só o pensar correto pode trazer a solução correta aos numerosos problemas que nos defrontam, a todos nós.

PERGUNTA: O anseio expresso na oração não é um caminho para Deus?

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, vamos examinar os problemas contidos nesta pergunta. Ela encerra a prece, a concentração e a meditação. Ora, que entendemos por prece? Em primeiro lugar, na prece há petição, súplica ao que chamais Deus, realidade. Vós, como indivíduo, estais pedindo, rogando, suplicando, buscando orientação de alguém que chamais Deus; por conseguinte a vossa aproximação é a busca de uma recompensa, busca de uma satisfação. Estais em atribulação, individual ou nacional, e desejais orientação; ou estais confusos e suplicais clareza, procurais socorro da parte daquele a que chamais Deus. Subentende-se com isso que Deus, o que quer que seja Deus – não trataremos disso agora – vai esclarecer a confusão que vós e eu criamos. Porque, afinal de contas, fomos nós que fizemos nascer à confusão, a miséria, o caos a aterradora tirania, a falta de amor; e desejamos que aquele que chamamos Deus venha dissipar a confusão. Em outras palavras, queremos que nessa confusão, nossa miséria, nosso sofrimento, nosso conflito, sejam esclarecidos por outro, pedimos a outro que nos traga luz e felicidade.

Ora, quando orais, quando pedis, quando suplicais algo, esse algo geralmente se realiza. Quando pedis recebeis; Mas o que recebeis não irá criar a ordem porque o que recebeis não vos traz o esclarecimento, a compreensão. Apenas satisfaz, lisonjeia, mas não produz compreensão; porque quando pedis, recebeis aquilo mesmo que vós projetais. Como pode

a realidade, Deus, atender vosso pedido particular? Pode o imensurável, o inefável, estar interessado nas pequeninas preocupações, misérias, confusões, criadas por nós mesmos? Quem é, então, que nos atende? Evidentemente, o imensurável não pode atender ao que tem medida, ao mesquinho, ao pequeno. Mas, que é que nos atende? No momento em que oramos, estamos silenciosos, em estado de receptividade; e, então, o nosso próprio subconsciente traz-nos uma claridade momentânea. Isto é, desejais alguma coisa, ansiais por ela, e nesse momento de anseio, de devoto suplicar, estais relativamente receptivo; vossa mente consciente, ativa, está relativamente tranqüila, e por isso o subconsciente se projeta nela e recebeis uma resposta. Mas, por certo, essa reposta não provém da realidade, do imensurável; é vosso próprio inconsciente que responde. Assim, não nos confundamos ao pensar que quando nossa prece é atendida estamos em relação com a realidade. A realidade tem de vir a nós, não podemos ir a ela.

Há, ainda, neste problema da prece um outro fator: a resposta daquilo a que chamamos a voz interior. Como já disse, quando a mente está suplicando, rogando, esta relativamente tranqüila: e quando ouvis a voz interior, é a vossa própria voz que se projeta naquela mente relativamente tranqüila. Ora, como pode essa voz ser a voz da realidade? Como pode uma mente confusa, ignorante, cheia de ânsias, de exigências, de súplicas, compreender a realidade? A mente só pode receber a realidade quando está em absoluta tranqüilidade, nada exigindo, nada anelando, nada ansiando, nada pedindo, quer para si mesma, quer para a nação ou para outra pessoa. Quando a mente de todo tranqüila, quando cessa o desejo, só então desponta a realidade. Mas uma pessoa que está reclamando, pedindo, suplicando, ansiando, por uma orientação, essa pessoa encontrará o que procura, mas não será a verdade. O que receber será resposta das camadas inconscientes de sua própria mente, a se projetarem no consciente, e aquela voz tranqüila, aquela voz sutil que o guia, não e o real, mas tão somente a resposta do inconsciente.

Neste problema da prece, está igualmente contida a questão da concentração. Para a maioria das pessoas, a concentração é um processo de exclusão. A concentração se consegue por meio de esforço, compulsão, direção, imitação, e por isso a concentração é um processo de exclusão. Estou interessado nisso que chamam meditação, mas meus pensamentos se

distraem. Fixo, então, a minha mente num quadro, numa imagem, numa idéia, excluindo todos os outros pensamentos; e esse processo de concentração, que é exclusão, é considerado como um meio de meditar. É isso o que fazeis não é verdade? Quando vos acomodais para meditar fixais a mente numas palavras, numa imagem, num quadro; mas a mente quer devanear. Há a constante interrupção de outras idéias, outros pensamentos, outras emoções, que tentais expulsar, e despendeis o vosso tempo batalhando com os vossos pensamentos. Esse processo chamais meditação. Isto é, tentais concentrar-vos numa coisa pela qual não tendes interesse e vossos pensamentos continuam a multiplicar-se, a aumentar, a interromper. Despendeis, assim a vossa energia no esforço de excluir, de desviar de expulsar; e se conseguis concentrar-vos no pensamento escolhido, num dado objeto, pensais que afinal conseguistes meditar. Mas isso não é meditação, achais que é? Meditação não é um processo de exclusão – exclusão, no sentido de desviar, de levantar resistência contra as idéias invasoras. A prece, portanto, não é meditação, e a concentração que consiste em excluir não é meditação.

Que é então meditação? Concentração não é meditação, porque, se temos interesse, é relativamente fácil concentrar-nos numa coisa qualquer. Um general está planejando a guerra, a carnificina, fica intensamente concentrado; um negociante empenhado em ganhar dinheiro é muito concentrado – pode mesmo ser implacável, pondo de parte todos os outros sentimentos e concentrando-se em cheio naquilo que deseja. Um homem que está interessado numa coisa fica, como é natural, espontaneamente concentrado. Mas sem dúvida, esta espécie de concentração não é meditação, é mera exclusão.

Que é, pois, meditação? Evidentemente não é o fixar da mente num objeto, numa palavra, numa idéia, ou numa frase, numa imagem ou numa esperança especulativa. Isso, por certo, é mera concentração numa coisa que desejais. Assim como um homem de negócios se concentra no ganhar dinheiro, assim também vós vos concentrais no que desejais, e excluis, repelis, combateis as ondas invasoras de pensamento. Isso, de certo, não é meditação.

Mas que é meditação? Certamente, meditação é compreensão; a meditação do coração é compreensão. Como pode haver compreensão, se há exclusão. Como pode haver compreensão quando há rôgo, súplica? Na

compreensão há a paz, a liberdade; quando compreendemos uma coisa, dela nos libertamos. Todavia, o mero concentrar-se, ou orar, não traz a compreensão. A compreensão, portanto, constitui a base, o processo fundamental da meditação. Não precisais aceitar isso porque eu estou dizendo, mas se examinardes com todo o cuidado, com toda a profundeza, a prece e a concentração, verificareis que nem uma nem a outra conduzem a compreensão. Conduzem, isso sim, à obstinação, a uma fixação, à ilusão. Ao passo que a meditação, em que há compreensão, traz a liberdade, a clareza e a integração.

Que entendemos por compreensão? Compreender significa dar o significado correto, o valor correto a todas as coisas. Ser ignorante é atribuir falsos valores; a própria natureza da estupidez é a falta de compreensão dos valores corretos. Assim, pois, a compreensão vem à existência, quando há valores corretos, quando foram assentados os valores corretos. E como pode uma pessoa assentar, determinar os valores corretos? – o valor correto da propriedade, o valor correto das relações, o valor correto das idéias? Para definir o valor correto, precisais compreender o pensante, não é verdade? Se não compreendo o pensante, que sou eu mesmo, o que escolho não tem significação alguma; isto é, se não conheço a mim mesmo, minha ação, meu pensamento não têm base de espécie alguma. Está claro, pois, que o autoconhecimento é o começo da meditação; não o conhecimento que colheis nos meus livros, que colheis das autoridades, dos *gurus*, mas o conhecimento que nasce da auto-investigação, que é o percebimento de si mesmo. A meditação é o começo do autoconhecimento, e sem auto conhecimento não há meditação. Porque, se não compreendo as tendências dos meus pensamentos, dos meus sentimentos, se não compreendo os meus motivos, meus desejos, meus reclamos, minha busca de padrões de ação, que são idéias, não me conheço a mim mesmo e não tenho base para pensar; e o pensante, que apenas pede, reza, ou exclui, sem compreender a si mesmo, acabará sem dúvida, na confusão, na ilusão.

Assim, o começo da meditação é o autoconhecimento, que significa estar cônscio de todos os movimentos do pensamento e do sentimento, conhecer todas as camadas da consciência – não apenas as camadas superficiais, mas também as atividades ocultas e profundas. Mas, para se conhecerem as atividades profundas, os ocultos motivos, reações,

pensamentos e sentimentos, necessita-se tranqüilidade na mente consciente. Isto é, a mente consciente precisa estar quieta, afim de receber a projeção do inconsciente. A mente superficial, consciente, está ocupada com as suas atividades diárias, com o ganho da subsistência, com o enganar a outros, com o explorar a outros, com o fugir de problemas – todas as atividades diárias de nossa existência. Essa mente superficial precisa compreender o correto significado de suas próprias atividades e trazer assim a tranqüilidade a si própria. Ela não pode produzir a tranqüilidade, a quietude, por mera arregimentacão, pela compulsão, pela disciplina. Só pode produzir tranqüilidade, paz, quietude, pela compreensão das suas próprias atividades, pela observação das mesmas, pelo percebimento das mesmas, pelo reconhecimento de sua própria crueldade, da maneia como se fala a um servo, à esposa, à filha, à mãe, etc. Quando a mente consciente superficial está plenamente cônscia de todas as suas atividades, torna-se ela, graças a essa compreensão, espontaneamente tranqüila – não está narcotizada pela compulsão ou arregimentada pelo desejo. Está ela, então, apta a receber as mensagens, as sugestões do inconsciente, das múltiplas camadas ocultas da mente – os instintos raciais, as memórias sepultadas, os desejos ocultos, as profundas feridas ainda não curadas. Só depois de projetadas e compreendias todas essas coisas, e libertada a consciência, na sua totalidade, da sua carga, não mais acorrentada a nenhuma palavra, a nenhuma lembrança, está ela em condições de receber o eterno.

A meditação, pois, é autoconhecimento, e sem autoconhecimento não há meditação. Se não estais cônscios de todas as vossas reações, a todas as horas, plenamente cônscios delas, se não tendes perfeito conhecimento de vossas atividades diárias, o mero ato de trancar-vos num quarto e vos sentardes à frente de um retrato do vosso *guru*, do vosso Mestre, para praticar *puja*, para meditar, é uma fuga. Porque, sem autoconhecimento não há pensar correto, e sem pensar correto o que fazeis não tem significação alguma, por mais nobres que sejam as vossas intenções. A prece, pois, não tem significação alguma sem o autoconhecimento; mas, quando há autoconhecimento, há pensar correto e, logo, ação correta. Quando há ação correta, não há confusão, e por conseguinte não há súplica a um outro para tirar-vos dela. Um homem que está plenamente vigilante está meditando; ele não reza, porque não deseja coisa alguma. Por meio da prece, da arregimentação, da súplica, do *japam*, etc., pode-se produzir uma certa tranqüilidade, a qual, entretanto, não passa

de mera insensibilidade, pois reduz a mente a um estado de cansaço, narcotiza-a. E a exclusão, que chamais concentração, não conduz à realidade; nenhuma espécie de exclusão produz esse resultado. O que traz a compreensão é o autoconhecimento, e não é muito difícil estar-se vigilante, quando há uma intenção correta. Quando estamos verdadeiramente interessados em descobrir todo o processo de nós mesmos – não apenas a parte superficial, mas o processo total de todo o nosso ser – isso se torna relativamente fácil. Se desejais realmente conhecer-vos a vós mesmos, investigai o vosso coração e a vossa mente, para conhecerdes todo o seu conteúdo; e se tendes a intenção de conhecê-lo, conhecê-lo-eis. Podeis então seguir, sem condenação sem justificação, cada movimento do pensamento e do sentimento: e, seguindo cada pensamento e cada sentimento, logo que surge, produzis uma tranqüilidade não resultante de compulsão nem de arregimentação, mas, sim, de não terdes problema algum, contradição alguma. Torna-se a mente tranqüila, plácida, como uma lagoa numa tarde sem vento; e quando a mente está tranqüila, então aquilo que é imensurável vem à existência.

PERGUNTA: Porque vossos ensinamentos são puramente psicológicos? Não contém cosmologia, nem teologia, nem ética, nem estética, nem sociologia, nem ciência política, nem mesmo higiene. Porque vos concentrais exclusivamente na mente e seu funcionamento?

KRISHNAMURTI: Por uma razão muito simples, meu Senhor. Se o pensante pode compreender a si mesmo, o problema inteiro está resolvido. Ele é então criação, ele é então realidade; e, então, o que faz não será anti-social. A virtude não é um fim em si mesma; a virtude traz a liberdade, e só pode haver liberdade, quando o pensante, que é a mente, deixa de existir. É por essa razão que uma pessoa precisa compreender o processo da mente, o "eu" o feixe de desejos que cria o "eu": minha propriedade, minha esposa, minhas idéias, meu Deus. Por certo, é porque o pensante está tão confuso que as suas ações são confusas; é porque o pensante está confuso que busca a realidade, a ordem, a paz. Porque o pensante está confuso, porque é ignorante, deseja conhecimento; e porque o pensante está em contradição, em conflito, cultiva a ética, para controlá-lo, guiá-lo, ampará-lo. Assim, se posso compreender a mim mesmo, que

sou o pensante, está perfeitamente resolvido o problema, não é verdade? Não serei então anti-social, não serei rico e não explorarei os pobres, não desejarei coisas e mais coisas, produzindo conflito entre os que têm e os que não têm. Não terei então casta, nem nacionalidade, não haverá separação entre um homem e outro homem. Amaremo-nos então uns aos outros, seremos bondosos. Assim, o que importa não é a cosmologia, nem a teologia, nem a higiene – embora a higiene seja necessária, e a cosmologia e a teologia inúteis; o que importa é que me compreenda a mim mesmo, o pensante.

Ora, é o pensante diferente do seu pensamento? Se cessa o pensamento, onde fica o pensante? Pode a qualidade ser retirada do pensante? Se fossem retiradas as qualidades do pensante, do “eu”, continuaria ele a existir? Assim os pensamentos são o pensante, não estão separados. O pensante separou-se dos seus pensamentos para proteger-se; porque pode então modificar os pensamentos, de acordo com as circunstâncias, e ao mesmo tempo permanecer destacado como “pensante”. No momento em que o pensante começa a modificar-se, deixa de existir. Por isso, um dos estratagemas da mente é o de separar o pensante dos pensamentos, e ocupar-se então com os pensamentos, com a maneira de modificá-los, mudá-los. Transformá-los - sendo tudo isso um lôgro, uma ilusão. Porque não há pensante se não há pensamento, e a simples modificação dos pensamentos não elimina o pensante. Essa é uma das maneiras hábeis que o pensante tem de se proteger a si próprio, de dar permanência a si próprio; ao passo que os pensamentos são impermanentes. É assim que o “eu” se perpetua; mas o “eu” não é permanente, seja o “eu” " superior, seja o “eu” inferior: tanto um como outro estão nos domínios da memória nos domínios do tempo.

A razão, por que dou tanta importância e tanta urgência à psicologia da mente, é que a mente é a causa de toda ação; e se, sem a compreendermos, ficarmos apenas a reformar, a remendar, a cercear as ações superficiais, fazemos com isso obra de muito pouca valia. É o que vimos fazendo há gerações, produzindo confusão, loucura e miséria pelo mundo. Precisamos, por isso descer à própria raiz do problema da existência da consciência, que é o ”eu”, o pensante. E sem se compreender o pensante e suas atividades, meras reformas superficiais: da sociedade nenhuma significação têm – pelo menos não a têm para o homem verdadeiramente

sincero e interessado. Eis porque cumpre que cada um de nós procure saber aquilo a que dá mais importância: se ao superficial, exterior. se ao fundamental. Porque, senhores, com o mundo empolgado como está da sanha de massacrar, de destruir, de jogar os homens uns contra os outros, sem dúvida chegou a hora de aqueles que são de fato sinceros, determinados, atacarem o problema radical e profundamente, em vez de cuidarem de reformas e aparos superficiais. Tal a razão por que precisais descobrir por vós mesmos aquilo a que deveis dar mais importância, sem depender, para isso, de outra pessoa. Se derdes importância, unicamente, à psicologia do pensante, porque eu o faço, sereis nesse caso imitadores e podeis ser persuadidos a imitar outro qualquer, quando o imitar-me não mais vos convier. Precisais, pois, pensar neste problema, com todo o empenho, muito profundamente, e não ficar esperando que outro venha dizer-vos a que deveis dar mais importância. Tudo isso: sem duvida, é muito evidente e muito claro. A religião organizada, o partido e a política das potências, o socialismo, o capitalismo, o comunismo, todos falharam, porque não cuidam da natureza fundamental do homem. Só lhes interessa cercear as influências ambientes; e que valor tem isso quando o homem, interiormente, está enfermo, doente e confuso? Um bom médico, por certo, não se interessa apenas pelos sintomas. Os sintomas são unicamente sinais. Ele vai à causa, erradicando-a. Assim, o homem que tem empenho tem de ir à causa, e não jogar com palavras, superficialmente; e a causa fundamental desta miséria que reina no mundo é a falta de compreensão do processo de nós mesmos. Não queremos implantar a ordem dentro em nós, cuidando apenas da ordem externa. Haverá ordem externa quando houver ordem interna, porque o interior sempre prevalece sobre o exterior. Assim sendo, é evidente que se deve realçar a importância do processo psicológico, com tudo o que ele implica. Quando uma pessoa se compreende a si mesma, encontra a felicidade e a paz, e um homem feliz não vive em conflito com seu próximo. Só o homem infeliz, o homem ignorante, vive em conflito; suas ações são anti-sociais, e em toda parte aonde vai causa sofrimento e mais conflito. Mas um homem que se compreende a si mesmo, vive em paz, e por conseguinte as suas ações são pacificas.

PERGUNTA: Dissestes que todo o progresso reside apenas na caridade, e que o que chamamos progresso é meramente processo de desintegração. Que é que

vai desintegrar-se? O caos nos acompanha sempre, e que no caos não há nem progresso nem regresso.

KRISHNAMURTI: Eu disse que há progresso técnico, mas que a outros respeitos não há progresso algum – o que vemos, obviamente, no mundo que nos circunda. Há progresso, constante progresso na técnica, da simples roda a essa coisa extraordinária que e o aeroplano, o avião a jato; mas há progresso de nossas mentes, de nossos corações? Vós amais? Positivamente, senhor, a ação que integra, a ação que é completa, só pode realizar-se onde existe o amor, onde existe a caridade; e sem a caridade, sem amor, todo progresso técnico conduz à destruição, à desintegração. É o que está acontecendo no mundo, na época atual. Estamos progredindo para o caos, porque não estamos progredindo na caridade – o que suscita um problema vastíssimo, o qual acho que não teremos tempo de examinar a fundo nesta noite. É este: Existe coisa tal como progresso, evolução? Eu sei que há o progresso técnico, a evolução de máquinas mais perfeitas, etc.; mas nos evoluímos – vós e eu? Que é que evolve, e para onde evolve? A ignorância não pode evoluir para a sabedoria, a avidez não pode evoluir para o que não é avidez. Avidez será sempre avidez, embora progrida, embora evolva. Através do tempo, nunca a ignorância se tornará sabedoria. A ignorância precisa cessar, para a sabedoria surgir; precisa cessar a avidez, para que nasça o que não é avidez. Assim, quando falais de evolução, de progresso, vós entendeis "vir a ser alguma coisa"; vos sois *isto* e vos tornareis *aquilo*, sois escriturário e vos tornareis gerente; sois padre e vos tornareis bispo; sois pobre, mas vos tornareis rico; sois mau, mas com o tempo vos tornareis bom. É esse vir a ser que chamais progresso, evolução; mas ele é apenas a continuidade, sob forma modificada, daquilo que *é*. "Vir a ser" significa continuidade do que é, sob forma modificada, e por esse motivo não pode haver uma modificação fundamental nisso a que chamais progresso. Trataremos deste assunto noutra ocasião, pois requer um exame muitíssimo cuidadoso.

No "vir a ser", na continuidade, poderá haver evolução, pode haver progresso? Só no terminar há renascimento, não na continuidade. Mas o progresso, naturalmente, só pode existir no domínio tecnológico, pois não se pode "progredir" na caridade – isto é, no sentido comparativo de uma pessoa se tornar mais, caridosa, mais amorosa. O amor não admite graus de comparação. Não sabeis disso? Quando amais alguém, vós

amais, vós vos dais completamente – o “vós” é inexistente. Enquanto perdura o “vós”, há o desejo de “vir a ser”, e no “vir a ser” não há renascimento. “Vir a ser” é apenas continuidade modificada, e o que continua declina; o que continua, conhece a morte; mas o que termina está livre da morte.

PERGUNTA: Sabemos que o *pensamento destrói* o *sentimento. Como sentir sem pensar?*

KRISHNAMURTI: De certo, sabemos que o racionalizar, o calcular, o negociar, destrói o sentimento, o amor, a afeição. Já notastes que quanto mais racionalizais, quanto mais negociais, quanto mais explorais, quanto mais usais a mente, tanto menos sentimento existe? Porque o sentimento é muito perigoso, o sentir é muito perigoso, não é verdade? Sentir muito intensamente poderia conduzir ao que chamais caos, confusão, desordem; por conseqüência, vós o controlais pela racionalização, e, racionalizando, deixais de ser generoso. Vosso sentimento é destruído, quando há o processo do pensamento, que é dar nome, dar designação. Tendes um sentimento de dor, de prazer, de cólera, e ao dar-lhe designação, ao dar-lhe nome, o que significa pensar a respeito dele, vós o modificais e com isso reduzis o sentimento. Não o sabeis? Quando sentis que sois generoso, quando desejais espontaneamente dar a vossa camisa a outro, vossa mente intervém e diz: “Que acontecerá”? Começais a racionalizar o vosso sentimento, e vos tornais então caridoso através de organizações, não diretamente – o que significa evitar a ação. Os sentimentos fortes são perigosos, o amor é muito perigoso; por conseguinte, começais a pensar no amor, o que amesquinha o amor, destruindo-o aos poucos.

Consideremos a outra questão: “É possível sentir sem pensar?” Que entendeis por “pensar”? Pensar, meramente, é reação da memória, seja de dor, seja de prazer. Isto é, não há ação de pensar, sem o resíduo da experiência; e o sentimento – quando emprego a palavra sentimento quero dizer “amor”, e não “desejo”, não “emocionalismo”, não essa putrefação que chamais sentimento – o sentimento, o amor, não pode ser trazido para os domínios do pensamento. Assim sendo, quanto mais reagis à memória – chamando-a “pensar” – tanto menos amor existe. O amor é ardente, nunca está quieto, existe de momento em momento, sempre criador, sempre alegre, sempre alegre; por isso ele é muito perigoso na sociedade, na vida ele relação. Por essa razão, o pensamento, que é reação da memória,

intervém e modifica o amor, controla-o, domestica-o, legaliza-o, coloca-o fora de perigo. E pode então viver com ele. Não o sabeis? Quando amais alguem, amais toda a humanidade – não amais uma só pessoa, amais o homem. E é perigoso amar o homem, não é verdade? Porque então não existe barreira, não existe nacionalidade, não existe a ânsia do dinheiro, de posição, de coisas – e um homem assim é perigoso para a sociedade, não achais? Mas todos vós desejais muitas coisas; desejais a fama e edificais em torno de vós um abrigo de idéias, de exclusões. Eis por que um homem que ama é perigoso para a sociedade, e por que a sociedade, que sois vós, começa a elaborar um processo de pensamento que não tarda a destruir o amor. Para que o amor exista, a memória com todos os seus complexos processos, tem de terminar. Isto é, a memória só surge quando a experiência não é compreendida plena e completamente. A memória é apenas o resíduo da experiência; a memória é o resultado de um desafio não compreendido integralmente. A vida é um processo de desafio e reação; sendo o desafio sempre novo e a reação sempre velha. Assim sendo, um indivíduo precisa compreender a reação antiga, a reação condicionada, o que significa que o pensamento deve libertar-se do passado, do tempo, de ontem; deve viver cada dia, cada minuto, da maneira mais completa, mais plena, e mais nova possível. E isso fazeis quando amais, quando vosso coração está repleto; não o podeis fazer com palavras, com coisas feitas pela mente, mas, tão só, amando. Então a memória; o pensamento, que é mera reação da memória, cessa; então, cada minuto é um minuto novo, cada movimento um renascimento, e amar a um só é amar ao todo.

22 de fevereiro de 1948

Sétima Conferência

Responderei apenas a perguntas, esta noite, e antes de o fazer desejo salientar uma ou duas coisas. Penso que existe uma arte de escutar. Em geral escutamos através de uma cortina de preconceitos. Ou estamos à espera de uma solução definitiva para os nossos problemas, ou não estamos cônscios dos inúmeros preconceitos que nos impedem de escutar de verdade o que se nos diz, ou não estamos bastante interessados ou concentrados para escutar. Escutar de verdade é escutar sem tensão, sem luta, sem esforço; é escutar como se escuta música, como se escuta algo que conhecemos e que nos dá deleite – não como se escuta um disco já muitas vezes ouvido, mas sim como se escuta algo novo, original. Sabeis o que quero dizer. Quando vos deleitais com alguma coisa, uma conversa, uma peça de música, uma obra literária, escutais e as palavras, a música, o som, o silêncio entre duas notas, insinuam-se penetram, sem fazerdes nenhum esforço para compreender. Assim, se me permitir sugeri-lo, será proveitoso se pudermos escutar sem esforço, sem aceitar nem rejeitar; se pudermos escutar sem erguer uma barreira de defesa ou procurar ansiosamente compreender o que se diz. É imprescindível uma certa tensão, como a da corda do violino, que, quando lhe damos a tensão correta, produz a nota correta. Do mesmo modo, se escutamos com a tensão correta, com correto percebimento, penso que compreenderemos muito mais profundamente e extensamente do que se escutamos apenas a expressão verbal. Outrossim, quando estamos de fato atentos, as palavras tem um significa diferente e penetram muito mais no fundo. São como a semente lançada em solo fértil. Assim, sendo, se me permitis sugeri-lo, tende a bondade de escutar as respostas, não tanto como o intuito de aprender a solução de cada questão, porém, antes, considerando que vamos

ocupar-nos profundamente com o problema, pensando juntos e em voz alta, para ver aonde ele nos conduz. Porque o responder às perguntas deve representar, tanto para vós como para mim, um redescobrimento, e não simples repetição de um velho disco já sabido e ressabido. Bem considerada, a música é propriamente o silêncio entre duas notas. Se fosse um som ininterrupto, não seria música. É o silêncio entre duas notas que dá realce e beleza às notas. Do mesmo modo, é o silêncio entre as palavras, entre os pensamentos, que dá significação, que dá sentido ao pensamento. Ao serem ouvidas as respostas a estas perguntas, o que tem importância não é que se aceite ou que se rejeite, mas, sim, que se compreenda o que for dito, sem a barreira dos preconceitos. Isso é dificílimo, porque a maioria de nós estamos tão cheios de preconceitos e vivemos tão inconscientes dos nossos preconceitos, que se torna sobremodo difícil penetrar a espessa couraça de nossos propósitos e tendências pessoais: mas se pudermos, ao menos por uma tarde, por de lado essa sólida armadura e escutar como se na realidade nos estivéssemos deleitando com algo, penso que, assim, as nossas reuniões terão uma significação bem clara e precisa.

PERGUNTA: Os nossos ideais são a única coisa que nos separa da loucura. Estais querendo romper um dique que protege do caos os nossos lares e os nossos campos. Porque sois tão temerário? As mentes imaturas e instáveis serão de todo transformadas pelas vossas arrebatadas generalizações?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta se prende ao que eu disse com relação aos ideais, ao exemplo, e aos opostos; teremos, pois, de recapitular o que eu disse a respeito de ideais. E, como acabo de sugerir, tende a bondade de escutar não como através de uma parede de resistência, porém, antes, com o desejo de compreender. Tendes certas tradições e idéias e pode acontecer que o que vou dizer esteja em contraste com tudo o que pensais; o que eu digo pode ser ou pode não ser a verdade. Nessas condições, cumpre que me ouçais com urna certa flexibilidade, uma certa liberdade, uma certa elasticidade; mas se simplesmente vos escondeis atrás das muralhas do vossos ideais, na vossa própria compreensão, nesse caso, por certo, nenhuma significação terá o que se disser. O que vou dizer pode ser, e muito provavelmente será, completamente contrário ao que credes: por isso vos peço que

escuteis pondo de parte todo dogmatismo, todo mecanismo defensivo, e aplicando-vos a compreender o que desejo transmitir-vos.

Pois bem; eu já disse que os ideais, de qualquer espécie que sejam, constituem uma fuga à compreensão do que *é;* que os ideais, por mais nobres, por mais interessantes, por mais belos que sejam, não têm realidade. Os ideais são fictícios, vazios de significação, porque tem mais importância compreender o que *é* do que propugnar por uma idéia, seguir um ideal ou uma modalidade de ação. Temos ideais inumeráveis – a não violência, o bem, a não avidez, a paz, o mérito, etc. Vós sabeis dos inúmeros ideais em que estão encerradas as nossas mentes. Pois bem, não serão fictícios esses ideais? Eles não representam realidades, não têm existência; e sendo inexistentes, que valor têm? Ajudam-me por ventura a compreender o meu conflito, a minha violência, minha avidez, ou constituem um empecilho a essa compreensão? A cortina de meus ideais ser-me-á de utilidade para compreender minha arrogância, minha violência, minha maldade? Se os ideais me ajudam a compreender, têm então significação; mas se eles não me dão a compreensão, nesse caso não têm valor algum. Um homem violento pode tornar-se pacífico por efeito do ideal da não violência? Posso compreender a violência através da cortina formada pelo meu idealismo de não violência? Devo afastar essa cortina, para examinar diretamente a minha violência? E o ideal me auxiliará a compreender a violência? Esta é uma questão fundamental e de muita importância. Devemos consagrar-lhe algum tempo, porquanto os problemas que suscita são grandemente significativos, e toda a nossa estrutura social está assentada nesse que não representa realidade alguma.

Nosso problema, portanto, é o seguinte: compreender o mal através do ideal do bem? O mal não É transformado, não por ação de um ideal, não pelo cultivo do oposto, mas pela direta compreensão do próprio mal? E o ideal, sob qualquer forma que seja, o ideal, que é sempre um oposto, não impedirá a compreensão do que *é?* Sou ávido, sou violento, sou arrogante, sou rancoroso, grosseiro, brutal; e o ideal da não violência, da não avidez, da afabilidade, me ajudará a superar aquilo que sou? Nós, que já temos tentado seguir um ideal, um oposto, estamos bem familiarizados com o conflito que se cria entre opostos. Conhecemo-lo muito bem. É-nos perfeitamente familiar aquela luta extraordinária que travamos a fim de nos tornarmos diferentes do que somos. Nossa educação religiosa, social e

moral está baseada nesse esforço de nos tornarmos algo, de transformarmos o que *é* em algo que não é; e conhecemos a luta, as dores, a constante batalha dos opostos, da tese e da antítese, em que nos empenhamos na esperança de chegarmos a uma síntese que transcenda os dois opostos. Embora não tenhamos atingido esse estado, estamos muito acostumados com a contínua batalha dos opostos, a qual, segundo se supõe, produz aquele estado.

Ora, é necessária essa luta? Não será falaciosa, irreal? O oposto não é irreal? Que é o real, o "fatual"? O fato é que sou arrogante. A humildade – o ideal – o é inexistente, fictícia. É coisa criada pela mente, como meio de fugir ao que *é*. Sois violento; será que o oposto vos ajudará a superar o que sois? Claro que não. Há séculos que lutais para o superar, e continuais, entretanto, violentos. Logo, o nosso método de proceder está errado, e deve, por conseguinte, haver um método novo, uma maneira diferente de atacar o problema da avidez, da arrogância, da violência. Antes disso, porém, devemos perceber a falácia do ideal. Hoje de manhã alguém me manifestou a opinião de que a Índia é uma nação fabricante de ideais. A vossa indústria predileta está manufaturando ideais para o mundo. Mas, temos necessidade de ideais? Prestai atenção, por favor, pois esta é uma questão de suma importância. Se não tiverdes ideais, sucumbireis, tornar-vos-eis imorais? Servem os vossos ideais de dique às vossas ações imorais? O vosso ideal de não violência vos impede de ser violentos? O ideal de não ser ávido, de ter apenas o suficiente para viver, esse ideal vos está tornando menos ávidos?

Claro que não, Senhor, precisamos tomar nota deste fato, não achais? O homem que é ávido, que deseja acumular riquezas, continua a fazê-lo a despeito do ideal de que tanto fala. É bem evidente, pois, que os ideais não têm existência, salvo em teoria, e por conseguinte não apresentam valor algum. Porque, então, segui-los? Por outras palavras, o idealista é, na realidade, um homem que está fugindo daquilo que *é*, que se furta à ação, no presente. Todos conhecemos muito bem os idealistas, sabemos como são duros, brutais, e como são resistentes, na sua dureza, porque, em verdade, estão evitando o fato central, isto é, o que realmente *são*. Nessas condições, achais que se suprimirmos os ideais os espíritos fracos perderão o arrimo, ficarão transtornados? Os espíritos fracos já estão transtornados pelos políticos, pelos *gurus*, por seus *pujas*, por suas

cerimônias matrimoniais; e o homem forte, despreza os ideais, em qualquer circunstância, procurando alcançar o que deseja. Assim, pois, nem um nem o outro se importam com os ideais, os quais constituem uma maneira muito conveniente de encobrir um grande número de falsidades.

É necessário qualquer ideal para compreender o que é? O ideal de não violência me ajudará a compreender a violência? Isto é, se sou violento e desejo transcender a violência, tenho necessidade do ideal da não violência? Por certo, não tenho necessidade dele não é verdade? Ele é um obstáculo, é positivamente um obstáculo à minha compreensão direta do estado em que me acho, que é a violência. Vemos, pois, que o ideal, o oposto, o exemplo, é um empecilho, uma esquiva à compreensão direta do que é. Se sou violento, não sou capaz de compreender esse estado e transcendê-lo? Só posso ocupar-me com ele, só posso compreendê-lo, quando não estou a fugir dele, quando não tenho essa fantasia de ideal, quando posso observá-lo, examiná-lo, e atuar sobre ele diretamente. Todavia, não desejo atuar sobre ele diretamente, e por isso invento essa coisa maravilhosa chamada o oposto, o ideal – estado inatingível, visto que não passa de mero adiamento. O problema, portanto, é: Como transcender, como ultrapassar o que *é:* a violência? – e não como alcançar o oposto. Não há oposto. Há os opostos homem e mulher, que é um fato biológico; mas o oposto criado pela mente não existe. É um ardil muito cômodo, uma cilada da mente para evitar a ação direta sobre o que *é.* Posso transcender aquilo que é, em vez de procurar modificá-lo, procurar transformá-lo noutra coisa diferente? Sou ávido, violento; e pode essa violência, essa avidez ter um fim? É claro que ela terá um fim, quando eu puder examiná-la e ficar perfeitamente cônscio de todo o seu alcance social e psicológico; entretanto, só posso examiná-la quando não há fuga ao que *é* – o que nenhum de nós deseja, e ai é que reside a dificuldade. Falta-nos honestidade bastante para reconhecer que nós somos o que somos e fazer então o que for necessário. Saber que sou mentiroso, saber que sou ávido, é já o começo da libertação da avidez e da mentira. Mas para reconhecê-la requer-se uma certa honestidade, e como não somos honestos no nosso pensar, nas nossas relações, em quase tudo o que fazemos, somos incapazes de enfrentar o que é. Nesta questão está pois implicada outra questão, que é a de enxergar a verdade no falso, isto é, perceber a verdade da falsidade do ideal; e no momento em que uma pessoa é capaz de perceber a verdade no falso, está ao mesmo tempo apta para perceber o verdadeiro como

verdadeiro. É essa veracidade, o reconhecimento de que sois ávidos, de que sois violentos, o percebimento do que sois, como um fato, sem disfarce algum, que traz a libertação desse estado, – e não o desejo de ser o oposto.

PERGUNTA: O *impulso sexual desaparecerá se não lhe dermos nome?*

KRISHNAMURTI: Acho que esta pergunta requer considerável explanação. Ela foi, ao que parece, provocada pelo que discutimos ontem de noite. Ora bem; o processo de dar nome, designação, constitui problema muito complexo, que precisamos examinar com muito cuidado e exatidão; isto é, precisamos compreender o processo da consciência. Lamento que esta pergunta, embora formulada de maneira muito simples, encerre tanta coisa; e se eu a responder muito direta e concisamente, aqueles que não assistiram à discussão de ontem estão arriscados a compreender-me mal. Cabe-me, portanto, entrar na questão com muito cuidado, desvendando-lhe todo o conteúdo.

Pois bem; que entendemos por consciência? Esta não é uma pergunta sem cabimento, pois está em relação direta com o problema. Que entendemos por consciência? A consciência, sem dúvida, é desafio e reação, e, portanto, experiência. Tal é o começo da consciência: desafio, reação, e experiência. A experiência recebe um nome, uma designação, pomos-lhe um rótulo agradável ou desagradável, e em seguida ela é registrada, guardada na mente. A consciência, pois, é um processo de experimentar, dar nome e registrar. Embora complexa, ela é muito simples. Por favor, não a compliqueis desnecessariamente. Sem esses três processos, que em realidade constituem um processo unitário – o experimentar, dar nome ou designação, registrar, classificar, armazenar a experiência na memória – sem esse processo não existe consciência. Ora bem; este processo está em constante funcionamento, em níveis diferentes, sendo instantâneo, e isso é o que se chama consciência. A canção é repetida em diferentes estados emocionais com temas diferentes – profundamente, isto é nas camadas profundas do inconsciente, ou superficialmente, à superfície da consciência, na nossa vida de cada dia; mas é sempre o mesmo processo de desafio e reação, experiência, denominação e registro na memória. Este é o tema, este é o disco que esta tocando. Ora, que aconteceria se o processo intermediário, que é o dar nome ou designação não se realizasse, isto é, se o processo intermediário fosse eliminado? Porque damos

designação, porque atribuímos um nome a um sentimento ou a uma experiência, chamando-a agradável ou desagradável, chamando-a cólera, violência, bem, mal etc.? Porque damos nome a uma experiência?

Para alguns de vós, isso poderá parecer técnico. Não é tal. É muito simples, embora requeira um pouco de concentração. Estamos quase todos habituados a ouvir conferências políticas, habituados a que nos digam o que fazer ou o que pensar, e pode parecer-nos difícil acompanhar passo a passo, com calma, um pensamento desta natureza; mas como não se trata de uma conferência política, temos de concentrar-nos um pouco,

Assim, a consciência é um processo de experimentar, dar nome e registrar; e por que razão damos nome a uma experiência, a um sentimento? Damos-lhe nome, ou com o fim de comunicá-lo a outra pessoa, ou como fim de fixá-lo na memória, isto é, dar-lhe continuidade. Se não há continuidade, não existe mente, não existe consciência. Eu preciso dar continuidade a uma experiência, pois, do contrário, a consciência desaparece. Por isso preciso dar um nome à experiência. O dar nome a um sentimento, a uma experiência, é uma coisa instantânea; porque a mente, que é o "registrador", a memória, põe rótulo no sentimento para dar-lhe substância, para dar-lhe continuidade, para poder examiná-lo – o que significa dar continuidade ao pensamento. Afinal de contas, o pensante é o pensamento; e sem o processo de pensamento, não há permanência para o pensante. Assim, o dar nome a um sentimento, a uma experiência, dá permanência ao pensante, ao "registrador" que é a mente. Isto é, dais nome a um sentimento, a uma experiência, e dessa maneira lhe dais continuidade; e disso a mente se nutre, sente que existe. Tomai qualquer experiência, qualquer sentimento ou sensação que tiverdes – cólera, ódio, amor; dando-lhe nome, vós estabilizais o sentimento, o incorporais à vossa estrutura de referências. Assim, a natureza mesma do dar nome e do experimentar é dar continuidade à consciência, ao "eu". Esse processo esta em constante funcionamento, sendo tão rápido que não o percebemos. Este disco está sendo tocado incessantemente, em níveis diferentes, com letras diferentes, com palavras diferentes, durante o sono e a vigília.

Ora bem: que acontece se não dais designação, se não dais nome a uma experiência? Se não dais nome às várias sensações, se nada tendes guardado, onde fica o "vós"? Isto é, quando não se lhe dá nome, o sentimento ou a experiência se extingue, não tem continuidade. Experimentai

em vós mesmo, para ver como é assim. Se tendes um sentimento nacionalista muito forte, que acontece? Vós lhe dais um nome, surge o pensamento do idealismo, amor, “minha pátria”; quer dizer, vós lhe dais nome e com isso lhe dais continuidade. É muito difícil deixar de denominar, porque o processo de dar nome é automático, instantâneo. Mas suponhamos que não deis nome a um sentimento, que acontece a esse sentimento? Certamente, o “registrador” não pode identificar-se com esse sentimento. Não lhe dá substância, não lhe dá força, não lhe dá vitalidade. Por isso, o sentimento se extingue. A primeira vez que sentirdes a sensação que chamais “irritação”, não lhe deis nome. Não digais: “Estou irritado”, não designeis a sensação por um termo, e vede o que acontece. Vereis acontecer uma coisa extraordinária. A mente se perturba, porque lhe desagrada ver-se em estado de incerteza. A perturbação torna-se, então, mais importante do que o sentimento, e o sentimento é esquecido e a perturbação fica. Mas a mente não gosta de estar perturbada, perplexa; por conseguinte ela exige segurança, e busca a segurança, a certeza, no seu registro, na memória, com o que fortalece o “registrador”.

É uma coisa verdadeiramente fascinante observar o processo de nossa própria consciência. Mas nada disso se aprende num livro. Nenhum livro pode ensiná-lo, e o que um livro ensina não paga a pena aprender. Só se pode repetir o que um livro ensina; mas se experimentais e descobris por vós mesmo, então sois ao mesmo tempo mestre e discípulo, e não necessitais mais de *gurus*, nem de livros, nem de nada. Sabeis então como atacar o problema, como atacar qualquer problema que surge, por vós mesmo. Sendo a um mesmo tempo mestre e discípulo, conheceis os modos como funciona a vossa própria consciência. Descobris que, quando não dais nome a uma sensação, esse sentimento, essa sensação se extingue.

Assim, sois capaz de dizer: “Aprendi um ótimo truque. Já sei como fazer com os sentimentos desagradáveis, como lhes por fim, rapidamente: não lhes darei nome”. Mas, faríeis a mesma coisa com relação aos sentimentos agradáveis? Parece-me que não. Porquanto desejais que os sentimentos agradáveis continuem, desejais dar substância aos sentimentos agradáveis, desejais conservá-los. Por essa razão continuareis a dar nome aos mesmos. Mas isso de nada adianta; pois no momento em que dais nomes, em que aplicais um termo a um sentimento que achais agradável, estais inevitavelmente criando o oposto, e por conseguinte tereis sempre o

conflito dos opostos. Mas se não dais nome, se não rotulais uma sensação, quer agradável, quer desagradável, tanto uma como outra se desvanecerão; e, por conseguinte, o pensante, que é o criador dos opostos, se extingue. Só então saberemos o que é amor, porque amor não é sensação. Podeis dar-lhe nome, mas quando o denominais estais designando a sensação do amor, que não é amor. Quando amais alguém, que acontece? Quando pensais em alguém, que acontece? Estais, na realidade, ocupado com a sensação de tal pessoa; estais interessado nessa sensação, e quanto mais importância atribuis à sensação, tanto menos amor existe.

Ora, a pergunta é: "O Impulso sexual desaparecerá se lhe não damos nome?" Desaparecerá, é claro; mas se não compreendeis todo o processo da consciência como expliquei muito cuidadosamente, o simples fato de pordes fim a um determinado impulso, agradável ou desagradável, não faz surgir aquela qualidade eterna do amor. Sem amor, o simples fato de pordes fim a um impulso nenhuma significação tem, pois isso vos tornará tão áridos como o idealista, cujas paixões são mantidas debaixo do mais rigoroso controle. Porque se não compreendeis todo o processo da consciência, as paixões estarão sempre presentes, ainda que não lhes deis nomes. A compreensão de todo o processo é muito difícil. Podeis ter compreendido as expressões verbais do que acabo de explicar, mas o seu significado vivo, o seu significado íntimo, só compreendereis pela experimentação. Como já tive ocasião de dizer, quando há amor, há castidade. O homem, o idealista, que deseja ser casto, que deseja ser desapaixonado – esse homem nunca conhecerá o amor, porquanto só lhe interessa tornar-se alguma coisa, o que representa uma outra forma de egoísmo. Está empenhado unicamente nesta luta por atingir, alcançar o seu ideal, que é inexistente. Por isso, esse homem tem um coração vazio, e esse coração vazio ele enche com as coisas da mente. E como pode ele conhecer o amor, com o coração impregnado de ideal, que é coisa feita pela mente?

Constitui pois um problema muito complexo e sutil essa questão de dar designação, dar nome; mas vós a compreendereis, se experimentardes. Há riquezas extraordinárias, há uma profundidade extraordinária na compreensão desse processo de dar nome a um sentimento, a uma sensação. Uma vez tenhais aberto as suas portas, descobrireis tesouros imensos; mas, para descobrir, necessitamos de liberdade para experimentar,

e a liberdade vem com a virtude – não no nos tornarmo-nos virtuosos, mas no sermos virtuosos.

PERGUNTA: *Porque não podeis influenciar um chefe de um partido ou os membros de um governo e trabalhar através deles?*

KRISHNAMURTI: Pela razão muito simples de que os chefes são fatores de degeneração na sociedade, e os governos são a expressão ela violência. E como se pode, como pode qualquer homem que realmente deseja compreender a verdade, trabalhar por meio de instrumentos que são opostos à realidade? Ora, porque desejamos guias políticos ou religiosos? Pela razão muito clara que desejamos ser dirigidos, desejamos que nos digam o que devemos fazer ou o que devemos pensar. Nossa educação, nossas organizações sociais e religiosas estão baseadas nisso: elas não nos dizem como devemos pensar, mas o que devemos pensar. Em tais condições, naturalmente, tendes necessidade de guias de chefes. Porque estais confusos, porque estais a desintegrar-vos, porque sofreis e não sabeis o que fazer, apelais para alguém, para guias políticos, religiosos ou econômicos, para que vos ajudem sair desta caótica condição de existência. Ora, pode qualquer guia, político ou religioso, tirar-vos desta miséria, desta confusão? Prestai atenção, por favor; temos aqui uma questão muito importante. Porque o posto de guia implica poder, posição, prestígio, o posto de guia implica exploração – tanto pelo que é guiado como pelo guia. Surge o guia porque os que são guiados *querem* ser guiados. Quer isso dizer que o seguidor explora o guia, e o guia explora o seguidor. Sem o seguidor, que é do guia? Vê-se frustrado, sente-se perdido. E sem guia, que é feito do seguidor? Temos, portanto, um processo de mútua exploração; e onde existe o desejo de poder, de posição, de domínio, de guia, não existe compreensão. Quando o guia se torna a autoridade, a pessoa que decide sobre todos os assuntos, políticos ou religiosos, então o seguidor se torna mero fonógrafo, mero autômato; e visto como a maioria das pessoas prefere repetir, prefere ficar vendo os guias agirem, o resultado é que nos tornamos improdutivos, incapazes de pensar. Foi isso, exatamente, o que aconteceu no mundo.

Nosso problema, portanto, é: Porque necessitamos de guias ou chefes? Pode alguém conduzir-vos para fora da confusão, que vós mesmo estais criando? Outros poderão apontar-vos as causas de vossa confusão,

mas ficai certos de que esses não se tornam guias. Eu, por exemplo, vos estou mostrando a causa da confusão, mas não estou com isso me tornando vosso guia nem vosso *guru*. Compete-vos percebê-lo e proceder de acordo, ou deixá-lo de lado. Se, porém, eu vos induzisse a entrar para uma organização, se me tornasse a vossa autoridade, nesse caso eu me tornaria importante; por conseguinte, a vossa confusão continuaria a existir, e estaríeis meramente a fugir da vossa confusão e a ligar muita importância à minha pessoa; mas é à vossa confusão que deveis ligar importância, e não a mim. Portanto, eu estou fora do jogo.

O que tem importância é que compreendais o vosso próprio sofrimento, vossa própria confusão, vossa própria dor, e vossa própria existência desastrada. E, para compreender necessitais de alguém, seja quem for? O que precisais é observar com precisão, com clareza, com olhos não embaciados pelo preconceito. E isso deveis fazer por vós mesmo, deveis olhar para dentro de vós mesmo, para descobrir se tendes preconceitos. Quer isso dizer que deveis estar cônscio de vosso próprio processo, de vossas próprias idiossincrasias. Como em geral não nos mostramos dispostos a descobrir a nós mesmos e a examinar o processo do autoconhecimento, procuramos um guia – ou antes; criamos um guia. O guia se torna, assim, importante, porque nos ajuda a fugir de nós mesmos. O guia pode ser adorado, guardado numa gaiola, e dele se pode murmurar. O guia, portanto, é na verdade um fator degenerativo. Positivamente, quando o indivíduo, quando uma sociedade, quando uma civilização apela para um guia, isso indica um estado de desintegração. Uma sociedade criadora não tem guia, porque, nela, cada indivíduo é uma luz para si mesmo. Uma sociedade assim é o resultado das relações entre pessoas que estão em busca de autoconhecimento e compreensão, profundos, fundamentais; e tais pessoas não têm necessidade de uma sociedade estática, com os seus guias ou chefes, com suas autoritárias organizações sociais.

PERGUNTA: Por que mecanismo transformamos a sociedade, quando nos transformamos a nós mesmos?

KRISHNAMURTI: Eu disse que o problema do indivíduo é o problema do mundo; que o indivíduo, com seus conflitos interiores, suas lutas psicológicas, suas frustrações, suas ansiedades, desejos, motivos, projeta tudo isso no mundo, com isso se tornando o problema do mundo.

Por conseguinte, o mundo e o indivíduo não são duas entidades separadas; a coletividade e o indivíduo estão relacionados entre si, são inseparáveis. Quando consideramos o indivíduo, estamos considerando o mundo, a massa da humanidade, o todo. Não podem separar-se um do outro. O mundo não está separado de vós; o mundo sois vós – não misticamente, porém de fato; biológica e psicologicamente, na vida de relação, o mundo sois vós. Porque o que quer que sejais – com vossa ganância, vossas aspirações, vossas frustrações – isso que sois se projeta no mundo; e por mais hábil e sutilmente que seja concebido o sistema social, o homem interior sempre supera a estrutura exterior. Logo, faz-se necessária a transformação interior – não em oposição ao exterior, não em antagonismo com a massa, não em separado do mundo, mas como um processo total. O indivíduo e o mundo constituem um processo total, e para transformar o mundo precisais começar de perto, isto é, em vós mesmos. Não podeis transformar o mundo – isso nenhuma significação tem. O mundo não tem "referente" (sic), mas o indivíduo tem "referente" (sic), que sou eu, que sois vós. Por conseguinte, posso começar por mim mesmo, o que não significa opor a perfeição individual à massa. Muito importa compreender que não estamos absolutamente discutindo a respeito de perfeição individual. A busca da perfeição individual conduz ao isolamento, à segregação; e nada pode existir no isolamento. Não estamos tratando do aperfeiçoamento individual. Muito ao contrário, o aperfeiçoamento individual não passa de outra manifestação de auto-isolamento. Estamos é discutindo, é procurando compreender o processo individual, o qual não está separado do processo mundial. Para compreender o mundo, porém, preciso começar em alguma parte, e só posso começar com o que está perto de mim – eu mesmo. Assim, se está bem claro isso, já nos é possível perceber o mecanismo da transformação – como pela transformação de mim mesmo, posso transformar o mundo. Isto é, enquanto eu permanecer ávido, enquanto for nacionalista, aquisicionista, crio uma sociedade na qual prevalece a avidez, o impulso de aquisição e o nacionalismo, o que significa conflito e, por último, a guerra. É bem evidente que não pode existir mecanismo algum de transformação, enquanto eu permanecer ávido de ganho, ambicioso de poder, porquanto as minhas ações acarretarão inevitavelmente uma situação de poder – poder político, religioso e social – o qual, mais cedo ou mais tarde, gera conflito. Ora, sendo eu o processo total do mundo, sou responsável pela guerra; e se

desejo ardentemente a paz, se me interessa a paz, preciso então deixar de ser ávido, de ser aquisicionista, não ter nacionalidade, não pertencer a religião organizada nem adotar ideologia alguma. Sou o processo total do mundo; se me modifico, se me transformo, opero uma transformação radical na sociedade; contudo, ser livre de ideologia, ser livre de crença – que separa o homem do homem, sendo um hinduísta e outro muçulmano, um cristão o outro budista ser livre do instinto de aquisição, ser livre da inveja é coisa dificílima. E se um homem deseja compreender todo o significado da existência, precisa compreender a si mesmo – não como indivíduo oposto, à sociedade ou à massa, mas como um processo total. Quer dizer: tem de estar cônscio de cada pensamento, cada sentimento, cada ação; e, com a compreensão do processo da avidez – que, como já expliquei, é não dar nome, não pensar a respeito da avidez. – ele põe fim à avidez. Um homem assim conhecerá o amor; libertado dos elementos geradores de antagonismo – a crença, o nacionalismo, a aquisição – será um fator que cooperará para a transformação mundial.

PERGUNTA: Que há, de verdade e que há de falso na teoria da reencarnação?

KRISHNAMURTI: Espero que depois de me escutardes durante duas horas e dez minutos, as vossas mentes ainda estejam frescas. Estão, senhoras e senhores? Sim? Muito bem. O que estamos tentando aqui é pensar juntos sobre o problema – não estais ouvindo um gramofone. Recuso-me a ser gramofone; mas vós estais habituados a ouvir, meramente, o que significa que na realidade não me estais seguindo. Escutais superficialmente, como que encantados pelas palavras, e por isso não sois regeneradores ou criadores de uma nova sociedade. Sois o fator que produz a desintegração. Senhores, esta é a calamidade; e não percebeis esta tragédia. O mundo, inclusive a Índia, acha-se à beira de um abismo, está a conflagrar-se e a desintegra-se rapidamente, e o homem que se limita a ouvir as palavras do guia; que se torna afeito à palavra, unicamente, permanecendo expectador, esse homem está contribuindo para o desastre. Se me permitis sugeri-lo, não vos acostumeis com o que eu digo. Eu não repito; penso de novo cada vez que respondo a uma pergunta. Se me limitasse a repetir, seria terrivelmente fastidioso para mim. E como não quero enfadar-me com repetições, vou pensar na questão de um modo novo

– e assim também deveis fazer, se tendes a curiosidade o emprenho de descobrir.

Pois bem: que se subentende nesta questão da reencarnação? Este é um problema imenso, e não podemos analisá-lo em poucos minutos. Assim, ao examinar esta questão, não o façamos com preconceito – o que não significa que devamos conservar-nos com o que, se chama “espírito aberto”. Não há espírito aberto: o que se requer é um espírito inquiridor. Temos de inquirir juntos esta questão. Pois bem, nessa inquirição que buscamos? Buscamos a verdade, não em conformidade com a vossa crença ou a minha crença; porque para achar a verdade, em qualquer questão, não posso ter crença alguma. Quero achar a verdade; por isso indago, procurando desnudar todos os aspectos da questão, sem me abrigar atrás de qualquer espécie de preconceito. Quer dizer: estou investigando honestamente, minha mente está honestamente empenhada em descobrir, e não será desviada nem pelo *Bhagavad Gita*, nem pela Bíblia, nem pelo meu *guru* favorito. Quero saber, e para saber devo ter intensa capacidade de investigação; e o homem que está amarrado a uma crença, por mais longa que seja a corda, está sempre preso e, portanto, impossibilitado de investigar. Só pode inquirir dentro do raio da sua prisão, e, por conseguinte, nunca achará a verdade.

Pois bem: que é essa coisa que está implicada na reencarnação? Que é que se reencarna? Sabeis o que se entende por reencarnação: voltar e tornar a voltar, com formas diferentes, em diferentes períodos. Que é essa qualidade contínua que renasce? Só há duas possibilidades: ou essa coisa que se chama “alma”, o “eu”, é uma entidade espiritual, ou ela é apenas um feixe constituído de minhas lembranças, minhas características, minhas tendências, meus desejos não alcançados, minhas realizações, etc. Estamos investigando o problema, não estamos tomando partido; por conseguinte, não estamos defendendo coisa alguma. Um homem na defensiva nunca saberá o que é a verdade. Encontrará aquilo que defende, e aquilo que ele defende já não será a verdade: é a sua própria inclinação, sua própria tendência, seu próprio preconceito.

Vamos, pois, examinar agora isso que chamamos entidade espiritual. A entidade espiritual, é óbvio, não pode ser criada por mim. Ela não é produto da minha mente, do meu pensamento, da minha projeção. Tem de ser independente de mim. A entidade espiritual, se é espiritual, não

pode ser criada por mim. Deve ser diferente do que sou. Pois bem; se ela é diferente do que sou, deve estar fora do tempo, deve ser eterna, deve ser o real; e aquilo que representa o real, o atemporal, o imensurável, não pode evolver, não pode progredir. Não pode voltar. Transcende o tempo e portanto é imortal. Ora, se é imortal, se transcende a mim mesmo, não tenho então controle algum sobre ela, não está compreendida no campo da minha consciência; por conseguinte, é-me impossível pensar a respeito dela nem indagar se pode ou não pode reencarnar-se. É bem evidente que uma coisa que está fora do meu controle, não pode ser investigada por mim. Só posso investigar o que conheço, que é a minha própria projeção; e se a entidade espiritual que chamo "Krishnamurti" me transcende, ela é então atemporal e não me é possível pensar a seu respeito; e aquilo em que não posso pensar não tem para mim realidade. Por conseguinte, visto que ela é atemporal e imortal, e visto que o que me interessa é a questão da morte e do tempo, não me é possível investigá-la. Logo, não preciso preocupar-me. Mas *estamos* preocupados. O que nos preocupa não é a continuação de uma entidade espiritual, mas sim a continuação do "eu", esse "eu" de todos os dias, constituído de minhas realizações, meus fracassos, minhas frustrações, minha conta no banco, minhas características idiossincrasias, minha propriedade, minha família, minhas crenças – isso continuará? É o que desejamos saber – e não se a entidade espiritual continua, o que, como já salientei, é uma questão absurda. Porque a realidade, a existência atemporal não pode ser conhecida por quem está preso na rede do tempo. Visto que o pensamento é o processo do tempo, visto que o pensamento está fundado no passado, a aplicação do pensamento em especular a respeito do que é atemporal é de todo em todo fútil. É uma fuga. O que é resultado do tempo só pode conhecer a si próprio, só pode investigar a si mesmo.

Pois bem, desejo saber, se o "eu" continua. O "eu" que é um processo total, um processo tanto psicológico como fisiológico, que está ligado ao corpo e também separado do corpo – desejo saber se esse "eu" continua, se se corporifica depois de terminar esta existência física. Ora bem; que entendemos por continuidade? Já verificamos mais ou menos o que se entende por "eu": meu nome, minhas características, minhas frustrações, minhas realizações – enfim, todas as variedades de pensamento e sentimento, em diferentes níveis da consciência. Bem, isso já sabemos. E, agora, que entendemos por continuidade; que significa continuar? Que é

que dá a continuidade? Que é que diz “Eu continuarei ou não continuarei?” Que é que está apegado à continuidade, à permanência, que é a segurança? Afinal de contas, busco minha segurança, aqui, nas posses, nas coisas, na família, nas crenças; e quando o corpo morre, a permanência das coisas, a permanência da família desaparece, mas, a experiência da idéia continua. Logo, é a idéia que desejamos que continue. Vemos que a propriedade há de desaparecer, que a família deixará de existir; mas queremos saber se a idéia continua, se a idéia do “eu”, o pensamento “eu sou” é continuo. Por favor, é importante que se perceba a diferença. Sei que serei incinerado, que meu corpo será destruído. Sei que não mais vos verei, que não mais verei minha família; mas continuará a idéia do “eu” a existir? A idéia do “eu” não é contínua? – contínua no sentido de “vir a ser”, de mover-se de uma época para outra, de um período para outro, de uma experiência para outra. Este é, portanto, o verdadeiro objeto de nossa investigação: se o “eu”, a idéia ou formulação do “eu”, continuará. Não estais cansados? Muito bem, Senhores.

Que é, pois, o “eu”? Já investigamos isso e sabeis o que ele é. Sem dúvida, o pensamento se identifica com uma crença, e essa crença continua, como uma onda elétrica. O pensamento identificado com uma crença tem continuidade, tem substância; esse pensamento é designado por um termo, tem nome, é reconhecido como “eu”, e esse “eu”, na certa, é dotado de movimento, ele continua, “vem a ser”. Pois bem, que acontece ao que continua? Compreendeis o problema? Que acontece a uma coisa que é contínua, que está num constante processo de “vir a ser”? O que continua não se renova; apenas repete a si mesmo, em diferentes formas, mas não se renova. Isto é, o pensamento identificado com uma idéia tem continuidade como “eu”; mas uma coisa que continua se deteriora sempre, conhece o nascimento e a morte. Nesse sentido, ela continua, mas a coisa que continua nunca pode renovar-se. Só há renovação quando há terminação. Repito que é muito importante descobrir e compreender isso. Digamos, por exemplo, que estou preocupado com um problema, que quero resolver, e continuo me preocupando com ele. Que acontece? Não há renovação, não é verdade? O problema continua, dia por dia, semana por semana, ano por ano. Mas, finda a preocupação, dá-se uma renovação, e o problema tem então um significado diferente. Só no terminar há renovação, só na morte há renascimento – o que significa morte diária momentânea. Quando, porém, só existe o desejo de continuar e, portanto, identificação com uma

crença, ou com uma recordação, que é o "eu", nessa continuação não existe renovação; isso é um fato bem evidente. Um homem que tem um problema e com ele se preocupa continuamente, durante anos, está morto, para ele não há renovação: é um morto vivo, e apenas continua. Todavia, no momento em que termina o problema, vem a renovação. Do mesmo modo, onde há um findar, há renascimento, criação; mas onde há continuidade não há criação. Apreciai, Senhores, esta beleza, esta verdade: no findar, há amor. O amor é novo de momento em momento. Não é continuo, não é repetitivo. Esta a sua grandeza, esta a sua verdade. Um homem que busca a continuidade, achá-la-á, sem dúvida, porque ele se identifica com uma idéia, e a idéia ou memória continua: todavia, na mera continuidade não há renovação. Só na morte, só no findar há renovação, e não na continuidade.

Direis agora que não respondi se há ou não há reencarnação. Mas, de certo, respondi à pergunta. Senhor, para os problemas da vida não há resposta categórica: sim ou não. A vida é vasta demais. Só os que não pensam; buscam uma resposta categórica. Mas, analisando esta questão, descobrimos muitas coisas. Só há beleza no findar, só há renovação, criação, um começo, na morte, no morrer a cada minuto – o que significa não amontoar, não armazenar, física ou psicologicamente. Assim, a vida e a morte são uma só coisa, e o homem que sabe que elas são uma só coisa, é aquele que morre a cada minuto. Significa isso: não dar nome, não deixar o "registrador" fazer funcionar, repetidamente, aquilo que é a sua própria consciência. A imortalidade não é continuação de uma idéia, que é o "eu". Imortalidade significa morrer constantemente e portanto renovar-se constantemente.

29 de fevereiro de 1948

Oitava Conferência

Já muitas vezes devemos ter perguntado a nós mesmos porque a vida; desde o berço até à morte, é um processo de luta constante. Por que razão a vida, a existência de cada dia é uma luta tamanha, uma batalha constante contra nós mesmos, nosso próximo, nossas idéias? Porque esta batalha, esta luta incessante? É ela necessária, ou existe um caminho diferente? Esse conflito essa luta, esse labor e essa batalha com nós mesmos e com nosso próximo são necessários para a existência, para o viver? Vemos que a vida, como a conhecemos, é um interminável processo de vir a ser, de movimento do que é para o que não é, da cólera para a placidez, da violência para a paz, do ódio para o amor. Não há dúvida de que o "vir a ser" é um processo de repetição, no qual há sempre luta. Vemos que, não obstante o que fizermos na vida, a luta do vir à ser se repete continuamente. E vir a ser representa o cultivo da memória, não é verdade? – e o cultivo da memória se chama austeridade. A austeridade é um processo de enclausuramento no "eu". Esse constante vir a ser – do escriturário a gerente, de ignóbil a nobre e essa luta constante é uma forma de auto-perpetuação. Bem conhecemos esta batalha por nos tornarmos alguma coisa; quando estamos apegados, queremos desapegar-nos; quando somos pobres, queremos enriquecer; quando somos pequenos, queremos ser grandes; quando somos superficiais, queremos ser profundos, intensos, dignos. Há essa batalha constante do "vir a ser", e no vir a ser há

evidentemente o cultivo da memória. Sem a memória, não há vir a ser. Estou colérico e quero tornar-me não colérico; quero alcançar o estado de "não cólera", e luto. Essa luta é considerada justa. Assim sendo, a austeridade, esse processo de vir a ser é, sem dúvida, um processo de "enclausuramento no eu". No momento em que desejo tornar-me alguma coisa, ou ser alguma coisa? dou importância a esse vir a ser; e daí à luta. A essa luta atribuímos grande significação, dizendo-a justa, nobre. Assim, desde o nascimento até à morte estamos envolvidos numa luta incessante e aceitamos essa batalha do "vir a ser" como uma coisa meritória, nobre, como uma parte essencial da existência.

Ora, será a vida, a existência inevitavelmente um processo de luta, de dor, de tristezas, uma batalha constante? Por certo, deve haver algo errado nesta ação, de "vir à ser". Há de haver um caminho diferente, uma maneira diferente de existir. Penso que há; mas essa maneira diferente só pode ser compreendida, quando compreendemos perfeitamente o significado do vir a ser. No vir a ser há sempre repetição e, portanto, cultivo da memória, o que significa salientar a importância do "eu"; e o "eu", por sua própria natureza, é esforço, luta, batalha. Ora, a virtude não pode consistir em "vir a ser". A virtude consiste em ser no qual não há luta. Não podeis tornar-vos virtuosos: ou sois virtuosos, ou não sois. Podeis tornar-vos austeros, mas nunca virtuosos; porque a virtude traz liberdade, e deveis notar que um homem austero nunca é livre. Isso não significa que um homem virtuoso é complacente consigo mesmo; mas a virtude, por sua própria natureza, traz a liberdade. Se tentais ser virtuosos, que acontece? Vós vos tornais apenas austeros. Ao passo que a virtude traz necessariamente a liberdade, porque, no momento em que compreendemos o processo, a luta do "vir a ser", há "ser", e portanto virtude.

Considerai, por exemplo, a compaixão. Vós não podeis tornar-vos compassivos, podeis? Se o tentardes, que acontece? Se lutais por vos tornardes compassivos, se tentais tornar-vos generosos, bondosos, que acontece? Quando tentamos tornar-nos compassivos, acentuamos a importância do "vir a ser", o que significa acentuar a importância do "eu"; e o "eu" não pode ser compassivo, não é verdade? Ele pode vestir a capa da austeridade, mas nunca será virtuoso. A virtude, pois, não é austeridade; o homem austero nunca pode ser homem virtuoso A austeridade é sempre um processo egocêntrico; ao passo que a virtude, na qual não há vir a ser, mas

ser, é sempre livre, aberta, e nela há ordem. Experimentai em vós mesmos, e vereis que no momento em que lutais por vos tornardes virtuosos, compassivos, generosos, o que fazeis é apenas levantar uma resistência; ao passo quer se realmente compreendeis o processo de "vir a ser", que significa realçar a importância do "eu", vereis então surgir uma confiança, uma liberdade, uma existência na qual há virtude.

Ora, como se pode efetuar essa transformação, como se pode realizar essa radical mudança do "vir a ser" para "ser"? Como pode uma pessoa empenhada em vir a ser, e que está, portanto, lutando e batalhando consigo mesma, conhecer aquele "estado de ser", que é virtude que é liberdade? Espero que a pergunta esteja clara. Isto é, há anos que luto por me tornar alguma coisa – não ser invejoso, tornar-me não invejoso; como posso parar a luta e "ser", simplesmente? Porque, enquanto eu estiver em luta por me tornar o que chamo "justo", estou evidentemente pondo em funcionamento um processo de enclausuramento no "eu", e não há liberdade numa clausura. Assim, o que me cabe fazer é apenas ficar cônscio, passivamente cônscio do meu processo de vir a ser. Se sou superficial, posso estar passivamente cônscio de que sou superficial, sem luta, para me tornar alguma coisa. Se estou irado, se sou ciumento, impiedoso, invejoso, posso ficar apenas cônscio disso, em vez de lutar. No momento em que lutamos com uma qualidade, a luta fica sendo importante, fortificamos a muralha de resistência. Esta muralha de resistência é chamada austeridade, mas para o homem austero nunca despontará a verdade. É só ao homem livre que a verdade pode surgir; e para sermos livres, não pode haver cultivo da memória, que é austeridade.

Cumpre-nos, pois, ficarmos cônscios dessa luta, dessa batalha constante. Simplesmente cônscios, sem combater, sem condenação; e se estiverdes verdadeiramente vigilantes; passiva, porém, atentamente vigilantes, vereis como a inveja, o ciúme, a avidez, a violência e tudo o mais, desaparecem e sobrevém a ordem – silenciosamente, velozmente – ordem que não é austeridade, ordem que não é clausura. Porque virtude é liberdade, e não um processo de enclausuramento. Só na liberdade pode nascer a verdade. Por conseguinte, é essencial sejamos virtuosos, e não austeros, porque com a virtude vem a ordem. Só o homem austero vive em confusão, em conflito, só o homem austero desenvolve a sua vontade como meio de resistência; e um homem de vontade nunca achará a verdade,

porque nunca é livre. O “ser”, que significa reconhecer o que *é*, viver com o que *é* – não procurando transformá-lo, não o condenando – faz nascer a virtude; e nesta há liberdade. Só quando a mente não está cultivando a memória, não está procurando a austeridade como meio de resistência, há liberdade; e nessa liberdade surge a realidade, trazendo ventura suprema, cuja doçura deve ser experimentada.

PERGUNTA: Os símbolos religiosos não constituem a expressão de uma realidade muito profunda e que portanto não pode ser falsa? O *simples nome de Deus move-nos como nada mais* o *pode fazer; Porque devemos abster-nos dele?*

KRISHNAMURTI: Porque necessitamos de símbolos? Os símbolos existem, evidentemente, para nos comunicarmos com os outros; por meio da linguagem, de um quadro, de um poema, podeis comunicar algo que sentis ou que pensais. Mas porque encher a nossa vida de símbolos religiosos, seja a cruz, seja o crescente, sejam os símbolos hindus? Que necessidade temos deles? Os símbolos não constituem um empecilho? Porque não experimentarmos o que *é*, diretamente, imediata e prontamente? Porque buscamos o intermédio dos símbolos? Não são eles distrações? Uma imagem, um quadro, uma coisa feita pela mão, de pau ou de pedra, embora sendo um símbolo, não constitui um empecilho? Direis: “Tenho necessidade de uma imagem, como símbolo da realidade”. Ora, que acontece quando tendes símbolos? Os hinduístas têm os seus símbolos, os cristãos os seus, e os maometanos os seus – o templo, a igreja, a mesquita – resultando daí que os símbolos se tornaram muito mais importantes do que a busca da realidade. E, positivamente, a realidade não está presente no símbolo. A palavra não é a coisa; Deus não é palavra. Mas a palavra, o símbolo, se tornaram importantes. Porque? Porque não estamos verdadeiramente em busca da realidade: limitamo-nos a adornar o símbolo. Não buscamos aquilo que está além, aquilo que transcende o símbolo, e o resultado é que o símbolo se tornou desmedidamente importante, de vital significação em nossas vidas – e por ele estamos prontos a matar-nos uns aos outros. Além disso, a palavra “Deus” dá-nos um certo estímulo, e pensamos que esse estímulo, essa sensação; tem .alguma relação com o real. Mas, pode a sensação; que é um processo de pensamento, ter qualquer relação com a realidade? O pensamento é produto da memória, reação a

uma condição; e um tal processo de pensamento tem conexão com a realidade, que não é processo de pensamento? Por conseguinte, tem um símbolo, que é criação da mente, relação com a realidade. E não proporciona o símbolo uma fuga fácil; uma fantasiosa distração para longe do real? Pois se estais de fato em busca da verdade, porque necessitais do símbolo? É o homem que se satisfaz com uma imagem, que se apega ao símbolo; mas se ele deseja encontrar o que é real, é óbvio que deve abandonar o símbolo. Enchemos nossas vidas e nossas mentes de símbolos, porque não possuímos "o outro". Se amamos, não necessitamos, por certo, do símbolo do amor, ou do exemplo do amor – amamos, pura e simplesmente. Mas o homem que conserva na sua mente um exemplo, um símbolo, uma imagem, um ideal, não está evidentemente num estado de amor. Os símbolos, os exemplos, são, por conseguinte, empecilhos, e esses empecilhos se tornam tão importantes que estamos matando os nossos semelhantes e mutilando as nossas mentes e corações, por causa deles. Porque, não apreciais as coisas diretamente? Amamos uma pessoa, uma árvore, não por causa daquilo que ela, representa, não porque seja uma manifestação da realidade, da vida, ou de qualquer coisa, pois isso é apenas uma explicação cômoda. Amamos, apenas. Se amamos a vida, por ela própria, e não porque seja a manifestação da realidade, então, nesse próprio amor pela vida, encontramos o que é real. Mas, se tratais a vida como uma manifestação de outra coisa, então abominais a vida; desejais fugir da vida, ou fazeis dela uma coisa medonha, que vós obriga a fugir da realidade. Além disso, a mente presa aos símbolos não é uma mente simples. E, necessita-se de uma mente muito simples, muito clara, impoluta, incorruptível, para se encontrar o real. Uma mente que está colhida na rede das palavras, das frases, dos *mantras,* dos padrões de ação, jamais compreenderá o que é real. Tem que despojar-se de tudo para ser livre, e só então, por certo, pode o real despontar.

PERGUNTA: Que nos aconselhais fazer, quando explodir a guerra?

KRISHNAMURTI: Em vez de buscar conselho, posso sugerir que examinemos juntos o problema? Porque é muito fácil dar conselhos, mas isso não resolve o problema. Se, porém, examinarmos o problema juntos, talvez então possamos descobrir a melhor maneira de agir, quando arrebentar a guerra. A nossa ação tem de ser direta, não baseada no

conselho ou na autoridade de terceiros, pois isso seria estúpido demais num momento de crise. Quando seguimos a outro, em momentos de crise, caminhamos para a nossa própria destruição. Afinal de contas, em tempos críticos, como o tempo de guerra, sois conduzidos à destruição; mas, se compreendeis toda a significação da guerra e se vedes suas, repercussões, a maneira como se origina, então, quando surgir a crise, sem buscar conselho, sem seguir a ninguém, agireis direta e sinceramente. Não significa isso que eu esteja tentando evitar o problema, não respondendo diretamente à vossa pergunta. Não o estou evitando: pelo contrário, estou mostrando que poderemos agir virtuosamente – o que não significa agir com retidão – quando essa tremenda catástrofe desabar sobre o homem.

Ora, que faríeis em caso de guerra? Sendo hinduísta, ou hindu, ou alemão, sendo nacionalista, patriota, naturalmente correríeis às armas, não é verdade? Porque, por meio da propaganda, por meio de horríveis filmes, etc., seríeis estimulados e estaríeis dispostos a lutar. Condicionado como estais pelo patriotismo, pelo nacionalismo, pelas fronteiras, econômicas, pelo chamado amor à pátria, vossa imediata reação seria a de lutar. Não teríeis, então, problema alguma, não é verdade? Só temos um problema quando começamos indagar as causas da guerra – as quais não são apenas econômicas, porém, sobretudo, psicológicas e ideológicas. Quando começais a investigar todo o processo da guerra, como a guerra se origina, deveis então sentir-vos diretamente responsáveis por vossas ações. Porque a guerra só surge quando, nas vossas relações uns com os outros, criais conflito. Afinal de contas a guerra é uma projeção da nossa vida de cada dia – só que é mais espetacular e mais destrutiva. Na vida diária, estamos matando, destruindo, mutilando milhares de indivíduos, com nossa avidez, nosso nacionalismo, nossas fronteiras econômicas, etc. A guerra, portanto, é o prolongamento de nossa existência diária, em escala espetacular; e quando investigais diretamente a causa da guerra, investigais vossas relações uns com os outros, o que significa investigar toda a vossa existência todo o vosso modo de viver. E se indagardes inteligentemente, e não superficialmente, quando irromper a guerra reagireis de acordo com a vossa investigação e vossa compreensão. Para um homem que é pacífico, não por causa de um ideal de não violência – e que já tratamos – mas porque está de fato livre da violência, para esse homem a guerra não tem significação alguma. Ele não irá para a guerra, evidentemente, poderá ser fuzilado por não querer ir para a guerra, mas aceita as conseqüências. Ele,

pelo menos, não tomará parte no conflito – mas não por idealismo. O idealismo, como já disse, é uma pessoa que evita a ação imediata. O idealista que busca a não violência é incapaz de livrar-se da violência; porque, uma vez que toda a nossa vida está baseada no conflito, na violência, se não compreendo à mim mesmo agora, hoje, como poderei agir sinceramente amanhã, quando surgir uma calamidade? Visto que sou aquisicionista, visto que estou condicionado pelo nacionalismo, pela minha classe – vós bem conheceis todo o processo – como posso eu, que estou condicionado pela avidez e pela violência, proceder sem avidez e sem violência, quando ocorrer uma catástrofe? Como é natural, procederei violentamente. Além disso, quando há guerra, há muitos que gostam das compensações que a guerra oferece: o governo tomará conta de mim, sustentará minha família; fico livre da minha rotina diária, do escritório, da monotonia da vida. A guerra, conseqüentemente, é uma fuga, e a muitos oferece maneira fácil de se furtarem a suas responsabilidades, Já não ouvistes muitos soldados dizerem: "Graças a Deus! Isto é uma coisa bestial, mas pelo menos é excitante". Além disso, guerra nos oferece uma válvula para nossos instintos criminosos. Somos criminosos em nossa vida diária, no mundo de negócios, em nossas relações – mas tudo isso é subterrâneo, muito oculto, encoberto, por uma capa de retidão, devidamente legalizado; e a guerra nos proporciona o meio de libertar-nos dessa hipocrisia: afinal podemos ser abertamente violentos.

Assim, a maneira corno procedereis em tempo de guerra depende da condição, do estado do vosso ser: Dizer "Não ide para a guerra" a um homem que está condicionado à violência, é inteiramente inútil. É fútil perda de tempo dizer-lhe que não vá lutar, porque ele está condicionado para lutar, porque ama a luta. Mas, se estamos animados de sinceras intenções, podemos perceber como somos violentos na vida diária, em nossa maneira de falar, em nossos pensamentos, em nossas ações, e podemos ficar livres dessa violência, não em virtude de um ideal, não pelo esforço para transformá-la em não violência, mas, sim, porque a encaramos sem disfarce, porque estamos plenamente cônscios dela; e então, quando chegar a guerra, saberemos agir com sinceridade. Um homem em busca de um ideal, agirá falsamente, pois sua reação estará baseada na frustração. Mas, se somos capazes de ficar cônscios dos nossos pensamentos, nossos sentimentos e ações, na vida de cada dia – então nos libertaremos do patriotismo, do nacionalismo, das bandeiras, e todas as estultices desta

ordem, que constituem os verdadeiros símbolos da violência; e quando formos livres, saberemos agir com sinceridade, quando sobrevier aquela crise que se chama guerra.

PERGUNTA: Um homem que abomina a violência pode tomar parte no governo de um país?

KRISHNAMURTI: Ora, que é governo? Afinal de contas, um governo é, um governo representa o que nós somos. Na chamada democracia, seja qual for a sua, significação, nós elegemos, para nos representar, aqueles que são iguais a nós, aqueles de quem gostamos; que têm a voz mais forte, a mente mais inteligente, ou o que quer que seja. Assim, evidentemente, o governo é o que nós somos, não achais? E que somos nós? Somos uma massa de reações condicionadas – violência, avidez, aquisicionismo, inveja, volúpia de poder, etc. Naturalmente o governo é, o que nós somos, isto é, a violência sob diferentes formas; e como pode um homem em cujo ser realmente não existe a violência, pertencer, quer em nome, quer de fato, a uma estrutura que é violenta? Pode a realidade coexistir com a violência, que é o que chamamos governo? Pode um homem que busca ou que experimenta a realidade ter qualquer coisa em comum com os governos soberanos, com o nacionalismo, com uma ideologia, com a política de partidos, com um sistema de poder? O homem pacífico pensa que, aderindo a um governo, estará habilitado a prestar algum serviço útil. Que acontece, quando ingressa no governo? A estrutura é tão poderosa que o absorve, e ele muito pouco pode fazer. Senhor, isso é um fato, a que assistimos hoje no mundo. Quando uma pessoa ingressa num partido, ou se candidata a uma eleição para o parlamento, ou que quer que seja, tem de aceitar o programa do partido. Por conseguinte, deixa de pensar. E como pode um homem que se entregou a um outro – a um partido, a um governo, ou a um *guru* - achar a realidade? E como pode aquele que busca a verdade ter qualquer relação com a política das potências?

Vede, Senhores, fazemos tais perguntas, porque nos agrada depender da autoridade exterior, do ambiente, para a transformação de nós mesmos. Esperamos que os chefes; os governos, os partidos, os sistemas; os padrões de ação, de alguma maneira nos transformarão, de alguma maneira implantarão a ordem e a paz em nossas vidas. Esta é por certo a base de todas as perguntas deste gênero, não é verdade? Pode um outro,

seja um governo, um *guru*, ou um demônio, dar-vos a paz e a ordem? Pode alguém trazer-vos felicidade e amor? De certo que não. A paz só pode nascer depois de perfeitamente compreendida a confusão que nós mesmos criamos, compreendida não nó nível verbal, mas interiormente; depois de afastadas as causas da confusão e da luta, teremos sem dúvida a paz e a liberdade. Entretanto, sem cuidarmos de eliminar as causas, preferimos recorrer à autoridade externa, para que nos dê paz; e o exterior é sempre submergido pelo interior. Enquanto existir o conflito psicológico, a ânsia de poder, de posição, etc., qualquer que seja a estrutura exterior, por melhor que tenha sido edificada, por mais benéfica e ordeira que seja, sempre será dominada pela confusão interior. Por conseguinte, é óbvio que devemos dar toda a importância ao interior e não ficar na mera dependência do exterior.

PERGUNTA: Parece que não pensais que ganhamos a nossa independência. Segundo vós, qual seria o verdadeiro estado de liberdade?

KRISHNAMURTI: A liberdade se torna isolamento, quando é nacionalista; e o isolamento conduz inevitavelmente ao conflito, porquanto, nada pode existir no isolamento. Ser é estar em relação; e o isolar-nos dentro de uma fronteira nacional gera a confusão, a tristeza, a fome, o conflito, a guerra – o que já se tem provado inúmeras vezes. Assim, a independência como Estado separado, leva ao conflito e à guerra, porque independência, para a maioria de nós, implica isolamento. Fostes libertados da exploração, das lutas de classe, da fome, dos conflitos religiosos, dos sacerdotes, das lutas comunais, da influencia dos guias. Não fostes, por certo. Apenas expulsastes o explorador branco, e o explorador de tez, escura tomou o seu lugar – provavelmente com um pouco menos de crueldade. Temos o mesmo que tinhamos antes, a mesma exploração, os mesmos sacerdotes, a mesma religião organizada, as mesmas superstições e as mesmas guerras de classes. E isso nos deu a liberdade? Senhor, não queremos ser livres. Não nos iludamos. Porque liberdade implica inteligência, amor; a liberdade subentende que não deve haver exploração, que não deve haver submissão à autoridade; a liberdade implica virtude extraordinária. Como eu já disse, a retidão é sempre um processo de isolamento, porque o isolamento e a retidão andam de mãos dados; ao passo que a virtude e a liberdade são coexistentes. Uma nação soberana é

sempre isolada e portanto nunca pode ser livre; logo, é constante causa de atrito, suspeição, antagonismo e guerra.

Positivamente, a liberdade deve começar no indivíduo, que é um processo total, não antagônico à massa. O indivíduo é o processo total do mundo, e se ele se isola no nacionalismo, na retidão, torna-se então uma causa de desastres e misérias. Mas se o indivíduo, que é um processo total; não oposto à massa, embora um resultado da massa; do todo – se o indivíduo se transforma a si mesmo, se transforma a sua vida, para ele haverá então liberdade; e, sendo resultado de um processo total, logo que se liberta do nacionalismo, da avidez, da exploração, pode exercer ação direta sobre o todo. A regeneração do indivíduo não para o futuro, mas para agora; e se adiais para amanhã, a vossa regeneração, atraíreis a confusão, sereis colhido pela onda de escuridão. A regeneração é para agora e não para amanhã, porque a compreensão só existe no presente. Não compreendeis agora, porque não aplicais o vosso coração e a vossa mente, toda a vossa atenção, àquilo que desejais compreender. Se aplicardes a mente e o coração para compreender, tereis a compreensão. Senhor, se aplicardes a vossa mente e o vosso coração a descobrir; a causa da violência, e se ficardes inteiramente cônscio dela, sereis não violento agora mesmo. Mas, infelizmente, já de tal maneira condicionastes a vossa mente com o adiamento, por princípios religiosos e de ética social, que estais incapacitados para encarar diretamente a causa da violência – e aí é que está a nossa dificuldade.

Como vemos, a compreensão está sempre no presente, e nunca no futuro. A compreensão existe agora, e não em dias futuros. E a liberdade, que não é isolamento, só pode surgir quando cada um de nós compreender a sua responsabilidade perante o todo. O indivíduo é o produto do todo. Afinal de contas, vós sois o resultado de toda a Índia, de toda a humanidade. Podeis chamar-vos pelo nome que quiserdes, mas sois sempre o resultado de um processo total, que é o homem. E se vós – o "vós" psicológico – não fordes livre, como podeis ter liberdade no exterior? Podeis ter diferentes governantes, mas – santo Deus! – isso é liberdade? Podeis ter uma multiplicidade de províncias, porque cada um quer um emprego; mas isso é liberdade? Senhor, nós nos nutrimos de palavras sem substância; obscurecemos as assembléias legislativas com palavras destituídas de significação; fomos alimentados de propaganda, que é

mentira. Não pensamos verdadeiramente nestes problemas, por nós mesmos, porque a maioria de nós quer ser dirigida. Não queremos pensar e descobrir, porque pensar é muito penoso e traz grandes desilusões. Ou nós pensamos e nos tornamos desiludidos e céticos – ou pensamos e passamos além. Quando passamos além, isto é, quando transcendemos o processo do pensamento, encontramos então a liberdade. E nessa liberdade existe alegria; nessa liberdade há o viver criador, que o homem reto, o homem isolado nunca será capaz de compreender.

PERGUNTA: Minha mente está sempre inquieta e aflita. Sem a submeter a controle, nada posso fazer para modificar-me. Como posso controlar o *pensamento?*

KRISHNAMURTI: Senhor, este é um problema vastíssimo; e como acontece com todos os outros problemas dá vida, não encontraremos um método para a sua solução. Tentemos, contudo, compreender o próprio problema, pois compreendendo-o, saberemos a maneira de tratar a questão. Em primeiro lugar, precisamos compreender o pensamento, que o pensante deseja controlar. Espero que este assunto não vos pareça sério demais. Que entendemos por pensamento? O pensante é diferente do pensamento? O que medita é diferente da sua meditação? O observador está separado da coisa observada? A qualidade é diferente da pessoa? Assim, antes que possa ser controlado o pensamento, qualquer que ele seja, devemos compreender o processo de pensar e aquele que pensa, e verificar se constituem dois processos separados, ou se são um processo unitário.

O pensante existe quando deixa de pensar? Quando não há pensamentos existe pensante? Evidentemente, se não temos pensamentos, não há pensante. Porque que então a separação entre pensante e pensamento? Na maioria de nos existe esta separação. Porque? É uma coisa real, verdadeira, ou se trata de coisa meramente fictícia, criada pela, mente? Precisamos ficar bem esclarecidos, a este respeito, porque vamos depois investigar o que é o processo do pensamento. Primeiramente, precisamos ficar bem esclarecidos sobre se o pensante está separado e porque se separou dos seus pensamentos. Depois entraremos no problema do pensar e do controlar, e tudo o mais.

Não estais crentes de que os vossos pensamentos são separados de vós? Esta pergunta implica – não é verdade? – que há o que controla e há a coisa controlada, o observador e a coisa observada. Pois bem, sabemos se esse processo é um fato real, isto é, se há observador e coisa observada, controlador e coisa controlada? É real esta separação? Só é real no sentido de que nós a aceitamos. Mas não é um ardil da mente? Vede por favor, que esta questão abrange muitas coisas; portanto, não aceiteis nem rejeiteis, não defendais nem desprezeis o que estou dizendo. Quase todos vós credes que o pensante é separado, o "eu" superior, "Atman", o observador, que domina o "eu" inferior, etc. Porque existe esta separação? Esta separação não está também dentro dos domínios da mente? Quando dizeis que o pensante é o "Atman", o observador, e que os pensamentos estão separados dele, isto de certo também está no campo mental. Ora, o fato não é que a mente, o pensante, se separou dos seus pensamentos para dar permanência a si mesma? Porque assim o pensante pode sempre modificar os seus pensamentos, dar-lhes uma nova moldura, enquanto ele se conserva separado, dando assim permanência a si mesmo. Mas, sem o pensamento, o pensante não existe. Pode separar-se dos seus pensamentos, mas se deixa de pensar, deixa também de existir, não é verdade? Assim, esta separação do pensante dos seus pensamentos é um ardil do pensante para dar segurança e permanência a si próprio. Isto é, a mente percebe que os pensamentos são transitórios e adota, por esse motivo, o astucioso ardil de dizer que ela é o pensante, independente dos seus pensamentos, que ela é o "Atman", o observador, separado da ação, do pensamento. No entanto, se observardes o processo com muita atenção, pondo de parte todo vosso conhecimento adquirido de outros, por maiores que sejam esses outros, vereis que o observador é a coisa observada, que o pensante é o pensamento. Não há pensante separado do pensamento; por mais ampla, por mais profunda e extensa que seja a separação, a muralha por ele edificada entre si e os seus pensamentos, o pensante fica sempre dentro do campo do seu pensar. Por conseguinte, o pensante é o pensamento; e assim, quando perguntais, "como se pode controlar pensamento?" fazeis uma pergunta errada. Quando o pensante começa a controlar os seus pensamentos, ele o faz apenas para dar continuidade a si próprio, ou porque acha que os seus pensamentos lhe são dolorosos demais. Deseja, por isso, modificar os pensamentos, ficando ele permanente, através da cortina das palavras e pensamentos. Uma vez admitais isso, que é um fato

verdadeiro, as vossas disciplinas, a vossa busca do superior, as vossas meditações, os vossos controles, tudo se desfaz em nada. Isto é, se quiserdes olhar para o fato evidente de que o pensante é o pensamento e se ficardes perfeitamente cônscio desse fato, então não mais pensareis em termos de dominar, modificar, controlar ou canalizar os vossos pensamentos. Então o pensamento se torna importante, e não o pensante. O que tem peso então não é o controlador, nem a maneira de controlar, mas o pensamento, que é a coisa controlada, se torna importante por si mesmo. A compreensão do processo do pensamento é o começo da meditação, que é autoconhecimento. Sem autoconhecimento não há meditação; e a meditação do coração é compreensão. Se quereis compreender, não deveis estar ligado a crença alguma.

Nessas condições, o que nos interessa não é o controle do pensamento, que é uma questão falsa, mas a compreensão do pensamento; o que nos importa é o próprio processo do pensamento. Estamos, por conseguinte, livres da déia de disciplina, livres da idéia de controle – o que significa uma revolução extraordinária, não achais? Só podeis ser livres quando percebeis a verdade sobre a falsidade da crença de que o pensante é separado dos seus pensamentos. Isto é, quando se percebe a verdade acerca do falso, ficamos livres do falso. Por muito tempo temos admitido a idéia de que o pensante é separado dos pensamentos; e vemos agora que a separação é falsa. Percebendo a verdade acerca, do falso, ficais livre do falso, com tudo o que ele implica – disciplinar controlar, dirigir, canalizar o pensamento, o pôr o pensamento num determinado molde de ação. Quando fazemos essas coisas estamos ainda dando importância ao pensante; e por isso o pensante e o pensamento continuam separados, o que é falso. Mas se percebeis essa falsidade desfaz-se a separação e resta apenas o pensamento. Podeis então investigar o pensamento, a mente é então apenas a máquina do processo do pensamento, e o pensante não está separado do pensamento.

Ora bem, a mente é o aparelho que registra, que experimenta, e portanto a mente é memória, memória sensorial; porque a mente é resultado dos sentidos. Logo, o pensamento, que é produto da mente, é sensorial; sem dúvida o pensamento é resultado da sensação. A mente é o aparelho que registra, que acumula, a consciência que experimenta, que dá nome, que registra. Isto é, a mente experimenta, depois dá nome à experiência, como agradável ou desagradável, e depois a registra, guarda-a

no arquivo que é a memória. Essa memória atende a um novo estímulo. Cada estímulo é sempre novo, e a memória, que é um mero registro do passado, atende ao novo. Esse encontro do novo com o velho é chamado experiência. Ora, a memória não tem vida, por si. Ela só tem vida, só é vitalizada quando vai ao encontro do novo. Por conseguinte, o novo está sempre dando vida ao velho. Isto é, quando a memória atende ao estímulo; que é sempre novo, ela se vivifica, se fortalece com essa experiência. Examinai a vossa própria memória, e vereis que ela não tem vida, por si; mas quando a memória se encontra com o novo e traduz o novo de acordo com o seu condicionamento, ela é então revitalizada. Assim, a memória só tem vida quando se encontra com o novo, revitalizando-se e fortalecendo-se continuamente. Essa revivificação da memória se chama pensar. Senhores, muito importa compreender isso, mas não sei se desejais penetrar muito fundo nesta matéria.

Vemos, pois, que o pensar é sempre reação condicionada, que o pensar é um processo de reação a estímulo. O desafio é sempre novo; mas o pensar, que é uma reação derivada da memória, é sempre o velho, re-vitalizado. Muito importa compreender isso. O pensar nunca pode ser novo, porque pensar é reação da memória, e essa reação da memória se vitaliza quando se encontra com o novo e recebe vida do novo. Mas o pensar, em si, nunca é novo. Por isso, o pensar nunca pode ser criador, porque é sempre reação da memória. Agora, nossas mentes e nossos pensamentos estão sempre a vagar em todos os sentidos, e desejamos implantar a ordem. Como já expliquei, isso não se consegue por meio de controle; porque no momento em que controlamos a nossa mente, ela se torna exclusiva, isolada. Se apenas dais importância a um pensamento, excluindo todos os demais; pondes em marcha um processo de isolamento. Por conseguinte, uma mente nessas condições nunca pode ser livre. Ela pode isolar-se, mas isolamento não é liberdade. Uma mente controlada nunca é uma mente livre.

Nosso problema, pois, é que nossos pensamentos estão sempre a vagar em todas as direções, e que naturalmente desejamos impor-lhes ordem; mas como é possível estabelecer a ordem? Ora, para compreender uma máquina que se move com muita rapidez, precisamos diminuir a sua velocidade, não é exato? Se queremos compreender um dínamo, devemos fazê-lo andar devagar e estudá-lo; mas se o pararmos, ele é uma coisa

morta, e uma coisa morta não pode ser compreendida. Só uma coisa viva pode ser compreendida. Assim, uma mente que matou pensamentos, pela exclusão, pelo isolamento, não pode achar a compreensão; todavia, a mente pode compreender o pensamento, se o processo do pensamento for posto a funcionar devagar. Quando vemos um filme de movimento lento, podemos compreender o admirável movimento dos músculos de um cavalo que salta. Há beleza nesse lento movimento dos músculos. Mas quando o cavalo salta rápido, quando o movimento sé conclui rapidamente, perde-se essa beleza. De modo idêntico, quando a mente se move com lentidão, porque deseja compreender cada pensamento que surge, fica então desembaraçada do pensar, desembaraçada do pensamento controlado, disciplinado. O pensar é reação da memória, e por isso o pensar nunca pode ser criador. Só quando atendemos o novo como novo, temos o viver criador. A mente é a máquina que registra, que acumula lembranças; e enquanto a memória continuar a ser revitalizada pelo desafio, subsistirá o processo de pensamento. Mas se cada pensamento for observado, sentido, examinado integralmente, e perfeitamente compreendido, vereis então corno a memória começa a fenecer. Estamos falando da memória psicológica, não da memória fatual.

O pensamento, que é reação da memória, só aparece quando uma experiência não foi completamente compreendida, deixando portanto um resíduo. Quando compreendemos uma experiência completamente, ela não deixa memória, não deixa resíduo. O pensamento é a reação do resíduo, que é memória; e quando somos capazes de completar um pensamento, de pensá-lo e senti-lo em toda a sua extensão, o seu resíduo é eliminado. Acompanhar até o fim um pensamento ou um sentimento é dificílimo; porque quando queremos acompanhar um pensamento até o fim, outros pensamentos se insinuam. E ficamos a dar voltas, correndo atrás de pensamentos sucessivos, inutilmente, por causa da rapidez de cada, pensamento. Mas se tendes interesse em acompanhar até o fim um pensamento, experimentai anotar os pensamentos que vos ocorrem; tomai simplesmente nota dos mesmos no papel, e observai depois o que houverdes escrito. Nessa observação torna-se mais lenta a vossa mente, porque para estudar ela tem de diminuir a sua velocidade – o que não representa urna compulsão nem uma disciplina. Quando anotais uns poucos dos vossos pensamentos, e depois os observais e estudais, a vossa mente é posta de pronto num movimento mais lento. Observai a vossa própria

mente, agora, que me estais escutando, e vede como está funcionando. Está a mover-se muito lentamente. Não tendes uma infinidade de pensamentos, porque estais apenas acompanhando um pensamento, que vos estou explicando. Por isso a vossa mente funciona mais devagar, e funcionando mais devagar, é capaz de acompanhar um pensamento até o fim. Quando se acompanha cada pensamento até o fim, e a mente fica despida da memória, ela se torna tranqüila, sem problema nenhum. Porque? Porque o criador de problemas, que é a memória, desapareceu; e nessa tranqüilidade, que é absoluta; desponta a realidade. Todo esse processo, que descobrimos esta noite, em relação com esta pergunta, chama-se meditação. Meditação é autoconhecimento, que é a base do verdadeiro pensar; e quando há o pensar verdadeiro, há compreensão, e portanto ação correta. Mas a meditação se torna um processo de repetição, não tem significado algum, se não é compreendido o pensante. Quando o pensante se separa dos seus pensamentos procura controlá-los, está caminhando para a ilusão: ao passo que perceber a verdade no falso nos liberta do falso. Resta então apenas o pensamento e quando há compreensão perfeita do pensamento, vem a tranqüilidade. Nessa tranqüilidade há criação; isto é, quando a mente deixa de criar, há a criação que está fora do tempo, que é imensurável, que é o real.

7 de março de 1948

Nona Conferência

(Embora franqueada ao público, ficou estabelecido que, a reunião de hoje seria dedicada especialmente aos educadores e *professores. Foi ela presidida por um membro da "New Education Fellowship", que em nome da sua instituição saudou Krishnamurti e agradeceu-lhe a honra de sua presença, pedindo-lhe em seguida lhes desse o benefício dos seus conselhos sobre a educação*

KRISHNAMURTI: Senhor Presidente, meus Amigos: Enviaram-me muitas perguntas e pretendo responder ao maior número possível, nesta tarde. Todas estas perguntas foram refundidas, conservando-se, entretanto, a sua substância. Algumas perguntas se repetiam e julgamos que seria melhor combiná-las e redigi-las de novo. Tenho agora cerca de 15 ou 16 perguntas aqui. Mas antes de dar as respostas, desejo dizer algumas palavras.

Em todas as partes do mundo vai-se tornando cada vez mais evidente que o educador está necessitando de educação. A questão que nos deve interessar não é tanto a de educar a criança como a de educar o educador, porquanto este necessita disso muito mais do que o discípulo. Afinal de contas, o discípulo é como uma planta tenra que precisa ser guiada, ajudada; mas se quem lhe deve dar ajuda é incompetente, tacanho, fanático, nacionalista, etc., o seu produto, naturalmente, será aquilo que ele próprio é. Parece-me, pois que o que tem importância não é tanto a técnica do ensino, que é coisa secundária, mas, sim, o que tem importância primacial é a inteligência do próprio educador. Vós bem sabeis que, no

mundo inteiro, a educação falhou, porque produziu as duas mais colossais e destruidoras guerras da história; e visto que falhou, se quisermos apenas substituir um sistema por outro, faremos coisa inteiramente inútil. Se, porém, existe uma possibilidade de modificar o pensamento, o sentimento e a atitude do mestre, talvez então venhamos a ter uma nova cultura, uma nova civilização. Porque é óbvio que a atual civilização está arriscada a ser totalmente destruída: a guerra vindoura muito provavelmente dará cabo da civilização ocidental, tal como a conhecemos. Talvez também neste país sejamos profundamente atingidos por ela. Mas, no meio de todo este caos, de toda esta miséria, confusão e luta, não há dúvida, de que é enorme a responsabilidade do professor, quer seja ele um empregado do Governo, quer seja um instrutor religioso, ou um professor de conhecimentos gerais; e aqueles que engordam pela educação, como meio de vida, não devem, a meu ver, fazer parte da moderna estrutura social, se desejamos que seja criada uma nova, ordem. Nosso problema, portanto, não é tanto a criança, o menino ou a menina, mas o mestre, o educador, que necessita muito mais de educação do que o discípulo. E a educação do educador é muito mais difícil do que a educação da criança, uma vez que o educador já se estabilizou, já se fixou. Ele funciona por uma rotina, porquanto não lhe dá cuidados o processo do pensamento nem o cultivo da inteligência. Limita-se a transmitir conhecimentos; e o homem que só transmite conhecimentos, quando o mundo está desabando em torno dele, não é positivamente um educador. E pode se alegar que a educação seja um meio de vida? Considerá-la como meio de vida, de explorar as crianças em nosso próprio benefício, parece-me, absolutamente contrário aos verdadeiros fins dá educação.

Assim, as respostas a todas estas perguntas se referem principalmente ao educador e não à criança. Podeis criar o ambiente adequado, fornecer os necessários utensílios, e tudo o mais; mas o que importa principalmente é que o educador descubra o que significa toda esta existência. Porque vivemos, porque lutamos, porque educamos, porque há guerras, porque existem lutas comunais entre os homens? Estudar a fundo este problema e fazer a nossa inteligência operar eficientemente, tal é de certo a função de um verdadeiro professor. O mestre que nada exige para si, que não explora o ensino como um meio de adquirir posição, domínio, autoridade; o preceptor que ensina verdadeiramente, não visando lucro, não de acordo com uma certa norma, mas que dá, que cultiva, que desperta a

inteligência na criança, porque também a cultiva em si próprio – um preceptor, assim, tem função relevante na civilização. Porque, em verdade, todas as grandes civilizações se fundaram, nos mestres, não em engenheiros e técnicos. Os engenheiros e os técnicos são imprescindíveis, mas aqueles que despertam a inteligência moral, a inteligência ética, têm evidentemente a primazia. Mas eles só podem ter integridade moral, ser livres do desejo de poder, de posição, de autoridade, quando nada exigem para si próprios, quando estão além e acima da sociedade e não estão submetidos ao controle dos governos; e quando estão livres da compulsão da ação social, que é sempre ação conforme com um modelo.

Assim, um preceptor precisa estar fora dos limites da sociedade e, suas exigências, para ser capaz de criar, uma nova cultura, uma nova estrutura, uma nova civilização. Na atualidade, porém, curamos unicamente da técnica de educar um menino ou urna menina, sem cultivar a inteligência do preceptor – o que me parece de todo em todo fútil. Hoje o que mais nos interessa é aprender uma técnica e transmitir essa técnica ao educando, em vez de cuidarmos do cultivo da inteligência; que, o habilitará a resolver os problemas da vida. Nessas condições, ao responder estas perguntas, espero que tenhais paciência comigo, se não entro em determinados pormenores, tratando de preferência não da técnica mas da maneira correta de atacar o problema.

PERGUNTA: Que influência pode ter a educação na atual crise mundial?

KRISHNAMURTI: Antes de tudo, para se compreender a influência que a educação pode ter na atual crise mundial, precisamos compreender como a crise se originou. Se, sem compreendermos isso, nos limitamos a, edificar sobre os mesmos valores, no mesmo terreno, sobre os mesmos alicerces, provocaremos novas guerras e novos desastres. Cabe-nos, portanto, em primeiro lugar, investigar como se originou a presente crise, e ao compreendermos as causas, compreenderemos, inevitavelmente, a espécie de educação de que necessitamos.

É bem evidente que a crise atual é o resultado de valores falsos – valores falsos nas relações do homem com a propriedade, com as pessoas e com as idéias. A expansão e o predomínio dos valores dos sentidos produzem necessariamente o veneno do nacionalismo, das fronteiras

econômicas e do espírito patriótico, que excluem a cooperação de homem com homem para beneficio do homem, e corrompem as suas relações com as pessoas, que constituem a sociedade. E se as relações de um indivíduo com outro são erradas; a estrutura da sociedade há de ruir, necessàriamente. Do mesmo modo, nas suas relações com as idéias, o homem justifica uma ideologia – quer da direita, quer da esquerda, sejam corretos ou errados os meios empregados – a fim de alcançar um resultado. Assim, a desconfiança mútua, a falta de boa vontade, a crença de que um fim justo pode ser alcançado por meios injustos, o sacrifício do presente a um ideal futuro – tudo isso são obviamente causas do desastre atual. Não há tempo para entrarmos em todos os pormenores, mas é fácil ver, num relance, como surgiu este caos e esta degradação. É fora de dúvida que tudo isso provém dos valores errôneos e da dependência da autoridade, dos chefes, quer na vida diária, quer na escola secundária, quer na grande universidade. Os chefes e a autoridade são fatores de decomposição em qualquer sociedade. Desde que dependeis de outro, não tendes mais confiança em vós mesmos, e quando falta ao indivíduo essa confiança em si mesmo, tem de haver necessariamente o conformismo, que conduz, afinal, à ditadura dos estados totalitários.

Ora, quando estamos realmente cônscios das causas da guerra, da catástrofe atual, da presente crise mooral e social, percebendo ao mesmo tempo as causas e os efeitos, começamos naturalmente a compreender que a função da educação é criar novos valores, e não meramente implantar no espírito do discípulo valores que só podem condicioná-lo, em vez de despertar-lhe a inteligência. Quando, porém, o próprio educador não percebeu as causas do caos atual, como pode ele criar valores novos; como pode despertar a inteligência, como pode evitar que a geração vindoura enverede pelas mesmas trilhas que o conduzirão a outros desastres? Não há dúvida, pois, que muito importa ao educador não cuidar apenas de implantar certos ideais e transmitir simples conhecimentos, mas compreender que deve aplicar todo o seu pensamento, todo o seu zelo, todo o seu afeto à criação do ambiente adequado, da atmosfera adequada, de sorte que o discípulo fique capacitado para, depois de atingir a maturidade, atender a todos os problemas humanos que se lhe depararem. A educação, portanto, está em íntima relação, com a atual crise mundial; e todos os educadores, pelo menos na Europa e na América, começam a compreender que a crise é o resultado de uma educação errada. A educação só, pode ser

reformada se se tratar de educar o educador, e não com a simples criação de um novo padrão, um novo sistema de ação.

PERGUNTA: Os *ideais têm cabimento na educação?*

KR1SHNAMURTI: De certo que não. Os ideais e o idealista são, na educação, um empecilho à compreensão do presente. Este é um problema imenso, e vamos tentar tratar dele dentro do espaço de cinco ou dez minutos. É um problema sobre o qual está baseada toda a nossa estrutura. Isto é, temos ideais, e de acordo com esses ideais ministramos a educação. Ora, os idéias são necessários à educação? Os ideais, com efeito, não impedem a verdadeira educação, que é a compreensão da criança, tal como ela é, e não como deveria ser? Se desejo compreender uma criança, não devo ter um ideal do que ela deveria ser. Para compreendê-la, preciso estudá-la, tal como é. Mas se a ponho dentro do molde de um ideal, forço-a a obedecer a um padrão, quer ele lhe sirva quer não; e o resultado é que a criança está sempre em contradição com o ideal, ou de tal maneira se conforma com o ideal, que deixa de ser um ente humano, para agir como simples autômato, privado de inteligência. O ideal, pois, não constitui um empecilho à compreensão da criança? Se vós, como pai, desejais realmente compreender o vosso filho, vós o observais através da cortina de um ideal? Ou o estudais, simplesmente, com amor no coração? Vós o observais, observais o seu temperamento, as suas idiossincrasias. Porque tendes amor, vós o estudais. É só quando não temos amor, que temos um ideal. Observai a vós mesmos e o notareis. Quando nos falta o amor, temos esses monstruosos exemplos e ideais, que queremos impor à criança. Mas quando temos amor, nós a estudamos, nós a observamos e deixamos livre para ser o que ela é, nós a guiamos e ajudamos, não para o ideal, não em conformidade com um determinado padrão de ação, mas, sim, para fazê-la ser o que é.

Nesta questão vem à tona o problema do chamado “menino terrível” – se posso usar a palavra para definir, rápida e expressivamente, um determinado ponto. Para fazê-lo deixar de ser “terrível”, não necessitamos por certo de ideal algum. Se o menino é mentiroso, não é necessário dar-lhe o ideal da verdade. Devemos averiguar porque mente. Pode haver várias razões – provavelmente tem medo ou deseja evitar alguma coisa. Não precisamos examinar as várias razões do mentir. Mas, evidentemente, quando uma criança mente, o obrigá-la a moldar-se por um

padrão de verdade não a ajuda a libertar-se das causas da mentira. Precisamos estudá-la, precisamos observá-la, e, para tal necessita-se muito tempo; requer-se paciência, desvelo, amor; e porque isso vos falta, forçais a criança num padrão de ação a que chamais ideal. Evidentemente, um ideal constitui uma fuga muito barata. A escola que tem ideais ou o preceptor que segue ideais, é obviamente incapaz de tratar com uma criança.

Não sois obrigados a aceitar automaticamente o que estou dizendo, ou a contestá-lo. Observai, apenas. Afinal de contas, a função da educação é produzir um indivíduo íntegro, capaz de enfrentar a vida inteligentemente, de maneira integral – e não parcialmente, não como técnico ou idealista. O indivíduo, porém, não pode integrar-se se apenas segue um padrão idealista de ação. É bem óbvio, Senhoras e Senhores, que os mestres que se tornam idealistas, que seguem um padrão de ação, o chamado ideal, são a bem dizer inúteis. Se observardes, vereis que são incapazes de amar, que têm os corações duros e as mentes áridas. Porque requer-se observação e afeição em grau muito mais elevado; para estudar, para observar a criança, do que para forçá-la a num molde idealista de ação. E eu penso que os meros exemplos, que constituem uma forma de ideal, constituem igualmente uma inibição à inteligência.

Provavelmente o que estou dizendo é contrário a tudo aquilo em que acreditais. Deveis, porém, refletir a este respeito, porque não se trata de rejeitar nem aceitar. Cumpre perscrutá-lo com o máximo cuidado. Não estou sendo dogmático; como há muitas perguntas, sou obrigado a fazer-me breve e conciso. As inferências de um ideal são óbvias. Quando o mestre tem em mira um ideal, e incapaz de compreender a criança, porque então o futuro, o ideal, é muito mais importante do que a criança, o presente. Ele visa um certo alvo que julga correto e força a criança a adaptar-se a esse ideal. Isso, de certo, não é educação, é? Isso é como produzir automóveis em série. Tendes o modelo, e passais à criança pelo molde, e o resultado é que produzis seres humanos que são meros técnicos, que não têm relações humanas com outros, e só cuidam de si mesmos, de seu próprio ganho, política ou socialmente, ou na vida da família. Evidentemente é muito mais fácil seguir um ideal do que observar, do que desvelar-se, do que despertar o amor pelas crianças e pela humanidade. E esta é uma, das calamidades da moderna educação: o chamado ideal, o fim em vista, seja uma ideologia da

extrema esquerda, seja da direita, se tornou um padrão de ação, e produziu a presente catástrofe mundial.

PERGUNTA: É possível educar para a ação criadora, ou esta é *puramente acidental, e, por conseguinte, nada se pode fazer no sentido de facilitar* o *seu aparecimento?*

KRISHNAMURTI: A pergunta é, formulada diferentemente, se aprendendo uma técnica seremos criadores. Isto é, se, por exemplo, vos exercitais ao piano, ao violino, se aprendeis a técnica de pintar; sereis músico, sereis artista? A ação criadora resulta da técnica ou é independente da técnica? Podeis entrar numa escola e aprender tudo o que se pode aprender em matéria de pintura, dos tons das cores, aprender a técnica de segurar um pincel, etc.; mas isso fará de vós um pintor criador? Mas, se fordes realmente criador, então qualquer coisa que façais terá sua técnica peculiar. Fui uma vez visitar um grande artista, em Paris. Ele não aprendera técnica alguma. Se queria expressar alguma coisa, expressava-a na argila e depois no mármore. A maioria de nós aprende a técnica e tem muito pouco para expressar. Não curamos da capacidade de descobrir por nós mesmos; possuímos todos os instrumentos do descobrimento e nada descobrimos diretamente. O problema, pois, é como ser criador, o que traz consigo a sua técnica própria. Então, quando desejais escrever um poema, que acontece? Vós o escreveis e se possuis uma técnica, tanto melhor. Mas, se não tendes técnica alguma, não importa – vós escreveis o poema, e o deleite está no escrevê-lo. Afinal de contas, quando escreveis uma carta de amor, não vos preocupais com técnica nenhuma; vós a escreveis com todo o vosso ser. Já quando não há amor em vosso coração, vós recorreis a uma técnica de colocar as palavras. Senhores, se não amais, perdeis o tempo. Pensais que sereis capazes de viver felizes, criadoramente, aprendendo uma técnica, quando é justamente a técnica que destrói a capacidade de criar – o que não significa que não se deva ter uma técnica. É bem verdade que se desejamos, escrever um poema belamente, precisamos entender de métrica, de ritmo, etc. Mas se desejamos escrevê-lo para nós mesmos e não para publicação, em tal caso, nada importa a técnica. Escrevemo-lo. É só quando desejamos comunicar algo a outros, que se torna necessária a técnica apropriada, a técnica correta, para que não haja incompreensão. Mas, de certo, ser capaz de criar

é um problema inteiramente diferente e requer uma extraordinária investigação de nós mesmos. Não é uma questão de dom especial. Talento não significa capacidade criadora. Uma pessoa pode ser criadora sem ser talentosa. Que entendemos por capacidade criadora? Certamente entendemos um "estado de ser" do qual desapareceu completamente o conflito, um estado de ser em que não existem problemas nem contradições. A contradição, o problema e o conflito são o resultado da excessiva importância atribuída ao "eu", ao "meu" – "meu sucesso", minha família, "minha pátria". Quando cessa esse "eu", cessa também o pensamento e vem um "estado de ser" no qual é possível a criação. Uma das causas de problemas é a vossa crença, a vossa avidez, etc.; e a mente continua a criar, enquanto tem problemas, enquanto ela própria produz problemas. Uma mente acorrentada a um problema, amarrada à criação do seu próprio problema, nunca pode ser livre. É *só* quando a mente está livre de criação dos seus próprios problemas, que pode haver criação.

Senhor, para entrarmos nesta questão de maneira completa e verdadeiramente profunda, precisamos entrar em cheio no problema da consciência; e afirmo que, cada um de nós pode ser criador, no verdadeiro sentido da palavra, isto, é, não meramente produzindo poemas e estátuas ou procriando filhos. Por certo, ser criador significa achar-se naquele estado no qual a verdade pode manifestar-se; e a verdade só pode manifestar-se depois da total cessação do processo do pensamento. Quando a mente está de todo tranqüila, sem ter sido, impelida ou forçada num determinado padrão de ação; quando a mente está tranqüila porque compreende todos os problemas que surgem e portanto não tem mais problema algum; quando a mente está verdadeiramente tranqüila e não é impelida; então, nesse estado, manifesta-se a verdade. Esse estado é a criação, e a criação não é para uns poucos; não é talento ou dom de poucos; mas esse estado criador pode ser descoberto por qualquer um que consagre a sua mente e o seu coração a investigação do problema.

PERGUNTA: A discussão da experiência sexual não constitui uma parte necessária da educação? Não é ela a única solução racional para as perturbações ela adolescência?

KRISHNAMURTI: Senhor, a compreensão do sexo requer inteligência, e não o ideal disto ou daquilo; e esta é, uma matéria

extremamente difícil, como qualquer outro problema humano. Se o próprio educador não houver compreendido esse problema, como pode educar outro indivíduo? Se ele próprio está colhido na rede, na agitação, no extraordinariamente complexo problema do sexo, como pode instruir outras pessoas. E porque é o sexo um problema para ele? Evidentemente, porque ele próprio é incapaz de criar. O sexo se torna então mero instrumento de prazer, uma experiência que proporciona momentâneo deleite, momentânea ausência do "eu"; e por isso se torna ele um problema. Enquanto que, para ficar livres dele, precisamos investigar os vários empecilhos que estão obstando à criação. Um dos fatores, sem dúvida, é a imitação, a compulsão social para nos tornarmos alguma coisa na sociedade. Seguir um ideal é decerto uma forma de compulsão, uma forma de imitação: por essa razão não há pensar criador. Em última análise, quando pensamos de maneira realmente criadora, quando temos forte sensibilidade, o sexo é de muito pouca importância. É só quando não estamos atentos para todo o significado da existência, para o movimento das aves, para as árvores, os sorrisos, as alegrias do viver, quer sejamos ricos, quer pobres, – é só então que o sexo se torna um problema.

Há outras coisas compreendidas nesta pergunta. Pode-se transmitir a um adolescente o significado da experiência sexual? Ele, naturalmente, tem curiosidade, quer saber o que significa tudo isso. Isso depende também do preceptor ou dos pais. Em geral eles próprios sentem vergonha e acanhamento, com relação a este assunto, de modo que a coisa se torna, verdadeiramente absurda. São sórdidas as suas mentes. Senhores, observai a vós mesmos, como olhais para as pessoas, como olhais para homens e mulheres. E pensais que sois capazes de esclarecer os adolescentes a respeito deste assunto!

E há ainda outro problema: damos suma importância aos valores sensuais, aos valores dos sentidos, sendo que a esse respeito o rádio, o cinema e as revistas exercem considerável influência. Apanhai qualquer revista ou jornal; todos os anúncios vos atraem, vos despertam sensações. Assim, por um lado estimulamos a sensação, o sexo, à sensualidade; e, por outro lado, dizemos: "Não, isso é feio; deveis ser puros, deveis seguir o ideal do celibato". É tudo absurdo. Criais a contradição em vosso espírito e em tal estado de contradição ficais incapazes de compreender o que quer que seja. Mas, se, considerardes o problema diretamente, por vós mesmos,

como um fato biológico evidente, pondo de parte todas as imputações, todas as tradições, toda á fealdade que lhe tem sido atribuída, podeis então, com a vossa compreensão do mesmo, prestar uma útil ajuda.

Como disse na resposta anterior, a criação não é o mero ato sexual; ela é muito mais significativa e profunda. E só é possível a criação quando a mente não está empenhada com todas as suas energias em proporcionar satisfações a si mesma. Senhores, quando amamos, o amor é casto; e quando não há amor, o sexo se torna um problema, um mau hábito. Assim, temos dificuldade no tocante a todas estas questões, por que já nos tornamos embrutecidos, já estamos cansados. A vida nos tem imposto esforços excessivos. Queremos ser confortados, queremos ser amados, Sendo insuficientes, sendo interiormente pobres, de que maneira poderemos, nós, os educadores, ministrar educação adequada? Está bem claro, pois, como já manifestei, que o problema; em primeiro lugar, é o professor, o educador, e não meramente a educação do discípulo, Senhores, nossos corações e nossas mentes necessitam de purificar-se, para que sejamos de fato capazes de educar outros seres. Podeis dizer que tudo isso são conselhos melífluos, sem nenhum valor prático; mas, se o instrumento que ensina está torto, como pode ele ministrar um bom ensino, os conhecimentos corretos, a verdadeira sabedoria e a verdadeira compreensão?

PERGUNTA: A educação pelo estado não é uma calamidade? Se o é, de que maneira levantar fundos para escolas não controladas pelo Governo?

KRISHNAMURTI: Obviamente, a educação pelo estado é uma calamidade – e com isso sem dúvida os governos não estarão de acordo. Não querem que o povo pense, querem que as pessoas sejam meros autômatos; porque então lhes podem dizer o que fazer. Nessas condições, o ensino, sobretudo se está nas mãos do governo, está se tornando cada vez mais um meio de ensinar o que pensar e não a pensar; porque se um indivíduo pensar independentemente do sistema, se torna um perigo. Por isso, uma das funções do Governo é a de não deixar o indivíduo pensar, mas, sim, a de fazê-lo aceitar o que se lhe diz. Eis porque, como se observa no mundo inteiro, todos os governos se estão ingerindo na educação. A educação e a alimentação converteram-se em meio de controlar o homem. E que importa o homem aos governos, da esquerda ou da direita, se o que

eles querem são máquinas perfeitas para produzir mercadorias e balas de fuzil? Há umas poucas escolas particulares na Inglaterra e noutros lugares: mas todas elas são rigorosamente fiscalizadas, inspecionadas, controladas, porque o Governo não deseja instituições livres, capazes de formar pacifistas, homens que pensem de modo contrário ao regime, ao sistema. Sendo a educação correta, sem dúvida, um perigo para o governo, uma de suas funções é cuidar de que não seja ministrada a educação correta. Há na Inglaterra cerca de 80.000 pacifistas. Se aumentar o seu numero, não achais que se transformarão num perigo para o Governo? por conseguinte, é preciso controlar os indivíduos, desde a infância. Não lhes permitamos pensar em termos que não admitam guerra, pátria, sistemas, ou ter uma ideologia diferente. Isso significa fiscalização por parte do governo, controle do ensino pelo Ministro da Educação. Senhores, é isso que está acontecendo no mundo, quer vos agrade, quer não; e significa que vós, os cidadãos responsáveis pelo Governo, não desejais a liberdade. Não desejais um novo modo de existência, uma nova civilização, uma nova estrutura social. Se tendes alguma coisa nova, ela pode ser revolucionária, destruidora do que *é;* e como desejais que as coisas continuem como estão, dizeis: "Ora, que haja um governo que controle a educação". Desejais uma ligeira modificação aqui e ali, mas não desejais revolução no pensamento; e no instante em que desejais uma revolução no pensamento, o governo intervém, joga-vos na prisão, vos liquida logo, a portas fechas, e caís no esquecimento. Senhores, um país se torna cada vez mais organizado, existe cada vez mais autoridades e compulsão externa, quando o próprio homem não tem visão interior, luz interior, compreensão. Ele se torna então um mero instrumento das autoridades, quer num Estado totalitário, quer numa das chamadas democracias. Porque, nos momentos de crise, os chamados estados democráticos se tornam iguais aos totalitários, esquecendo a democracia e obrigando os homens a se, conformarem a um padrão de ação.

Agora, a segunda parte da pergunta é: "Como levantar fundos para escolas não controladas pelo governo?" Senhor, não é este o problema. No momento em que temos dinheiro, vem a corrupção. Considerai todas as escolas fundadas no estilo mais idealista possível. Observai os seus dirigentes. Com engordam! No entanto, podeis fundar uma escolinha na esquina da vossa rua. Sei de várias escolas que começaram assim e que estão ainda funcionando, graças ao preparo, ao entusiasmo, ao sentimento

dos seus fundadores. Uma das nossas dificuldades é querermos transformar toda a humanidade da noite para o dia – ou influenciar as massas, como costumais dizer. Quem são as massas, a pobre humanidade? Sois vós e sou eu. E se sentirdes a fundo, se pensardes de fato, em todos esses problemas – não apenas superficialmente, no espaço de uma tarde, para matar o tempo – fareis então o que for necessário para a criação de uma nova escola, em qualquer parte, na esquina da rua ou em vossa própria casa; porque, em tal caso, estareis interessados em vossos filhos e nas crianças do vosso círculo. Então aparecerá o dinheiro necessário, Senhor. Não vos preocupeis com o dinheiro. Dinheiro é de última importância. Deixai o dinheiro, aos idealistas desejosos de fundar uma escola ideal. Se vós e eu estamos bem conscientes do problema da existência humana, do que ela significa, se sabemos porque vivemos, porque sofremos, porque passamos por tantas torturas, se desejamos realmente compreender esse problema e ajudar a criança a compreendê-lo, iniciaremos uma escola, sem fundos, sem toque de caixa, e sem coletas de vultosas contribuições. Porque, quando temos dinheiro que acontece? Não sabeis o que acontece, Senhor? Tendes os vossos recursos particulares, precisais preservá-los, saber quem os gasta – se vós, se o vosso secretário, ou a comissão – e começam as preocupações com futilidades. Se tendes pouco dinheiro e verdadeira clareza de pensamento e sentimento, criareis uma escola. E, ao criar a escola; tereis naturalmente de enfrentar a oposição ou a ingerência do governo. Se ensinais os vossos alunos a não serem nacionalistas, a não fazerem continência à bandeira, porque o nacionalismo é um fator de guerras, se os ensinais a não serem comunalistas, se, os ajudais a compreenderem todo o problema da existência, julgais que os governos vos apoiarão? Se produzirdes verdadeiros revolucionários, não no sentido de matar; mas verdadeiros revolucionários no pensamento e no sentimento, pensais que a sociedade o tolerará por um minuto?

Assim, como pais e preceptores vós sois responsáveis, tendes de verificar se estais meramente aquiescendo aos ditames do governo, se aprendestes meramente uma técnica que vos dá uma certa capacidade para ganhar dinheiro, e se vos contentais com manter a atual estrutura social, tal como está; ou se tendes verdadeiro interesse pelo viver correto e pela maneira correta de ganhar a vida. Se percebeis que os governos se baseiam na violência e são o produto da violência, e compreendeis que por meios errôneos nunca será possível alcançar um fim justo; e se estais interessados

em educar verdadeiramente os vossos filhos sem duvida criareis uma escola, seja onde for na esquina, em vosso quintal, ou em vosso próprio quarto. Porque, Senhores, não creio que sejam muitos os que percebem o abismo, a degradação a que chegamos. Se houver uma terceira guerra mundial, será o fim de tudo. Podeis escapar; mas o vosso problema será então a quarta guerra, uma vez que não ficou resolvido o problema do antagonismo entre os homens. E ele só pode ser resolvido por meios corretos, isto é, pela educação correta – não por um ideal contrário à guerra, mas, sim, pela compreensão das causas da guerra, as quais residem na nossa atitude perante a vida, na nossa atitude perante os nossos semelhantes. Sem uma transformação do coração, sem boa vontade, as meras organizações não implantarão a paz – como se vê pelo exemplo da Liga das Nações e da ONU. Contar com os governos, contar com as organizações exteriores para a transformação que deve começar no interior de cada um de nós, é esperar em vão. O que nos cabe fazer é transformar a nós mesmos, o que significa ficarmos cônscios das nossas ações, nossos pensamentos e sentimentos, na vida de cada dia.

Não vos preocupeis, pois, sobre a questão de levantar fundos. Ela pode não vos preocupar agora, e por alguns minutos, enquanto estais comprimido num canto, nesta reunião, podeis perceber a significação de tudo isso. Mas, depois caireis de novo na vossa rotina diária, voltareis ao vosso magistério e às vossas profissões, porque tendes de ganhar dinheiro. Assim sendo, serão muito poucos os que estão seriamente interessados. Todavia, são aqueles dentre vós que se sentirem seriamente interessados que promoverão uma revolução no pensamento. Senhor, à revolução deve começar no pensamento, e não com sangue; e se houver a verdadeira revolução no pensamento não haverá sangue. Mas se não houver correto pensar, verdadeiro pensar, haverá sangue; e mais sangue. Os meios justos nunca produzirão um fim justo; porquanto o fim está contido no meio.

PERGUNTA: Que dizeis da instrução militar na educação?

KRISHNAMURTI: Tudo depende do que desejais que o ente humano venha a ser. Se desejais que ele se torne carne de primeira qualidade para canhão, então a instrução militar é uma coisa maravilhosa. Se desejais discipliná-la, se desejais controlar-lhe a mente, os pensamentos, então a instrução militar constitui um ótimo método para esse fim. Se desejais condicioná-lo de uma certa maneira e torná-lo um irresponsável na

sociedade, a instrução militar é então um instrumento muito bom. Tudo depende do que desejais que o vosso filho venha a ser. Positivamente, Senhor, se desejais que o vosso filho viva, a instrução militar é uma maneira errada de proceder; mas se amais a morte, neste caso instrução militar é excelente. E como a moderna civilização anda à procura da morte, o militarismo, com seus generais, seus soldados, advogados, etc., é considerado muito bom. Por esse caminho encontrareis a morte, a morte certa. Mas se desejais a paz, se desejais relações corretas entre os homens – cristãos, hinduístas, muçulmanos ou budistas – rótulos esses que constituem barreiras às relações corretas – a educação militar é então um absoluto empecilho. Senhor, é bem certo que à função de um general é a de preparar a guerra; e a função do soldado a de manter a guerra; e se quereis que a vida seja uma batalha constante entre vós e o vosso próximo, tratai, então, por todos os meios, de ter mais generais. E vamos todos ser soldados – como realmente está acontecendo. A conscrição foi combatida na Inglaterra durante gerações, enquanto todo o resto da Europa estava recrutando soldados; e agora também a Inglaterra cedeu. A Inglaterra faz parte da estrutura total do mundo, e isso é um indício do que está acontecendo. Em nosso país, dada a sua imensidade, a conscrição não é possível imediatamente: mas virá quando estiverdes todos perfeitamente organizados. Depois, guerra, mais guerras, mais carnificinas, mais miséria. E para isso que vivemos – para termos uma batalha constante dentro em nos mesmos e com os nossos semelhantes? Certamente, Senhor, para se descobrir a verdade, a realidade, a bem-aventurança do incognoscível, necessita-se liberdade, liberdade do conflito com nós mesmos e com o próximo. Afinal de contas, quando um homem não está em conflito, consigo mesmo, não cria conflito externo. O conflito interior, projetado no exterior transforma-se no caos mundial. Afinal de contas, a guerra é um resultado espetacular do nosso viver de cada dia; e sem uma transformação da nossa existência diária, continuaremos a ter soldados e mais soldados, e manobras, e continência às bandeiras, e todas as demais futilidades, e o inevitável prolongar da destruição, da miséria, e do caos. Disse-me um antropologista que há uns dois ou três mil anos um político exclamou: "Espero que esta seja a última guerra" – e continuamos, entretanto, a fazer guerra. Parece que todos nós necessitamos realmente de armas. Queremos todo esse divertimento de bandas militares, condecorações, uniformes. salvas, bebida, morticínio. Porque assim é á nossa vida de cada dia.

Estamos destruindo outros com nossa avidez, com nossa exploração. Quanto mais ricos ficamos; tanto mais exploradores ficamos. Gostais de tudo isso, e desejais também ser ricos. Enquanto predominarem na sociedade as três profissões de soldado, policial e advogado, a civilização estará condenada; e é isso que está acontecendo na Índia, bem como no mundo inteiro. Essas três profissões estão-se tornando cada vez, mais poderosas. Não me parece que saibais o que se está passando ao redor de vós e dentro de vós mesmos, não parece que saibais as catástrofes que estais preparando. Só desejais passar cada dia o mais rápida e estupidamente possível, pela maneira mais desintegradora possível, e abandonais aos governos, aos políticos, aos astutos, a direção de vossas vidas.

Como se vê, tudo depende do que desejamos que a vida seja. Se desejamos que a vida seja uma série de conflitos, é então inevitável a expansão do militarismo. Se desejamos que a vida seja vivida de maneira feliz, com pensamento, com desvelo, com afeição, então o militar, o soldado, o policial, o advogado se tornam um obstáculo. Mas o advogado, o soldado, o policial e o militar não irão desistir de suas profissões, do mesmo modo, como vós não abandonareis os vossos métodos de exploração, quer psicológica, quer exterior. É portanto de grande importância que descubrais por vós mesmo qual a finalidade do viver; não que aprendais de outro mas que a descubrais por vós mesmo, o que significa que deveis estar cônscio de vossas ações de cada dia, de vossos diários sentimentos e pensamentos; e quando estiverdes plenamente cônscios, essa percepção vos revelará a verdadeira finalidade da vida.

PERGUNTA. Qual o lugar que cabe à arte na educação?

KRISHNAMURTI: Não sei o que entendeis por arte. Quereis dizer que se devam pendurar quadros nas salas de aulas, ou que se deva ajudar o aluno a fazer um desenho de acordo com um modelo, porque vós aprendestes um pouco de técnica? Ou trata-se de ensinar o aluno a ser sensível – não em relação a vós ou ao que dizeis, mas sensível às misérias, à confusão, às aflições da vida? Desejais apenas ensiná-lo a pintar ou desejais despertá-lo para a influência da beleza – não a beleza de qualquer quadro ou estátua, mas a beleza em si? Senhor, na moderna civilização a beleza parece estar apenas à superfície da pele: a maneira de vestir, de pintar o rosto, de pentear os cabelos, de andar. Estamos discutindo sobre

arte, sobre se a beleza está na superfície ou se ela é uma questão de amor; se ela é exterior, ou se significa compreender o processo interior do pensamento.

Na nossa sociedade, constituída como está; temos mais interesse pela expressão exterior, pela aparência, pelo *sari*, do que pelo que está no interior. Pouco importa o que sejais por dentro, mas deveis apresentar uma aparência respeitável, usar "rouge" e "baton". Não importa o que sois interiormente. Temos, assim, mais interesse pela técnica do que pelo viver, mais interesse pela expressão do que pelo amor. Por conseguinte, servimo-nos das coisas exteriores como meios de encobrir nossa fealdade interior, nossa confusão interior. Ouvimos música para fugir às nossas tristezas. Por outras palavras, tornamo-nos expectadores em vez de atores. Para serdes criador precisais conhecer a vós mesmo, e conhecer a vós mesmo é extremamente difícil; mas aprender uma técnica é relativamente fácil. Assim, quando falais de arte na educação, não sei exatamente o que quereis dizer. Sem dúvida, as influências exteriores, as influências ambientes, têm o seu lugar; mas quando se dá mais importância ao exterior, a confusão interior deixa de ser compreendida, sendo-nos assim negada a compreensão interior, a beleza interior; e sem beleza interior, como é possível a expressão exterior da beleza? E para cultivardes a beleza interior, precisais em primeiro lugar estar cônscio da confusão interior, da fealdade interior, porque a beleza não vem à existência por si. Para ser sensível à beleza, precisais compreender o feio e o confuso; e é só quando saímos da confusão para a ordem, que se manifesta a beleza.

PERGUNTA: A quem chamaríeis um preceptor perfeito?

KRISHNAMURTI: obviamente, não o preceptor que tem um ideal; não o que aufere lucros do ensinar, não o que formou uma organização, não o que é instrumento dos políticos, nem o que está preso a uma crença ou nação; mas o preceptor perfeito é, por certo, aquele que nada pede para si, que não está envolvido em política, que não aspira ao poder, à posição. Ele nada pede para si, porque, interiormente é rico. Sua sabedoria não está nos livros; sua sabedoria reside no experimentar, e o experimentar não é possível se busca um fim. O experimentar não é possível ao homem para quem o resultado é de muito mais importância que o meio; não é possível àquele que quer mostrar que produziu tantos e tantos alunos, que fizeram brilhantemente os seus exames, que saíram bacharéis de primeira ordem.

Evidentemente, como os mais de nós só desejamos um resultado, damos pouca reflexão aos meios empregados, e por isso nunca seremos preceptores perfeitos. Sem dúvida, Senhor, um preceptor, para ser perfeito, deve estar acima e além do controle da sociedade. Ele deve ensinar, sem que se lhe diga o que ensinar, o que significa que não deve ter posição alguma na sociedade. Não deve ter autoridade alguma sobre a sociedade, porque no momento em que tem autoridade faz parte da sociedade; e como a sociedade está a desintegrar-se constantemente, o preceptor que faz parte da sociedade não pode ser o preceptor perfeito. Ele deve estar fora dela, o que significa que não pode pedir coisa alguma para si; por conseguinte, a sociedade deve estar esclarecida para suprir as suas necessidades. Mas nós não desejamos uma sociedade assim esclarecida, nem desejamos preceptores assim. Se os tivéssemos, a atual sociedade estaria em perigo. Religião não é crença organizada, Religião é busca da verdade, a qual não pertence a nação alguma, a nenhuma crença organizada, a qual não reside em nenhum templo, igreja ou mesquita. Sem a busca da verdade, nenhuma sociedade pode ter vida longa; e enquanto existir, produz inevitavelmente desastres. Positivamente, o preceptor não é apenas o que transmite conhecimentos, o preceptor é aquele que aponta o caminho da sabedoria; e quem indica onde está da sabedoria não é o *guru*. A verdade é muito mais importante do que o preceptor. Por conseguinte, vós, que buscais à verdade, deveis ser simultaneamente discípulo e mestre. Por outras palavras, deveis ser o preceptor perfeito, para criardes uma sociedade nova; e para que possa existir o preceptor perfeito, deveis compreender a vós mesmo. A sabedoria começa com o autoconhecimento; e sem autoconhecimento a mera cultura intelectual conduz à destruição. Sem autoconhecimento, o aeroplano torna-se o instrumento mais destrutivo do mundo; mas, com autoconhecimento ele é um meio de ajuda humana. Assim, evidentemente, um preceptor deve ser um homem que não esteja preso nas garras da sociedade, que não faça o jogo da política de força, nem ambicione posição e autoridade. Em si próprio deve ter descoberto o que é eterno, e deve, portanto, ser capaz de transmitir o conhecimento que ajudará alguém a descobrir os seus próprios meios de esclarecimento.

PERGUNTA: Qual o *lugar da disciplina na educação?*

KRISHNAMURTI: Eu diria; nenhum. Um minuto, vou explicar-me. Qual é a finalidade da disciplina? Que se entende por disciplina? Vós,

que sois professor, quando disciplinais que acontece? Forçais, compelis; há compulsão, ainda que sutil, ainda que suave, o que significa, conformidade, imitação, temor. Mas, direis: “Como pode uma grande escola funcionar sem disciplina?” Não pode. É por esta razão que as grandes escolas deixam de ser instituições educativas. São instituições lucrativas, para o patrão ou para o governo, para o diretor ou o proprietário. Senhor, se amais o vosso filho, vós o disciplinais? Vós o compelis? Vós o forçais num molde de pensamento? Vós o observais, não é verdade? Procurais compreendê-lo, descobrir quais são os motivos, os impulsos, as influências que estão atrás dos seus atos e, compreendendo-o, criais o ambiente adequado, determinais a quantidade adequada de sono, a quantidade adequada de recreações, Tudo isso é o que se subentende, quando amamos uma criança; mas nós não amamos nossos filhos, porque nos nossos corações não há amor. Nós apenas criamos filhos. E naturalmente; quando temos muitos, precisamos discipliná-los, e a disciplina se torna um meio muito fácil de resolver a dificuldade. Disciplina, afinal de contas, significa resistência. Vós criais uma resistência àquele que estais disciplinando. Pensais que a resistência produzirá compreensão, pensamento, afeição? A disciplina só pode levantar muralhas em torno de vós. A disciplina é sempre exclusiva, ao passo que a compreensão é inclusiva. A compreensão vem quando investigamos, quando indagamos, quando perscrutamos, e isso requer zelo, consideração, pensamento, afeição. Numa grande escola tais coisas não são possíveis, e só o são numa escola pequena. Mas as escolas pequenas não são lucrativas para o proprietário particular ou para o governo; e visto que vós, que sois responsáveis pelo governo, não estais de fato interessados nos vossos filhos, que importa isso? Se amásseis os vossos filhos, não como simples brinquedos que vos distraem por momentos e depois vos aborrecem, se deveras amasseis os vossos filhos, permitiríeis que continuasse a haver tais coisas? Não, desejaríeis saber o que comem, onde dormem, o que fazem durante o dia, se lhes batem, se os esmagam, se os destroem? Isso, porém, implica investigação, consideração por outros, seja vosso filho, seja o filho do vizinho; e vós não tendes consideração nem pelos vossos filhos, nem por vossa esposa ou vosso esposo.

Assim, o problema está em vossas mãos. Não está nas mãos de governo ou sistema algum. Se todos nós cuidássemos verdadeiramente das crianças, teríamos uma nova sociedade amanhã; mas nós, em verdade, não cuidamos, e por isso não temos tempo. Temos tempo para praticar o *puja*,

para ganhar dinheiro para freqüentar os clubes, temos tempo para diversões, mas não nos sobra tempo para pensar ou cuidar da criança. Não me estou fazendo retórica. Este é um falo, e vós não desejais olhá-lo de frente. Porque olhar o fato de frente significa que deveis abandonar os vossos divertimentos e distrações; e quereis dizer que ides abandoná-los? De certo que não. Assim, jogais os filhos nas escolas, e o professor não se importa mais com eles do que vós. Porque deveria importar-se? Ele está lá porque é seu emprego, para ganhar o seu dinheiro, e assim continuam as coisas; e nos reunimos numa tarde, aqui, para discutir sobre educação! É mesmo maravilhoso este nosso mundo. Um mundo tão superficial, tão falso, se olhamos atrás da cortina, e ficamos a adornar à cortina, esperando que atrás dela tudo esteja muito bem. Senhores, não creio que vós, educadores e pais, percebeis como as coisas estão sérias. A catástrofe que assola este país é bem evidente, mas vós não desejais desnudá-la e começar de novo, por maneira nova. Desejais fazer reformas e remendos, e por isso surgem todas estas questões. Senhores, urge começar de novo, não pode haver reforma de remendos; porque o edifício está ruindo, as paredes estão cedendo, e um incêndio o está destruindo. Tendes de abandonar, o edifício, e começar de novo noutra parte, com outros valores, sobre outros alicerces. Mas os que estão auferindo lucros da educação, seja o Estado, seja o indivíduo, continuarão do mesmo modo, porque estão cegos para a destruição, a decomposição, a degradação. Já os que realmente percebem a catástrofe, não apenas em alguns pontos, mas no mundo inteiro, têm de despojar-se de tudo e começar de novo. Não quero dizer que se despojem do conhecimento exterior, do conhecimento técnico. Sei que desse ninguém pode despojar-se; mas podeis despojar-vos interiormente, ver a vós mesmos tais como sois, ver vossa fealdade, vossa brutalidade, vossa crueldade, vossas falsidades, vossa desonestidade, vossa absoluta falta de amor. Percebendo tudo isso, podeis começar de novo, tornando-vos honestos, claros, simples, diretos. Positivamente, só então é possível nascer um mundo novo e uma ordem nova. A paz não vem com reformas de remendos. A paz não vem com o mero ajustamento das coisas, tais como estão. A paz vem quando compreendemos o que *é*, além do superficial. Só pode nascer a paz, quando a onda de destruição, que é a onda de nossa própria ação, for detida. Senhores, como podemos ter amor? Não pelo cultivo do ideal do amor, mas, tão só, quando não temos ódio, quando não temos avidez, quando há consideração, quando há generosidade; um

homem que está ocupado com explorar, que tem avidez, que tem inveja, nunca conhecerá o amor. Quando há amor, os sistemas se tornam de importância diminuta. Quando há amor, há consideração, não só para com as crianças, mas para com todos os seres humanos.

13 de março de 1948.

Décima Conferência

Desejo esta tarde discorrer sobre o problema da ação, o que poderá ser algo abstruso e difícil no princípio, mas espero que, pensando cabalmente, nele, teremos a possibilidade de compreender a questão com clareza. Porque, toda a nossa existência, toda a nossa vida é um processo de ação. É uma ação que se desenvolve em diferentes níveis da consciência. Tende a bondade de prestar um pouco de atenção ao que vou dizer, porque será extremamente difícil se não acompanhardes muito de perto, se vossa atenção estiver sendo distraída pelos que estão passando por trás de mim. Eu não me distrairei; mas, infelizmente, vós vos distraireis e, por conseguinte, não podereis compreender a questão, perdereis a sua beleza; porque o problema é muito difícil e exige a máxima atenção.

A maioria de nós vive numa série de ações, aparentemente não relacionadas entre si, aparentemente desconexas que conduzem à desintegração, à frustração. É um problema que diz respeito a cada um de nós, porque nós vivemos pela ação; e sem a ação não há vida, não há experiência, não há pensar. O pensamento é ação; se só nos interessa a ação num determinado nível da consciência, no nível exterior, se só nos empenhamos na ação exterior sem compreendermos todo o processo da própria ação, seremos inevitavelmente levados à frustração, à desventura. Por conseguinte, embora o problema seja muito simples, é necessário um pouco de concentração – não a concentração que exclui, mas o interesse que facilita, não a exclusão, mas a atenção. É o que se necessita: estar atento, com interesse. Em tal caso, caminharemos juntos, não farei a jornada sozinho e vós não vos tornareis meros expectadores. E se podemos fazer juntos a jornada, ela será muito mais proveitosa, muito mais

interessante, mais vital e significativa e estareis, por conseguinte, capacitados para compreender por vós mesmos as vossas ações diárias.

A nossa vida, pois, é uma série de ações, um processo de ação em diferentes níveis da consciência. Pois bem; a consciência, como expliquei há dias, é experimentar, dar nome e registrar. Isto é, a consciência é estímulo e reação, que significa experimentar, a seguir dar nome, e depois registrar, constituindo-se assim a memória. Esse processo é ação, não é? A consciência é ação; e sem estímulo e reação, sem experimentar, dar nome e registrar – que é memória – não existe ação. Quer sejais um competente administrador, um grande negociante, enchendo-vos de dinheiro e amontoando um depósito no banco, quer sejais escritor ou um simples homem comum que vive do seu trabalho, este é o processo que está sempre operando: experimentar, dar nome e registrar; e este processo, no seu todo, constitui a consciência, que é ação.

Pois bem: a ação cria o agente. Isto é, o agente começa a existir quando a ação tem um resultado, um fim em vista. Se não há resultado da ação, não existe então o agente, mas se há um fim ou resultado em vista, então a ação cria o agente. Assim, agente, ação e fim ou resultado constituem um processo unitário, um processo único, o qual é reduzido quando a ação tem um fim em vista. A ação que visa a um resultado, é vontade; do contrário não há vontade. O desejo de alcançar um fim gera a vontade, que é o agente. Quero realizar uma coisa, quero escrever um livro, quero ser rico, quero pintar um quadro. Vontade é ação com um fim em vista, com um resultado a ser alcançado, que produz o agente. Assim, o agente, ou a vontade, a ação, e o fim ou resultado constituem um só processo. Embora possamos decompô-lo e examinar esses fatores separadamente, trata-se de um processo unitário, total.

Ora bem, conhecemos muito bem esses três estados: o agente, a ação e o fim. Tal é a nossa existência diária. Estou apenas explicando o que é, mas só começaremos a compreender como se transforma o que *é,* quando o examinarmos claramente, de modo que não haja nem ilusão, nem preconceito, nem tendência alguma em relação com ele. Ora, esses três estados, que constituem a experiência – agente, ação, e resultado – esses três estados representam, evidentemente, um processo de vir a ser, não é verdade? Se não há agente, e se não há ação tendo em vista um fim, não

temos vir a ser; mas a vida, como nós a conhecemos a nossa vida diária, é um processo de vir a ser. Sou pobre, e ajo com um fim em vista, que é o de tornar-me rico. Sou feio, e quero tornar-me belo. Por conseqüência, a minha vida é sempre um processo de vir a ser alguma coisa. A vontade de ser é a vontade de vir a ser, em diferentes níveis da consciência, em diferentes estados, no que há estímulo, reação, dar nome e registrar. Ora, esse vir a ser é conflito; esse vir a ser é penoso, não achais? É uma luta constante: sou isto quero tornar-me aquilo. O vir a ser é uma batalha incessante – o rico em competição com outro mais rico, para manter a sua posição; o pobre tentando ficar rico; o artista procurando alcançar um resultado, escrever um livro ou poema, pintar um quadro. Há sempre um fim em vista, um resultado para ser alcançado, e nesse processo de vir a ser há uma batalha incessante, conflito, sofrimento. Tudo isso nos é bem familiar – não descrevi outra coisa senão o que é.

O problema, portanto, é: Não há ação sem esse vir a ser? Isto é, não há ação desacompanhada desse sofrimento, dessa batalha constante? Se não há um fim; não há agente, porque a ação com um fim em vista é que cria o agente. Mas, pode haver ação sem um fim em vista, e por conseguinte sem agente? Porque, no momento em que há ação com o desejo de resultado, há agente, e por conseguinte o agente está sempre empenhado em vir a ser; logo é o agente a fonte do conflito, do sofrimento e da miséria. E para se eliminar esse conflito, pode haver ação sem agente, isto é, sem o desejo de resultado? Apenas tal ação não é um "vir a ser" e portanto não é luta, Há um estado de ação um estado de experimentar, em que não existe nem experimentador nem experiência. Isso pode parecer algo filosófico, mas na realidade é muito simples. Sabemos que em nossas ações diárias há sempre o agente ou o "experimentador", o processo de experimentar e a experiência; o agente atua no sentido de alcançar um fim, e sei que este processo sempre produz lula, porque vivo em luta com minha esposa, meu marido, meus vizinhos, meu patrão. Conheço esta vida de luta e conflito, e desejo eliminar o conflito, porque reconheço que não conduz a coisa alguma. Só à felicidade criadora produz um estado revolucionário. Assim, para haver ação sem luta, não deve haver agente; e não há agente quando não há fim em vista. Posso viver em estado de experimentar, a todas as horas, sem o desejo de resultado? Esta é a única maneira de resolver o problema, não achais? Enquanto a ação tem um fim em vista, tem de haver o agente, o experimentador, o observador, e por

conseguinte um processo de vir a ser, produtivo de luta, e, logo, um estado de contradição, Pode-se viver, na ação, sem o estado de contradição? Só se pode estar livre da contradição quando não há nem agente nem fim para alcançar, o que implica um estado de constante experimentar, sem o objeto de experiência, por conseguinte sem o experimentador. Pois bem, vivemos em tal estado quando o experimentar, em si, é intenso. Considerai, por exemplo, qualquer experiência intensa que tiverdes. No momento de experimentar; não estais cônscio de vós mesmo como experimentador separado da experiência; estais em "estado de experimentar". Considerai um exemplo muito simples: sentis cólera. No momento da cólera não existe nem experimentador nem experiência: só há experimentar: Mas ao sairdes desse estado, uma fração de segundo após o experimentar, eis que surge o experimentador e a experiência, o agente e a ação com um fim em vista – que é o de ficar livre da cólera ou de reprimi-la. Assim, nós nos vemos repetidamente nesse estado, nesse estado de experimentar; mas sempre saímos dele e aplicamos-lhe um termo, damos-lhe nome e o registramos, dando assim continuidade ao vir a ser.

Pois bem; o problema é: Como podemos libertar-nos do conflito na ação? Como já disse, isso só é possível quando o experimentar é vivido completamente, integralmente, quando não há o processo de dar nome, nem, portanto, o processo de registrar, que é memória. A memória é o fator que registra o resultado da ação que tem um fim em vista. Senhor, quando tendes uma experiência, e vos encontrais nesse momento de experimentar, se não lhe dais nome, e por conseguinte não o registrais, não o pondes no quadro de referências que é a memória, este experimentar é então alegria, esse experimentar é criação.

Experimentai o que acabo de dizer. É muito simples. Conhecemos o primeiro processo, que é a ação em busca de um fim, um resultado, e criando o agente. O agente, ou a ação com um fim em vista, é o processo de vir a ser, e este processo significa luta e sofrimento constantes. Conhecemo-lo muito bem. Viver em conflito é essencialmente um estado de contradição, e em estado de contradição nunca pode haver a capacidade de viver plenamente, porque sempre há de haver luta, sempre há de haver sofrimento. Para ficarmos livres desse sofrimento, só pode haver um único estado, o "estado de experimentar" – que é ação sem agente, sem resultado, sem um fim em vista. Não é uma coisa absurda, como poderá parecer. Se

observardes muito atentamente, vereis que, em momentos de grande êxtase, vós viveis nesse estado de experimentar, sem agente ou experimentador, e sem o objeto da experiência. A maioria de nós conhecemos esse “estado de experimentar”; e depois de conhecê-lo desejamos fazê-lo continuar é com isso damos de novo nascimento ao “vir a ser”. Isto é, desejamos um resultado, o que significa ação com um fim em vista; e por conseguinte fortalecemos o quadro de referências, que é a memória. Assim, para produzir um estado de constante experimentar, o qual é, em verdade, extraordinariamente revolucionário, precisamos estar cônscios desse processo de ação que busca sempre um fim, um resultado, e que faz, portanto, nascer o agente. Precisamos estar plenamente cônscios desse processo; e quando estamos cônscios dele, e percebemos a verdade, o significado, o sofrimento que há nele, então, nesse percebimento passivo, conheceremos o estado de experimentar, no qual não existe nem experimentador nem experiência.

Tenho umas oito perguntas. Sugeriram-me responder as mesmas concisamente, sem me estender muito; porque se, respondendo a uma pergunta, me estendo muito, a resposta se torna uma conferência, e muitos de nós somos incapazes de sustentar um pensamento durante um longo espaço de tempo. Se respondo a cada pergunta concisamente, talvez possais apreender melhor a resposta. Vou pois, nesta tarde, tentar responder ao maior número possível destas perguntas, e veremos qual será o resultado.

PERGUNTA: Qual a relação entre o pensante e o seu pensamento?

KRISHNAMURTI: Ora, existe uma tal relação, ou existe uma só coisa, que é o pensamento, e não o pensante? Porque, se não há pensamentos, não há pensante. Quando pensais, quando tendes pensamentos, existe um pensante? Se não tendes absolutamente nenhum pensamento, que é do pensante? Ora, tendo pensamentos e percebendo a impermanência dos pensamentos, vem à existência o pensante. Isto é, o pensamento cria o pensante; e porque os pensamentos são transitórios, o pensante se torna a entidade permanente. Primeiro, há o processo de pensamento, e depois o pensamento cria o pensante; isto é bem óbvio. O pensante se estabelece então como entidade permanente, separada dos pensamentos. Isto é, os pensamentos são transitórios, estão sempre em estado de fluxo, e o pensamento não gosta da sua impermanência; por isso o pensamento cria o pensante. Não é o contrário que acontece, isto é, não é

o pensante que cria o pensamento. Se não tendes pensamentos, não há pensante; vemos, pois, que é o pensamento que cria o pensante. Procuramos, depois, estabelecer uma relação entre o pensante e o pensamento, que o criou. Isto é, procuramos estabelecer uma relação entre aquilo que quer ser permanente, que é o pensante, criado pelo pensamento, e o pensamento, que é transitório. Mas, obviamente, ambos são transitórios. Uma vez que o pensamento, que é transitório, cria o pensante, e embora o pensante possa imaginar-se permanente, ele também é transitório; porque o pensante é produto do pensamento.

Isto não é uma charada; é um fato óbvio. Acompanhai um pensamento completamente, levai-o até o fim, e vereis o que acontece. Vereis que, em absoluto, não existe pensante, porque é o pensamento que cria o pensante. Por conseguinte, não existem dois estados, de pensante e de pensamento. O pensante é uma entidade fictícia, um estado irreal. Só há pensamento; e o feixe de pensamentos cria o "eu", o pensante. E o pensante, tendo dado permanência a si mesmo, procura transformar o pensamento e conservar a si próprio, o que é falso; e se puderdes levar até o fim cada um dos vossos pensamentos, isto é, deixar cada pensamento ir até o fim, sem encontrar resistência, vereis então que em absoluto não existe pensante. Em virtude disso, a mente se torna extraordinariamente flexível e tranqüila. E essa quietude, essa tranqüilidade, é o estado de experimentar. Como não há agente nem um fim em vista, como não há experimentador nem experiência, esse é um estado de experimentar, o qual é ação pura. Experimentai, e vereis que o pensamento está constantemente gerando mais pensamentos, e mantendo assim o pensante. Mas quando não existe pensante – como de fato não existe, pois só há processo de pensamento – isto é, quando o processo de pensamento é compreendido integralmente, nesse percebimento passivo, em que permitimos a cada pensamento o seu pleno alcance, sua plena profundidade, ficamos de todo libertados do pensamento; e nessa liberdade há experimentar.

PERGUNTA: Eu gostaria de vos ajudar, fazendo propaganda de vossos ensinamentos. Podeis aconselhar-me a melhor maneira de o fazer?

KRISHNAMURTI: Ser propagandista é ser mentiroso. (Risos). Não riais, Senhores. Porque propaganda é mera repetição, e a repetição de uma verdade é mentira. Quando repetis o que pensais ser a verdade, isso

deixa de ser a verdade. Digamos, por exemplo, que repitais a verdade concernente à relação do homem com a propriedade, verdade que não descobristes por vós mesmo; que valor tem ela? A repetição nenhum valor tem; ela só embrutece a mente, e só podeis repetir uma mentira. Não podeis repetir a verdade, porque a verdade não é constante. A verdade é um "estado de experimentar", e o que se pode repetir é um estado estático; por conseguinte, não é a verdade. Vede, por favor, a importância que isso tem. Estamos por demais acostumados a ser propagandistas, a ler jornais, a informar outros a respeito de tudo. O propagandista é um mero repetidor e não um arauto da verdade; por essa razão a propaganda causa imenso dano no mundo. O conferencista que sai a fazer propaganda de uma idéia, é em verdade um destruidor do pensamento, porque se limita a repetir a sua própria experiência ou a de outro. A verdade, porém, não pode ser repetida, a verdade tem de ser experimentada de momento a momento por cada um de nós. Agora, com essa compreensão, que podeis fazer para auxiliar os meus ensinamentos, para divulgar os meus ensinamentos? O que podeis fazer é, unicamente, vivê-los; por pouco que compreendais, por mais insignificante que seja a parte que assimileis, vivei-a plenamente – não superficialmente, mas com profundeza, com plenitude, o mais vitalmente, o mais intrinsecamente, o mais entusiasticamente possível. Então, como uma flor num jardim, esse próprio viver espalha seu perfume, Não precisais fazer propaganda para o jasmim. O jasmim faz a sua própria propaganda: sua beleza, seu perfume, sua delicadeza, dizem tudo. Quando não tendes essa delicadeza, essa beleza, então fazeis propaganda. Mas, logo que houverdes compreendido um pouco, falareis a respeito dela, a pregareis, a proclamareis; em virtude da vossa própria compreensão, ajudais os outros a compreender e assim a compreensão se propaga mais e mais e ganha terreno cada dia. Positivamente, esta é a única maneira de fazer o que chamais "propaganda" – que é uma palavra feia. Senhor, como é que se dissemina um pensamento novo; um pensamento vivo, não um pensamento morto? Não é por certo, por meio de propaganda. Os sistemas se disseminam pela propaganda, mas um pensamento vivo não. Um pensamento vivo é divulgado por um homem vivo, um homem que vive esse pensamento. Sem o viver, ninguém pode divulgar um pensamento vivo; vivei-o, e vereis. É como as abelhas que procuram a flor. A flor não precisa fazer propaganda do seu mel. As abelhas a procuram porque sabem que nela há néctar. Fazer propaganda sem possuir esse néctar é enganar

os outros, é explorá-los, é dividi-los, é criar inveja e antagonismo. Mas se há o néctar da compreensão, por pouco que seja, ele se propaga como o fogo. Vós sabeis como se obtém o mel, quantas jornadas uma abelha faz da colméia para a flor, e o pouquinho de mel que colhe de cada vez. De modo idêntico, se em nossos corações existe néctar, se neles existe beleza, isso, por si mesmo, operará o milagre de revolucionar o mundo pele maneira mais completa. A compreensão é instantânea, ela não virá amanhã, porque nunca há compreensão no amanhã; só existe compreensão hoje, agora. O amor não esta no futuro; nunca dizemos "Amar-te-ei amanhã". Ou amamos agora, ou nunca.

PERGUNTA: A morte é *um fato que está continuamente a entrar-nos pelos olhos, entretanto* o *seu mistério perdura. Há de ser sempre assim?*

KRISHNAMURTI: Senhor, este é um problema imenso, e somos obrigados a tratar dele em poucos minutos. Ora bem, porque existe o temor da morte? O temor da morte existe porque estamos apegados à continuidade. Estou escrevendo um livro, e pode acontecer que eu morra amanhã, antes de concluí-lo; estou juntando dinheiro, e posso morrer sem realizar o meu propósito; desejo ardentemente ser alguma coisa que não sou. Temos, assim, o temor da morte. Haverá temor da morte, enquanto houver o desejo de continuidade – continuidade de ação, continuidade de caráter, continuidade de realização, continuidade de faculdade, continuidade de um depósito bancário, de um nome, de uma família. Enquanto houver o agente, que é a ação em busca de um resultado, há de haver continuidade, e portanto o temor da descontinuidade; porque a morte pode não me deixar acabar o livro, pôr fim à minha conta no banco, às qualidades, às características que tenho cultivado. Tudo isso tem de acabar, e por isso existe o temor. Por conseguinte, haverá medo da morte, enquanto houver continuidade.

Que acontece quando há esse senso de continuidade? Não estamos discutindo se há continuidade ou não, mas sim a ação que exerce na mente a idéia da continuidade. Já notastes o que acontece a uma coisa que continua? Tudo o que continua está em estado de continua desintegração, não é verdade? Se tendes um problema que continua através de um período de anos, causando-vos constante preocupação, há desintegração, não é verdade? Qualquer forma de continuidade, quer ignóbil, quer nobre, é um

processo de desintegração. Se percebemos essa verdade – que qualquer forma de continuidade é um processo de desintegração – percebemos também a verdade acerca do falso. Temos, portanto, a libertação do falso, o que significa viver constantemente no presente, e não em continuidade; e cessa, por conseguinte, o temor da morte. É só quando a mente está presa na rede da continuidade que há o temor da morte; e só quando a mente reconhece que tudo o que continua nunca se renova, há isenção do medo da morte. Como pode haver renovação enquanto há continuidade? Só pode haver renovação quando há um findar; isto é, quando há morte. Não sei se já notastes que quando liquidamos um problema, dá-se uma renovação; mas enquanto o problema persiste, há decomposição. Não é possível viver, cada dia, cada minuto, acompanhando cada pensamento até à sua conclusão, para que ele não seja continuidade? Quer dizer, não é possível viver com a morte, morrendo momento por momento? Só então se dá a renovação; porque só no terminar há renovação, não na continuidade. A renovação e a continuidade são contraditórias. Na continuidade, não há renascimento, não há renovação, nem criação, mas só no findar. Quando um problema termina, um novo problema pode manifestar-se; mas no intervalo entre dois problemas, há sempre renovação. E por conseguinte, não há temor da morte.

Expressando-o diferentemente: a morte é o estado de não continuidade, que é o estado de renascimento. A morte é o desconhecido, porque é um findar, no qual há renovação. Mas uma mente que é contínua não pode conhecer o desconhecido; só pode conhecer o conhecido, porque só pode agir e mover-se no conhecido, que é o contínuo. Por conseguinte, o conhecido, o contínuo, está sempre cheio de temor do desconhecido, da morte, na qual, tão só, temos a renovação. No findar há renovação, e não na continuidade. Por essa razão, o desconhecido nunca pode ser conhecido por intermédio do contínuo. Por conseguinte, a morte permanece um mistério, porque nós sempre procuramos conhecê-la através do conhecido, através do contínuo. Se puderdes pôr fim a essa continuidade, dia a dia, momento por momento, vereis que há renovação; há a morte, na qual há renovação. A morte, por conseguinte, não é temível; porque no findar há renascimento, e na continuidade há decomposição, desintegração. Pensai nisso a fundo, Senhores, e percebereis a sua beleza, a sua verdade. Não é teoria, é um fato. O que tem fim tem renascimento; o que é contínuo nunca conhecerá a renovação. A morte é o desconhecido, e o que é contínuo é o conhecido. O

contínuo nunca pode conhecer o desconhecido e por isso teme o desconhecido, perturba-se diante dele. A imortalidade não é o "eu" continuado. O "eu" pertence ao tempo, é resultado do tempo. O que é imortal está fora do tempo. Por conseguinte, não há relação entre o "eu" e o atemporal. Gostamos de pensar assim, mas este é outro lôgro que a mente nos prega. O que é imortal não pode ser encaixado no mortal, não pode ser colhido na rede do tempo. Só quando o "eu", que é continuidade, que é tempo, chega ao fim, alcançamos aquele estado que é imperecível, imortal. Afinal de contas, temos terror à morte por força do hábito, porque o desejo busca a continuidade no preenchimento. O preenchimento, porém, não tem fim, está sempre buscando outras fontes de satisfação. O desejo busca constantemente novos objetos de preenchimento, fazendo assim nascer a continuidade, que é o tempo. Mas se cada desejo for compreendido ao surgir, ele se extinguirá e haverá então renovação. Essa renovação pode constar de um novo desejo, não importa: continuai até o fim, fazendo cada desejo extinguir-se e, desse terminar de momento em momento, vereis surgir uma renovação, que não é a renovação do desejo, mas a renovação que a verdade nos dá. E a verdade não é contínua; a verdade é um "estado de ser" atemporal. Esse estado só pode experimentar-se quando cada desejo, que dá nascimento à continuidade, é compreendido e, assim, extinto. O conhecido não pode conhecer o desconhecido. A mente, que é o resultado do conhecido, do passado, não pode conhecer o imensurável, o atemporal. A mente, o processo de pensamento; precisa terminar; então, o incognoscível, o imensurável, o eterno vem à existência.

PERGUNTA: Tenho muito dinheiro. Podeis informar-me qual é a verdadeira utilidade do dinheiro? Só peço que não me aconselheis a desbaratá-lo em esmolas aos pobres. O *dinheiro é um instrumento de trabalho que deve ser utilizado e não uma coisa incômoda de que devemos livrar-nos.*

KRISHNAMURTI: Senhor, em primeiro lugar, como ganhais dinheiro? Como acumulais dinheiro? Evidentemente pela exploração, pela crueldade, pela barbaridade. No mundo moderno, em que predomina a mentalidade de "cada um por si", o homem tem de ser hábil, astucioso, desonesto, para acumular dinheiro. Não nos enganemos a esse respeito; ser rico implica crueldade. Senhor, não sabeis que o rico não pode entrar

no reino dos céus? É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Depois de acumulardes dinheiro, que acontece? Desejais saber como empregá-lo; ou vos tornais filantropo, ou desejais gastá-lo corretamente. Isto é, acumulais dinheiro incorretamente e depois quereis gastá-lo corretamente. (Risos). Senhores, o caso não é para: rir. É isso que estamos fazendo. Não deveis rir dos ricos. Também vós quereis ser ricos. Vós acumulais e depois quereis saber como empregar o dinheiro corretamente. Como é possível isso?

Suponhamos, contudo, que me tenham deixado dinheiro – o que graças a Deus não aconteceu – suponhamos que me deixaram algum dinheiro. Que vou fazer com ele? Que devo fazer depois de entrar na posse do dinheiro, como devo empregá-lo? Este é o problema. Devo dá-lo todo aos pobres e ficar também pobre, na dependência de outros? Devo guardar um pouco e dar o resto? Devo empregá-lo como um meio correto, para um fim correto? Devo pô-lo a render? Meu problema, pois é este: tendo adquirido ou herdado essa coisa que se chama dinheiro, que devo fazer com ele? Senhor, isso depende do coração e não da mente; a mente que acumulou dinheiro nunca é generosa. É uma mente endurecida, e em tais condições é incapaz de lidar com coisas materiais fora do seu nível próprio. Por conseguinte, só um coração que conhece o amor pode resolver este problema, e não a mente, nem sistema algum. Se tendes amor no coração, sabereis o que fazer com dinheiro – ou dá-lo todo, porque é incômodo, ou proceder de outra maneira, de acordo com os ditames do vosso coração. Todavia, conhecer os ditames de um coração afetuoso, é dificílimo, em particular aos ricos, porque nunca pensaram em tais termos de ação. Habituaram-se à crueldade, à dureza; e encarar o problema com afetuosa consideração é dificílimo. Assim, mais importante do que o dinheiro é o amor; e se tendes dinheiro mas não tendes amor, ai de vós! Se tendes dinheiro e percebeis que vosso coração está vazio, o problema não é, nesse caso, o dinheiro, mas o de despertar as energias, o perfume, a beleza do coração; e quando os houverdes despertado, sabereis como agir. Sem amor, tornar-se filantropo, meramente, constitui outra forma de exploração. Quando se tem amor, então o amor mostrará o caminho, tanto ao rico como ao pobre. Porque, Senhor, o amor é a única solução: o amor é o único caminho pelo qual poderemos sair desta contradição de ser rico e saber o que fazer com a riqueza. Sem amor, o simples cogitar sobre o que fazer

com a riqueza se torna outra forma de fuga de nossa miséria, nossa luta, nosso vazio.

PERGUNTA: Sou escritor e passo por períodos de esterilidade, nos quais nada me ocorre. Esses períodos começam e acabam sem nenhuma razão aparente. Qual é a causa e a cura disso?

KRISHNAMURTI: Isto é, Senhor, formulando o problema em outras palavras, há momentos de criação, momentos de aridez. Momentos de sensibilidade e momentos de insensibilidade. Ora, porque existo este vácuo? Porque não há uma constante tensão criadora? Porque não há sensibilidade constante? O problema, por certo, não é como ser sempre criador, mas porque há insensibilidade. O estado criador aparece, não pode ser chamado, não pode ser conservado pela concentração, não pode ser mantido. O que podemos apreciar é a insensibilidade, esses momentos de aridez, esses momentos de esterilidade. Ora, porque se manifestam esses estados? Porque a ausência do poder criador, porque a presença da insensibilidade? Obviamente, porque estamos fazendo coisas, pensando coisas, sentindo coisas, que são em si destituídas de sensibilidade. Como pode existir avidez, descompaixão, crueldade, e ao mesmo tempo sensibilidade? Escrevo um livro. Ele se torna popular, é aceito por um “studio” de Hollywood, e ganho um dinheirão. Perdi a sensibilidade, porque ando atrás do dinheiro, de posição; ou quero ser eleito para o parlamento como representante de um partido. A ambição evidentemente produz a insensibilidade; e, sem atacarmos as causas da insensibilidade, apegamo-nos à capacidade criadora, aspiramos à capacidade criadora, o que significa uma outra fuga do que é. Desde o momento em que compreendo e me interesso pelo que é, manifesta-se o estado criador; quando compreendo as múltiplas causas que geram a insensibilidade e a aridez, e das mesmas liberto o pensamento, sobrevém o estado criador.

O problema, portanto, é, antes de tudo, que reconheçais, que percebeis a insensibilidade e a sua causa – não sondando-a, porém, ficando passivamente cônscios da vossa insensibilidade. Isto é, Senhor, ficai passivamente cônscio dela, reconhecei-a, vivei com ela sem contradizê-la, sem negá-la, sem condená-la. Nesse estado de passiva percepção, vereis como se revela a causa da insensibilidade; e, revelada a causa, apresenta-se logo o estado de sensibilidade. Podeis experimentar, para ver que é assim.

Há o estado de aridez e ficais cônscio dele. No momento em que dele estais passivamente cônscio, dá-se uma pausa, apresenta-se um período no qual não há contradição, nem condenação. Então, neste período, se não condenais, o inconsciente, que encerra a causa, se revela; e, como estais passivamente cônscio, a causa e o efeito são destruídos. Por conseguinte, há o estado de sensibilidade. Não sois obrigado a aceitar o que digo. Podeis experimentar, e vereis que é isso o que de fato acontece. Se, em estado de passiva vigilância, percebemos a aridez, e se logo após a percepção ocorre um período de silêncio, sem condenação, então, nesse período de observação sem condenação, revela-se a causa da insensibilidade, da aridez. A verdade desse percebimento liberta a mente da insensibilidade. Por conseguinte, há o estado de criação. Mas, por desventura, o escritor, o pintor, o escultor, tem de viver. Não se satisfaz apenas com a beleza do mármore, com a expressão da beleza, com as flores de retórica. Ele quer um resultado, quer dinheiro, roupa, comida, quer casa para morar. Se apenas necessitasse de roupa, alimento e teto, a coisa seria relativamente simples. Mas ele utiliza a necessidade de roupa, alimento e moradia, como um meio psicológico de expansão pessoal; sua arte, seus escritos, se tornam um meio de auto-expansão e produzem, assim, luta, miséria, aquela aridez que impede o estado criador. Todavia, se quando escrevo um livro, embora ele represente um meio de sustento, eu não o utilizo como um processo psicológico de auto-expansão, em tal caso nunca terei um momento de aridez. Há então renovação constante, porque não estou pedindo coisa alguma; o "eu" está ausente. Na ausência do "eu" não há continuidade, e por conseguinte há um constante findar; há portanto renovação, eterna criação.

PERGUNTA: O *efeito direto da vossa personalidade não ajuda a compreender os vossos ensinamentos? Não assimilamos melhor* o *ensino quando amamos* o *instrutor?*

KRISHNAMURTI: Não, Senhor. Compreendeis melhor quando amais todas as pessoas, quando amais o vosso próximo e não quando amais o instrutor. Quando amais vossa esposa, vosso filho, vosso vizinho, branco ou de cor – porque no amor não há distinções de classe – quando há um perfume, uma canção no vosso coração, tereis compreensão. É claro que quando estais a ouvir-me, as minhas explanações ajudam; porque eu me

estou expressando muito claramente, e vós me ouvis com atenção. Sois forçado a escutar durante umas horas, querendo ou não querendo. Estais aplicando a vossa mente e o vosso coração a descobrir algo; não viríeis aqui se não desejásseis descobrir. Há por conseguinte um esforço mútuo. Vós vindes procurar, e eu vos ajudo. Pois, se não estivésseis procurando, não estaríeis aqui, não me prestaríeis ouvido. Por certo, Senhor, quando uma pessoa compreende uma coisa claramente, e vós conversais com essa pessoa; vossa mente se torna também clara. Mas se fazeis dessa pessoa vosso *guru*, e a amais, se apenas amais o vosso instrutor, tereis desdém por vosso servo. Não notastes, senhores, como sois respeitosos para comigo e como sois cruéis para com vosso servo, vossa esposa, vossos vizinhos? Não é isso um estado de contradição? Quanto a mim, pouco se me dá que sejais respeitosos ou insolentes para comigo; não tem muita importância isso. Mas tem enorme importância a maneira como tratais a vossa esposa, o vosso servo. Se quando respeitais um, negais igual respeito a todos os demais, estais num estado de hipocrisia; esse respeito oferecido a um e negado a outros nunca vos conduzirá à verdade. O que traz a compreensão é o respeito para com o homem, o amor pelo homem. Quando vosso próprio coração está cheio, procurais então a verdade em toda a parte, escutais o canto dos pássaros, as gotas de chuva, vedes os sorrisos e as tristezas do homem. Em cada folha, numa folha morta, encontra-se aquilo que é eterno; mas nós não sabemos procurá-lo, porque as nossas mentes estão tão cheias de outras coisas, alheias a essa busca.

Assim, o mero respeito por um só é de muito pouca significação, se não tendes respeito pelos demais – respeito no significado de afeição, bondade, consideração; mas, quando há amor, consideração, generosidade, que não causam inimizade, já estais muito perto. Estais então em estado de sensibilidade, e o que é sensível é capaz de receber. Não podeis ir à verdade, não podeis ir ao desconhecido; a verdade o desconhecido, têm de vir a vós. Mas não podem vir a vós se a vossa mente está carregada, pesada, se ela é forçada, se é impiedosa, dura. Assim, se quando me escutais, sois meramente estimulados pelo ouvido, isso não terá significação alguma, pois todo estímulo é sensual. Só pode ter significação na vossa ação diária, nas vossas relações com as pessoas, com as idéias, com as coisas. Descobrireis, então, Senhor, se qualquer dessas coisas tem significação – e não ouvindo-me durante umas horas. O que importa é como sois diante de vosso servo, de vossa esposa, de vosso marido, de

vosso vizinho; porque, no momento em que há pensamento, em que há pesquisa atenta, inteligente, nesse momento há devotamento; porque a busca da verdade é devotamento. E onde há devotamento, há amor, há compreensão.

14 de março de 1948.

Décima Primeira Conferência

Acho que responderei principalmente a perguntas nesta tarde, mas antes disso desejo fazer uma ou duas observações. No próximo domingo teremos a última palestra, depois daquela data não haverá mais palestras. As discussões se encerrarão no dia 28.

Há uma tendência, parece-me, sobretudo por parte dos que têm lido muito e experimentado de acordo com suas leituras, a traduzir o que digo em termos do seu velho conhecimento. Isso é como deitar vinho novo em garrafas velhas. Quando se põe vinho novo muna garrafa velha, o vinho novo fermenta e quebra a garrafa. Em geral acontece assim. Do mesmo modo, os que têm lido numa determinada direção, têm a tendência de traduzir o que digo de acordo com seus conhecimentos prévios, e julgo que é um erro traduzir ou pôr na velha linguagem o que se ouve. Porque, traduzir o que ouvimos em terminologias já conhecidas não produz compreensão alguma. Leva-nos a catalogar o que ouvimos, impedindo a compreensão. O que produz a compreensão é o entendimento direto – e não um entendimento através da velha linguagem, da velha terminologia, das velhas palavras, com suas significações específicas. Assim, se me permitis sugerir, será benéfico e útil escutar e compreender diretamente, sem traduzir o que se diz na vossa especial terminologia, no vosso especial emprego das palavras. A maioria de nós tem acumulado conhecimentos, e agimos em conformidade com esses conhecimentos. O autoconhecimento, todavia, é diferente; o autoconhecimento não é conhecimento residual, mas requer constante atenção e vigilância. Logo que acumulamos conhecimentos, eles se tornam uma carga; e sempre que há alguma carga, algum peso, torna-se impossível ou muito difícil viajar. Enquanto que o

autoconhecimento, o conhecimento do processo total de nós mesmos, não requer, em absoluto, conhecimento prévio. Pelo contrário; quando há conhecimentos prévios, há inevitavelmente incompreensão, má interpretação e inexata tradução. Isto é como viajar; à medida que avançamos, começamos a compreender o país, a paisagem. Ou como cavar um poço e beber água desse poço. Analogamente, o autoconhecimento não é cumulativo, é um movimento constante é conhecimento de instante a instante, sempre vivo, sempre um descobrimento, sempre criador. Só. quando há acumulação, quando há resíduos, que se tornam memória, o conhecimento é um óbice ao estado criador. Afinal de contas, a ciência que possuímos é técnica, não é verdade? Não acumulamos conhecimentos sobre nós mesmos. Se o fazemos, é a lembrança do que outras pessoas disseram, ou do que aprendemos em livros, ou é uma repetição de palavras, de meras informações das por outro. Mui poucos de nós possuímos autoconhecimento, o conhecimento do que cada um é na realidade. A maioria de nós vive superficialmente. Podemos comparar-nos a um “iceberg”: só uma décima parte dele aparece à superfície, o resto fica imerso na água. Do mesmo modo, vivemos por uma décima parte à superfície, e estamos sempre muito agitados; nossas atividades, nossa existência social, política; religiosa, estão à superfície. Nunca descemos a explorar as profundezas, onde realmente está a maior parte da nossa existência. Mas, para se investigar a fundo, torna-se necessário esse descobrimento constante. Em primeiro lugar, sem dúvida, é necessário o conhecimento de nossas ações superficiais de cada dia, nossos pensamentos e sentimentos diários. Compreendidos estes, podemos então penetrar cada vez mais fundo naquele processo total que é o “eu”, o “vós”. E essa descoberta não requer conhecimentos prévios; pelo contrário, todo conhecimento prévio se torna um obstáculo. Quanto mais cavais, mais compreendeis, e a arte de compreender não reside na acumulação, na memória. A compreensão vem, por certo, de momento a momento, quando a mente está renovada, flexível, alertada, passiva. Nesse estado, surge a compreensão, silenciosa e veloz – ou lentamente, conforme o grau de flexibilidade e de sensibilidade da mente. O autoconhecimento, pois, não é conhecimento que se acumula. Quando há acumulação, não pode haver descobrimento e por conseguinte não pode haver pensar correto, o pensar verdadeiro, que é de momento a momento. À verdadeira ação é de momento a momento, não disciplinada de acordo com um padrão, ou de

acordo com um ideal; com um fim, ou um resultado em vista. Se experimentardes isso, descobrireis que o autoconhecimento é renovação constante, e, não um fim a ser alcançado ou realizado. É um movimento constante, na jornada do descobrimento de nós mesmos. Quanto mais profundamente, quanto mais velozmente for a mente capaz de penetrar, tanto mais é ela capaz de descobrir; e tanto maior a felicidade, a alegria desse descobrimento.

PERGUNTA: Que aparecerá depois de desaparecer o nacionalismo?

KRISHNAMURTI: Evidentemente, a inteligência. Mas parece-me que não, é isso o que a pergunta contém. O quê ela implica é: O que substituirá o nacionalismo? Toda substituição é um ato que não produz inteligência. Se deixo uma religião e abraço outra, ou se deixo um partido político para mais tarde aderir a outra coisa qualquer, esta constante substituição indica um estado em que não há inteligência.

Ora, como extinguir o nacionalismo? Só pela compreensão de todas as suas conseqüências, pelo exame, pelo percebimento do seu significado na ação, tanto externa como interna. Exteriormente, ele acarreta divisões entre os povos, classificações, guerras e destruições, fato este muito evidente para qualquer observador. Interiormente, psicologicamente, esta identificação com o que é maior, com o país; com uma idéia, é sem dúvida uma forma de auto-expansão. Isto é, morando numa aldeiola, ou numa grande cidade, ou onde quer que seja, não sou ninguém; mas se me identifico com o maior, com a nação, se me denomino hindu, isso lisonjeia a minha vaidade, dá-me satisfação, prestígio, um sentimento de bem estar; e essa identificação com o que é maior; a qual representa uma necessidade psicológica para os que julgam que a expansão individual é essencial, cria também conflito, luta entre os indivíduos. Assim, o nacionalismo não só cria conflito no exterior, mas frustrações no interior; e quando compreendemos o nacionalismo, o seu processo total, ele desaparece. A compreensão do nacionalismo vem com a inteligência. Isto é, se observamos com todo o interesse, se perscutarmos o processo integral do nacionalismo, do patriotismo, desse exame nasce a inteligência, e não há então, substituição do nacionalismo por outra coisa qualquer. No momento em que substituímos o nacionalismo pela religião, esta se torna um meio de auto-expansão, outra fonte de ansiedade psicológica, um

meio de nos nutrirmos de uma crença. Por conseqüência, qualquer espécie de substituição, por mais nobre que seja; é sempre uma forma de ignorância. É a mesma coisa que usar goma de mascar ou chupar pastilhas como, substituto do hábito de fumar. Se a pessoa de fato compreende, na sua totalidade, o processo de fumar, o processo dos hábitos, das sensações, das exigências psicológicas e tudo o mais, então o hábito de fumar desaparece. Só podemos compreender, quando há atividade da inteligência, quando a inteligência funciona; e a inteligência não está funcionando, quando há substituição. A substituição não passa de uma espécie de auto suborno, para tentar-nos a não fazer isto, mas a fazer aquilo. O nacionalismo, com o seu veneno, suas misérias e seu conflito universal, só poderá desaparecer quando houver inteligência, e a inteligência não surge pelo simples fato de passarmos nos exames e lermos livros. A inteligência se manifesta quando compreendemos os problemas, à medida que surgem. Quando há compreensão do problema nos seus diferentes níveis, não apenas do seu aspecto exterior, mas de todo o seu conteúdo interior, psicológico, então, nesse processo, a inteligência se manifesta. Assim, quando há inteligência, não há substituição; e quando houver inteligência, o nacionalismo, o patriotismo, que é uma forma de estupidez, desaparecerá.

PERGUNTA: Qual a diferença entre a vigilância e a introspecção? E quem fica vigilante, na vigilância?

KRISHNAMURTI: Examinemos primeiro o que significa introspecção. Por introspecção entendemos olhar para dentro de nós mesmos, examinar a nós mesmos. Ora, porque examinamos a nós mesmos? Para melhorar-nos, para modificar-nos, para transformar-nos. Isto é, praticamos a introspecção com o intuito de "vira ser" alguma coisa, porque do contrário não a praticaríamos. Não examinaríeis a vós mesmos, se não tivésseis o desejo de modificar-vos, de transformar-vos, de tornar-vos diferentes do que sois. Esta é por certo a razão óbvia da introspecção. Sinto cólera, e faço uma introspecção, examino-me com o fim de livrar-me da cólera ou de modificar ou transformar a cólera. Pois bem; sempre que há introspecção, que é o desejo de modificar ou transformar as reações do "eu", há também um fim em vista; e quando esse fim não é alcançado, sentimo-nos aborrecidos, deprimidos. A introspecção, pois, é sempre acompanhada de depressão. Não sei se notastes que quando praticais a

introspecção, quando vos examinais interiormente, com o fim de vos modificardes, há sempre uma onda de depressão. Há sempre uma onda de aborrecimento, contra a qual sois obrigado a lutar; tendes então de tornar a examinar-vos, afim de vencer essa onda, etc. A introspecção é um processo no qual não há trégua, visto que é um processo de transformar o que é em algo que não é. É bem óbvio, isso, quando praticamos a introspecção. Nesse ato há sempre um processo cumulativo, o "eu" que examina uma coisa afim de modificá-la. Por isso há sempre um conflito dualista, logo um processo de frustração. Nunca há trégua; e quando percebemos a frustração, vem a depressão.

Ora, a vigilância é coisa de todo diferente. A vigilância é observação sem condenação. A vigilância produz compreensão, porque nela não há nem condenação nem identificação, mas observação silenciosa. Sem dúvida, se desejo compreender alguma coisa, devo observá-la, mas não devo criticá-la, não devo condená-la, não devo adotá-la como um prazer nem rejeitá-la como um desprazer. Basta a observação silenciosa do fato. Não há um fim em vista, mas, sim, o percebimento de tudo o que se manifesta. Essa observação e a compreensão da mesma cessam no momento em que há condenação, identificação ou justificação. Introspecção implica desejo de aperfeiçoamento individual, e portanto a introspecção é uma manifestação de egocentrismo. Na vigilância, não há desejo de progresso pessoal. Pelo contrário, nela o "eu" se extingue, o "eu" com todas as suas idiossincrasias, lembranças, exigências e atividades. Na introspecção há identificação e condenação. Na vigilância não há nem condenação nem justificação e por conseguinte não há processo de aperfeiçoamento individual. Há uma vasta diferença entre as duas. O homem que se deseja melhorar a si mesmo, nunca pode estar vigilante, porquanto o processo de aperfeiçoamento implica condenação e o desejo de um resultado. Ao passo que na vigilância há observação sem condenação; sem rejeição nem aceitação. Essa vigilância começa com coisas exteriores, significa estar cônscio, estar em contacto com os objetos, com a natureza. Temos primeiramente o percebimento das coisas que nos rodeiam, sensibilidade para os objetos, para a natureza – depois, com referência às pessoas, que é a vida de relação – e depois com referência às idéias. Esse percebimento, essa sensibilidade para as coisas, para a natureza, as pessoas, as idéias, não é constituído de processos separados, sendo, ao contrário, um processo unitário. É uma observação constante de todas as coisas, de todos

os pensamentos e sentimentos e ações que surgem em nosso íntimo. E como a vigilância não é condenatória, não há acumulação, Só condenamos quando temos um padrão, o que implica a existência de acumulação e por conseguinte de um processo de aperfeiçoamento individual. Vigilância significa compreensão das atividades do ego do "eu", em suas relações com as pessoas, com as idéias, com as coisas. Esse percebimento é de instante a instante, e por conseguinte não é um exercício. Quando nos exercitamos numa coisa, ela se transforma em hábito; e percebimento não é hábito. Uma mente que forma hábitos não é sensível, uma mente que funciona na rotina de uma determinada ação é uma, mente embrutecida, inflexível; enquanto o percebimento requer constante flexibilidade, constante vigilância. Isso não é difícil. É o que todos fazeis quando tendes interesse nalguma coisa, quando observais com interesse o vosso filho, a vossa esposa, vossas plantas, as árvores, os pássaros. Observais sem condenação, sem identificação; por conseguinte, nessa observação há comunhão completa, e o observador e a coisa observada estão em perfeita comunhão. Isso sucede realmente quando temos profundo interesse por alguma coisa. Há pois uma vasta diferença entre a vigilância ou percebimento e a introspecção com o seu objetivo de progresso e expansão individual. A introspecção conduz à frustração, a novos e maiores conflitos; enquanto o percebimento é um processo de libertação da ação do "ego"; é estarmos cônscios de nossos movimentos, nossos pensamentos, nossas ações de todos os dias, cônscios do nosso semelhante, observando-o. Isso só é possível, quando amamos alguém, quando ternos profundo interesse nalguma coisa, e quando desejo conhecer a mim mesmo, todo o meu ser; tudo o que está encerrado em mim mesmo, e não apenas uma ou duas camadas, é óbvio que não deve haver condenação. Preciso então estar aberto para cada pensamento, para cada sentimento, para todos os meus estados emocionais, todas as atividades de repressão; e quanto maior for a expansão desse percebimento, tanto mais livres ficaremos dos ocultos movimentos de nossos pensamentos, motivos e desejos. Percebimento, pois, significa liberdade, traz liberdade, produz liberdade. Já a introspecção nutre o conflito, o processo de encerramento em si mesmo; por conseguinte, nele sempre há frustração e temor.

O interrogante deseja saber quem é que está vigilante, quem percebe. Ora, quando tendes uma experiência de qualquer espécie, que acontece? Quando tendes uma tal experiência, ficais cônscios do que estais experimentando? Quando sentis cólera, na fração de segundo em que

experimentais a cólera, ou o ciúme, ou a alegria; ficais cônscio de que estais alegre, ou de que estais colérico? É só depois de finda a experiência que existe o experimentador e a coisa experimentada. Então, o experimentador observa a coisa experimentada, o objeto da experiência. Mas só há experimentar. Ora, a maioria de nós não costuma experimentar. Estamos sempre fora do estado de experimentar, e é esta a razão por que perguntamos quem é o observador, quem é que percebe. Essa pergunta, naturalmente, é errada, não achais? No momento de experimentar não há nem a pessoa que percebe; nem o objeto que ela percebe. Não há observador nem coisa observada, mas apenas o "estado de experimentar". Em geral achamos dificílimo viver em "estado, de experimentar", porque isso requer extraordinária flexibilidade, agilidade, alta sensibilidade, e isso no é negado quando buscamos um resultado, quando desejamos bom êxito, quando temos um fim em vista, quando calculamos – causando tudo isso frustração. Já o homem que nada pede, que não busca um fim, que não deseja um resultado, com tudo o que ele implica, esse homem está em constante "estado de experimentar". Cada coisa tem então um movimento, uma significação, e nada é velho, nada é coisa já queimada, nada é repetitivo, porque o que *é* nunca é velho. O desafio é sempre novo. Só a reação ao desafio é que é velho; e o velho cria mais resíduos, que é a memória, o observador, que se separa da coisa observada, do desafio, da experiência. Podeis experimentar por vós mesmo o que estou dizendo, de maneira muito simples e fácil. A primeira vez que sentirdes cólera, ou ciúme, ou avidez, ou qualquer impulso violento, ou o que quer que seja, observai-vos. Neste estado o "vós" não existe. Só há o "estado de ser". Mas no momento seguinte, no segundo seguinte, vós dais nome ao sentimento, chamando-o ciúme, cólera, avidez. Criastes, assim, imediatamente, o observador e a coisa observada, o experimentador e o objeto da experiência. Quando há experimentador e coisa experimentada, o experimentador procura modificar a experiência, transformá-la, recorda coisas em relação com ela, etc., mantendo assim a divisão entre si e a coisa experimentada. Mas se não dais nome àquele sentimento – o que significa que não buscais um resultado, que não o condenais, que estais apenas silenciosamente cônscio do sentimento – vereis, então, que nesse estado de sentir, de experimentar, não há observador nem há coisa observada; porque o observador e a coisa observada constituem então um fenômeno conjunto, e só há experimentar. Vemos, pois, que a introspecção e o percebimento ou

vigilância são coisas de todo diferentes. A introspecção conduz à frustração, a mais conflitos, porque nela se implica o desejo de modificação, e modificação é sempre continuidade sob outra forma. Ao passo que o percebimento é um estado no qual não há condenação, nem justificação, nem identificação, havendo, por conseguinte, a compreensão; e nesse estado de vigilância passiva e atenta, não existe nem experimentador nem coisa experimentada.

Senhores, o que estou dizendo não é muito difícil, embora verbalmente possa parecer-vos difícil. Todavia, notareis que, quando estais pessoalmente interessados nalguma coisa; profunda e seriamente interessados, sempre acontece assim. Por tal maneira vos absorveis na coisa que vos interessa, que não há exclusão, nem concentração. A introspecção, que é uma forma de aperfeiçoamento individual, de auto-expansão, nunca pode conduzir à verdade, porque ela é sempre um processo de enclausuramento do eu; ao passo que o percebimento, a vigilância, é um estado no qual a verdade desponta, a verdade do que *é*, a simples verdade da existência de cada dia. E só quando compreendemos a verdade da existência de cada dia, é possível ir longe. Precisamos começar perto para ir longe; mas em geral queremos saltar, queremos começar longe, sem compreendermos o que está perto. Ao compreendermos o que está perto, veremos que não existe distância entre o que está perto e o que está longe. Não há distância – o princípio e o fim são uma só coisa.

PERGUNTA: O *casamento é necessidade ou luxo?*

KRISHNAMURTI: Examinemos este problema, esta pergunta. Porque nos casamos? Em primeiro lugar, naturalmente, por força da necessidade biológica, do impulso sexual, que a sociedade legaliza pelo casamento. A sociedade deseja proteger a prole, não deseja que ela seja ilegítima, porque a sociedade tem horror aos filhos ilegítimos. Por isso, legaliza-se o casamento. De certo, não é esta a única, razão por que nos casamos. Casamo-nos também por exigência psicológica. Preciso de um companheiro ou companheira, alguém que eu possua, e domine, e chame "meu" ou "minha". Posso fazer de minha mulher o que quiser, ela está subordinada – no nosso país; na America, não. Aqui o sistema matrimonial faz da mulher uma escrava, para ser protegida, dominada, governada, possuída. Não olheis para vossos vizinhos, senhores; vós todos estais compreendidos nisso. A mulher é uma coisa que se possui; assim como

possuo bens, assim também, possuo minha mulher. Possuo-a sexualmente e a domino exteriormente. Psicologicamente, a posse me da conforto, me dá segurança; minha propriedade, minha esposa, meus filhos – todo esse horror. Tratamos seres humanos como tratamos as coisas matérias, sem consideração alguma; porque, no momento em que vos possuo legalmente, estais sob o meu domínio. Assim, a sociedade legaliza o casamento com o fim de perpetuar a raça, mantendo-a dentro de certos limites; mas psicologicamente, interiormente, posso fazer o que bem entender. E vós bem conheceis as coisas da vida, os horrores, as agonias, os sofrimentos dos que são casados e não se amam. Como pode haver amor quando há instinto de posse? E se não vos casais, que acontece? Tenho visto isso em vários países; há o que se chama união livre. Não vos mostreis chocados. A união livre, sem amor, constitui uma maneira muito fácil de satisfazer o apetite sexual, com isenção de responsabilidades. Assim, sem o amor, tanto uma como outra coisa são horrorosas. Mas à sociedade não importa em absoluto. Se há amor ou não. Como, na maioria, vivemos tão concentrados, tão absortos em nossas atividades comerciais, em ganhar dinheiro, ou no que quer que seja; como somos impiedosos no comercio e cruéis no mundo, como é possível ter amor por alguém no lar? Não podeis, de um lado, explorar o vosso próximo, fazê-lo morrer de fome, sugar-lhe o sangue, e depois ir para casa e mostrar afeto para com vossa esposa. Não, Senhores, não podeis fazer as duas coisas. No entanto, é o que quereis fazer, e por isso não tendes amor. É por isso que o casamento, no mundo inteiro, é uma coisa horrenda.

O casamento também é uma forma de perpetuação do “eu”. Desejo a continuidade; através dos meus filhos. Por conseguinte, os filhos se tornam muito importantes, não por eles próprios, mas por causa de minha continuidade – meu nome, minha classe, minha casta. Vós conheceis muito bem essa história. E, naturalmente, quando utilizais os vossos filhos só para a vossa continuidade própria, não existe amor. Como pode haver, se tendes mais interesse na vossa continuidade através deles, do que em amá-las, sejam eles o que forem. Por conseguinte, a tradição e o nome se tornam importantíssimos, porque são os meios de vos perpetuardes através de vossos filhos.

Assim para compreendermos este problema, descobrirmos o que ele encerra, cumpre estudá-lo, examiná-lo. Com o estudo surge a inteligência,

e só a inteligência e o amor podem resolver este problema, e nunca a legislação. Possuir uma pessoa é como prostituí-la, isto é, a pessoa se torna importante, não por si, mas porque, dentro em mim, estou vazio, faminto, sou mau, insuficiente, pobre, e por isso utilizo outra pessoa – minha mulher, meu patrão ou qualquer outro – para cobrir o meu vazio interior. Por conseguinte, a pessoa possuída se torna importante como meio de fuga da minha própria solidão; e naturalmente torno-me ciumento, invejoso, quando a pessoa que me ajuda a fugir de mim mesmo, olha para outra. Assim, para compreender todo, esse processo humano, que é extremamente complexo e sutil, requer-se inteligência. Inteligência é também amor, e não apenas intelecto; e não podemos ter amor se, por um lado, procedemos cruelmente em nossos negócios, na vida quotidiana, e por outro lado, procuramos ser ternos, meigos e bondosos. Não podeis fazer as duas coisas, não podeis ser um homem rico e ambicioso e ao mesmo tempo amorável e carinhoso. Não podeis ser um magnata da indústria ou um político inteligente, e ao mesmo tempo compassivo. As duas coisas não andam juntas. Só quando há amor, compaixão – que é inteligência, a forma mais elevada de inteligência – é que pode ser resolvido este problema. Somos entes humanos, homens e mulheres; somos seres vivos, sensíveis, não somos capachos para sermos pisados, para sermos utilizados sexualmente ou mentalmente, para satisfação egoísta. No momento em que nos considerarmos uns aos outros como seres humanos, como indivíduos, não como algo para ser possuído, teremos então a possibilidade de compreender e de transcender esse conflito existente entre dois cônjuges.

PERGUNTA: Quem vos sustenta, se não um explorador? Como estais inocente de exploração, se explorais um explorador?

KRISHNAMURTI: Ora, que significa exploração? Significa, por certo, a utilização de outra pessoa para, nossa satisfação individual, principalmente satisfação psicológica. Quando eu me utilizo de outra pessoa, psicologicamente, na realidade a estou explorando; e a exploração que se vê no mundo – o rico explorando o pobre, o chefe explorando os que o seguem, e estes explorando o chefe, etc. – está baseada, essencialmente, em exigências psicológicas, na pobreza psicológica do nosso ser. Não haverá exploração exterior de um homem por outro, quando cessar essa exigência interior e inteiramente psicológica que nos leva a utilizar-nos de

outra pessoa – nossa mulher, um trabalhador braçal, ou um empregado de escritório – como meio de enriquecimento pessoal nosso. Afinal de contas, juntais dinheiro, adquiris prestígio como meios de auto-expansão; mas contentai-vos com pouco, com o satisfazer as necessidades da vida, quando sois interiormente ricos, quando não dependeis de outros como meios de preencher as vossas exigências e o vosso vazio psicológico. A exploração, pois, começa logo que nos servimos de outra pessoa, psicologicamente, como meio de auto-expansão.

Agora, o interrogante quer saber se eu não estou explorando o explorador. Penso que não. Sou sustentado por ele exatamente como se ganhasse a vida num emprego. Não me utilizo dele como uma necessidade psicológica, nem me utilizo de vós, que me ouvis, do indivíduo, com propósitos de auto-expansão. Por conseguinte, eu não sou vosso guia, e vós não sois meus seguidores. Não necessito de vós, psicologicamente; disso eu já tirei a prova, por mim mesmo, deixando de fazer conferências. Assim como eu podia ganhar, num emprego, o necessário para a minha subsistência, assim também faço minhas conferências; por esse serviço ganho roupa e comida. Mas como a sociedade está construída atualmente, toda a sua estrutura assenta na exploração, que é o utilizar outras pessoas psicologicamente, como meios de auto-expansão; e existem pouquíssimas pessoas sensatas que não têm interesse em servir-se de outras como meio de auto-expansão, e que deixam de explorar a outros. Indubitavelmente, a exploração implica muito mais do que o explorar o trabalhador. A base de toda a exploração é a necessidade psicológica de nos servirmos de outra pessoa como meio de auto-expansão, como meio de agressão, e auto-perpetuação. Assim, quando não existe expansão individual, quando não existe a utilização psicológica de outra pessoa, não há exploração. Significa isso que nos contentamos com pouco, não por causa de um ideal, mas porque, interiormente, existe um tesouro, existe beleza e êxtase. Sem essa simplicidade interior, não adianta cobrir-nos só com uma tanga; porque, exteriormente, podeis ter só um pano, enquanto interiormente estais utilizando e portanto explorando os outros. Damos tanta importância à exploração exterior; o comunista, o socialista, todo mundo quer pôr cobro à exploração exterior. Não quero dizer que estejam errados; mas devemos atacar as causas interiores da exploração, que são muito mais complexas, muito mais sutis, e isso não é possível pela mera legislação. Eis o motivo por que é sumamente importante que o indivíduo se transforme. E

a transformação do indivíduo, de vós e de mim, não é uma coisa que dependa do tempo. Ela deve realizar-se agora mesmo. Porque, se vos transformais a vós mesmos, o mundo se transformará. O mundo é o lugar em que viveis, o mundo são as vossas relações, os vossos valores; e se houver uma revolução interior, uma revolução profunda, em vós mesmos, os seus efeitos podem fazer-se sentir logo no mundo. E esta revolução interior só será possível quando vós, como indivíduos, não mais estiverdes utilizando outras pessoas como meio de auto-expansão, como meio de satisfação própria e conforto pessoal.

PERGUNTA: A quietação da mente não, constitui um requisito para a solução de um problema, e a dissolução de um problema não representa uma condição para a quietação da mente?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta encerra duas questões, e vamos considerá-las de per si. "A quietação da mente não constitui um requisito para a solução de um problema?" Tudo depende do que chamais "a mente". A mente não é apenas a camada superficial; a consciência não é apenas essa ação obtusa da mente. Por certo, quando há um problema criado pela mente superficial, esta tem de aquietar-se para compreendê-lo. Vós assim fazeis, pois isso acontece todos os dias, na vida. Quando tendes um problema de negócios, que fazeis? Desligais o telefone, mandais o datilógrafo parar, e estudais, observais o problema – o que significa que vossa mente está livre de outras perturbações. Vossa mente superficial está ocupada com o problema, o que significa que se tornou tranqüila. Mas a mente superficial não abrange todo o conteúdo da mente. A vossa consciência total não está tranqüila; só a camada superficial, que está constantemente agitada, se tornou momentaneamente tranqüila.

"A dissolução de um problema não representa uma condição para a quietação da mente?" Representa, evidentemente. É só quando compreendemos um problema completamente – o que significa que o problema não deixa resíduo, cicatriz, lembrança alguma – que a mente se torna tranqüila. A consciência, como já temos dito, é um processo de experimentar, dar nome ou designação e registrar, o que constitui a memória. A consciência, portanto, é um processo de estímulo e reação, de dar nome e registrar, ou seja, guardar na memória. Esse é, na sua inteireza, o processo da consciência. O registrar, o dar nome, o experimentar, pode

ser reprimido, retido numa das camadas profundas da consciência; mas, enquanto não for levantada essa repressão, por efeito de sonhos, ou de ação, ou de exumação dessa coisa oculta, não pode haver tranqüilidade mental. Uma mente provida de muitas gavetas ocultas, muitos escaninhos secretos em que estão guardados inúmeros esqueletos, ali conservados pela vontade, pela negação, pela repressão, como pode essa mente estar tranqüila? E1a pode ser compelida pela vontade à ficar quieta; mas isso é tranqüilidade? Um homem apaixonado, lascivo, que conseguiu refrear, conter a paixão, à lascívia, como pode esse homem ter uma mente calma, tranqüila, rica? Um homem torturado pela ambição e portanto frustrado, e que procura fugir dessa frustração por todos os meios, como pode esse homem ter uma mente tranqüila? É só quando se compreende a ambição, só quando são compreendidos os problemas suscitados pela ambição, com suas frustrações, seus conflitos, sua crueldade, só então é que a mente se torna tranqüila. Quando olhamos profundamente em nós mesmos, abrindo todos os escaninhos, todas as gavetas, exumando todos os esqueletos e compreendendo-os, então a mente se torna tranqüila. Não podeis ter tranqüilidade mental, conservando todas as portas fechadas. Podeis aquietar a mente pela vontade, o que constitui uma maneira fácil de fugir; mas uma mente aquietada pela ação da vontade é uma mente morta, uma mente insensível, embrutecida pela vontade. Só quando damos toda a liberdade a cada movimento de pensamento, compreendemos – o que não significa licenciosidade, ações más, etc. – só quando compreendemos todo o conteúdo do nosso ser, só então se torna a mente quieta. Não a *fazemos* então ficar quieta: a tranqüilidade vem-lhe naturalmente, fácil, veloz. Ela fica como uma lagoa que se torna serena, sem uma ruga, depois de cessar a brisa. De modo idêntico, a mente se torna sobremodo tranqüila, sem um movimento, absolutamente quieta, depois de dissolvidos os problemas.

Pois bem; os problemas são criados pelo pensante que se separa do seu pensamento, pelo agente que se separa da ação, dando-se assim importância ao agente, ao pensante. E a tranqüilidade só vem à mente por meio do autoconhecimento – não pela negação ou pela aceitação do “eu”, mas pela compreensão de cada movimento, de cada pensamento, de cada sentimento do “eu”, tanto do superior como do inferior. O superior e o interior constituem uma falsa divisão que a mente houve por bem fazer. Só há pensamento o qual divide a si mesmo em superior e inferior; e para compreender o pensamento, todo o processo do pensamento, é necessário o

autoconhecimento. Significa isso que cada pensamento tem de ser compreendido, sentido integralmente, sem condenação. Faz-se mister, um percebimento silencioso, pronto; e desse autoconhecimento resulta uma extraordinária quietude, uma tranqüilidade criadora uma tranqüilidade, na qual a realidade se manifesta. Mas a busca da tranqüilidade, o cultivo da tranqüilidade destrói aquela realidade criadora, porque nesse caso queremos alcançar a tranqüilidade, exercitamos a vontade para tornar-nos tranqüilos, como meio de alcançarmos um resultado, de obtermos algo. O homem que busca um resultado, um fim, que tenta adquirir a verdade, forçando a mente, fazendo-a tranqüila, nunca encontrará aquela realidade. Está apenas embrutecendo-se a si mesmo, querendo fugir dos escaninhos; dos esqueletos que o estão prendendo. É só quando abrimos a porta ao sofrimento que podemos compreender a realidade, e não quando fugimos das nossas tribulações.

PERGUNTA: Uma vez que na busca da verdade, a força propulsora é o *interesse*, *que é que cria* o *interesse? Que* é *que cria* o *interesse por uma questão importante?* O *sofrimento?*

KRISHNAMURTI: É bem evidente que quando não há interesse não há busca. Onde não há interesse, pode haver controle, dominação, esforço; mas só pode haver busca, pesquisa, quando há, interesse. Essa busca mesma é devotamento. O devotamento não é um caminho separado por onde se chega à realidade. Onde há busca, há ação; e não há nenhum caminho separado, de *karma yoga*. Porque, onde há busca, há ação, e essa busca traz a sabedoria. O interesse, portanto, é essencial; e como nasce o interesse? O interesse, evidentemente, nasce quando sofremos, quando desejamos conhecer as causas do sofrimento, quer próprio, quer alheio. Não existe por certo nenhum outro caminho, senão o do sofrimento. Mas quando sofreis, vós buscais remédios, paliativos, fugas, *gurus*, e isso faz dissipar-se a vossa investigação do sofrimento. Quando tendes preocupações, quando sofreis, vossa reação instintiva é a de fugir do sofrimento, de procurar uma explanação verbal ou qualquer outro meio de vos afastardes dele. Entretanto, se observardes o sofrimento sem fugir, sem condená-lo – o que é sobremodo difícil – vereis então que ele começa à revelar-vos coisas extraordinárias, a mostrar-vos tesouros irrevelados. A dificuldade não consiste em que não sofreis, mas em que dissipais todas as

energias na tentativa de dominar o sofrimento. O que dominamos uma vez tem de ser dominado de novo, repetidas vezes, e por isso continuais sofrendo. O sofrimento não nos leva à inteligência, se procurarmos vencê-lo; ao passo que, se começamos a compreendê-lo, ele nós leva à inteligência. E se vos examinardes a vós mesmo vereis que quando há sofrimento desejais uma mão para amparar-vos, um *guru,* para dizer-vos o que fazer; ou ligais o rádio, fugis para o cinema ou o hipódromo, ou fazeis uma infinidade de coisas – rezais, praticais o *puja* para vos afastardes do sofrimento, da dor real que lateja em vós. Tudo isso são meios de dissipar as vossas energias, mas se não fazeis nada disso, que acontece? Há sofrimento e a paralisia que ele causa; depois, no silêncio desse sofrimento, quando a mente não mais busca a fuga, ficais vivendo com o sofrimento. Não o estais condenando, não vos estais identificando com ele, e por conseguinte ele começa a revelar-vos as suas causas. Não investigastes as causas – pois investigar a causa do sofrimento é outra forma de fuga. Entretanto, se ficais apenas cônscio do sofrimento, sem condenação, a sua causa se revela. Começa o sofrimento, então, a desdobrar a sua história, capítulo por capítulo, e percebeis todo o seu significado; e quanto mais lerdes no livro do sofrimento, tanto maior a sabedoria. Por conseguinte, quando fugis do sofrimento estais na verdade fugindo da sabedoria. A sabedoria pode ser encontrada em qualquer tristeza, não se necessita de uma grande crise. A sabedoria está presente para o que procura, que não evita, que não foge, que está sempre passivamente vigilante e cônscio do que *é.* Nesse percebimento passivo, atento, vem-se a compreender o pleno significado do que é. Compreendido este significado, manifesta-se a verdade: e é a verdade que nos liberta do sofrimento, que nos dá a suprema felicidade, é a verdade que dá a liberdade, e, nesse estado, dissipa-se todo o sofrimento. Sendo negativo, o sofrimento deve ser abordado negativamente; toda a ação positiva contra o sofrimento é fuga. É só pela forma mais elevada de pensar, a forma negativa, que há compreensão; e onde há compreensão, há tranqüilidade, serenidade. Então, a verdade liberta o pensamento de todos os problemas.

2l de março de 1948.

Décima Segunda Conferência

Sendo esta a última palestra, tentarei fazer uma breve recapitulação do que estivemos discutindo e falando nestes últimos três meses. Ela terá naturalmente de ser um tanto concisa e talvez algo obscura, no início; mas se tiverdes a bondade de acompanhá-la, refletidamente, penso que certas coisas serão esclarecidas, ainda que outras necessitem porventura de mais explicações, mais exame – como temos tentado fazer, em nossas discussões. O que ficou claro é que quase todos nós temos muitos problemas, muitas ansiedades e conflitos, e parecemos incapazes de resolvê-los. Creio que isso se deve a que não vemos o quadro claramente, não vemos o problema com profundeza e atenção, sem preconceito de espécie alguma – emocional, psicológico, intelectual, social ou econômico. O problema contém em si mesmo a resposta, a solução; a solução não está distante do problema. A questão, pois, é toda de ler o problema muito claramente e muito velozmente, uma vez que o problema nunca é o mesmo. Ele varia e move-se sem parar, nunca fica estacionário. É como uma torrente. E para compreendermos tal problema, precisamos compreender o fabricante do problema, que a mente, o "ego", o "eu". Todavia, a maioria das pessoas se sente feliz com as coisas criadas pela mão ou pela mente; contentamo-nos, os mais de nós, com as coisas produzidas pela máquina, pela ideação, pelo pensamento, pela crença. Mas as coisas feitas pela mão ou pela mente são todas sensoriais; elas se gastam depressa e perecem, assim como uma maquina se gasta pelo uso constante. Assim, as coisas feitas pela mão se gastam; e também as coisas produzidas pela mente – a idéia, a opinião, a crença, a doutrina. O valor dessas coisas feitas pela mente depressa se deprecia, e há por isso contínua luta por manter permanentes essas coisas que são intrinsecamente impermanentes. As coisas feitas pela mão estão sujeitas a mau uso por parte da mente. A alimentação, o vestuário e a moradia recebem valores falsos, atribuídos

pela mente; e uma mente que atribui valores falsos, cria misérias. Nosso conflito, pois, resulta dos valores que a mente determina para as coisas feitas pela mão; e do mau uso que delas se faz provém a nossa infelicidade.

Nessas condições, a mente; que é o intelecto, com a sua vontade e sua capacidade de avaliação, precisa ser compreendida; porque, enquanto a mente não for compreendida, com seus desejos, suas atividades e a capacidade de avaliar de acordo com os seus preconceitos, noções, conhecimentos – enquanto a mente não for compreendida, haverá necessariamente conflito e infelicidade. A vontade, afinal de contas, é expressão do desejo, resultado da ânsia, do desejo de ser; e enquanto essa vontade – com sua capacidade para avaliar, que é função do intelecto – não for examinada profundamente, compreendida e percebido o seu inteiro significado, haverá fatalmente conflito, infelicidade. Assim, não havendo compreensão da vontade, do intelecto e das criações da mente – que não constituem processos separados, porém um processo total, – há inevitavelmente conflito; e a compreensão da mente é autoconhecimento. O autoconhecimento nos endireita. Quem é torto, incorreto, é o avaliador, o intérprete, o que faz mau uso, o corruptor, isto é, a mente; e enquanto não existe autoconhecimento, que é o percebimento do processo da mente, do "eu", haverá a errônea avaliação das coisas feitas pela mão ou pela mente, e por conseguinte haverá conflito, infelicidade. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, e sem autoconhecimento não há felicidade.

Assim, para compreender um problema, por mais complexo que ele pareça, seja um problema econômico, social, seja um problema psicológico, precisamos ser capazes de percebê-lo claramente e sem desfiguração; mas isso não é possível enquanto não há autoconhecimento. E o autoconhecimento não pode realizar-se enquanto não houver meditação. Porque a meditação é um processo de continua revelação de cada pensamento e de cada sentimento; não significa fixação num determinado retrato ou numa determinada idéia, mas um constante percebimento, uma constante compreensão de cada pensamento, cada sentimento que surge. A meditação não consiste em escolher uma determinada imagem e concentrar-se nela, mas é um descobrimento contínuo da significação de cada pensamento e cada sentimento. Isso só se pode fazer sem condenação. Nosso problema é o sofrimento, o sofrimento que existe nas nossas relações, o sofrimento que resulta da errônea

avaliação, o sofrimento proveniente da ignorância; e o sofrimento pode ser dissipado, dissolvido, só no desabrochar do autoconhecimento. Esse conhecimento não é do "eu" superior ou do "eu" inferior – que é uma divisão dentro da esfera da mente, e portanto uma divisão falsa, auto-protetora, sem realidade alguma. O autoconhecimento é o percebimento do "eu", sem divisão; e enquanto não existir autoconhecimento, continuará a multiplicação e a recriação dos nossos problemas. Esta a razão por que o indivíduo é de enorme importância. Porque é o único fator de transformação, só ele pode promover uma revolução na vida de relação, e portanto uma revolução no mundo, no mundo de suas relações. Só com autoconhecimento é possível a transformação, é essa transformação não pode realizar-se por milagre; pelo conhecimento adquirido em livros, mas tão somente pela experimentação constante, pelo contínuo descobrimento do processo do nosso ser. Esse processo é um processo total e não um processo separativo. Ele não está em antagonismo com o mundo, porque o indivíduo é um processo total, é um resultado do mundo. Sem o mundo, sem "o outro", sem a vida de relação, o indivíduo não existe; e quem deseja transformar-se e alcançar a felicidade não pode isolar-se. Só quando há um descobrimento constante do "ego", do "eu", com seus desejos, suas ânsias, suas atividades e suas falsas criações, só quando há uma compreensão completa das tendências do "eu", das operações ocultas e manifestas da mente – só então pode haver felicidade. A felicidade não é resultado de avaliação, mas quando a mente não se ocupa de si mesma, quando está silenciosa, surge então a felicidade; e um homem que possui essa felicidade pode resolver os problemas que o cercam.

PERGUNTA: Porque não fazeis milagres? Todos os instrutores os fizeram?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "milagres"? Curar os doentes do corpo e os doentes do espírito? Já se tem feito tanto uma como outra coisa. Outros as fizeram, e também eu as fiz. Mas isso por certo não tem importância alguma, achais que tem? Ser curado psicologicamente é mais importante do que ser curado fisicamente, porque a doença psicológica atinge o corpo, o qual por sua vez produz a moléstia. Por conseguinte, a saúde psicológica é mais importante do que a saúde física – o que não significa que devemos negar o bem estar físico; mas a mera concentração na saúde física não produzirá o bem estar psicológico.

Entretanto, se houver uma transformação na psique, na mente, ela promoverá inevitavelmente o bem estar físico. Assim, o milagre que todos desejamos, que todos esperamos presenciar, é na realidade um sinal de indolência, de irresponsabilidade. Queremos que outro faça a nossa tarefa. Se me e permitido falar de minha pessoa, houve tempo em que eu também fiz curas; mas logo compreendi que era muito mais importante curar a mente, o estado interior do ser. Porque, quando cada um de nós se tornar capaz de descobrir as próprias riquezas interiores, haverá então uma melhora da doença física. A mera concentração em efetuar curas exteriores pode trazer popularidade, atrair multidões, mas não fará ninguém feliz. Cumpre-nos pois concentrarmos em curar o vazio interior, a doença íntima, a corrupção interior, a deturpação interior – e isso só vós podeis fazer. Ninguém pode curar-vos interiormente, e aí está o milagre. Um médico pode curar-vos exteriormente, um psicanalista pode ajudar-vos a ser normal, a ajustar-vos à sociedade; mas, além desses limites o que significa ser realmente sadio, interiormente íntegro, claro, de todo incorrupto – só vós podeis passar, e ninguém mais; e eu penso que essa possibilidade de nos curarmos completa e seguramente é o maior dos milagres. É o que estivemos fazendo aqui, durante estes três meses; observando por nós mesmos as causas da doença interior, do conflito interior, da contradição interior, observando as coisas como são, com toda a clareza, pureza e precisão: e uma vez percebidas claramente todas as coisas, sucede o milagre. Porque, quando aquilo que é, é percebido sem ser desfigurado, há compreensão; e essa compreensão vem acompanhada de uma qualidade curativa. Mas a compreensão só pode resultar, do vosso próprio percebimento individual e não de um milagre feito por outro, não da impressão, da influência, da compulsão, ou da imposição da idéia de um outro. Sem dúvida, há milagres. Há-os a todas as horas, mas não os percebemos. Física e psicologicamente, interiormente e exteriormente, vós não sois hoje os mesmos de ontem. O corpo sofre transformação constate, e o mesmo acontece à natureza interior, à mente; e se a pudermos acompanhar fácil e rapidamente, veremos então o milagre extraordinário que se opera em nós e ao redor de nós – o milagre da constante renovação, do revigoramento constante da vida, da beleza infinita, da flexibilidade, e profundeza da existência. Mas ninguém pode acompanhar velozmente, se está amarrado, preso, se está sempre preocupado com suas próprias realizações, seus anseios e a perseguição de seu alvos. Para o homem

ambicioso não há milagres, porque ele sabe o que quer e o consegue; mas o homem que vive incerto que nada pede, para ele a vida é um milagre, um milagre de constante renovação; e perdemos essa renovação, se ficamos apenas a buscar um resultado, um fim.

PERGUNTA: Dissestes que alguma transformação se operou em todos os vossos ouvintes. Provavelmente terão de esperar pelas manifestações dessa transformação. Como então a chamais imediata?

KRISHNAMURTI: Por certo, enquanto buscamos transformação, não há transformação. Enquanto pensamos em termos de ontem, hoje e amanhã, não pode evidentemente haver transformação, porque, a mente está ainda presa na rede do tempo. Se eu quero transformar-me imediatamente, agora, se tal é minha intenção isso é então impossível, porque estou pensando em termos de tempo, de hoje e de amanhã. Enquanto estamos pensando em termos de tempo, de presente e de futuro não pode haver transformação, porque em tal caso a transformação é mera modificação, é continuidade; mas no mesmo instante em que o pensamento se vê libertado do tempo, dá-se uma transformação independente do tempo, o que não constitui uma contradição. Isto é, enquanto se pensa num problema o problema continua. O pensamento, que é o resultado do passado, cria o problema; e o que é resultado do passado não pode resolver problemas. Pode considerá-los, examiná-los, pode analisá-los, mas não resolvê-los. O problema – qualquer problema, seja um problema matemático, um problema da vida de relação, ou um problema de ideação – só é resolvido quando o processo de pensamento termina, quando a mente, que é pensamento, que é o resultado de muitos dias passados, cessa. O que é resultado do passado não pode realizar transformação alguma; e quando o faz, ou haverá uma modificação, que é a continuidade sob forma diferente, ou o problema se tornará mais complexo. Entretanto, se houver um percebimento passivo do problema, uma observação do mesmo sem condenação nem justificação, vereis então que há uma transformação imediata, uma imediata cessação do problema. Afinal de contas, quando falamos de transformação, que entendemos? A cessação de um problema, sem dúvida. Porque deseja um homem transformar-se? Porque é infeliz, porque vive em conflito, porque tem ansiedades diárias; e só é possível a transformação, a solução do problema, quando a mente, o pensante, que é o

criador do problema compreende a si mesma – isto é, quando termina o processo de pensamento relativo ao problema. Sempre fazeis isso quando tendes um problema agudo. Pensais a respeito dele, vos preocupais com ele, e o pensamento é incapaz de ir mais adiante; e então abandonais o problema. Aí, nessa tranqüilidade, o problema é compreendido e resolvido, e nesse momento há uma transformação imediata. Senhor, se prestardes atenção, vereis que esse é o processo pelo qual passamos todos os dias. Um lavrador cultiva o campo na primavera, depois semeia, depois colhe e deixa o campo em repouso durante o inverno; se prestardes atenção, vereis que a mente também cultiva; semeia e colhe, mas por desventura nunca permite repouso a si mesma, e é nesse repouso que se dá a renovação, tal como no campo. Assim como no inverno, pela ação das chuvas, das tempestades, do sol; o campo se rejuvenesce, assim também mente se recria e renova a cada problema que se dissolve. Isto é, se aramos, se penetramos profundamente, completamente, em cada problema, ocasionamos a morte do problema e há por conseguinte renovação. Experimentai e vereis a extraordinária rapidez e facilidade com que todo o problema se resolve, quando percebido com a maior clareza e exatidão. Mas, para se perceber um problema com clareza, sem desfiguração, precisamos aplicar-lhe toda a atenção – e ai é que está a dificuldade. Nossas mentes estão sempre distraídas, sempre a fugir, porque o percebimento claro do problema significa geradora de mais perturbações; e por essa razão a mente sempre se esquiva a olhar de frente o problema, e com isso fá-lo crescer. Mas quando a coisa é percebida com clareza, sem desfiguração, pode-se ver então que o problema contém em si mesmo a solução.

Assim, enquanto pensamos em termos de transformação, não pode haver transformação, nem agora nem no futuro. A transformação se realiza imediatamente, quando cada problema é compreendido ao surgir, e a instantaneidade da transformação depende da vossa compreensão do problema. Vemos então que o problema dá a sua solução, e, por conseguinte, há liberdade; e nesse momento de liberdade há renovação, há transformação. A mente se renovou e está portanto livre para atacar o próximo problema que surgir. Senhor, não é preciso haver uma sucessão de problemas. A vida é estímulo e reação; o desafio é sempre novo, e se a reação está sempre condicionada pelo velho, os problemas continuam a surgir. Mas se a reação for tão nova como o estímulo há então renovação constante, constante transformação; e a reação só é nova quando o

pensamento, que é produto da memória – da memória psicológica, não dá fatual – é compreendido, e não armazenado. A reação é então nova como o desafio e, por conseguinte, a vida é um movimento constante, um existir sem esforço e sumamente venturoso – e não essa luta constante por “vir a ser”, por transformar-nos em alguma coisa.

PERGUNTA: Quais são as bases do meio de vida correto? Como posso descobrir se é correto o meu modo de ganhar a vida, e como posso encontrar uma profissão correta numa sociedade alicerçada em falsos fundamentos?

KRISHNAMURTI: Numa sociedade assentada sobre bases falsas, não há meio de vida, correto. Que acontece pelo mundo na época atual? Qualquer que seja o nosso meio de vida, ele produz guerra, destruição, infelicidade geral – o que é um fato óbvio. Tudo o que fazemos conduz inevitavelmente ao conflito, à decomposição, à crueldade e ao sofrimento. A sociedade atual, portanto, está assentada em bases falsas; ela se funda – não é verdade? – na inveja, no ódio, e no desejo de poder; e uma sociedade assim constituída não pode deixar de criar meios de vida incorretos, profissões como as de soldado, policial, advogado. Estes são, por natureza, um fator de desintegração na sociedade; quantos mais advogados, mais policiais e soldados existem, tanto mais evidente se torna a decomposição da sociedade. É o que está acontecendo no mundo inteiro: há mais soldados, mais advogados, mais policiais, e, naturalmente, o negociante anda de mãos dadas com eles. Assim, tudo isso tem de ser modificado para que se possa fundar uma sociedade correta; e pensamos que tal tarefa é impossível de realizar-se. Não é, não, Senhor; mas sois vós mesmo e sou eu que temos de realizá-la. Porque hoje, qualquer meio de vida que adotemos ou traz infelicidade a outra pessoa ou conduz à final destruição da humanidade – como estamos presenciando em nossa existência diária. Como então modificar-se isto? Só poderá ser modificado quando vós e eu não andarmos em busca de poder, quando não formos invejosos, cheios de rancores e de antagonismo. Quando vós, nas relações de vossa vida, realizardes essa transformação, estareis concorrendo para a criação de uma nova sociedade, uma sociedade constituída de pessoas que não estão presas à tradição, que nada pedem para si próprias, que não ambicionam o poder, porque interiormente são ricas, encontraram a realidade. Só o homem que busca a realidade pode funda uma nova

sociedade; só o homem que ama pode produzir uma transformação no mundo. Sei que esta não é uma resposta satisfatória para quem deseja saber qual é o meio de vida correto, na atual estrutura ela sociedade. Tendes de agir pela melhor maneira que puderdes, na atual estrutura da sociedade – tornar-vos fotógrafo, negociante, advogado, policial, ou o que quer que seja. Mas se o fazeis, ficai bem cônscio do que fazeis, sede inteligente, vigilante, tomai pleno conhecimento do que estais praticando, reconhecei à estrutura total da sociedade, com suas corrupções, seus rancores, sua inveja; e se, vós, individualmente, não cederdes a essas coisas, sereis então, talvez, capaz de criar uma sociedade nova. Mas no momento em que perguntais qual é o meio de vida correto, todas estas questões se apresentam inevitavelmente, não é verdade? Porque não estais satisfeito com o vosso meio de vida – quereis ser invejado, quereis poder, quereis mais conforto e mais luxo, posição e autoridade, e estais, por conseguinte, necessariamente, criando ou mantendo uma sociedade que trará a destruição do homem e de vós mesmo. E se perceberdes claramente esse processo de destruição no vosso próprio meio de vida, se perceberdes que ele é o resultado de vossa própria busca de um meio de vida, encontrareis, então, naturalmente, a maneira correta de ganhar dinheiro. Deveis, primeiro, ver o quadro da sociedade tal como é – uma sociedade corrupta, a desintegra-se; e quando o virdes com toda a clareza, apresentar-se-vos-á, então, a profissão adequada. Antes disso, porém, deveis ver o quadro, ver o mundo tal como é, com suas divisões nacionais, suas crueldades, ambições, ódios e opressões. Observando, assim, com mais clareza, vereis como o meio correto de ganhar a vida surge por si – não tendes necessidade de procurá-lo. A dificuldade da maioria de nós é que temos muitas responsabilidades; pais, mães, estão à nossa espera, para ganharmos dinheiro para o seu sustento. E como é difícil encontrar, nas atuais condições da sociedade, qualquer emprego serve; e caímos assim no mecanismo da sociedade. Contudo, os que não são forçados por essa maneira, os que não têm necessidade imediata de emprego e podem, portanto, contemplar o quadro em toda a sua inteireza, a estes toca a responsabilidade. Como sabeis, os que não têm a preocupação de um emprego imediato estão preocupados com outra coisa qualquer – preocupados com sua expansão pessoal; seu conforto, seu luxo, seus divertimentos. Têm tempo, mas o dissipam. Os que têm tempo são responsáveis, pela transformação da sociedade e aqueles que não se vêem

premidos pela necessidade de acharem imediatamente um meio de vida deveriam, de fato preocupar-se com todo esse problema da existência, em vez de se emaranharem na mera ação política, em atividades superficiais. Os que têm tempo e ócios deveriam sair em busca da verdade, porque são eles os que podem operar uma revolução no mundo. E não o homem que tem o estômago vazio. Mas, por desgraça, os que têm ócios não se preocupam com o eterno. Preocupam-se com encher o seu tempo. São por isso um fator de sofrimento e confusão no mundo. Assim, aqueles de vós que me ouvis, aqueles que dispõem de algum tempo, deveriam dedicar reflexão e estudo a este problema e, pela transformação própria, produzir uma revolução no mundo.

PERGUNTA: Como pode um homem que nunca alcançou os limites da sua mente, transcender a sua mente para experimentar a comunhão direta com a verdade?

KRISHINAMURTI: Senhor, quando conheceis os limites da vossa mente, já não ultrapassastes estes limites? Perceber os limites é, sem dúvida, o primeiro passo, o primeiro processo – o qual é dificílimo, uma vez que os limites da mente são extraordinariamente sutis. No saber que sou limitado, no estar cônscio disso sem condenação, já estou libertado dessa limitação, não achais? Sem dúvida, se sei que sou mentiroso, se estou cônscio desse fato sem condenação, isso já é estar livre do mentir. Conhecer os limites da mente é já uma prodigiosa libertação, não achais? O perceber que estou amarrado a uma crença, já me faz livre dessa limitação; mas a mente que justifica essa crença, essa prisão, defendendo-a e dizendo: "Ela me convém, necessito dela" – essa mente nunca conhecerá a sua limitação. Quando sei que estou atado, limitado por uma crença, e estou cônscio dessa limitação, sem condená-la, nem justificá-la, isso é já uma libertação da crença. Senhor, experimentai-o, e vereis como é extraordinariamente ativo esse percebimento, como é extraordinariamente verdadeiro o que estou dizendo. Ter conhecimento de um problema; estar cônscio dele, significa estar livre dele; e uma mente não pode experimentar a verdade se não conhece a sua limitação. Eis a razão por que tanto importa termos o autoconhecimento. O autoconhecimento não é um alvo derradeiro, não é um fim último. Autoconhecimento significa conhecer a nossa limitação de momento a momento. A verdade que é contínua não é verdade, porque o que é continuo nunca pode renovar-se; mas no findar há

renovação. Assim, ma mente que não percebe a sua própria limitação, nunca pode experimentar a verdade; mas se a mente está cônscia, de sua limitação, sem condenação, sem justificação, se está simplesmente cônscia de sua limitação, vereis como vem uma libertação da limitação; e nessa liberdade revela-se-nos a verdade. "Vos" deveis cessar, para que a verdade se manifeste, porque "vós" sois a limitação. Deveis, pois, compreender onde está a vossa limitação, a extensão de vossa limitação; deveis ficar passivamente cônscio dela, e nessa passividade a verdade se manifesta. A luz não pode unificar-se com a treva. O que é ignorância não pode unir-se com a sabedoria. Cesse a ignorância que a sabedoria surgirá. A sabedoria não é um fim último, mas surge na existência quando a ignorância é dissolvida momento por momento. A sabedoria não é acumulação, que da continuidade; a sabedoria é compreensão do problema, compreensão completa, em cada minuto, em cada segundo. Assim, a sabedoria, a realidade, não pode ser colhida na rede do tempo. Só com o autoconhecimento podem as limitações criadas pelo "eu"' ter um fim; e estas limitações só podem ser compreendias de momento em momento, à medida que surgem. E cada limitação, quando a observais, traz a verdade; a cada instante percebemos o falso e percebemos o verdadeiro. Mas perceber o falso como falso; e o verdadeiro como verdadeiro, é dificílimo; requer muita clareza de percebimento. Uma mente distraída nunca pode perceber o falso como falso e o verdadeiro corno verdadeiro; e para ver o verdadeiro no falso é necessário agilidade da mente, uma mente que não esteja presa por vínculo algum, por limitação alguma.

PERGUNTA: O *apego é a matéria-prima de que somos feitos. Como podemos ficar livres do apego?*

KRISHNAMURTI: De certo, o problema não é a capacidade de apegar-nos. Porque vos apegais e porque desejais vos desapegar? Porque esta luta constante ente apego e desapego? Vós sabeis o que significa apego: o desejo de possuir uma pessoa, o desejo de possuir coisas. Senhor, porque tendes apego? Que aconteceria se não tivésseis apego? O apego, sem dúvida, se torna um problema quando há o desejo de desapego, quando o que está apegado não é compreendido. Consideremos um exemplo: Se examinardes a vós mesmo, qual a razão do vosso apego por vossa esposa, vosso marido, vosso dinheiro, vossa casa, vossa propriedade, vossas idéias? Qual a razão? A razão é que, sem essa pessoa, estais

perdido, ficais vazio; sem propriedade, sem nome, nada sois; e que sois vós, sem vosso depósito no banco, sem as vossas idéias? Uma concha vazia, não é assim? Então, como tendes medo de ser nada, apegai-vos a alguma coisa; e tendo esse apego – com todos os seus problemas, seus temores, suas crueldades, suas ansiedades e frustrações – procurais desapegar-vos; tentais renunciar à propriedade, renunciar à família, renunciar às vossas idéias. Mas não resolveis realmente o problema, que é o medo de ser nada – pois é por isso que vos apegais. Afinal, *vós sois* nada. Despojai-vos de vossos títulos, de vossos diplomas, de vossas profissões e das vossas pequenas qualidades, de vossas casas e propriedades, de vossas poucas jóias, e tudo o mais – o que resta de vós? Sabendo, interiormente, da existência de um extraordinário vazio, um vácuo, um nada, e temendo-o, vós vos apegais, vós possuís; e nessa posse há uma crueldade medonha. Não vos interessa o bem do outro, só vosso próprio bem interessa, etc. – e isso chamais amor. Porque tendes medo, porque existe o temor àquele vazio, estais pronto a matar o semelhante, a destruir a humanidade. Então, porque não reconhecer o fato óbvio; que não sois nada? – o que não quer dizer que *deveis* ser nada, mas sim, que realmente nada sois. Senhor, quando reconheceis esse fato, não há renuncia, nem apego, nem desapego. Vós não possuis, simplesmente – e há então beleza, riqueza, uma bênção, que de modo nenhum podeis compreender enquanto temerdes o vazio. A vida é então cheia de significação, a vida se torna então um verdadeiro milagre. O homem que teme o vazio, que teme o ser nada, é um homem apegado; e com apego surge o conflito do desapego, o conflito da renúncia e todo o medonho sofrimento e crueldade inerentes ao apego e à dependência. O homem que é nada conhece o amor, porque o amor é o nada.

PERGUNTA: O percebimento extensivo é a mesma coisa que o *vazio criador? O percebimento não* é *passivo, e portanto não criador?* O *processo de auto-percebimento não é um processo enfadonho e penoso?*

KRISHNAMURTI: Se o percebimento é praticado como um exercício, se o convertemos num hábito, ele se torna penoso e enfadonho; mas o percebimento não pode ser praticado, não pode ser controlado, não pode ser transformado num conflito, numa disciplina – e nisso consiste a

sua beleza. Ou tendes percebimento ou não o tendes. Assim, qualquer coisa que é exercitada se torna aborrecida, enfadonha, penosa, pois implica exercício da vontade e esforço, que causa desfiguração. Ora, o percebimento não é nada disso. Que é o percebimento, que significa estar cônscio? O estar cônscio das coisas que nos cercam exteriormente, das cores, dos rostos, do pôr do sol, das sombras, das aves que voam, do mar inquieto, das árvores, do vento – o estar cônscio de tudo isso é mero percebimento superficial. Vós não condenais uma ave que voa, vós a observais, tão somente. Mas no minuto em que vos tornais cônscio da vossa natureza interior, começais logo a condenar, sois incapazes de encará-la sem condenação ou justificação. Todavia, para compreender, não deve haver nem condenação nem justificação. Assim, o estar cônscio, o simples observar dos vossos pensamentos, o saber, simplesmente, o que estais pensando e sentindo, sem condenação, sem defesa, sem justificação – positivamente, o estar cônscio, apenas, não é coisa enfadonha nem penosa. Mas se dizeis: "Preciso estar cônscio a fim de alcançar um resultado", isso se torna entediante. Se procurais ficar cônscio à fim de erradicar a cólera, o ciúme, o desejo de posse, ou qualquer outra coisa isso se torna penoso. Esse percebimento não é percebimento. Não passa de um processo de introspecção, é tentar "via a ser" alguma coisa. No percebimento não há "via a ser", mas tão só observação – assim como entramos num cinema e assistirmos a um filme. Agora, se sois capaz de observar, se podeis ficar cônscio de vós mesmo, em ação, em movimento, sem identificação, vereis então que há um percebimento extensivo. Ele começa, como disse, com as coisas superficiais. Depois, ao penetrarmos cada vez mais fundo, temos o percebimento amplo, extensivo. Esse percebimento é necessário, porque nele todas as camadas ocultas, todos o reclamos ocultos, vêm a luz. E com o percebimento cada vez mais profundo é mais amplo, cada vez mais extensivo, os reclamos do oculto, os conflitos do oculto, se dissolvem; e encontrareis então o vazio criador. Tudo isso constitui um processo total; não é um processo que se desenvolve passo a passo; porque no percebimento, não há começo nem fim. Ele é um processo integral. No momento em que observais um problema sem condenação, há infalivelmente percebimento; e quando há o percebimento passivo, dá-se a dissolução do problema. Isto é, no percebimento passivo, há a tranqüilidade criadora, o vazio criador. E então nesse vazio criador, a realidade se manifesta, dissolvendo o problema. Logo, onde há sofrimento, conflito, um

sentimento de tédio, de aborrecimento, não há percebimento, mas, tão só, uma mente insensibilizada. Ao passo que, ao contrário de insensibilidade, há no percebimento uma sensibilidade exaltada, e o percebimento passivo é criador. A forma mais elevada de pensar é o pensar negativo; e quando ocorre completa cessação do pensamento, quando existe aquela passividade que não é um estado de sonolência, então há um estado criador. Não sei se já notastes que quando a mente está repleta de problemas, quando está cheia de pensamentos, não há criação. Só quando a mente está vazia, quando a mente está tranqüila, quando não tem problema algum, quando está vigilantemente passiva – só nesse vazio há criação. A criação só pode verificar-se na negação, a qual não é o oposto da asserção positiva. Não estou empregando a palavra "negação" como oposto de positivo. "Ser nada" não é a antítese de "ser alguma coisa"; "ser nada" não tem relação com "ser algo". Quando o "ser algo" cessa completamente há o nada. Só depois de cessarem todos os problemas criados pela mente, só quando a mente é nada, está vazia – o que não se consegue pela disciplina, pelo controle, só então se manifesta aquele percebimento passivo e vigilante. E tem de haver passividade, se queremos que um problema seja resolvido. Só podeis compreender um problema quando não o condenais, quando não o justificais, quando sois capaz de observá-lo em silêncio, e isso não é possível quando visais a um resultado; e o problema desaparece quando não há busca de resultado. Quando a mente está a observar em silêncio e portanto está passiva, surge o estado criador, e o estado criador é uma renovação constante. Ele não é continuidade, é um "estado de ser" atemporal. Só nesse estado pode, haver criação, e por conseguinte só esse estado é de revolução.

PERGUNTA: Que entendeis por amor?

KRISHNAMURTI: Aqui também, vamos descobrir pela compreensão o que o amor não é; porque, uma vez que o amor é o desconhecido, só nos podemos aproximar dele se abandonarmos o conhecido. Por certo, o desconhecido não pode ser descoberto por uma mente cheia do conhecido. Nessas condições, o que vamos fazer é descobrir os valores do conhecido, examinar o conhecido; e depois de o considerarmos com simplicidade, sem condenação, a mente estará livre do conhecido, e saberemos então o que é o amor. Assim, devemos considerar o amor negativamente, não positivamente.

Que é pois o amor, para a maioria de nós? Quando dizemos que amamos alguém, que queremos dizer? Queremos dizer que possuímos essa pessoa. Dessa posse nasce o ciúme, porque, se eu perco a pessoa que amo, que acontece? Fico vazio, perdido. Por conseguinte, legalizo a posse. Retenho a posse no meu poder. Do reter, do possuir a pessoa, resultam ciúmes, temores e a infinidade de conflitos inerentes à posse. Positivamente, essa posse não é amor, é? Não me deis assentimento com a cabeça; porque se concordais comigo estais de acordo apenas no nível verbal e tal maneira de concordar não tem significação alguma. Só podereis concordar, quando não *possuirdes* a vossa propriedade, à vossa esposa, as vossas idéias.

O amor, é evidente, não é sentimento. Ser sentimental, ser emotivo, não significa ter amor, porque o sentimentalismo e a emoção são meras sensações. O indivíduo religioso que chora por causa de Jesus ou de Krishna, por causa do seu *guru* ou outro qualquer, é apenas sentimental, emotivo. Está entregue à sensação, que é um processo de pensamento, e o pensamento não é amor. O pensamento é resultado, da sensação. Por isso mesmo a pessoa sentimental, emotiva, não pode em absoluto conhecer o amor. Com efeito, não somos emotivos e sentimentais? O sentimentalismo, a emotividade, são puras formas de auto-expansão. Estar cheio de emoção não significa ter amor, porque uma pessoa: sentimental pode tornar-se cruel quando os seus sentimentos não são correspondidos, quando não consegue dar expansão aos seus sentimentos. A pessoa emotiva pode ser incitada ao ódio, à guerra, à carnificina. E o homem, sentimental, lacrimoso por sua religião, esse homem, positivamente, não tem amor. É óbvio que não há amor quando não existe o verdadeiro respeito, quando não respeitais o vosso semelhante, seja vosso servo ou vosso amigo. Já notastes que não sois respeitosos, bondosos, generosos para com vossos servos, para com as pessoas que – como se costuma dizer – estão “abaixo” de vós? No entanto, tendes respeito aos que estão acima; ao vosso patrão, ao milionário, ao homem que possui um palacete e um título, ao homem que pode dar-vos um emprego melhor, àquele de quem podeis ganhar alguma coisa. Mas tratais a pontapés os que vos estão subordinados, tendes uma linguagem especial para eles. Logo, onde não há respeito, não há amor; onde não há compaixão, piedade, perdão, não há amor. E como quase todos nós nos achamos nesse estado, não temos amor. Não somos nem respeitosos, nem compassivos. Temos a paixão pela posse, abundamos

em sentimentos e emoções, que podem ser voltados tanto para um como para o outro lado: para o assassínio, a carnificina, ou para a unificação em prol de alguma intenção estulta e ignorante. Como, em tais condições haver amor? Só podereis amar quando essas coisas todas houverem cessado, acabado, quando não mais possuirdes, não mais fordes sentimentais vossa devoção a um objeto. Essa devoção é uma suplica, é buscar alguma coisa, de maneira diferente. O homem que reza não sabe o que é amor. Visto que tendes a paixão da posse, visto que buscais um fim ou resultado; com a vossa devoção, com as vossas preces – o que vos faz sentimentais – naturalmente não há amor; e, evidentemente, não existe amor quando não existe respeito. Podeis dizer que tendes respeito, mas vosso o vosso respeito é para o superior, é apenas o respeito proveniente do desejo de alguma coisa, ou o respeito do temor. Se realmente sentísseis respeito, seríeis respeitosos tanto para com os ínfimos dos vossos semelhantes como para os que estão mais "alto", como se costuma dizer; e visto que não tendes este respeito, não há amor em vós, Quão poucos de nós somos generosos, indulgentes, compassivos! Só somos generosos, quando compensa, só somos compassivos, quando podemos ver alguma retribuição. Assim, quando desaparecerem essas coisas, quando elas não mais vos ocuparem a mente, e quando as coisas da mente não mais encherem os vossos corações, tereis então o amor; e só o amor é capaz de transformar a loucura e a insânia que dominam o mundo de hoje – não os sistemas, nem as teorias, da esquerda ou da direita. Só amais deverás quando não possuis, quando não sois invejosos, nem áridos, quando sois respeitosos, quando tendes piedade e compaixão quando tendes consideração para com vossa esposa, vossos filhos, vosso vizinho, vossos desditosos servos, que não têm um dia de folga, que se tornaram vossos escravos. Quando fordes respeitosos para com todos e não apenas para com os vossos *gurus*, para com o homem que vos é superior conhecereis o amor. Só esse amor pode transformar o mundo, só ele pode encher o mundo de compaixão e da beleza. Ma se encheis os vossos corações com as coisas feitas pela mente ou pela mão, não há amor; e viveis numa batalha constante uns com os outros. Mas se perceberdes, se estiverdes cônscios dessas coisas todas, sem entrardes em conflito com elas, haverá então uma liberdade, e nessa liberdade se encontra o amor que não é teórico. Podeis sentir o amor com todas as suas benção, seu perfume, sua delicadeza, mas só se "vós" deixardes de existir, só se "vós" deixardes de querer alcançar

ou de querer tornar-vos alguma coisa. Só esse amor pode transformar o mundo.

PERGUNTA: Podeis responder-nos claramente se existe ou não existe Deus?

KRISHNAMURTI: Senhor, porque o quereis saber. Que diferença faz, se eu disser com clareza ou sem clareza? Ou confirmarei a vossa crença, ou abalarei a vossa crença. Se confirmo a vossa crença, ficareis satisfeito; e continuareis com as práticas absurdas, que tanto vos agradam. Se vos perturbo direis: “Ora, isso não tem importância” e infelizmente continuareis como sois. Mas, porque desejais saber? Francamente, isso é mais importante do que descobrir se há Deus ou não há. Para conhecerdes a Deus, para conhecerdes a verdade, vos não o deveis buscas. Se o buscais, estais fugindo do que *é*. E esta é a razão por que perguntais se há ou não há Deus. Quereis escapar do vosso sofrimento, refugiar-vos numa ilusão. Vossos livros estão cheios de Deus, vosso templo está cheio de imagens feitas pela mão; mas Deus não está nessas coisas, porque todas elas são fugas do vosso sofrimento real. Para encontramos a realidade, ou melhor, para que a realidade se nos manifeste, deve cessar o sofrimento; e mera busca de Deus, da imortalidade, é uma fuga do sofrimento. Mas, é mais agradável discutir se há Deus ou não, do que dissolver as causas do sofrimento, e é por isso que tendes inúmeros livros que tratam da natureza de Deus. O homem que discute sobre a natureza de Deus, não conhece Deus; porque aquela realidade não é mensurável, não pode ser colhida numa rede de belas palavras. Não podeis prender o vento na mão; não podeis capturar a realidade num templo, nem no *puja*, nem em vossas inumeráveis cerimônias. São tudo maneiras de fugir, – a mesma coisa que beber. Um homem bebe e se embriaga, porque deseja fugir; do mesmo modo, vós entrais no templo, praticais o *puja*, celebrais ritos, ou fazeis o que quer que seja – e tudo isso são fugas ao que *é*. E o que *é* – é sofrimento, é batalha constante com nós mesmos e portanto com outros; e enquanto não compreenderdes e transcenderdes esse sofrimento, não poderá manifestar-se a realidade. Assim, vossa pergunta sobre se há ou não há Deus, é uma pergunta vã, sem significação e que só pode conduzir à ilusão. Como pode uma mente, presa no tumulto da aflição e do sofrimento de cada dia, preso na ignorância e na limitação, como pode conhecer o que é ilimitado, inefável? Como pode o que é produto do tempo, conhecer o atemporal?

Não pode. Por conseguinte, não pode sequer pensar a seu respeito. Pensar na verdade, pensar em Deus, é outra maneira de fugir; porque Deus, a verdade, não pode ser apanhado pelo pensamento. O pensamento é resultado do tempo, de ontem, do passado, e, sendo resultado do tempo, do passado, sendo produto da memória, como pode o pensamento encontrar o que é eterno, atemporal, imensurável? Como não o pode, o mais que podemos fazer é libertar a mente do processo do pensamento; e para libertar a mente do processo do pensamento, precisamos compreender o sofrimento, e não fugir dele – sofrimento não apenas no nível físico, mas em todos os diferentes níveis da consciência. Significa isso estar aberto, ser vulnerável ao sofrimento, não se defender do sofrimento, mas viver com ele, abraçando-o, olhando-o bem. Porque, vos sofreis agora. Sofreis da manhã à noite, e só ocasionalmente vos vem um raio de sol ou surge uma claridade no céu nublado. Uma vez que sofreis, porque não considerais o vosso sofrimento, porque não o examinais em toda a sua plenitude, de maneira profunda, completa, dissolvendo-o assim? Isso não é difícil. A busca de Deus é muito mai difícil, porque ele é o desconhecido, e não se pode procurar o desconhecido. Podemos, no entanto indagar as causas do sofrimento, e desarraigá-las pela compreensão do mesmo, pelo percebimento do mesmo, sem fugir a ele. Uma vez que costumais fugir do sofrimento por todos os meios, considerai bem essas fugas, abandonai-as e ponde-vos em face do sofrimento. Na compreensão do sofrimento há libertação. A mente se torna então livre de todo pensamento, não é mais o produto do passado. Está então tranqüila, sem problema algum; não foi posta tranqüila, mas esta tranqüila, porque não tem problema, porque já não está criando pensamento. O pensamento cessou – o pensamento, que é memória, acumulação de experiências, de cicatrizes do passado; e quando a mente está de todo em todo tranqüila – sem ter sido posta tranqüila – a realidade se manifesta. Essa experiência é a experiência da realidade, e não da ilusão, e tais experiências proporcionam bênçãos ao homem. A verdade, o amor, é o desconhecido, e o desconhecido não pode ser capturado pelo conhecido. O conhecido precisa cessar, para o desconhecido ser; e quando o desconhecido surge na existência derrama-se uma benção.

28 de março de 1948